



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

**PROJETO DE EMPREENDEDORISMO E LITERACIA FINANCEIRA
UM PROJETO DE INVESTIGAÇÃO AÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DA
ESCOLA E DA SUA COMUNIDADE**

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção do grau de mestre em Didáticas Integradas em Língua Portuguesa,
Matemática, Ciências Naturais e Sociais**

José Miguel Mendes Pina

2016



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

**PROJETO DE EMPREENDEDORISMO E LITERACIA FINANCEIRA
UM PROJETO DE INVESTIGAÇÃO AÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DA ESCOLA E
DA SUA COMUNIDADE**

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção do grau de mestre em Didáticas Integradas em Língua Portuguesa,
Matemática, Ciências Naturais e Sociais**

Orientação pelos Professores Doutores Alfredo Dias e Teresa Leite

José Miguel Mendes Pina

2016

ÍNDICE

Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
Nota Prévia	
Introdução	Pág. 13
1. CONTEXTUALIZAÇÃO	Pág. 15
1.1. Identificação da temática: empreendedorismo e desenvolvimento de competências	Pág. 15
1.2. Caracterização das escolas/meio	Pág. 17
1.3. E.L.F.: intencionalidades de um projeto	Pág. 24
2. PROBLEMÁTICA E FUNDAMENTAÇÃO	Pág. 27
2.1. Definição da problemática	Pág. 27
2.2. Enquadramento teórico	Pág. 29
2.2.1. Os valores	Pág. 32
2.2.2. O empreendedorismo no desenvolvimento pessoal dos alunos	Pág. 34
3. Metodologia de investigação	Pág. 40
3.1. Enquadramento metodológico	Pág. 41
3.1.1. Opções metodológicas	Pág. 41
3.1.2. Investigação-ação e inovação curricular	Pág. 42
3.1.3. Procedimentos de registo de dados	Pág. 49
3.1.4. Técnicas de análise de conteúdo	Pág. 55
3.2. Caracterização dos participantes	Pág. 56
3.3. Plano de intervenção	Pág. 58
4. Descrição da intervenção	Pág. 63
4.1. Avaliação inicial	Pág. 63

4.2. Negociação e planeamento	Pág. 64
4.3. Implementação	Pág. 69
4.4. Divulgação	Pág. 75
4.5. Avaliação final	Pág. 77
5. Apresentação e discussão dos resultados	Pág. 79
5.1. Avaliação das aprendizagens	Pág. 79
5.2. Resultados decorrentes de instrumentos referentes a etapas específicas	Pág. 84
5.3. Resultados decorrentes de instrumentos referentes aos objetivos gerais do projeto	Pág. 88
6. Considerações finais	Pág. 105
Referências	Pág. 113

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Domínios estratégicos do plano Sobral 2020 – Visão Prospetiva: Sobral 2020 – Um concelho inteligente, sustentável e inclusivo.	Pág. 22
Figura 2 – Esquema do projeto E.L.F. para identificação e operacionalização de novos valores.	Pág. 28
Figura 3 - Esquema representativo das finalidades do desenvolvimento das dinâmicas de grupo.	Pág. 72
Figura 4 – Síntese dos papéis desenvolvidos com as dinâmicas de grupo para desenvolvimento das competências do empreendedorismo.	Pág. 73
Figura 5 - Esquema representativo do percurso de desenvolvimento do Projeto E.L.F.	Pág. 75

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - População residente no concelho de Sobral de Monte Agraço, por freguesias	Pág. 19
Tabela 2 - Proporção da população residente no concelho do Sobral de Monte Agraço com 14 ou menos anos de idade (%) por freguesia (2013)	Pág. 19
Tabela 3 - Taxa de atração total (%) por local de residência em Portugal, região Oeste e concelho de Sobral de Monte Agraço (2011)	Pág. 20
Tabela 4 - Proporção da população residente no concelho do Sobral de Monte Agraço com ensino superior completo (%) por freguesia (2013)	Pág. 20
Tabela 5 - Relação entre as competências-chave para o empreendedorismo, os princípios essenciais de valores e abordagens metodológicas correspondentes à sua vertente social.	Pág. 35
Tabela 6 - Síntese da organização dos instrumentos de recolha utilizados no estudo.	Pág. 50
Tabela 7 - Síntese informativa das atividades da implementação.	Pág. 56
Tabela 8 - Número de alunos por turma/escola e género, envolvidos no Projeto E.L.F.	Pág. 57
Tabela 9 - Síntese das atividades desenvolvidas em cada fase.	Pág. 60
Tabela 10 - Síntese informativa das atividades da avaliação inicial.	Pág. 64
Tabela 11 - Síntese informativa das atividades da fase de negociação e planeamento.	Pág. 65
Tabela 12 - Síntese informativa das atividades da implementação.	Pág. 70
Tabela 13 - Quadro-síntese contendo as expetativas para as fases inicial e final, decorrentes das dinâmicas de grupo.	Pág. 74
Tabela 14 - Síntese informativa das atividades da fase de divulgação.	Pág. 76
Tabela 15 - Síntese informativa da avaliação final.	Pág. 77
Tabela 16 - Registos das avaliações obtidas em cada escola, por	Pág. 79

área, ao longo do ano letivo.

Tabela 17 - Registos das avaliações globais obtidas em cada escola, ao longo do ano letivo e respetivos balanços da evolução registada.

Pág. 81

Tabela 18 - Levantamento de indicadores

Pág. 84

Tabela 19 - Objetivos gerais do projeto

Pág. 89

Tabela 20 - Registo da comparação entre os testes de determinação de capacidades empreendedoras aplicados aos alunos.

Pág. 97

Tabela 21 - Objetivos gerais de estudo

Pág. 106

AGRADECIMENTOS

O trabalho apresentado resulta da experiência reflexiva e ativa de um período da minha vida profissional como professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico numa pequena escola de meio rural.

Para além de múltiplas influências e muitos contributos absorvidos na interação com alunos, colegas de trabalho e comunidade, valorizo particularmente as experiências de aprendizagem que tive, na conceção e realização do projeto E.L.F e aos estudos a que deu origem. Por isso mesmo, queria registar um especial reconhecimento, aos que fizeram parte do estudo e da intervenção que este proporcionou.

Valorizo, também as experiências e os conhecimentos que, enquanto aluno do mestrado de Didáticas Integradas, pude obter. Foram decisivos para que me fosse tornando professor/investigador.

Quero, pois, expressar o meu agradecimento às pessoas e instituições que me acompanharam nesse caminho, com relevo para aquelas que, pela sua sabedoria, disponibilidade e compreensão incentivaram a construção deste trabalho, aumentando os níveis de motivação e confiança, sempre que estas esmoreciam.

Concluir um projeto de investigação-ação numa tese de mestrado, implica uma longa jornada, sustentada por uma rede de pessoas e instituições a quem quero deixar aqui os meus sinceros agradecimentos.

Assim, quero agradecer, em primeiro lugar, aos meus orientadores: ao professor Doutor Alfredo Gomes Dias pelo seu profundo conhecimento sobre planificação, aplicação e avaliação de projetos pedagógicos e à sua orientação no campo da aplicação de saberes científicos e didáticos, de forma integrada, à conceção e execução do projeto E.L.F. Também agradeço a sua imensa generosidade e grande investimento colocados na clarificação e estruturação de todo um processo que, pela sua variedade e inovação, se tornou bastante complexo.

À professora Doutora Teresa Leite, pela sua capacidade de transmissão de conhecimentos científicos, na elaboração e fundamentação deste projeto de intervenção, que se tentou assumir como promotor de uma integração curricular

associada ao desenvolvimento de competências ligadas ao empreendedorismo. Agradeço a sua exigência e olhar pormenorizado ao longo deste estudo, promovendo, deste modo, a qualidade da investigação e comunicação dos seus resultados.

Agradeço ainda aos restantes professores do Mestrado de Didáticas Integradas, os quais, cada um com o seu contributo, me ajudaram no desenvolvimento de capacidades de reflexão, análise e investigação associadas ao processo de aprendizagem nas áreas específicas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Sociais.

No plano institucional, quero agradecer:

À direção da Escola Superior de Educação de Lisboa, em particular à Doutora Cristina Loureiro, por ter demonstrado disponibilidade e tempo para encorajar práticas pedagógicas, baseadas na integração curricular, que buscam novas soluções educativas.

Aos elementos das direções do Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral por terem possibilitado a promoção de projetos inovadores.

Ao Município de Sobral de Monte Agraço e Juntas de Freguesia de Santo Quintino e Sapataria – especialmente ao Presidente do Município José Alberto Quintino e à Vereadora do pelouro da Educação, Patrícia Vitorino – pela companhia leal, pelas experiências de trabalho e de vida e pelos conhecimentos construídos em conjunto.

À Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento Vertical de Escolas de Sobral de Monte Agraço, em particular ao Engenheiro José Martins, pelo seu apoio ao projeto no plano social, divulgação de boas práticas e motivação para a continuação do mesmo.

Ao Dr. Luís Carlos Sousa Lopes, diretor da Escola Agrícola Fernando Barros Leal pela prontidão e disponibilidade de partilha, ao nível de recursos humanos e conhecimentos.

Ao Clube Sobral Sénior, na pessoa do Sr. Manuel Hortênsio, responsável pelo Grupo de Artes Cénicas, pelo esforço feito na compreensão e divulgação de competências associadas ao empreendedorismo com o objetivo de estabelecer pontes intergeracionais e busca do bem comum.

Às empresas Hortorres e Campoeste pelo seu contributo na partilha de conhecimentos e procedimentos.

Ao jornal o Badaladas, em particular ao jornalista Joaquim Ribeiro, pelo interesse demonstrado em divulgar o percurso e a história de vida dos alunos e comunidades associadas ao projeto.

Por fim aos membros da comunidade César Lourenço pela amizade e esclarecimentos ao nível da literacia financeira e ao Sr. Mário Domingos, personificação da simplicidade e lucidez da sabedoria popular, dono de uma generosidade demonstrada na partilha de conhecimentos ligados às raízes locais e técnicas tradicionais, demonstrando sempre um carinho a uma nova geração que ainda está à procura de um caminho que espelhe a sua identidade.

No plano pessoal:

Um especial reconhecimento aos que, fizeram parte do estudo, e da intervenção que este proporcionou, alunos, encarregados de educação e comunidades envolvidas.

Uma palavra de amizade e gratidão ao Professor Rui Ferreira, companheiro em todo este processo, pela confiança e apoio que desde sempre manifestou, mesmo nos momentos de maior dificuldade e desânimo, a minha profunda gratidão por tudo o que fez por mim, pela sua competência, humanidade e integridade profissional.

A última das palavras à minha família: a todos, sem exceção, mas com uma especial atenção aos meus pais e à minha esposa Sandra, que sempre viram o génio e o valor na construção de um processo com a intenção genuína de busca do bem comum: para vós, o meu amor, o meu tempo e a minha vida.

RESUMO

PROJETO DE EMPREENDEDORISMO E LITERACIA FINANCEIRA – UM PROJETO DE INVESTIGAÇÃO AÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DA ESCOLA E DA SUA COMUNIDADE.

Este projeto pretende refletir e analisar o desenvolvimento de competências associadas ao empreendedorismo em alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico que potencializem o desenvolvimento nos alunos de competências associadas ao empreendedorismo.

A problemática central desta investigação encontra-se sintetizada na seguinte questão: *Em que medida um projeto curricular integrado, visando o empreendedorismo, pode contribuir para centrar a escola numa comunidade?*

As transformações propostas pelo Projeto E.L.F estão assentes no funcionamento do elo entre escola e comunidade.

Os objetivos gerais do estudo em torno desta problemática prendem-se com a possibilidade de (i) verificar se a identificação de valores associados ao empreendedorismo podem ser aceites pela comunidade e pela escola, (ii) determinar se as experiências associadas ao empreendedorismo contribuem para o desenvolvimento pessoal dos alunos, (iii) averiguar se existe uma maior valorização do percurso escolar dos alunos, decorrentes da aplicação do projeto, por parte dos encarregados de educação e, finalmente, (iv) investigar se a escola, a partir da aplicação do projeto, passa a ser mais valorizada pela comunidade, assumindo nela um novo protagonismo.

Este estudo aproxima-se da metodologia de investigação-ação, no paradigma socio-crítico e incide numa amostra de 37 alunos de duas turmas de escolas de aldeia, com mais de um ano de escolaridade.

Para a realização do estudo recorrer-se-á a uma metodologia predominantemente qualitativa, em que se procurará fazer uso de diferentes fontes de informação e também diferentes técnicas de recolha de dados.

Os resultados obtidos vão no sentido de demonstrar que a aplicação do Projeto E.L.F. foi geradora de uma dinâmica local, construindo uma teia de conexões que resultaram numa grande valorização da escola e das comunidades onde estas se inserem. As experiências associadas ao empreendedorismo contribuíram para o

desenvolvimento pessoal dos alunos e valorização das raízes locais o que resultou numa diminuição do insucesso escolar. É possível perceber que os alunos se tornaram mais conscientes das etapas necessárias a percorrer para a obtenção de sucesso no processo de tomada de decisão, a nível do seu futuro pessoal e académico, contribuindo para um esbatimento das desigualdades sociais levando a uma maior justiça social.

Palavras-chave:, empreendedorismo, integração curricular, comunidade, combate ao insucesso, justiça social.

ABSTRACT

ENTREPRENEURSHIP AND FINANCIAL LITERACY PROJECT - AN ACTION-RESEARCH PROJECT FOR ENHANCEMENT OF SCHOOL AND YOUR COMMUNITY.

This project aims to link the development of skills associated with entrepreneurship in students of the infant and junior schools that enhance the development in students skills associated with entrepreneurship.

The central issue of this research is summarized in the following question: "To what extent an integrated curriculum project, aiming entrepreneurship, can help to focus the school in a community?"

The changes proposed by Projeto E.L.F. are based on the operation of the link between school and community.

The general objectives of the study around this issue relate to the possibility to check the identification of values associated with entrepreneurship can be accepted by the community and the school, to determine whether the experiences associated with entrepreneurship contribute to the personal development of students, find out if there is a greater appreciation of the school career of students, resulting from the implementation of the project, by the parents and finally to investigate whether the school, from the application of the project, becomes more valued by the community.

This study will be to develop a logic of research-action, socio-critical paradigm and focuses on a sample of 37 students from two village schools in classes with more than one degree.

For this study a predominantly qualitative methodology will be applied, in which they seek to make use of different sources of information and different data collection techniques.

The results go to demonstrate that the application of Projeto E.L.F. was generating a local dynamic, building a web of connections that resulted in a large enhancement of school and the communities where they are located. The experiences associated with entrepreneurship contributed to the personal development of students and enhancement of local roots which resulted in a decrease in school failure. You can see that students have become more aware of the steps required to go to achieve success in the decision making process at the level of their personal and academic future, contributing to a blurring of social inequalities leading to greater social justice.

Keywords: entrepreneurship, curricular integration, community, combating failure, social justice.

NOTA PRÉVIA

O Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira (Projeto E.L.F.) foi desenvolvido em duas escolas básicas do 1º Ciclo do concelho de Sobral de Monte Agraço, tendo início em 2010/11.

A partir deste projeto, foram realizados dois estudos de mestrado: o estudo que aqui apresentamos e o “Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira: um percurso inclusivo apoiado na integração curricular”, de Rui Ferreira.

Os estudos têm objetivos e incidências diferentes. No entanto, o plano de intervenção, a recolha e tratamento dos dados e os resultados são comuns ambos. Para além disso, algumas partes do texto foram escritas coletivamente, surgindo da mesma forma nos dois trabalhos.

INTRODUÇÃO

De acordo com Rodrigues (2008, p.5) “a utilização do termo “empreendedorismo” é atribuída a Richard Cantillon (1755) e a Jean-Baptiste Say (1800). Ambos definiam os empreendedores como pessoas que correm riscos porque investem o seu próprio dinheiro em empreendimentos.” Segundo a mesma autora “Schumpeter descreveu ainda o empreendedor como responsável por processos de “destruição criativa”, que resultavam na criação de novos métodos de produção, novos produtos e novos mercados.”

Apesar de sempre nos termos cruzado com várias visões do empreendedorismo, à medida que fomos estruturando um projeto em torno desta temática, identificámos no empreendedor as características de um indivíduo que trabalha e que domina as competências do empreendedorismo, tendo em vista a criação de projetos que sejam benéficos para si e para aqueles que o rodeiam, aspetos que pareceram ser de particular relevância e, por isso, merecedores de serem desenvolvidos em sala de aula.

Este projeto pretende promover o desenvolvimento de competências associadas ao empreendedorismo (autoconfiança, assunção de riscos, iniciativa, avaliação, energia, resiliência, planeamento, organização, criatividade, inovação, relacionamento interpessoal e comunicação) em alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Neste sentido são desenvolvidas atividades que englobem a comunidade, valorizem as raízes locais e assentem em dinâmicas de trabalho de grupo que potencializem, nos alunos, o desenvolvimento de competências associadas ao empreendedorismo. O Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira (E.L.F.) foi concebido, planificado e desenvolvido com os seguintes objetivos gerais:

- valorizar a escola no seio das comunidades onde se insere, garantindo o papel social que desempenha nos processos de coesão social;
- proporcionar aos alunos conhecimentos e experiências de vida, promovendo as suas relações interpessoais e a “utilidade” do currículo;
- promover a tomada de decisão por parte dos alunos;
- desenvolver uma rede de troca de conhecimentos em torno da escola.

As transformações propostas pelo Projeto E.L.F. estão assentes no funcionamento do elo entre escola e comunidade, importando assim compreender o

que é a comunidade, em que espaços se movimenta e qual o papel que pode desempenhar no desenvolvimento de um projeto desta natureza.

Deste modo, a problemática central desta investigação encontra-se sintetizada na seguinte questão: *Em que medida um projeto curricular integrado, visando o empreendedorismo, pode contribuir para centrar a escola numa comunidade?*

A partir dela, definiu-se um subprojeto subordinado ao tema “O contributo da escola para o desenvolvimento das comunidades locais através de um projeto curricular integrado”. Sobre ele incidirá o presente estudo, dependente de uma forte dinâmica interdisciplinar, envolvendo todas as áreas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de uma forma aglutinada, em torno do Empreendedorismo.

As ideias que deram origem ao presente estudo centram-se, assim, no Projeto E.L.F.¹ e no empreendedorismo, associado a uma educação para a responsabilidade social, promovendo nos alunos a aptidão para trabalhar de um modo cooperativo e a habilidade para resolver problemas de um modo não conflituoso em sala de aula. Ao mesmo tempo pretende-se promover o conhecimento de realidades mais abrangentes, a capacidade de empatia com indivíduos com características de personalidade diferentes, o sentido de responsabilidade, o respeito pelo ambiente e pelos recursos naturais e locais, o pensamento crítico sobre assuntos públicos, a definição de uma posição de acordo com os valores de cada um e a capacidade de participar de forma ativa em discussões públicas.

¹ O Projeto E.L.F. foi desenvolvido por dois docentes, o autor e o Prof. José Pina tendo ambos realizado estudos em torno do mesmo. Como explicitámos na nota prévia, embora cada estudo incida em dimensões diferentes do projeto, quer pelo trabalho desenvolvido em equipa pelos investigadores acima referidos (na implementação do projeto, na produção de materiais e na produção de textos de apoio aos estudos), quer pela organização intrincada das várias dimensões do projeto (que dependem uma das outras e por isso são muito difíceis de analisar isoladamente e perdem mesmo o seu significado), existe uma grande partilha de dados nos dois estudos. Por essa razão, alguns excertos foram escritos coletivamente e surgem nos dois trabalhos.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

O estudo que agora se apresenta centra-se numa temática que pretende relacionar o empreendedorismo e o desenvolvimento de competências no 1.º Ciclo do Ensino Básico, identificando o papel que a comunidade pode assumir em projetos desenvolvidos dentro da escola.

Assim, neste capítulo, no seu primeiro ponto pretende-se apresentar aquela temática e o modo como começou a ser trabalhada em torno de um projeto (Projeto E.L.F.), em duas escolas do 1.º Ciclo. Num segundo momento, ensaia-se uma caracterização do meio envolvente às duas escolas implicadas naquele projeto, a qual justifica, em grande medida, não só a temática que o corporiza, mas também muitas das opções metodológicas adotadas nas salas de aula. Finalmente, no terceiro ponto deste capítulo, apresentam-se as principais linhas de trabalho do Projeto E.L.F., destacando-se as intencionalidades pedagógicas que lhe estão subjacentes.

1.1. Identificação da temática: empreendedorismo e desenvolvimento de competências

A conceção e implementação do Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira (Projeto E.L.F.), que começou a ser delineado no final do ano letivo 2010/2011, partiu da hipótese que esteve na sua origem, a saber: *o estabelecimento de vínculos entre a escola, as empresas, as famílias e a comunidade é um elemento-chave para o êxito da promoção e desenvolvimento do empreendedorismo*. Neste sentido, é possível afirmar que este trabalho académico constitui uma nova componente de desenvolvimento deste projeto curricular, incidindo especificamente sobre (i) os aspetos curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico e (ii) as dinâmicas sociais que se geraram, proporcionando às escolas um outro lugar nas comunidades em que se inserem: “A aprendizagem pela prática e a experiência concreta do Empreendedorismo, graças a atividades e projetos práticos (que partam de problemas reconhecidamente comunitários com aplicação no mundo real), constituem as melhores formas de promover o espírito empreendedor e as competências ligadas ao Empreendedorismo” (Comissão das Comunidades Europeias, 2006, p. 33).

Importa desde já sublinhar que a motivação para a idealização daquele projeto se deveu ao facto de se considerar absolutamente necessário, a partir do diagnóstico

realizado, a escola poder oferecer um outro tipo de resposta que permitisse alterar uma situação socioeducativa que surgia como adversa, em particular para as crianças e jovens que passam pelas escolas do ensino básico.

Discutiu-se então, de modo informal, sobre como conseguir, de alguma maneira, dar aos nossos alunos, aproveitando e valorizando os diferentes tipos de inteligência que possuem, instrumentos que os preparem para o seu futuro. Um futuro em que são capazes de gerar o seu próprio emprego, fazendo o que gostam; ou, se isso não for possível, que pelo menos desenvolvam as suas competências no sentido de melhor gerirem os recursos familiares de forma mais eficaz. Deste modo, definiram-se os objetivos que se constituíram como o nosso ponto de partida (Pina & Ferreira, 2014):

- a) valorizar a escola no seio das comunidades onde se insere, garantindo o papel social que desempenha nos processos de coesão social;
- b) proporcionar aos alunos conhecimentos e experiências de vida, promovendo as suas relações interpessoais e a “utilidade” do currículo;
- c) promover a tomada de decisão por parte dos alunos;
- d) desenvolver uma rede de troca de conhecimentos em torno da escola.

Apesar de sempre nos termos cruzados com várias visões do empreendedorismo à medida que fomos estruturando o projeto em torno desta temática, identificamos no empreendedor o indivíduo que trabalha e que domina as competências do empreendedorismo, tendo em vista a criação de projetos que sejam benéficos para si e para aqueles que o rodeiam.

Partindo deste ponto de vista e considerando o conjunto de valores subjacentes às competências que se pretende promover, o empreendedorismo foi assumido como a pedra basilar da resposta que pretendíamos dar aos nossos alunos e assim garantir a intencionalidade de tentar prepará-los de uma forma diferente daquela que a escola tradicional proporciona. Em resumo, era nossa intenção que as crianças ficassem munidas de bagagem para olharem o percurso de vida à sua frente e poderem enfrentá-lo de acordo com as suas capacidades e decisões, permitindo-lhes assim, prepararem-se para começarem por optar por qualquer percurso

académico que lhes fosse de algum modo significativo e em que vissem viabilidade de obter sucesso.

Mobilizando as Ciências Sociais no sentido de levantar as questões que resultam da análise do contexto e de fundamentar as respostas construídas, o empreendedorismo, no âmbito do Projeto E.L.F., assume o papel de fornecer o cenário onde se contextualizarão as aprendizagens, articulando as restantes áreas entre si de modo a seja visível a articulação horizontal e vertical de conteúdos, assim como as ligações práticas com o mundo real e com o empreendedorismo (Carneiro, 2000, p. 74).

Por este prisma, a questão que nos moveu e deu origem ao Projeto E.L.F. (Pina & Ferreira, 2014) foi então, *como corrigir as desiguais condições de partida resultantes da origem social e, simultaneamente, generalizar a aquisição de atitudes e saberes necessários à inovação e ao empreendedorismo?*

1.2. Caracterização das escolas/meio

O Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira tem vindo a ser desenvolvido nas EB de Almargem e de Pero Negro, (escolas do Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral, no concelho de Sobral de Monte Agraço), sob a coordenação dos professores José Pina e Rui Ferreira.

A EB/JI de Almargem foi edificada segundo o modelo de Plano Centenário e é constituída por duas salas, funcionando em cada uma delas respetivamente, o 1º Ciclo e o Jardim de Infância.

As instalações usadas pelo 1.º Ciclo são constituídas por um hall de entrada, uma sala de aula, uma pequena sala de apoio e zona de WC. As do Jardim de Infância, são constituídas por um hall de entrada com zona de cabides, uma sala de atividades e outra sala para o serviço de refeições, onde se localizam três casas de banho, duas para crianças, e uma para adultos.

No espaço exterior foi construído um parque infantil público que é utilizado pelos alunos e pela comunidade. Este espaço foi remodelado em agosto de 2009, com a colocação de gradeamento em toda a sua extensão, garantindo as condições de segurança necessárias.

O seu corpo docente é constituído por um professor e uma educadora (recebendo ainda o apoio de uma docente do Ensino Especial e de um docente de

apoio); o corpo discente é composto por 23 alunos e o corpo não docente é constituído por uma assistente operacional e duas funcionárias do refeitório.

A **EB de Pero Negro** é composta por duas salas de aula, uma sala polivalente (onde funciona também o refeitório), duas casas de banho (com sanitários para professores e alunos) e dois halls de entrada. Tudo se encontra agregado num edifício de aspeto simétrico mas heterogéneo, dado que a atual escola resulta do levantamento de mais espaços (sala de aula, hall, sala polivalente e casa de banho) em torno de um edifício que já existia e que obedecia ao modelo do plano centenário constituído apenas por um hall, uma sala de aula e uma casa de banho. Aquando da remodelação da escola para o edifício que hoje existe, refez-se a frontaria da escola com uma muralha, rampa e vedação.

O seu corpo docente é constituído por dois professores (recebendo ainda o apoio de uma docente do Ensino Especial e de um docente de apoio); o corpo discente é composto por 37 alunos e o corpo não docente é formado por uma assistente operacional e duas funcionárias do refeitório.

Para a realização do estudo, partiu-se do Plano Diretor Municipal de Sobral de Monte Agraço (revisão de 2013) onde se apresenta um resumo da caracterização da população do concelho, em particular nas freguesias de Santo Quintino (onde se insere a escola de Almargem) e da freguesia da Sapataria (onde se localiza a escola de Pero Negro). Esta fonte de informação foi complementada com os dados do Instituto Nacional de Estatística, referentes à população do concelho de Sobral de Monte Agraço.

Sobral de Monte Agraço foi o segundo concelho na área do Oeste que mais cresceu nas últimas duas décadas (13,8%). Este crescimento deveu-se, em grande parte, à construção da A8. Contudo, Santo Quintino é a freguesia que menos cresceu nos últimos vinte anos (8% entre 2001 e 2014, de acordo com os dados do INE), sendo simultaneamente a que ocupa uma maior área e detém mais população. A freguesia de Santo Quintino é marcada por uma maior ruralidade, com presença de pequenos núcleos de povoamento disperso, ocupando mais de metade da superfície do concelho e detendo uma menor densidade de ocupação. Por sua vez, a freguesia de Sapataria, com dois núcleos significativos – Sapataria e Pero Negro – apresenta um elevado crescimento na última década (19% entre 2001 e 2014) (Tabela 1).

Tabela 1

População residente no concelho de Sobral de Monte Agraço, por freguesias (2001-2014)

Zona Geográfica	População Residente		Tx Var. (%)
	2001	2014*	
Santo Quintino	3432	3706	8,0
Sapataria	2558	3044	19,0
Sobral de Monte Agraço	2937	3406	16,0
Sobral de Monte Agraço (Concelho)	8927	10156	13,8

* Censuses de 2011, atualizados em 2014.

Nota: Instituto Nacional Estatística, Censuses de 2001 e 2011. Consultados a 10 de junho de 2016 em <https://www.ine.pt>²

É ainda a freguesia de Sapataria aquela que regista uma maior quantidade de crianças até aos 15 anos (Tabela 2).

Tabela 2

*Proporção da população residente no concelho do Sobral de Monte Agraço com 14 ou menos anos de idade (%) por freguesia (2013)**

Zona Geográfica	%
Santo Quintino	16,81
Sapataria	17,71
Sobral de Monte Agraço	15,50
Sobral de Monte Agraço (Concelho)	16,64

* Censuses de 2011, atualizados em 2013.

Nota: Instituto Nacional Estatística, Censuses de 2011. Consultados a 10 de junho de 2016 em <https://www.ine.pt>³

Estes dados traduzem a elevada taxa de atratividade que o concelho de Sobral de Monte Agraço apresenta em relação ao todo nacional. Assim, situando-se esta taxa, a nível nacional, nos 2,04%, a região Oeste apresenta uma taxa superior a 7% e o concelho de Sobral de Monte Agraço apresenta uma taxa de atratividade que chega aos 14,82% (Tabela 3).

² Instituto Nacional Estatística, Censuses de 2001 e 2011. Consultados a 10 de junho de 2016 em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=377711&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554 e https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0006349&contexto=bd&selTab=tab2.

³ Instituto Nacional Estatística, Censuses de 2011. Consultados a 10 de junho de 2016 em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0007256&contexto=bd&selTab=tab2.

Tabela 3

*Taxa de atração total (%) por local de residência em Portugal, região Oeste e concelho de Sobral de Monte Agraço (2011)**

Zona Geográfica	%
Portugal	2,04
Oeste	7,11
Sobral de Monte Agraço (concelho)	14,82

* Censur de 2011, atualizados em 2013.

Nota: Instituto Nacional Estatística, Censur de 2011.

Consultados a 10 de junho de 2016 em

<https://www.ine.pt/>⁴

As freguesias de Santo Quintino e Sapataria partilham um percurso escolar idêntico, relativamente aos seus habitantes, por serem das zonas com uma alfabetização mais tardia. De referir, no entanto, que, se atendermos à evolução recente da última década, foi em Sapataria que o perfil mais se alterou, ao haver uma maior progressão de qualificações mais elevadas. Todavia, estas duas freguesias encontram-se abaixo da média registada no concelho (Tabela 4).

Tabela 4

*Proporção da população residente no concelho do Sobral de Monte Agraço com ensino superior completo (%) por freguesia (2013)**

Zona Geográfica	%
Santo Quintino	11,61
Sapataria	11,03
Sobral de Monte Agraço	14,57
Sobral de Monte Agraço (Concelho)	12,50

* Censur de 2011, atualizados em 2013.

Nota: Instituto Nacional Estatística, Censur de 2011.

Consultados a 10 de junho de 2016 em

<https://www.ine.pt/>⁵

Quase 70% dos residentes do concelho de Sobral de Monte Agraço trabalham fora, sendo uma dificuldade do concelho atrair atividades económicas, capazes de gerar emprego entre a população local.

⁴ Instituto Nacional Estatística, Censur de 2011. Consultados a 10 de junho de 2016 em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0007085&contexto=bd&selTab=tab2.

⁵ Instituto Nacional Estatística, Censur de 2011. Consultados a 10 de junho de 2016 em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0006962&contexto=bd&selTab=tab2.

Deste modo, achou-se pertinente identificar os setores de atividade no concelho, tendo-se verificado que a estrutura da população ativa no concelho está sobretudo sustentada no sector terciário. Os trabalhadores por conta própria reduziram o seu número devido à perda de importância do sector agrícola. As características da população agrícola familiar associadas ao nível de escolaridade e de formação, revelam que a maioria possui um nível de escolaridade bastante reduzido, são uma classe marcada pelo envelhecimento (a par de um baixo nível de instrução e formação profissional). Esta análise evidencia uma dificuldade de rejuvenescimento do setor. Nas atividades em declínio mais acentuado destaca-se a agricultura. Outras atividades como a indústria transformadora, a construção ou o comércio também sofreram quebras (PDM – Município de Sobral de Monte Agraço, 2016). Verificou-se um reforço dos serviços, nomeadamente de “atividades administrativas e dos serviços de apoio”, devido a uma maior urbanização recente do concelho e consequente necessidade de dar resposta à população local. Apesar de no concelho predominarem as atividades ligadas ao setor terciário, é o setor secundário o mais representativo nas freguesias de Santo Quintino e Sapataria, enquanto o setor primário tornou-se residual na economia do concelho.

No entanto, ao verificar-se as opções estratégicas constantes nos eixos estratégicos inclusos no *PROT OVT (Plano Regional de Ordenamento do Território do Oeste e Vale do Tejo)* e no *Visão Prospetiva: Sobral 2020 – Um concelho Inteligente, Sustentável e Inclusivo* (pp. 90 e 94) – resultante da Participação Pública a que alude o nº2 do artigo 77.º do DL 46/09, de 20 de fevereiro –, onde se pode constatar a importância que o empreendedorismo e a renovação do setor primário têm nos eixos estratégicos e objetivos neles assinalados, nomeadamente no que se refere a: (i) fomentar a iniciativa empresarial e o empreendedorismo, garantindo a ligação das redes empresariais aos Centros de Investigação e às Universidades, e promovendo uma melhoria dos parques empresariais existentes (PROT OVT, eixo estratégico 1); (ii) potenciar o aproveitamento das atividades agrícolas e florestais numa perspetiva de compatibilização dos valores naturais e patrimoniais com os componentes económico e social (PROT OVT, eixo estratégico 2); (iii) inovar ao nível da articulação urbano-rural, diversificando a economia e as funcionalidades agrícola e não agrícola associadas ao espaço rural, dirigida por uma utilização sustentável dos recursos naturais e do património rural e apostando numa ruralidade qualificada (PROT OVT, eixo estratégico 4).

No que se refere aos objetivos do documento *Visão Prospetiva: Sobral 2020*: perspetiva-se um concelho (*Município de Sobral de Monte Agraço, 2013, pp. 93-97*): i) onde no centro de tudo estão as pessoas e a comunidade, garantindo qualidade de vida e a inclusão integral de todas as gerações; ii) capaz de manter a identidade, valorizar o património e a tradição, num território entre o oeste e o ribatejo, às portas de Lisboa, potenciando as oportunidades de inovação e aventura oferecidas pelas amenidades rurais; iii) com oferta territorial diferenciadora, a partir de um sistema produtivo agroflorestal sustentável, onde se desenvolve um renovado espírito criativo, empreendedor e responsável, com um forte sentido de inovação tecnológica, artística e criativa, associada à qualificação contínua do tecido produtivo e da população; iv) que se propõe manter a identidade territorial; v) que promove a saúde e bem-estar da população; vi) que pretende garantir a sua sustentabilidade integral; vii) que fomenta a competitividade e a inovação.

Estas finalidades concretizam-se a partir do fomento da transparência e da participação, com a preocupação de articular e trabalhar em rede, com diversos parceiros, através de processos e projetos empreendedores, inovadores e criativos, realizados em torno de três domínios estratégicos (Fig.1):

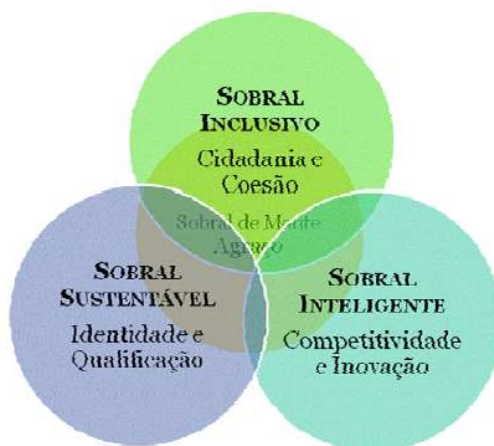


Figura 1: Domínios estratégicos do plano Sobral 2020- *Visão Prospetiva: Sobral 2020 – Um concelho Inteligente, Sustentável e Inclusivo, Município de Sobral de Monte Agraço, 2013, p. 95.*

SOBRAL INCLUSIVO – Cidadania e Coesão

- promover a dignidade humana e a saúde integral;
- desenvolver a educação para a cidadania;

- dinamizar projetos de promoção de inclusão e de criação de emprego inclusivo;
- promover a diversidade sociocultural e artística;
- reforçar as parcerias locais e as redes sociais.

SOBRAL SUSTENTÁVEL – Identidade e Qualificação

- manter a matriz marcadamente rural;
- afirmar a vila do Sobral como centro urbano relevante;
- desenvolver as aldeias como bases de uma rede de proximidade e como âncoras de desenvolvimento do espaço rural envolvente, promovendo a regeneração rural integrada, combinando lazer com inovação agropecuária e turismo rural;
- promover o ordenamento (rural e urbano) e a reabilitação;
- reforçar e melhorar as condições de circulação;
- promover uma estruturação equilibrada do território;
- valorizar o património natural, rural e paisagístico.

SOBRAL INTELIGENTE – Competitividade e Inovação

- dinamizar a criação de infraestruturas avançadas de telecomunicações;
- qualificar e valorizar as Zonas Industriais existentes;
- programar e dinamizar “espaços de negócios”;
- promover o empreendedorismo responsável, de pequena escala, baseado na criatividade e inovação;
- dinamizar a criação de emprego inovador, nomeadamente nos sectores agrícola, do turismo, da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida;
- criar redes privilegiadas de inovação com os atores (internos e externos) designadamente com universidades e centros de investigação.

Através da observação e análise, quer da distribuição de população, quer dos recursos existentes, quer, ainda, dos objetivos traçados para o futuro do concelho, consideramos que a temática e as intencionalidades subjacentes ao Projeto E.L.F. vão

ao encontro das necessidades da população e das finalidades projetadas para o desenvolvimento das comunidades do Sobral de Monte Agraço.

1.3. E.L.F.: intencionalidades de um projeto

O presente estudo resulta do desenvolvimento do Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira (Projeto E.L.F.), que começou a ser delineado no final do ano letivo 2010/2011, tendo sido testado e monitorizado em toda a sua amplitude no ano letivo 2014/2015.⁶

O Projeto E.L.F. surgiu da preocupação em garantir um quadro conceptual que orientasse as ações a desenvolver nas suas diferentes fases de implementação. Teve por base as preocupações pessoais, perçetivelmente comuns àqueles que diariamente estão à nossa volta e com quem partilhamos as nossas dúvidas, incertezas e ideais que perspetivem um futuro mais feliz. Tem um desenho inspirado em processos de síntese entre o natural e o social, integrando plantas, animais, construções e pessoas num ambiente produtivo e harmonioso. Esta orientação, também ela baseada na nossa experiência de vida e daqueles que nos rodeiam, levou a que o projeto, em todos os seus momentos, refletisse a ideia de que, tal como a vida, apesar de complexa, se deve desenvolver de uma forma simples e fácil. No campo da educação, este desenho apresenta um paralelismo com a opção por uma prática de integração entre as diferentes didáticas do currículo, na medida em que está repleto de articulações entre os vários conteúdos curriculares e o empreendedorismo.

Relativamente ao Projeto E.L.F., o seu início resultou da análise das necessidades educativas identificadas no atual panorama global (Pina & Ferreira, 2014): um mundo que requer de cada pessoa e de cada instituição a aspiração ao bem-estar, à liberdade, à democracia, à segurança, ao sucesso, à capacidade de adaptação a novas formas de organização social, de aprender em permanência, de processar e comunicar informação e de inovar para atingir uma “cidade de conhecimento” (Carneiro, 2001), tentando ir mais longe na educação, no plano da qualidade de vida coletiva e de cada cidadão em particular.

A qualidade de vida das pessoas, as desigualdades sociais e de riqueza, as comunidades, a qualidade do ambiente, a satisfação de necessidades sociais, as redes económicas, sociais, culturais e políticas, entre muitas outras coisas, dependem

⁶ Toda a descrição do Projeto E.L.F., desde o levantamento das problemáticas iniciais até ao delinear do plano de ação do mesmo, pode ser consultada no documento anexo (Anexo 1).

cada vez mais das empresas e da sua ação. O compromisso com os interesses coletivos e a colaboração com o Estado e a Sociedade Civil distingue o impacto na qualidade de vida das pessoas.

Um exemplo típico desses impactos é o emprego e o desemprego, estruturas em que a confluência entre dinâmicas económicas e sociais, afetando tanto os indivíduos como as sociedades e os estados no seu conjunto, mais converge. Foi precisamente para responder ao problema do desemprego que o tema do Empreendedorismo apareceu, a partir dos últimos anos do século passado, como um tópico central da agenda económica e política de vários países.

Segundo Capucha (2007), “empreender não é só criar empresas. Implica correr o risco de o fazer, mas também saber como o fazer. Planear, calcular oportunidades e identificar ameaças, possuir iniciativa e arrojo tanto como responsabilidade e racionalidade” (p. 6). Implica, além e talvez acima disso, ser capaz de inovar. E nestes requisitos temos sérios problemas, afetando não a quantidade, mas a qualidade da atividade das pessoas e a sustentabilidade do modelo de competitividade das ideias.

Numa outra vertente, segundo o mesmo autor (Capucha, 2007), “o Empreendedorismo e os atributos que se lhe associam implicam atitudes que não se requerem apenas àqueles que são os proprietários ou os gestores das empresas. Trata-se de uma atitude necessária também aos trabalhadores e aos cidadãos em geral” (p. 6).

Assim, torna-se emergente o trabalho de divulgação e interiorização das competências-chave do Empreendedorismo na qualidade de vida das pessoas. É na escola que se pode aprender e treinar competências que promovam (i) uma relação positiva com o risco; (ii) o saber planear e calcular oportunidades, identificando ameaças; (iii) a capacidade de tomar a iniciativa e inovar com responsabilidade e racionalidade. É por isso que o Projeto E.L.F. surgiu como forma de promover o estabelecimento dos vínculos acima referidos, através de ações empreendedoras concretas, decorrentes de necessidades locais e desenvolvidas em meio escolar e em “comunidades práticas”.

O subprojeto “O contributo da escola para o desenvolvimento das comunidades locais através de um projeto curricular integrado”, sobre o qual incidirá o presente estudo, depende fortemente de uma dinâmica interdisciplinar, envolvendo todas as áreas do 1.º Ciclo do Ensino Básico de uma forma aglutinada em torno do Empreendedorismo. Nem todos os conteúdos do currículo nacional poderão ser

abordados de forma subjacente à temática do projeto, mas todos aqueles que a ele se interligam serão trabalhados de forma articulada, cronológica e sequencialmente organizada, de maneira a integrarem o processo de trabalho em torno de atividades empreendedoras, que tenham validade nas “comunidades práticas” locais e com as quais se vão fazendo as pontes com os conteúdos referidos.

Assim pretende-se que, através desta articulação, os alunos e as comunidades onde estes se inserem possam obter uma formação mais consistente e significativa e que os desperte para as aplicações do currículo à vida ativa, colocando-os numa posição privilegiada para tomar decisões informadas sobre o quotidiano, fazendo deles verdadeiros cidadãos ativos numa sociedade do conhecimento e informação.

Deste modo, torna-se perceptível que além da dimensão curricular, o Projeto E.L.F. abarca várias dimensões como a dimensão pessoal dos alunos, a interação com famílias, escola, parceiros e comunidade local. Por isso mesmo, apesar do funcionamento do projeto dever possibilitar uma aplicação prática e fluente, a fim de que os seus processos de conceção, desenvolvimento e avaliação possam ser considerados válidos e aplicáveis noutros contextos escolares, com a frequência do mestrado, viemo-nos a aperceber da profundidade e da complexidade teórica por detrás de cada uma das dimensões do projeto.

Com efeito, as diferentes dimensões do projeto começaram por ser articuladas entre si pela sua conjugação na prática, não tendo sido organizadas, numa fase inicial, por relação com os conceitos e modelos de análise teóricos. Quando se procedeu à reorganização e consolidação das mesmas de forma mais consistente, cedo se percebeu que seria impossível individualizá-las completamente, sob pena de retirar valor e significado ao projeto.

Contudo, perante a necessidade de se delimitar o objeto deste estudo, de modo a isolar uma temática centrada no Projeto E.L.F., que pudesse ser trabalhada e desenvolvida como problemáticas de investigação, surgiu a decisão de estudar apenas uma das suas dimensões, sem no entanto deixar de evidenciar as suas interligações com as restantes dimensões do projeto. Assim sendo, optou-se por, no presente estudo, focalizar-se o papel que as escolas podem desempenhar nas dinâmicas de desenvolvimento das comunidades locais, através de um projeto curricular integrado, em torno do Empreendedorismo.

2. PROBLEMÁTICA E FUNDAMENTAÇÃO

Uma vez contextualizado o estudo que nos propomos apresentar, tendo por base o desenvolvimento do Projeto E.L.F. em duas escolas do 1.º Ciclo do Concelho de Sobral de Monte Agraço, em torno da temática do empreendedorismo, importa agora definir a problemática que o irá orientar.

A definição da problemática implica desenvolver um quadro teórico que a fundamenta. Neste caso em que incide o nosso estudo, privilegia-se o conceito de comunidade e as relações que é possível estabelecer com a escola, desempenhando esta um lugar central no desenvolvimento de dinâmicas de aprendizagem que mobilizam os valores, os saberes e as experiências locais para dentro da sala de aula.

2.1. Definição da problemática

Tendo por base o Projeto E.L.F., o presente estudo centra-se na relação entre o Empreendedorismo, a comunidade e a escola, pelo que importa começar por clarificar dois aspetos: a) Que importância pode ter para a comunidade a abordagem das competências do empreendedorismo nas escolas? b) Será que as experiências associadas ao empreendedorismo contribuem para o desenvolvimento pessoal dos alunos? c) E em que medida estas experiências contribuem para que os encarregados de educação valorizem o percurso escolar dos seus educandos?

Partindo dos binómios, pessoa/sociedade e escola/comunidade, Correia e Cosme (2011), no que concerne aos fins da educação, defende o “aprender a viver partindo de experiências concretas contextualizadas” (p. 437). Nesta conceção, a escola está ao serviço da sociedade e da sua mudança, pelo que corresponderia a um modelo em miniatura da comunidade, preparando o indivíduo para a vida social.

Este movimento reconhece a necessidade de integrar o processo formativo dos alunos nas comunidades locais, apelando à participação dos pais e/ou de outros agentes no sentido da construção de uma comunidade prática (Fig. 2). Esta é neste estudo entendida como o conjunto de pessoas que se envolvem em torno de valores que sejam discutidos e aceites por todos, desenvolvendo atividades e experiências que ajudem a interiorizar a linha de valores escolhida e deste modo pretende-se, de certa forma, atingir o ideal de bem comum (Malheiros e Valadares, 2011).

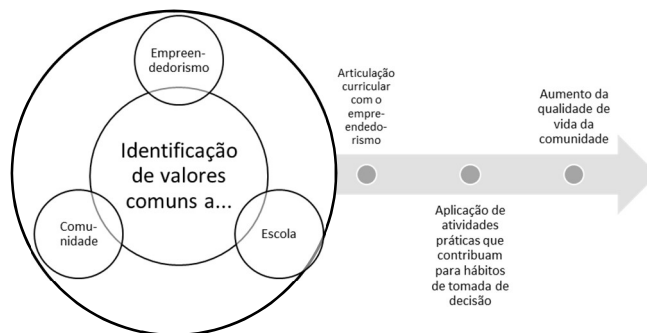


Figura 2: Esquema do projeto E.L.F para identificação e operacionalização de novos valores.

Em breves palavras, com este esquema pretendemos explicitar o modo como a identificação de valores associados ao empreendedorismo podem ser aceites pela comunidade e pela escola, tornando-os comuns e, desse modo, garantindo o aumento da sua qualidade de vida.

Para enraizar este novo conjunto de valores, na escola e na comunidade, o Projeto E.L.F. desenvolveu uma prática de articulação curricular centrada no empreendedorismo. Foram implementadas atividades que implicaram o envolvimento dos membros da comunidade, as quais colocaram os alunos perante a necessidade de tomarem decisões de forma informada. Simultaneamente foi-se analisando se as experiências associadas ao empreendedorismo contribuíram para o desenvolvimento pessoal dos alunos e se existiu uma maior valorização do percurso escolar dos alunos por parte dos encarregados de educação. Com todo este processo, pretendeu-se garantir ganhos para a comunidade e, no caso do nosso objeto de estudo, se a escola passou a ser mais valorizada pela comunidade.

Deste modo, a problemática central desta investigação encontra-se sintetizada na seguinte questão: **Em que medida um projeto curricular integrado, visando o empreendedorismo, pode contribuir para centrar a escola numa comunidade?**

Assim, os objetivos gerais do estudo que nos propomos empreender podem definir-se da seguinte forma:

- Verificar se a identificação de valores associados ao empreendedorismo podem ser aceites pela comunidade e pela escola
- Determinar se as experiências associadas ao empreendedorismo contribuem para o desenvolvimento pessoal dos alunos.

- Averiguar se existe uma maior valorização do percurso escolar dos alunos, decorrentes da aplicação do projeto, por parte dos encarregados de educação.
- Investigar se a escola, a partir da aplicação do projeto, passou a ser mais valorizada pela comunidade.

2.2. Enquadramento teórico

Em grande medida, a fundamentação teórica deste estudo remete para a verificação da importância da relação escola/comunidade, a qual se constitui, de certo modo, como o pano de fundo da problemática agora definida.

A relação entre escola e comunidade tem vindo, nas últimas décadas, a tornar-se objeto de pesquisa educativa uma vez que a evolução dos sistemas educativos proveem de estudos da relação escola/comunidade. Neste sentido, Alves e Varela (2012) afirmam que “a relação entre escola e comunidade configura, simultaneamente, uma área de ação educacional e uma temática de investigação educativa que hoje se revestem de significativa relevância social e científica” (p. 38).

O papel da escola tem sido modificado ao longo dos tempos, mas nem “a Escola, nem a Família, nem a Igreja, por exemplo, podem ser atualmente consideradas instituições no sentido clássico do termo; elas são mais os quadros sociais nos quais os indivíduos constroem as suas experiências e se formam como sujeitos” (Ferreira, 2005 p. 56).

Atualmente, a escola é colocada no “centro” das políticas educativas, das políticas de emprego, das políticas de luta contra a exclusão social. Passou-se de uma conceção burocrática, que confiava inteiramente ao Estado a missão do cumprimento da igualdade de oportunidades, através de uma igualdade das condições do ensino, a uma conceção pragmática, que espera que os professores e as coletividades territoriais resolvam todos os problemas. A escola encontra-se dividida entre os que pretendem que ela seja mais igualitária e os que desejam que ela seja mais seletiva; uns defendem que ela utilize métodos de trabalho colaborativo e outros que ela estimule a competitividade; outros propõem que ela seja indiferenciada e única para assegurar as mesmas oportunidades a todos os alunos e outros, ainda, que ela seja diferenciada nas trajetórias e na pedagogia que põe em prática. Para Pio (2007), as mudanças que se registaram na escola são equacionadas do seguinte modo:

Esta mudança de uma escola de serviço público, regulada pela inclusão, igualdade de oportunidades, ao ser substituída por outra eficaz, competitiva, moderna, regulada pela meritocracia, põe em causa, sobretudo nas zonas rurais, a escola enquanto Pólo de desenvolvimento local; deixa de permitir práticas educativas contextualizadas, partilhadas e assumidas por um território educativo particular. Coloca em causa a identidade, a diferenciação, a individualidade (p. 24).

O desenho apontado por este autor em relação á problemática das escolas rurais aponta para a necessidade de encontrar valores comuns à escola e à comunidade no sentido de promover os conhecimentos e recursos que dão a identidade diferenciada às populações, sendo o conjunto de valores que as une o pilar da sua individualidade.

Em síntese, “a mudança educacional impôs uma redefinição do entendimento do estabelecimento escolar, de uma unidade administrativa que prolongava a administração centralizada da educação para uma organização singular com especificidades locais em função das quais são reconstruídas as normas e a cultura do sistema educativo em que se insere” (Alves & Varela, 2012, p. 39).

A escola que se pretendeu atingir, durante o desenvolvimento do Projeto E.L.F. é, deste modo, uma escola democrática semelhante à descrita por Apple e Beane (citados por Ferreira, 2005), que se pauta “por uma ampla participação, ao nível da escola e do território, procurando estender a democracia à comunidade envolvente, não se limitando apenas a tentar diluir a gravidade das desigualdades sociais na escola, mas procurando, para além disso, transformar as condições que as criam” (p. 58).

As transformações propostas pelo Projeto E.L.F estão assentes no funcionamento do elo entre escola e comunidade, importando assim compreender o que é a comunidade, em que espaços se movimenta e qual o papel que esta pode ter no desenvolvimento de um projeto.

Numa conceção de “comunidade” como metáfora ao serviço da mudança, Sergionanni (citado por Correia & Cosme, 2011), define comunidade do seguinte modo: “Coleções de indivíduos que estão ligadas por uma vontade natural e que estão unidos a um conjunto de ideias e ideais partilhados. Esta ligação é suficientemente forte para os transformar de uma coleção de eus em um nós coletivo”. Estes mesmos autores acrescentam “A centralidade da solidariedade no processo de construção do

conhecimento converte a comunidade em campo privilegiado do conhecimento emancipatório” (p. 434).

A escola, ao abrir explicitamente as portas à comunidade, através da participação em projetos, alarga o conceito tradicional de escola como comunidade de professores e alunos para uma nova noção de comunidade educativa. Nesta têm lugar os agentes formais e informais de educação, com os profissionais de educação disponíveis para darem as mãos aos agentes comunitários com capacidade de intervenção no ato educativo. Os pais, parceiros e membros da comunidade são nesta perspectiva, os agentes educativos não profissionais a privilegiar na colaboração nas atividades curriculares e de complemento curricular ao participarem na construção, execução e objetivos das mesmas criando uma narrativa comum.

Seguindo esta linha de raciocínio, Caride (2000) acrescenta que nesta proposta de reforma pedagógica, estamos “perante a representação de uma escola continuamente aberta à comunidade no âmbito de uma comunidade constantemente aberta à escola” (p.178).

No mesmo sentido segue Barroso (citado por Ferreira, 2005) quando “sugere que a escola deve ser vista e gerida, hoje, como um ‘espaço público local’, em função de quatro grandes referenciais: serviço local do Estado, organização de profissionais, serviço público de solidariedade social e associação local. Para isso, este último autor propõe a “institucionalização da polivalência organizacional, de modo a recuperar a utilidade e visibilidade social da escola e a contribuir para restaurar os laços de sociabilidade entre professores, alunos e comunidade em geral” (p. 59).

Noutros termos, trata-se de argumentar que a abertura ao “meio” ou “à comunidade” marca o primeiro período da relação escola-comunidade, constituindo um esforço de aproximação entre a cultura escolar e as culturas dos alunos e suas famílias “escola em parceria”, no sentido de sugerir relações mais horizontais, aumentando o grau de responsabilização e de participação local e gerando novas formas de regulação social (Dias, 2003).

Neste sentido, a escola não está socialmente isolada. A escola deve ser encarada como uma organização social que se insere numa determinada comunidade, a qual tem de ser tida em conta na enunciação dos seus objetivos e perante a qual tem de se responsabilizar pelos resultados.

Várias investigações revelam que o envolvimento dos pais na escola tem efeitos positivos nos resultados escolares dos seus educandos. “Os próprios pais

parecem beneficiar desta participação, em termos da valorização do seu papel ativo de educadores e no desenvolvimento da consciência da cidadania, tornando-os mais interventivos na causa pública” (Gonçalves, 2003, p. 12).

Em termos do desenvolvimento do objeto de estudo, importa sublinhar a importância de responsabilizar os pais e a comunidade na seleção de valores comuns, que pela temática do projeto serão ligados às competências chave do empreendedorismo. Do mesmo modo, a partilha de responsabilidades, quer no seu desenvolvimento, quer na sua avaliação, foram condições vitais para o impacto positivo do projeto.

2.2.1. Os valores

Fundamentada a visão de escola e comunidade que serve de cenário à análise do projeto, há também a necessidade de clarificar a questão da adoção dos valores que com ele são promovidos por parte da comunidade, partindo de um conjunto de competências-chave que se pretendem ver desenvolvidas.

Para assegurar a autonomia das escolas, estas necessitam de um dispositivo contratual, sob a forma de projeto, sobre o qual o Estado exerce o seu controle. Projeto é a palavra-chave em torno da qual se organiza a ação pedagógica e educativa em função da diversidade dos alunos; se mobilizam os atores locais; se avaliam e ajustam as ações a desenvolver, se organizam e mobilizam os recursos e se articula a política educativa nacional com o contexto local em que se desenvolve. Por outro lado, segundo Porto (2003) “as escolas não estão, nem nunca estiveram, organizadas de forma a criar narrativas poderosas e inspiradoras” (pp. 144-145). Assumindo esta ideia como um desafio, a questão a colocar poderá ser a de como criar uma narrativa que seja suficientemente inspiradora e que agregue competências curriculares, competências do empreendedorismo e valores que possam, de alguma forma, criar caminhos para um conjunto de valores comuns aceites por uma comunidade?

De facto, a educação necessita de uma narrativa de identidade assente no sujeito, “sem uma narrativa, a vida não faz sentido. Sem sentido, não há finalidade para a aprendizagem. Sem uma finalidade, as escolas tornam-se casas de correção, não de atenção” (Postman, 2002, p. 22). Nóvoa (2001) acrescenta que a “narrativa da identidade deve ser capaz de fornecer sentido tanto às vivências como às aprendizagens de cada um. A capacidade de conferir sentido é o que constitui a

narrativa da identidade, enquanto narrativa de afirmação não se inscreve numa narrativa coerente do ponto de vista dos seus projetos pessoais ou sociais” (p. 246).

Seguindo esta mesma linha de ideias, Correia (2005) afirma acreditar que para a "reactualização de alguns desafios colocados pelo desenvolvimento local" passam por "ênfatar as potencialidades transformantes do conflito social no pressuposto de que o exercício da democracia participativa constitui uma condição imprescindível", acrescentando que esse exercício "constitui também a própria essência do processo de reconstrução de uma relação social densa e diversificada" (p. 41).

Para que a comunidade aceite um conjunto de valores é necessário criar um corpo de ideias que se baseie na experiência pessoal de aprendizagem de cada um e, ao mesmo tempo, identificar os desafios colocados pelo desenvolvimento local. São estes que oferecem ao projeto uma finalidade e um conjunto de valores no sentido do que pode ser designado por “bem comum”, educando para a responsabilidade social. É nesta linha que se dirige a apreciação feita por La Farge (1992) no que se refere à formação da pessoa, expressa na pergunta: em quem é que o homem se tornou? Perante a questão – como se pode educar os jovens a serem cidadãos socialmente responsáveis de um novo mundo? – o autor apresenta um conjunto de propostas, tais como:

- aptidão para trabalhar de um modo cooperativo;
- habilidade para resolver problemas de um modo não conflituoso;
- conhecimento de outras culturas;
- capacidade de empatia com indivíduos de outras culturas;
- sentido de responsabilidade, respeito pelo ambiente e pelos recursos naturais;
- pensamento crítico sobre assuntos públicos, definição de uma posição de acordo com os valores de cada um;
- capacidade de transferir para ações os nossos conhecimentos e convicções enquanto cidadãos;
- participação ativa em discussões públicas.

Estes aspetos, segundo La Farge (1992), são entendidos com o educar para uma responsabilidade social.

Numa outra verte, o interesse pela criança na sua totalidade requer que as escolas e as famílias e as comunidades aprendam a trabalhar em conjunto. Explica Davies (1993) que no desenvolvimento do seu projeto tinha por objetivo fazer funcionar em conjunto a família, a escola e a comunidade, em ordem a promover o sucesso escolar. Para tal tomou seis tópicos em consideração:

(1) a ideologia, acreditando que todos os jovens são capazes de aprender e atingir o sucesso académico e social;

(2) a necessidade sentida, referindo-se ao interesse que os responsáveis (escola, encarregados de educação, comunidade) demonstram por uma inovação educativa;

(3) o plano para a ação, com a elaboração de projetos de colaboração entre os diferentes intervenientes, nomeadamente sala de pais, visitas domiciliárias, equipas de investigação;

(4) a ajuda, necessária para motivar os professores e encarregados de educação, o recurso a publicações torna-se insuficiente;

(5) o reconhecimento e a visibilidade, com a criação de ações que motive os intervenientes;

(6) o dinheiro, pela oferta de assistência técnica e consultoria e pelas oportunidades de concorrer a bolsas de estudo.

Deste modo, as experiências práticas e significativas surgiram com um projeto que tem por objetivo fazer funcionar em conjunto a comunidade, em ordem a promover o sucesso escolar relacionando-o com o desenvolvimento social, físico e emocional dos alunos. Ainda segundo a experiência dos investigadores acima referidos irão ser estas as linhas condutoras que poderão permitir uma aceitação da parte da comunidade a um conjunto de valores comuns que se irão traduzir no desenvolvimento do projeto.

Mas, uma questão importa agora colocar: que argumentos utilizar relativamente ao conjunto específico dos valores associados ao empreendedorismo?

2.2.2. O empreendedorismo no desenvolvimento pessoal dos alunos

Quanto ao Empreendedorismo, anteriormente apontado como sendo parte da integração pretendida no currículo definido no âmbito do Projeto E.L.F., o seu enquadramento desde o início da definição do projeto prendeu-se com as ideias

expressas por Carneiro (2000) relativamente às necessidades de mudança organizacional e social, que exigem aptidões de adaptação e inovação – traços relacionados com a personalidade empreendedora e com as competências chave para o Empreendedorismo (Pereira, Ferreira & Figueiredo, 2007, pp. 21-22), constantes da tabela 5.

Tabela 5

Relação entre as competências-chave para o empreendedorismo, os princípios essenciais de valores e abordagens metodológicas correspondentes à sua vertente social.

O empreendedorismo no processo educativo		
O desenvolvimento das Competências-chave...	...considera como princípios essenciais...	...e requer abordagens metodológicas participativas:
<ul style="list-style-type: none"> • Autoconfiança / Assumpção de riscos • Iniciativa / Avaliação / Energia • Resiliência • Planeamento / Organização • Criatividade / Inovação • Relacionamento interpessoal / Comunicação 	<ul style="list-style-type: none"> • Autonomia • Flexibilidade • Inovação • Mudança • Participação • Cooperação 	<ul style="list-style-type: none"> • Educação transversal para a vida • Centrada na ação • Focalizada no processo e nos resultados • Coerente e constante • Integrada multidisciplinarymente • Contextualizada • Construída pelos alunos e comunidade

Nota: Do autor.

Curiosamente, Roldão (1999) indicava não ver a escola a conseguir comportar-se como uma empresa, pois face ao insucesso dos últimos anos, não tem vindo a assumir ter um problema nem tentado perspetivar cenários organizacionais de resolução para levar todos os alunos a aprender. Carneiro (2000) parece responder salientando justamente a necessidade da aproximação entre os valores escolares e os empresariais:

Os valores de competição, que imperam na economia de mercado, terão de ser compatíveis com valores de humanismo que um sistema educativo solidário não pode descurar (...). A formação para o Empreendedorismo e para o risco transforma-se numa meta almejada e num propósito educativo claro (...). A cooperação para a competitividade passará a inspirar as metodologias educativas desde a mais tenra idade (...). Do mesmo modo, na medida em que os processos educativos contribuam para o reforço da coesão social eles estarão a enriquecer a qualidade da

vida comunitária e a estabelecer os fundamentos efetivos do desenvolvimento sustentável (p. 41).

Na pegada destas ideias, ainda recentemente, através do estudo “Entrepreneurship Projects and Pupil’s Academic Performance” (Johansen & Schanke, 2014), foram corroboradas as ideias de que a Educação pode potenciar estas capacidades empreendedoras. Ao mesmo tempo, acrescentava-se que pode favorecer igualmente o desempenho académico, sublinhando que “com menos enfoque na parte empresarial, projetos empreendedores podem constituir um bom método de ensino para melhoria do desempenho académico” (p. 155). Isto vem também ao encontro das ideias alinhadas no Projeto E.L.F. acerca da importância de uma integração curricular, envolvendo o Empreendedorismo com as diferentes áreas do currículo do 1.º Ciclo.

Nesse mesmo estudo – efetuado em escolas Norueguesas – além da importância atribuída à Educação Financeira como vital para o aumento do emprego de um país através do incentivo de hábitos de criação de planos de negócios, a mesma é vista como responsável pelo desenvolvimento dos traços do Empreendedorismo elencados por Carneiro (2000), ou seja, da criatividade, inovação, da coesão social e da cidadania, bem como pelo aumento de autonomia, confiança e capacidade de adaptação que providencia na população (Johansen & Schanke, 2014), podendo a escola assumir este papel desde logo na faixa da população ainda em idade escolar.

Se recorrermos novamente a Roldão (2013), podemos agora facilmente perceber que esta operacionalização do Empreendedorismo, através da Educação Financeira e as restantes áreas curriculares pode ocorrer de uma forma integrada e perfeitamente harmoniosa com as finalidades aglutinadoras do conhecimento curricular por ela apontadas:

- Permitir a integração social dos indivíduos como participantes ativos;
- Assegurar, pela passagem e crescimento do conhecimento e competências que dele decorrem, o desenvolvimento e sustentabilidade das próprias sociedades;
- Promover o potencial de que cada indivíduo é portador (p.19).

Assim, ao Empreendedorismo é dado o papel de área narrativa de projeto, a par das Ciências Sociais (envolvendo pais alunos, parceiros, escola, comunidade e

sociedade), servindo ambos de base ao desenvolvimento curricular integrado das restantes áreas (Português, Matemática, Expressão Dramática, Expressão Musical, Expressão Plástica, Educação para a Cidadania,...) com vista a desenvolver no alunos os traços de uma personalidade empreendedora, necessária para garantir uma postura que possa permitir aos alunos serem bem-sucedidos a nível do seu percurso educativo, do seu percurso laboral ou, essencialmente a nível do seu percurso de vida ou ainda a outros níveis como o da subsistência familiar.

No seu estudo, os autores referem ainda que, em pesquisas anteriores, foi possível encontrar correlações fortes entre o leccionamento do Empreendedorismo e o desenvolvimento das capacidades empreendedoras em alunos em idade de frequência do ensino secundário, mas o mesmo não sucedeu relativamente aos alunos em idade de frequência do 3.º ciclo e, por isso, o impacto pretendido em termos de assunção de riscos e criatividade não pôde ser encarado como atingido. Relativamente a esse facto, outros autores por eles referidos (Lautenschläger & Haase, 2011) defendem que existem traços pessoais inerentes ao empreendedorismo e que tentativas de desenvolvimento das mesmas através da Educação para o Empreendedorismo podem ser limitadas.

Johansen e Schanke indicam ainda que, se por um lado a Educação para o Empreendedorismo é apontada como foco de aumento da motivação escolar por parte da Comissão Europeia e da melhoria do desenvolvimento académico pelo Ministério da Educação norueguês, existem ainda outros estudos anteriores (Johansen, 2008; 2012) que indicam a existência de correlações entre o ensino do Empreendedorismo e a motivação escolar.

Mas será que esses aspetos se manteriam (o fraco desenvolvimento das capacidades empreendedoras nos anos de escolaridade mais baixos e a reduzida melhoria do desempenho académico) se a abordagem estabelecida nos projetos de Empreendedorismo fosse feita através de uma metodologia curricular integrada – em que a Educação para o Empreendedorismo fosse articulada com as restantes áreas – e desenvolvida desde a escolaridade inicial?

Ostenk, Leffler, Johansen e Mathisen, citados por Johansen e Schanke (2014), contrapõem estas mesmas ideias apontado a Educação para o Empreendedorismo como “a principal dimensão explanatória do desempenho académico” referindo que nos projetos de Empreendedorismo,

os alunos têm controlo sobre a sua própria aprendizagem, e a experiência prática é tida como motivadora e instrutiva, e a participação deverá desenvolver com o tempo a sua capacidade para buscarem conhecimento, serem criativos, cooperante com outros alunos e outras entidades fora do mundo escolar. Terem responsabilidades, e encontrarem soluções para diferentes problemas (p. 159).

Estes dois últimos autores também apontam, na fase final do seu estudo (relativamente à discussão), o desenvolvimento do conhecimento e capacidades ligados ao Empreendedorismo, como a primeira razão para se desenvolverem projetos como os referidos. Além disso, os seus resultados mostram que o desempenho académico nas turmas na faixa etária do 3.º Ciclo melhora progressivamente de uma forma mais evidente do que nas pertencentes ao Ensino Secundário. Relativamente a este último aspeto, os mesmos autores referem ser um resultado esperado uma vez que “responsáveis e /ou alunos que se envolveram mais [nos projetos de Empreendedorismo] do que o tempo médio, por exemplo, experienciem um efeito mais positivo do que os restantes participantes” (p. 162), lembrando ainda que os estudos anteriores sobre desempenho académico não mostraram diferenças na classificação entre alunos integrados nesses projetos ou não. Por outras palavras, é espectável, tal como foi ponderado ao iniciar o Projeto E.L.F. no 1.º Ciclo, que a exposição prolongada a um trabalho desenvolvido em torno do Empreendedorismo desde cedo, possa vir a ser mais marcante e decisivo para os alunos, à medida que avançam ao longo da escolaridade, o que é de facto um aspeto a ter em conta se realmente se pretender fomentar o assunto nas próximas gerações.

Tendo em conta que a opção por projetos deste tipo promove os conhecimentos e as capacidades empreendedoras, de uma forma tanto mais marcante quanto maior for o tempo em que estes se desenvolvem, é de ponderar se a opção por outros percursos como os do Projeto E.L.F. não serão alternativas igualmente ou até mesmo mais válidas de desenvolver o empreendedorismo. Isto se tivermos em conta que foi um projeto desenhado para uma comunidade específica e partindo de um diagnóstico sobre o contexto e a realidade onde os alunos se inserem, de modo a estes poderem projetar-se ao longo do tempo e de forma mais aplicada à prática, garantindo trabalhar atitudes e comportamentos uma forma inovadora.

Por fim, importa referir que socialmente as competências sociais promovidas pelo empreendedorismo associadas a uma educação para a responsabilidade social promovem nos alunos a aptidão para trabalhar de um modo cooperativo, habilidade

para resolver problemas de um modo não conflituoso, conhecimento de realidades mais abrangentes, capacidade de empatia com indivíduos com características de personalidade diferentes, sentido de responsabilidade, respeito pelo ambiente e pelos recursos naturais e locais, pensamento crítico sobre assuntos públicos, definição de uma posição de acordo com os valores de cada um e capacidade de participar de forma ativa em discussões públicas.

Para além destas competências, há ainda a acrescentar os impactos na motivação escolar e na promoção do potencial de cada indivíduo, contribuindo para a sustentabilidade social, integração social e promoção de hábitos de tomada de decisões informadas.

3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Tratando-se de um projeto de investigação-ação, antes de entrar na apresentação e fundamentação das opções metodológicas, importa lembrar os objetivos para a intervenção direta com os alunos.

Estruturar pontes entre conteúdos curriculares das várias áreas e anos de escolaridade de forma a proporcionar encadeamentos sequenciais de aprendizagem. Com este objetivo visamos garantir uma gestão do currículo coerente, quer no plano horizontal, reforçada com a prática de integração curricular, quer no plano vertical, entre os diferentes anos de escolaridade.

Identificar articulações entre conteúdos sequenciais do currículo e ligações à sua aplicação prática no quotidiano. Este segundo objetivo tem como propósito promover uma gestão curricular centrada em aprendizagens significativas, partindo dos saberes, das capacidades e das experiências dos alunos.

Vivenciar percursos com experiências variadas e de cariz prático. A intencionalidade deste objetivo remete para a diversidade de atividades e de experiências, proporcionadas pelo projeto E.L.F., proporcionando o desenvolvimento de competências diversas e reforçando a vertente prática das aprendizagens.

Reconhecer a aplicação do próprio potencial em situações de aprendizagem. Com este quarto objetivo, pretende-se levar o aluno a identificar pontos fortes que possua e rentabilizá-los no desenvolvimento de novas aprendizagens.

Desenvolver hábitos de trabalho conjunto que geram impactos individuais nas suas capacidades de criar, avaliar e decidir sobre ideias. O quinto objetivo centra-se na promoção de atividades que desenvolvem algumas competências relacionadas com o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, nomeadamente, ao nível da cooperação e da partilha de ideias.

Desenvolver hábitos de tomadas de decisão acerca do seu percurso de vida. O sexto e último objetivo têm como propósitos oferecer aos alunos a possibilidade de vivenciar um projeto caracterizado pelo estímulo à participação ativa dos alunos, desenvolvendo a sua capacidade de toma de decisões e, assim, a sua autonomia.

3.1. Enquadramento metodológico

Uma vez apresentados os projetos que orientaram a intervenção direta com os alunos, no âmbito do projeto E.L.F., foram desencadeadas diversas ações com o propósito concretizar a investigação que aqui se apresenta. Neste sentido, optou-se por um conjunto de opções metodológicas consideradas as mais adequadas, tendo em conta a problemática definida, os objetivos da investigação e as características do projeto.

3.1.1. Opções metodológicas

Este estudo desenvolver-se-á numa lógica de investigação-ação uma vez que primará por uma intervenção sobre a realidade, acompanhada de uma análise refletida em torno dessa intervenção (Coutinho, 2011), com vista a produzir uma mudança efetiva nas realidades onde o projeto E.L.F. é implementado. Insere-se, portanto, no paradigma socio-crítico, o qual, segundo Coutinho (2011), se caracteriza pela orientação da investigação para a mudança e para a transformação da realidade, numa perspetiva emancipatória do conhecimento.

Para a realização do estudo recorrer-se-á a uma metodologia predominantemente qualitativa, em que se procurará fazer uso de diferentes fontes de informação e também diferentes técnicas de recolha de dados. No entanto, sempre que tal se justifique, os dados serão tratados também quantitativamente, de forma a facilitar uma leitura mais global das situações. Com efeito, como refere Coutinho (2011), a investigação-ação “pode recorrer à generalidade dos métodos dos outros planos de investigação e a técnicas qualitativas e quantitativas, embora a tendência que predomina seja a de se privilegiarem as técnicas qualitativas (p.316).

Estas opções decorrem dos objetivos gerais do estudo e dos seus objetivos específicos, segundo os quais se pretende que os alunos...

- aumentem os níveis de motivação para as aprendizagens escolares;
- desenvolvam hábitos de trabalho cooperativo que reflitam as competências chave do empreendedorismo;
- experienciem vivências que facilitem aos alunos as tomadas de decisão ao longo do percurso educativo;
- valorizem as suas raízes locais;
- sejam valorizados na comunidade pelo tipo de trabalho que desenvolvem;

- desenvolvam traços sociais que favoreçam a realização das suas aprendizagens.

Através deles pretendem-se compreender as vivências do processo implementado, para além dos resultados alcançados. O recurso a diferentes fontes de informação e a diferentes técnicas de recolha de dados permitirá, por sua vez, a triangulação necessária à análise, garantindo, não apenas uma visão diversificada da complexidade do real, mas também uma tentativa de aumentar a fiabilidade dos resultados (De Ketelle & Roegiers, 1999).

No que respeita às técnicas e instrumentos de recolha e tratamentos de dados, as observações serão diretas e indiretas (Estrela, 1994). No que respeita às observações diretas elas serão de cariz naturalista participante, por vezes sistemáticas e, eventualmente, ocasionais (Estrela, 1994). No que concerne às observações indiretas far-se-á uso de consulta de análise documental, de questionários, de entrevistas e de registos escritos.

Quanto à análise da informação, e olhando à diversidade dos instrumentos de recolha de dados acima enunciados, os dados quantitativos serão tratados através de estatística descritiva, de forma a poder monitorizar e comparar a evolução desde o início ao final do processo, passando pelas fases intermédias de reavaliação. Quanto aos dados qualitativos recolhidos, pretende-se analisar mais detalhadamente aspetos relacionados com vivências ou experiências importantes relacionadas com as perceções, o impacto e alterações às perceções iniciais, que o percurso poderá vir a deixar nos alunos e comunidade educativa envolvente. Para tal, recorreremos à análise de conteúdo.

3.1.2. Investigação-ação e inovação

A investigação-ação é um processo que, segundo Fonseca (2013):

promove a reflexão crítica sobre a ação educativa, com o intuito de promover a inovação e a melhoria dessa ação. Trata-se, portanto, de um processo de investigação contextualizado, isto é, que parte da análise da realidade educativa, das suas necessidades e problemas, numa tentativa de lhes responder (p. 76).

Esta definição que vai precisamente ao encontro das necessidades do quadro inicial para o qual o Projeto E.L.F. foi pensado (Pina & Ferreira, 2014).

Na ótica de Fonseca (2013), ao assumir um currículo com um objetivo ponderado e intencional e olhando o seu desenrolar com um ponto de vista crítico, o professor adota uma postura de profissional reflexivo, com autonomia para inovar as suas práticas utilizando, para tal, as técnicas e procedimentos da investigação. Ela aponta por isso mesmo, a investigação-ação como favorecedora do “desenvolvimento das competências interpretativas, críticas e reflexivas dos professores, capacitando-os para a criação de espaços pedagógicos onde o processo de ensino-aprendizagem dos alunos seja contextualizado, integrador, integrado e significativo” (p. 79).

Sumariamente, o projeto pretende contribuir para “o esclarecimento e resolução dos problemas”, “o desenvolvimento profissional” dos docentes e participantes no mesmo, “o desenvolvimento da cultura profissional” e, se bem-sucedido, “para o conhecimento da sociedade em geral”, finalidades que Ponte define como características da investigação-ação em Educação (2002, p. 154).

De acordo com Sandín (2003) citado por Fonseca (2013), o processo de investigação-ação pauta-se por: (i) implicar a transformação e melhoria do contexto educativo, partindo de questões ou problemas práticos; (ii) ser uma investigação colaborativa envolvendo as pessoas implicadas na prática, pressupondo uma reflexão constante sobre o modo como decorre o próprio processo; (iii) e por se constituir como uma “espiral de mudança”, na qual a parte formativa está num plano de destaque.

Ponte (2008) sublinha ainda o que distingue uma investigação realizada por professores com recurso à reflexão sobre a prática da simples colaboração entre docentes é que a primeira “tem início com a identificação de um problema relevante para o qual se procura, de forma metódica, uma resposta convincente” e “só termina quando foi comunicada a um grupo para o qual ela faz sentido, discutida e validada no seu seio” (pp. 155-156). Assim, a divulgação à comunidade acaba por ser o fecho do ciclo que se inicia com a identificação do problema detetado no seio da mesma e que se encerra com o aumento do conhecimento da comunidade sobre a forma de resolvê-lo.

Beillerot (citado por Ponte, 2008) elenca o que caracteriza uma atividade como uma investigação: “(a) produz conhecimentos novos ou, pelo menos, novos para quem investiga, (b) segue uma metodologia rigorosa, e (c) é pública. Ou seja, a investigação envolve uma metodologia mas envolve também uma pergunta diretora e uma atividade de divulgação e partilha” (pp. 155-156).

Fonseca (2013,) indica que os benefícios deste processo inovador não são só para

escolas e os alunos, pela transformação e reinterpretção da matriz curricular nacional de acordo com as necessidades do contexto escolar específico, mas também os próprios professores, que evoluem profissionalmente. Através da reflexão na e sobre as suas práticas, os professores constroem conhecimento e, conseqüentemente, são desafiados a deliberar ativamente nos processos de ensino e a ponderar as suas responsabilidades nessa tomada de decisões (p. 79).

A mesma autora sintetiza a importância que o processo de investigação-ação pode ter para as finalidades de projetos como o E.L.F.:

Num tempo em que tanto se fala de crise mundial, não apenas no setor económico mas também no domínio social e axiológico, parece que uma vez mais é imperativo que a educação seja uma resposta convincente aos desafios da atual sociedade globalizada. Neste sentido, a investigação-ação colaborativa, (...) afirma-se como uma resposta pertinente à necessidade de a escola se assumir como uma instituição aprendente e promover um processo de aprendizagem contextualizado e significativo, potenciador do desenvolvimento do aluno enquanto cidadão ativo e crítico (Fonseca, 2013, p. 84).

O facto do Projeto E.L.F. ser um processo de investigação-ação desenvolvido por dois professores do 1.º Ciclo, apoiados por um conjunto de parceiros da comunidade local onde as suas escolas estão sediadas, é de resto uma situação que se está a tornar cada vez mais recorrente, já que, de acordo com Ponte (2008), os professores dos ensinos primário e secundário têm-se vindo a interessar cada vez mais por investigar os problemas com que se deparam, muitos (como neste caso) no quadro de mestrados e doutoramentos, sendo necessário reforçar as suas competências profissionais de forma a permitir-lhes usar a investigação como uma forma lidar com esses problemas.

A busca por parcerias de validação científica e a frequência do mestrado não são de resto meras opções casuais, uma vez que na opinião do mesmo autor (2008) “os professores universitários estão em posição privilegiada para investigar a sua própria prática” e do mesmo modo a daqueles que trabalham de perto, quer enquanto parceiros, quer enquanto formandos. “Na sua maioria, tendo feito doutoramento ou mestrado, têm treino como investigadores, têm a investigação entre as suas funções profissionais e defrontam-se na sua prática com numerosos problemas (insucesso dos

alunos, objetivos não atingidos, currículos ultrapassados, condições de trabalho inadequadas)". Naturalmente, constituem assim elementos valiosos a ter em conta e a recorrer quando se pretende mais do que "olhar apenas para os problemas" (p. 154).

Além disso, atendendo a que o Projeto E.L.F., no seu cerne, assenta numa articulação direta entre professores, alunos, famílias, comunidades e parcerias (e tendo ainda em conta o domínio da interação entre os professores investigadores e os parceiros de cariz educativo), não é difícil situá-lo num cenário para além da investigação-ação, alargado a uma comunidade de investigação. De acordo com Alonso (2013), esse cenário de criação de comunidades críticas de formadores e professores, em que "investigadores académicos e investigadores práticos" unem esforços em projetos com vista a mudanças educativas, com recurso a um "currículo mais flexível, mais integrado e relevante para aos alunos", leva também a um importante "diálogo entre formação inicial, formação contínua e inovação curricular, permitindo uma coerência de discursos e práticas entre "os dois mundos"" (p. 37). Para Cochran-Smith (citada por Ponte, 2008 p. 177), este tipo de investigação, envolvendo comunidades críticas, leva a "gerar [de] conhecimento local, [ao] perspetivar e teorizar [d]a sua prática, interpretar e interrogar a teoria e a investigação dos outros". Por conseguinte, é importante ter-se presente que, desde o início, com a identificação do problema, até ao final, com a devolução do conhecimento obtido à sociedade que ela afeta, este é um processo social e político que "envolve tornar problemáticas as atuais formas de organização da escola; as formas como o conhecimento é construído, avaliado e usado, e os papéis individuais e coletivos dos professores para promover a mudança" (Ponte, 2008, p. 177).

Um outro aspeto a ter em conta – em particular porque o projeto está a ser desenvolvido e analisado num contexto de investigação-ação, no qual os professores são investigadores e, ao mesmo tempo sujeitos eles próprios da ação do processo – é o seu papel e sua influência quer no processo, quer na leitura dos resultados.

Van Zanten (citado por Seabra, 2008) refere, ainda em relação ao sucesso que os alunos apresentam no processo educativo, fruto da maior ou menor proximidade das aprendizagens escolares com o universo cultural das famílias, que a esse aspeto se junta a imagem que o professor pode ter de cada aluno ou de cada turma. Segundo aquele autor, em condições iguais,

os alunos progredem melhor nas 'boas' turmas do que nas turmas 'fracas', porque os professores modelam consciente ou inconscientemente os conteúdos em função do suposto nível dos alunos: dão um ensino mais abstrato, centrado nos conhecimentos, e exigem mais das primeiras, enquanto proporcionam um ensino mais concreto, centrado na relação professor-alunos e mais tolerante aos desvios em relação às exigências nas segundas (Seabra, 2008 p. 97).

Assim, também de acordo com Duru-Bellat (citado por Seabra, 2008) o julgamento do professor pode ser afetado, mesmo que inconscientemente, pela condição sociocultural dos alunos e modelar o processo de ensino-aprendizagem, “acrescentando às dificuldades decorrentes da diferenciação cultural sentidas pelos alunos dos meios populares um novo obstáculo a vencer: as representações negativas (e respetivas expectativas) das possibilidades de aprendizagem desses mesmos alunos” (p. 98).

Ora, se por um lado o papel de professor-investigador se pode tornar “difícil”, justamente por poder influenciar a investigação, neste caso específico, pretende-se que, a haver influência, seja justamente no sentido oposto ao exemplificado; pretende-se chegar a todos os alunos e aproveitar os diversos tipos de inteligência que as turmas comportam, mas sem cair no erro apontado por Roldão (2013) de reduzir ou confundir, tanto as tentativas de diferenciação com a redução de exigência ou a formação de grupos de nível, como a relevância curricular com a seleção de conteúdos com base na familiaridade ou o agrado dos alunos. A mesma autora alerta ainda para o perigo de se cair também na tendência para valorizar as aprendizagens de carácter "prático" aplicadas aos alunos com mais dificuldades, guardando-se o currículo na sua globalidade para aplicar aos restantes alunos.

[a] associação redutora de relevância no currículo (...) vem persistentemente impedindo a introdução de qualidade de ensino e aprendizagem em áreas vocacionais ou profissionais, porque sempre olhadas (...) como um recurso, um remédio, uma via menor - em lugar da paridade que o seu efetivo e indispensável desenvolvimento traz ao enriquecimento da qualificação de qualquer população (Roldão, 2013, p. 18).

No entanto, delineou-se o Projeto E.L.F. de forma a aliar ao currículo nacional, através do empreendedorismo, uma forte vertente prática (não só no sentido de operacionalização física, mas acima de tudo conjugando os conteúdos desse mesmo currículo com situações concretas, vivenciadas no quotidiano dos alunos). Esta combinação é conseguida através de uma partilha de experiências por todos os alunos

das turmas, com vista a mobilizar todos os tipos de inteligência nela existentes aproveitando e valorizando conhecimentos prévios e experiências que vão contribuindo para tomadas de decisão e formalização de opiniões e assim prepará-los para os momentos de decisão que surgirão ao longo do seu percurso escolar e de vida. De resto, esta experiência generalizada garante a coesão do grupo, ao ser implementado um mecanismo de rotação de papéis, que é, por seu turno, uma abordagem particularmente rica para trabalhar os perfis individuais (considerados anteriormente como os mais difíceis de conseguir atingir).

Além de enraizado no contexto e na comunidade onde as escolas do projeto se inserem, garantindo assim condições favoráveis para a integração de alunos com diversos tipos de inteligência, o Projeto E.L.F. pode ainda assegurar uma maior rentabilização das mesmas, por permitir que tirem um maior partido das aprendizagens proporcionadas na escola, em virtude de ser um projeto alargado e complexo em termos de interações. Neste sentido, Beane (2003) indica que “projetos deste género afetam todas as dimensões de integração. Cada indivíduo tem a oportunidade de criar o seu próprio contexto e métodos de integração através da sua participação na planificação dos projetos” (p.104).

Em particular, quando no projeto se cria um cenário de trabalho sistemático em grupo (com rotação de papéis dentro de cada um dos grupos), permitindo que os alunos, assim integrados, possam participar da planificação conjunta do currículo, “a problemática da integração de interesses pessoais e sociais torna-se uma preocupação séria” (Beane, 2003, p. 107). Num quadro de planificação como este, sobressai a ideia de uma educação geral e coletiva, em vez de uma educação especializada e individualista pois ao invés vez de haver um foco nos interesses independentes de cada indivíduo, ele incide na “intenção [de] agrupar jovens numa experiência partilhada de preocupação mútua” Os interesses individuais não são deixados de lado com o formato do projeto, mas passam assim a estar ligadas e são partilhados como parte integrante de um projeto de grupo.

Se atentarmos em cada um destes aspetos e ao refletirmos sobre todas as características do Projeto E.L.F percebemos facilmente que se trata de um percurso inovador. Foi pensado desde o início, de uma forma natural e até pouco habitual (num contexto de pouca preocupação pelas questões teóricas e muito pela sua importância e valor de aplicação prática), de forma a poder contemplar todos e cada um dos

referidos aspetos, sendo eles que de facto trazem ao projeto essa importância e o valor que lhe têm vindo a ser reconhecidos.

Alonso (2013) alerta ainda para a necessidade de articular, de forma sistemática, projetos de inovação assentes em processos de investigação-ação e na “*educational design research*”, com o desenvolvimento crescente da inovação, a fim de se obter uma inovação duradoura no sistema educativo. Salaria que esta articulação e estes projetos deverão ser “conduzidos por equipas mistas de professores das escolas e de investigadores académicos” (p. 45) que integrem redes educativas internacionais, preocupação que mais uma vez foi espelhada no projeto, desde que foi procurada a parceria com a Escola Superior de Educação de Lisboa.

Mediante o percurso desenvolvido ao longo do estudo, haverá lugar à identificação e supressão de necessidades de formação do docente, através de um processo de reflexão que lhe garantem a identificação das necessidades reais e concretas, correspondentes de facto a uma formação útil.

Ponte (2008, p. 169) apresenta justamente exemplos de registos de uma metodologia assente num trabalho de cooperação entre dois autores e começa pela metodologia de recolha de dados com recurso a diversos instrumentos:

- a) sessões de reflexão conjunta entre ambos sobre aulas e sobre o desenvolvimento do trabalho da disciplina, dando origem a notas de reflexão;
- b) escrita de diários, contendo o objetivo da aula, uma descrição resumida do que se passou, o relato de algum incidente (por vezes sob a forma de narrativas), e uma reflexão sobre as aulas;
- c) escrita de notas de reflexão sobre as reuniões de preparação das aulas;
- d) registos escritos dos alunos sobre as suas experiências.

Através deste processo, pretende-se que o professor assumo o compromisso de questionar de forma sistemática a sua prática, as teorias e os valores que enfoca; deve conceber um currículo centrado num processo que promove a libertação e emancipação de um currículo aplicado de forma rígida, devendo este ser um meio de promover conteúdos e de favorecer a capacidade crítica e reflexiva. O objetivo final deste percurso deverá ser levar o docente a compreender a realidade e promover a sua reconstrução.

De modo a garantir que um professor participante numa investigação-ação consiga criar alguma distância em termos de envolvimento (evitando assim as críticas normalmente associadas a este tipo de processo), Ponte (2008, p. 174) recomenda o uso de três recursos ao seu alcance: (a) recorrer à teoria, (b) tirar partido da sua vivência num grupo e (c) tirar partido do debate no exterior do grupo. Segundo ele, e citando Pina-Cabral (1991), o primeiro recurso, a teoria, corresponde à “experiência acumulada pelos seus antecessores [e] produz um padrão de referência”. Quanto ao segundo recurso, a vivência no grupo, “permite ao investigador confrontar diretamente as suas perspetivas com a de outros “amigos críticos”, criando igualmente distância em relação a si mesmo, às suas conceções e aos seus preconceitos pessoais”. Finalmente, o último recurso, o debate no exterior do grupo, “com outros elementos da profissão, da comunidade educativa e da sociedade em geral, pode introduzir igualmente um fator de diferença e ajudar a relativizar as nossas próprias perspetivas”.

3.1.3. Procedimentos de registo de dados

Como referimos antes, no que respeita às técnicas e instrumentos de recolha e tratamentos de dados, as observações serão diretas e indiretas (Estrela, 1994). No que concerne às observações indiretas fez-se uso de consulta de análise documental, de questionários (para alunos e professores), de entrevistas (a encarregados de educação), de registos escritos (sobre alunos e o decorrer do projeto) e de publicações (de etapas do projeto, para recolha de dados estatísticos relativos à divulgação à comunidade). Por outro lado, no que toca às observações diretas elas serão de cariz naturalista participante, por vezes sistemáticas e, eventualmente, ocasionais (Estrela, 1994).

Relativamente ao percurso do estudo, foi definido um plano de intervenção que continha uma fase de avaliação inicial das competências (diagnóstico), uma fase de implementação que, ao longo do seu desenvolvimento, privilegiou a recolha intermédia dos dados, a divulgação de atividades (processo de investigação-ação), a observação, a reflexão, se necessário ajustes ao percurso e, finalmente uma fase de avaliação final das competências, assente na comparação com o diagnóstico inicial e atentando nos objetivos do estudo (Tabela 6).

Ghiglione & Matalon (1993) alertam que o uso de questionários implica uma conceção e redação cuidadas – “deve ser concebido de tal forma que não haja

necessidade de outras explicações para além daquelas que estão explicitamente previstas” (p. 119) uma vez que os mesmos se destinam à exploração estatística.

Tabela 6

Síntese da organização dos instrumentos de recolha utilizados no estudo.

Fases	Objetivos	Técnicas e Instrumentos de recolha de dados e registo de informação
• Avaliação Inicial	• Determinar o nível de competências do empreendedorismo dos alunos	• Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos
	• Determinar o percurso escolar (fatores de influência, exclusão académica) dos EE • Averiguar os seus conhecimentos sobre as competências ligadas ao Projeto E.L.F. (empreendedorismo) • Identificar as suas expectativas sobre o papel da escola e do professor (promoção da ligação escola-comunidade)	• Entrevista de Grupo aos pais
• Negociação e Planeamento	• Apresentar aos EE a proposta de implementação do Projeto E.L.F. (as competências e os valores individuais e comunitários nele desenvolvidos e consequentes atividades)	• Recolha informal de opiniões sobre o projeto
	• Planificar a implementação do Projeto E.L.F.	• Recolha informal das apreciações pelos órgãos do AE, outros docentes, pais e alunos
• Implementação	• Desenvolvimento das atividades planeadas e ajustamentos do planeamento inicial	• Visualizações no <i>Youtube</i> • Análise dos projetos dos alunos • Análise das produções dos alunos • Diários de aula • Análise dos registos do trabalho efetuado
• Divulgação	• Divulgação das atividades do Projeto E.L.F. para além da esfera local • Permitir o reconhecimento do valor do trabalho desenvolvido pelos alunos	• Visualizações obtidas na divulgação do Projeto E.L.F.
		• Participação dos docentes do Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes no Workshop
		• Questionário sobre a Aplicação do Projeto ELF para professores
• Avaliação Final	• Determinar a valorização da aplicação do Projeto E.L.F. pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência	• Relatório de Avaliação Externa das Escolas
	• Determinar o nível de competências do empreendedorismo adquirido (ou desenvolvido) dos alunos	• Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras
	• Determinar a valorização da aplicação do Projeto E.L.F. pelos EE • Averiguar o impacto do Projeto E.L.F realizado pelos alunos nas conceções dos pais sobre empreendedorismo • Determinar ao grau de valorização dos pais relativamente ao do papel da escola e do professor (promoção da ligação escola-comunidade)	• Entrevista de Grupo aos pais
	• Identificar as atividades do projeto mais valorizadas pelos alunos e pela comunidade • Aferir a capacidade de tomada de decisão • Aferir perspetivas de futuro	• Questionário de Avaliação Global do Projeto aos alunos
	• Registrar a perceção de momentos-chave e superação de obstáculos decorrentes do projeto, por parte dos alunos	• Diários de aula
	• Determinar o grau de sucesso escolar dos alunos	• Grelhas de avaliação no final dos períodos letivos

Nota: Fonte própria.

Os mesmos autores apontam, ainda no caso dos questionários, que para garantir a mais-valia da comparabilidade das respostas de todos os indivíduos, é imperativo que as questões sejam colocadas a cada pessoa de igual forma, “sem adaptações nem explicações suplementares resultantes da iniciativa do entrevistador, mas poderá haver vantagens no agrupar de questões relacionadas pelo tema para evitar dar a impressão que nos repetimos.

No caso da investigação-ação, reconhece-se a existência de uma técnica que é exclusiva deste design: o questionário feedback (Bisquerra, citado por Coutinho, 2011). Este questionário aplica-se em duas fases: no início, para diagnóstico da situação e durante o projeto e/ou no final, para conhecer a perceção dos participantes sobre os resultados. Quando aplicado durante o projeto, os seus resultados são reinvestidos na ação, reorientando-a.

A aplicação de questionários compostos, na sua maioria, por questões fechadas (como os que se utilizaram neste estudo), tem um tempo máximo recomendado de 45 minutos, se feito em boas condições mas se for aplicado num lugar público, “tendo à volta pessoas que falam ou que podem intervir” (Ghiglione & Matalon, 1993, p.124), dez minutos é o máximo recomendado. Como uma escola é um desses lugares públicos, mas ao mesmo tempo é um espaço familiar e confortável, projetou-se uma aplicação para um tempo intermédio de 20 a 30 minutos.

De entre os elementos de avaliação definidos para avaliar o Projeto E.L.F. (anexos 2 e 3), figuram então os questionários usados.

Os primeiros questionários a serem definidos foram os Testes de Capacidade Empreendedora para Crianças (anexo 6). Estes foram adaptados a partir do Teste Europeu de Empreendedorismo (IAPMEI, 2012) com vista a poder aplicá-los a crianças e essa aplicação foi pensada em dois momentos: no início e no final do ano letivo, com a finalidade de permitir a sua comparação e aferir como evoluíram as capacidades empreendedoras nos alunos à medida que o projeto foi sendo desenvolvido (anexos 21, 22 e 23).

Além deles, foram ainda criados mais dois questionários, destinados a obter feedback sobre o processo desenvolvido. O segundo destinou-se também a alunos (anexo 26) pretendia levar os alunos a uma breve reflexão e a recolher as suas opiniões acerca das atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto E.L.F. de um modo geral e às suas perspetivas futuras (respostas em anexo 27). O último questionário (anexo 24) destinou-se também a levantar a opinião dos professores (respostas em

anexo 25) presentes num workshop relacionado durante o desenrolar do projeto, a pedido do Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes, acerca do desenvolvimento do Empreendedorismo em sala de aula e das vertentes de desenvolvimento do Projeto E.L.F.

Quanto às entrevistas, são instrumentos que contribuem para uma visão mais aprofundada da situação, pois, como foi já indicado, as questões fechadas de um questionário podem ser mais concisas e por isso mais “cómodas”, mas deixam de lado uma série de aspetos enriquecedores e podem ainda, se o questionário for longo, torná-lo fastidioso (pp.130 e 131), sendo por isso conveniente o recurso a um instrumento que possa contrariar estes aspetos, conferindo ao estudo um panorama mais completo.

Optou-se pela realização de entrevistas de grupo (por amostragem de conveniência a uma seleção de encarregados de educação de ambas as turmas, que fossem representativos da heterogeneidade económica e sociocultural dos pais dos alunos), reconhecidas por Bogdan e Biklen (1994,) como sendo úteis para facilitar a passagem do entrevistador para o mundo dos sujeitos. Estes autores afirmam:

Nessa situação, várias pessoas juntas são encorajadas a falarem sobre um tema de interesse . . . Geralmente revela-se uma boa forma de obter novas ideias sobre temas a discutir em entrevistas individuais” e essa, a par da rentabilização do tempo a despender, foram as razões que fizeram a escolha recair nesta modalidade (Bogdan e Biklen, 1994, p.138).

Em relação aos entrevistados, como se referiu anteriormente, foram selecionados por conveniência, dentro da disponibilidade conhecida dos encarregados de educação dos alunos, mas também tentando que essa amostragem fosse um reflexo da composição dos alunos da turma. Deste modo, procurou-se corresponder ao que Flick (2005, p.118) aponta como a organização de “um grupo natural (isto é, existente na vida do dia-a-dia)” e que sendo ele composto de acordo com a heterogeneidade das turmas, apresenta “diferenças nas características importantes em relação à problemática da investigação”, favorecendo “a dinâmica do debate, de modo a serem expressas muitas perspetivas diferentes e a romper a reserva dos participantes, por meio do confronto de pontos de vista”.

Além disso, houve o cuidado de seguir as indicações de Patton (1990) citado por Flick, U. (2005, p. 116) que apontava para que uma entrevista de grupo deva ser

realizada com um pequeno grupo de pessoas, constituído por seis a oito participantes, centrada num tema específico e com uma duração entre meia hora e duas horas.

Este autor valoriza as entrevistas de grupo, por terem como ponto positivo “um certo controlo de qualidade sobre os dados produzidos [pois] os participantes tendem a controlar-se e a equilibrar-se uns aos outros, excluindo os pontos de vista extremados” (p. 116). Por outro lado, também vê nelas alguns pontos fracos, como “o número limitado de questões que permite tratar e a dificuldade de tomar notas durante a entrevista” (p. 116), mas ambos os aspetos revelaram-se fáceis de contornar, uma vez que os assuntos a questionar eram reduzidos e se optou por fazer um registo audiovisual, que não só facilita este aspeto, como torna mais rápida e correta a transcrição posterior das mesmas.

De resto, feita a análise aos prós e contras do processo, Patton (1990) resume as vantagens da utilização através “da sua riqueza de dados, o seu baixo custo, a estimulação dos respondentes e o apoio dado à recordação dos acontecimentos, além de poder chegar mais longe que a entrevista individual”.

Por seu turno, Flick (2005, com base em Pollock, 1995) encara os debates de grupo como preferenciais à entrevista individual porque “se deve evitar o estudo das atitudes, opiniões e práticas dos seres humanos, artificialmente isolados dos contextos em que ocorrem” (p. 117). Continua sublinhando que “os debates de grupo correspondem ao modo como as opiniões são produzidas, expressas e trocadas, no dia-a-dia” e que possuem ainda como característica a “validação das afirmações e opiniões expressas pelo próprio grupo, através das correções feitas à opiniões extremas, incorretas ou não partilhadas socialmente”, o que faz do próprio grupo “um instrumento da reconstituição mais ajustada das opiniões individuais”. O mesmo autor enfatiza ainda que “os debates de grupo podem mostrar como as opiniões nascem, e principalmente como mudam, se afirmam e se abandonam, nas trocas sociais. A coleta de dados verbais pode ser melhor contextualizada com os debates de grupo” (p. 121).

Na realização das entrevistas houve alguns cuidados, designadamente com a linguagem a utilizar, a condução do processo de entrevista, as formas de moderação de um debate de grupo e as questões.

Quanto à condução do processo de entrevista, Flick (2005) cita Fontana e Frey (2000) indicando que um entrevistador deve ser “flexível, objetivo, empático, persuasivo, bom ouvinte” e ter como preocupação “impedir que um participante ou um

subgrupo dominem com as suas intervenções a entrevista (...) e incentivar os participantes mais calados a envolverem-se e a exprimirem os seus pontos de vista” (p. 116).

Flick (2005) aponta, como formas de moderação de um debate, controlar o início, desenvolvimento e termo do debate, a introdução de novas questões e a orientação e relançamento do debate, perturbando “o menos possível a iniciativa dos participantes, deixando-lhe um campo tão livre quanto puder, para que o debate se faça acima de tudo pela troca de argumentos” (p. 119).

Quanto às questões, Ghiglione e Matalon (1993) também recomendam cuidados de controlo com a estrutura lógica da questão (as negações e as duplas negações, em particular), refletir sobre as diferentes respostas possíveis (e eventuais ambiguidades), evitando introduzir duas ideias na mesma questão e evitar termos carregados de afetividade, de juízos de valor e de conotações que podem influenciar as respostas.

Relativamente às entrevistas utilizadas (anexos 7 e 28), foram preparadas duas entrevistas para aplicar aos encarregados de educação, tentando focar alguns aspetos em comum para poder ser feita a aferição entre o início e o final da aplicação do Projeto E.L.F., embora apresentem algumas diferenças devido à primeira contar com as habituais questões destinadas a ambientar os entrevistados e também a averiguar alguns aspetos do seu próprio percurso académico e a segunda conter algumas questões destinadas a obter um balanço final e perspetivas futuras da parte dos pais. No que toca à parte comum dessas entrevistas, esta centra-se no conhecimento do conceito de empreendedorismo e nas suas competências-chave, no valor do Projeto E.L.F. (nomeadamente em termos da articulação curricular que p mesmo possui e da interligação com a comunidade) e no papel que os professores e as escolas assumem quando integram projetos deste tipo que as colocam numa posição mais central na comunidade.

Para além das entrevistas, realizar-se-ão ainda diários de aula, que permitem o registo de etapas/incidentes relevantes ocorridos no desenrolar do processo, e a interação com e entre os alunos. Como Hernandez (1986) citado por Zabalza (1994) afirma, “se o objetivo é o de incorporar a informação no processo explicativo da realidade social, situamo-nos a um nível diferente que permite integrar os dados e fazer avançar a teoria” (p. 84) e é essa a mais valia da utilização deste tipo de registo, ainda que para Zabalza (1994) “[o] trabalho com documentos pessoais implica, à

partida, um notável risco metodológico, risco esse inerente, por um lado, à sua inserção no contexto da investigação qualitativa (...) e, por outro lado, inerente à natureza particular dos dados em si (autoinformações dadas pelo próprio sujeito)” (p. 84).

O uso deste tipo de instrumento de avaliação permitiu registar momentos episódicos, mas de extrema importância, pelo tipo de apreciação de monitorização do decorrer do processo que permitem realizar. Apesar de se ter procedido a vários destes registos, serão utilizados apenas os que dizem respeito à dimensão social do projeto e que se encontram anexados no final deste estudo (anexos 16, 17, 18, 19 e 20). Por outro lado, existe ainda uma panóplia de outros registos que, embora não se possam encaixar na nomenclatura dos diários de aula, até por serem realizados coletivamente com os alunos, enquadram-se igualmente nas ideias de Zabalza acima referidas e permitem atingir o mesmo tipo de objetivo que esses instrumentos – são os registos periódicos decorrentes do desenrolar do projeto nos momentos de reflexão entre todos os elementos participantes no funcionamento das “miniempresas” (anexos 8 e 9).

3.1.4. Técnicas de análise de conteúdo

Bardin (2008) define a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” que “tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas (...) para compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis”, que “toma em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição destes conteúdos e formas (...) e visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc.” (pp. 44-45). Para isso, as técnicas de análise de conteúdo poderão variar de acordo com o instrumento de recolha de dados utilizado. Para Ghiglione & Matalon (1993), ao tratarmos dados recolhidos com recurso a questões fechadas, recorrer-se-á a tratamento da análise estatística das respostas, mas, por outro lado, “para que as respostas às questões abertas possam ser exploradas da mesma forma é preciso codificá-las, ou seja, agrupar as respostas, todas diferentes, que terão sido recolhidas, num pequeno número de categorias que serão em seguida tratadas da mesma forma que as respostas às questões fechadas” (p. 131). Estes autores recomendam que, para este processo de codificação poder ser correto e com o mínimo de perdas de informação, se tenha o registo exato das respostas, “sem [se]

efetuar qualquer triagem, resumo ou simplificação”, visão que também é partilhada por Flick (2005, pp.123-124).

No presente estudo, as entrevistas foram gravadas e transcritas (anexos 29 e 30), sendo depois sujeitas a análise de conteúdo (anexo 31). Para tal, recorreu-se a procedimentos predominantemente indutivos ou abertos (Esteves, 2005), tendo como referência, no entanto, os blocos temáticos do guião da entrevista e os objetivos do projeto. Assim, procedemos ao recorte do material em unidades de registo que agrupámos em indicadores, que depois foram agrupados em subcategorias e categorias relativas a cada um dos temas. Considerámos como unidade de registo a unidade mínima de significação (frase, parte de frase, conjunto de frases) e como unidade de contexto toda a entrevista. As unidades de registo foram tomadas como unidades de enumeração, tornando possível a quantificação de frequências.

Na categorização tivemos em conta os princípios básicos enunciados por Bardin (2008): a exaustividade, a homogeneidade das categorias, a exclusão mútua, a pertinência e a objetividade.

3.2. Caracterização dos participantes

As turmas envolvidas no estudo do Projeto E.L.F. são a A da EB de Almargem (17 alunos) e a B da EB de Pero Negro (20 alunos), num **total de 37 crianças** (Tabela 7).

Tabela 7

Número de alunos por turma/escola e género, envolvidos no Projeto E.L.F.

Turma / Escola	Masc.	Fem.	Total
Turma A EB Almargem	7	10	17
Turma B EB Pero Negro	12	8	20
Total	19	18	37

Nota: Fonte própria.

Um elevado número de alunos destas duas turmas usufruem de **apoio social**: na turma de Almargem temos 12 alunos subsidiados (9 no escalão A e 3 no escalão

B); na turma de Pero Negro encontramos 14 alunos subsidiados (8 no escalão A e 6 no escalão B).

As idades dos alunos das duas turmas variam entre os 6 e os 10 anos. Nota a destacar é a da composição de cada turma no que se refere à sua **distribuição por anos de escolaridade**, visto que se trata de realidades muito diferentes (Tabela 8)

Tabela 8

Número de alunos por turma/escola e género, envolvidos no Projeto E.L.F.

Turma / Escola	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	Total
Turma A EB Almargem	1	4	6	6	17
Turma B EB Pero Negro	-	9	11	-	20
Total	1	13	17	6	37

Nota: Fonte própria.

No que diz respeito ao número de **retenções**, o grupo de alunos apresenta um total de 6 alunos com retenções: na turma A, 4 alunos com uma retenção e 1 aluno com duas retenções no ciclo; na turma B, 2 alunos com uma retenção e 1 aluno com duas retenções no ciclo.

Na turma da escola de Almargem encontramos 2 enquadrados no **Regime Educativo Especial** (REE), sendo um deles permanentemente acompanhado por auxiliar de ação educativa e integrado numa unidade de multideficiência. Na turma da escola de Pero Negro encontram-se também 4 alunos enquadrados no REE.

Todos os alunos possuem a **nacionalidade** portuguesa. No entanto, na turma da EB de Pero Negro 3 alunos tinham ascendência estrangeira: ucraniana, angolana e santomense.

Relativamente às famílias dos alunos envolvidos no estudo a idade das mães varia entre os 25 e mais de 46 anos centrando-se a maioria na faixa entre os 31 e os 35 anos. Por seu lado os pais variam entre os 26 e mais de 46 anos situando-se a maioria deles entre os 31 e 45 anos.

Profissionalmente a grande maioria das mães trabalha no setor terciário havendo uma grande faixa de desempregadas. São poucos os casos que trabalham no setor secundário e ainda menos no primário. Quanto aos pais a maioria trabalha

nos setores secundário e terciário, havendo um número significativo de desempregados e apenas um a trabalhar no setor primário.

Em termos académicos das mães, regista-se uma heterogeneidade, variando entre o primeiro ciclo e a licenciatura, com predominância no secundário e segundo ciclo, quase a par do terceiro ciclo. No que toca aos pais, a variação das variações académicas ocorre entre o primeiro ciclo e o grau de mestrado, embora a predominância esteja distribuída equitativamente pelo primeiro, segundo, terceiro ciclo e secundário.

Para uma análise mais detalhada pode-se consultar o documento em anexo. (anexo 5).

3.3. Plano de intervenção

Tal como se referiu durante a apresentação da linha condutora do projeto, partindo do Empreendedorismo conjugado em primeira linha com as Ciências Sociais, são articulados conteúdos de Português, Matemática, Ciências da Natureza, Expressões Artísticas e Educação Física, Educação Financeira e Educação para a Cidadania. Mas para que esta articulação ser possível, há primeiro que providenciar as condições favoráveis à abordagem do empreendedorismo interligada com as Ciências Sociais e nessa perspetiva, na sua fase de estruturação o projeto teve de passar por uma série de fases que importa salientar (Tabela 9):

Fase 1 – Realização de um levantamento de equipamentos e bens materiais do concelho que estivessem subaproveitados e que de alguma maneira pudessem ser rentabilizados pelo projeto.

Fase 2 – Identificação dos conhecimentos e gostos locais, onde foi notório o impacto que o sector primário teve no passado, setor esse que tinha vindo a perder terreno para o terciário mas que neste momento também começava a estagnar e a retroceder.

Fase 3 – Construção do suporte teórico do projeto, apresentando cruzamento das competências curriculares com as competências do empreendedorismo e literacia financeira, utilizando recursos e saberes existentes de forma a viabilizar a aplicação do projeto em ações empreendedoras (trabalhos de cariz prático) com custos de oportunidade e custos financeiros muito reduzidos, que nunca deveria ser suportado pelos pais dos alunos. Toda esta articulação exigiu da parte dos docentes envolvidos

no projeto uma reorganização do desenho curricular que garantisse, em relação às várias áreas, o encadeamento e relevância para a sequência pretendida, de modo a tornar o currículo visivelmente significativo para os alunos.

Fase 4 – Obtenção da autorização do agrupamento para poder operacionalizar o projeto e reunir as parcerias necessárias, sem que houvesse prejuízo do cumprimento do horário letivo, nem de todas as atividades e responsabilidades inerentes ao cumprimento de serviço.

Fase 5 – Cooptação de parcerias.

Fase 6 - Operacionalização.

Fase 7 - Avaliação.

Fase 8 - Divulgação e expansão.

Tabela 9

Síntese das atividades desenvolvidas em cada fase.

Fases	Objetivos	Atividades	Técnicas e Instrumentos de recolha de dados e registo de informação
• Avaliação Inicial	• Determinar o nível de competências do empreendedorismo dos alunos	• Aplicação do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos	• Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos
	• Determinar o percurso escolar (fatores de influência, exclusão académica) dos EE • Averiguar os seus conhecimentos sobre as competências ligadas ao Projeto E.L.F. (empreendedorismo) • Identificar as suas expectativas sobre o papel da escola e do professor (promoção da ligação escola-comunidade)	• Realização de Entrevista de Grupo (amostragem por conveniência) aos EE	• Entrevista de Grupo aos pais
• Negociação e Planeamento	• Apresentar aos EE a proposta de implementação do Projeto E.L.F. (as competências e os valores individuais e comunitários nele desenvolvidos e consequentes atividades)	• Apresentação de diapositivo sobre o projeto na primeira reunião de EE • Auscultação de opiniões para sintonia de valores e recolha de atividades propostas pelos EE	• Diapositivo de apresentação do projeto E.L.F. e recolha informal de opiniões aos Encarregados de Educação
	• Tornar visível aos alunos e à comunidade escolar a linha condutora do projeto • Registrar a articulação curricular estabelecida ao longo da implementação do projeto • Registrar a integração das atividades empreendedoras desenvolvidas no âmbito do projeto	• Criação de cartaz para o registo de implementação do Projeto E.L.F. com os alunos	• Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F.
	• Estruturar um Plano de Negócios para as miniempresas a serem constituídas nas turmas com os alunos	• Auscultação e negociação de ideias dos alunos para escolha de uma atividade económica onde centrar o Projeto E.L.F.	• Plano de negócios (<i>startup plan</i>)
		• Visita de Estudo à Hortorres e Campoeste - armazenamento, exportação e transformação de produtos	• Guião de trabalho para os alunos • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no <i>Facebook</i> e no <i>Youtube</i> • Textos coletivos dos alunos
	• Levantamento dos dados necessários à criação do Plano de Negócios pelos alunos • Criação do Plano de Negócios com os alunos	• Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. • Plano de negócios (<i>startup plan</i>)	
• Planificar a implementação do Projeto E.L.F.	• Planificação anual/mensal da integração curricular com as atividades empreendedoras com os alunos	• Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F.	

<ul style="list-style-type: none"> Implementação 	<ul style="list-style-type: none"> Aumentar o vocabulário técnico ligado ao empreendedorismo e à educação financeira dos alunos e EE Providenciar um enquadramento histórico para o conceito de empreendedorismo e a criação de empresas 	<ul style="list-style-type: none"> Sessão sobre literacia financeira, empreendedorismo e criação de empresas para os alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no <i>Facebook</i> e no <i>Youtube</i> Entrevista de grupo Textos coletivos
	<ul style="list-style-type: none"> Sensibilizar para a importância da utilização de recursos e energia no dia-a-dia (a nível empresarial e doméstico) Sensibilizar para necessidade de poupança destes recursos e para o impacto ambiental e económico daí decorrente 	<ul style="list-style-type: none"> Sessão sobre recursos hídricos e energéticos e o seu impacto na vida das empresas e das famílias para os alunos 	
	<ul style="list-style-type: none"> Alargar o potencial de produção das miniempresas Conhecer as etapas de construção de uma estufa Reconhecer aspetos positivos da cooperação entre parceiros 	<ul style="list-style-type: none"> Construção das estufas pelos alunos da E.P.A.F.B.L. 	<ul style="list-style-type: none"> Plano de negócios (<i>startup plan</i>) Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no <i>Facebook</i> e no <i>Youtube</i>
	<ul style="list-style-type: none"> Fomentar a ligação intergeracional através da valorização dos conhecimentos dos membros mais antigos da comunidade Perpetuar técnicas tradicionais com impacto na economia familiar e do meio 	<ul style="list-style-type: none"> Sessões sobre recuperação de técnicas agrícolas tradicionais - criação de réstias, localização de lençóis de água, processos de poda e enxertia, extração de mel e importância da polinização 	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista de grupo Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no <i>Facebook</i> e no <i>Youtube</i> Textos coletivos dos alunos
	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer a comparação de técnicas modernas com tradicionais, em termos de produtividade e impacto ambiental Informar sobre a existência de percursos escolares diferentes, para futuras tomadas de decisão 	<ul style="list-style-type: none"> Visita de estudo à EPAFBL 	<ul style="list-style-type: none"> Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no <i>Facebook</i> e no <i>Youtube</i> Textos coletivos dos alunos
	<ul style="list-style-type: none"> Afinar o Plano de Negócios com vista à superação de obstáculos e à antecipação de novos objetivos de produção, de embalamento e venda 	<ul style="list-style-type: none"> Monitorização da aplicação do plano de negócios 	<ul style="list-style-type: none"> Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. Plano de negócios (<i>startup plan</i>) Diários de aula Entrevista de grupo Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras (aos alunos)
	<ul style="list-style-type: none"> Adaptar uma história tradicional de aspetos morais vinculados de modo a refletir um espírito de valorização e cooperação Trabalhar valores comunitários associados ao empreendedorismo Fomentar a ligação intergeracional através da valorização dos conhecimentos dos membros mais antigos da comunidade Dar visibilidade do trabalho desenvolvido junto da comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> Adaptação da história tradicional "A Cigarra e a Formiga" (visando os valores do empreendedorismo/valores da comunidade) e sua dramatização para a comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> Adaptação da história tradicional "A Cigarra e a Formiga" (visando os valores do empreendedorismo/valores da comunidade) Festa comunitária
	<ul style="list-style-type: none"> Preparar o domínio técnico de vendas contemplado no plano de negócios Dar visibilidade do trabalho desenvolvido junto da comunidade local e concelhia Reconhecer aspetos positivos da cooperação entre parceiros a nível da venda de produtos e gestão do dinheiro 	<ul style="list-style-type: none"> Feiras na Escola 	<ul style="list-style-type: none"> Slogan de venda Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. Plano de negócios (<i>startup plan</i>) Entrevista de grupo aos pais

	doado	<ul style="list-style-type: none"> Participação no Arraial de Final de Ano Letivo 	
• Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> Divulgação das atividades do Projeto E.L.F. para além da esfera local Valorização do potencial de escolas em meios pequenos Permitir o reconhecimento do valor do trabalho desenvolvido pelos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Divulgação da implementação do projeto através da página do Facebook e do Youtube 	<ul style="list-style-type: none"> Atividades divulgadas na página do <i>Facebook</i> e do <i>Youtube</i> Visualizações obtidas na divulgação do Projeto E.L.F.
		<ul style="list-style-type: none"> Divulgação da implementação do projeto através do Jornal "O Badaladas" 	<ul style="list-style-type: none"> Artigos escritos para divulgação do Projeto E.L.F.
		<ul style="list-style-type: none"> Divulgação da implementação do projeto através da Revista "Saber Viver" 	
		<ul style="list-style-type: none"> Divulgação da implementação do projeto no <i>site</i> do Município 	
		<ul style="list-style-type: none"> Divulgação da implementação do projeto através do Workshop no Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes 	<ul style="list-style-type: none"> Participação dos docentes do Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes no Workshop Questionário sobre a Aplicação do Projeto ELF para professores
<ul style="list-style-type: none"> Divulgação da implementação do projeto nas Jornadas Pedagógicas - Grassa a Ciência pelo Monte 	<ul style="list-style-type: none"> Participação nas Jornadas 		
• Avaliação Final	<ul style="list-style-type: none"> Determinar a valorização da aplicação do Projeto E.L.F. pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência 	<ul style="list-style-type: none"> Análise da parte do relatório de avaliação externa do AE referente ao projeto ELF 	<ul style="list-style-type: none"> Relatório de Avaliação Externa das Escolas
	<ul style="list-style-type: none"> Determinar o nível de competências do empreendedorismo adquirido (ou desenvolvido) dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Aplicação do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos
	<ul style="list-style-type: none"> Determinar a valorização da aplicação do Projeto E.L.F. pelos EE Averiguar o impacto do Projeto E.L.F realizado pelos alunos nas conceções dos pais sobre empreendedorismo Determinar ao grau de valorização dos pais relativamente ao do papel da escola e do professor (promoção da ligação escola-comunidade) 	<ul style="list-style-type: none"> Realização de Entrevista de Grupo (amostragem por conveniência) aos EE 	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista de Grupo aos pais
	<ul style="list-style-type: none"> Identificar as atividades do projeto mais valorizadas pelos alunos e pela comunidade Aferir a capacidade de tomada de decisão Aferir perspetivas de futuro 	<ul style="list-style-type: none"> Aplicação do Questionário de Avaliação Global do Projeto aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Questionário de Avaliação Global do Projeto aos alunos
	<ul style="list-style-type: none"> Registar a perceção de momentos-chave e superação de obstáculos decorrentes do projeto, por parte dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Atividades mais relevantes do projeto 	<ul style="list-style-type: none"> Diários de aula
	<ul style="list-style-type: none"> Determinar o grau de sucesso escolar dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Todas as atividades ao longo do projeto 	<ul style="list-style-type: none"> Grelhas de avaliação no final dos períodos letivos

Nota: Fonte própria.

4. DESCRIÇÃO DA INTERVENÇÃO

Para além do Anexo 1, a apresentação que aqui vai ser apresentada de forma sucinta, pode ser aprofundada com a leitura dos documentos que explicitam a organização das atividades (Anexos 38 e 39). No entanto, numa perspetiva resumida, a descrição da intervenção poderá ser desenhada tendo por base uma perspetiva cronológica, definindo cinco fases estruturadas, num quadro-síntese do projeto (Anexo 3), que pretendem responder às questões e subquestões decorrentes do desenvolvimento do Projeto E.L.F.

Estas cinco fases, apesar de serem apresentadas nesse quadro de uma forma compartimentada e linear no tempo (para mais fácil leitura), mantiveram uma dinâmica entre si. Assim, é de ressaltar que muitas das atividades – sobretudo nas fases de avaliação inicial, negociação e planeamento e divulgação – foram encadeadas de forma a permitirem que a realização de uma dessas atividades, englobadas numa dada fase, tivesse impacto direto no desenrolar de outra atividade incorporada noutra fase distinta.

Como exemplo do que temos vindo a dizer, a atividade de apresentação do projeto aos Encarregados de Educação (fase de negociação e planeamento), foi das primeiras a ser desenvolvidas, antecipando-se à aplicação do questionário de determinação das capacidades empreendedoras aos alunos, que se encontra na grelha-síntese na fase de avaliação inicial, mas que estava dependente da primeira.

Do mesmo modo, a atividade de apresentação do projeto aos Encarregados de Educação (fase de negociação e planeamento) pressupunha, posteriormente, a realização de uma entrevista de grupo (fase de avaliação inicial), que estava, por sua vez, dependente da divulgação de algumas atividades através da página de *Facebook* do projeto (fase de divulgação), criando assim, condições para uma sintonia de valores e criação de expectativas positivas em relação à aceitação e implementação do projeto.

4.1. Avaliação inicial

Nesta fase destacam-se as duas atividades cujo objetivo para o projeto era o de determinar os conhecimentos de partida de alunos e pais (Tabela 10).

Tabela 10

Síntese informativa das atividades da avaliação inicial.

Fase	Atividades	Áreas/atividades integradoras por ano	Mês de realização
• Avaliação Inicial	• Aplicação do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos	Empreendedorismo	Set/ Out
	• Realização de Entrevista de Grupo (amostragem por conveniência) aos EE		Nov

Nota: Fonte própria.

Para este fim procedeu-se à aplicação de um inquérito por questionário aos alunos e procedeu-se à realização de entrevistas aos encarregados de educação, entre os meses de setembro e novembro.

Socialmente, pretendia-se com isso criar uma sintonia de ideias e valores, aceitação e criação de expectativas relativamente ao tema do empreendedorismo, promovendo a reflexão entre os participantes.

4.2. Negociação e planeamento

Esta fase foi composta por doze atividades cujos objetivos começavam por ser o garantir autorizações, assegurar as parcerias necessárias à implementação do Projeto E.L.F. e reforçar a aceitação e participação dos encarregados de educação e dos alunos (Tabela 11).

O primeiro passo nesta fase foi apresentar o Projeto E.L.F. à Direção do Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral, a fim de obter aprovação para a sua implementação. Após essa apresentação do projeto no agrupamento, foi preciso apresentá-lo aos alunos para saber o que achavam da ideia, se lhes parecia interessante trabalhar no mesmo, utilizando os recursos à disposição, em suma: o que iriam fazer, porque é que o iam fazer, como é que iriam fazer e o que se esperava deles durante este processo.

Tabela 11

Síntese informativa das atividades da fase de negociação e planeamento.

Fase	Atividades	Áreas/atividades integradoras por ano	Mês de realização
Negociação e Planeamento	• Obtenção da autorização do agrupamento para desenvolvimento do Projeto E.L.F.		Set/ Out
	• Cooptação de parcerias		Set/ Out Nov
	• Planificação da aplicação dos instrumentos de recolha de dados		Set/ Out
	• Apresentação de diapositivo sobre o projeto na primeira reunião de EE • Auscultação de opiniões para sintonia de valores e recolha de atividades propostas pelos EE		Set/ Out
	• Apresentação de informação relevante para a tomada de decisões informadas relativa à implementação prática do Projeto E.L.F.	Empreendedorismo	Set/ Out
	• Criação de cartaz para o registo de implementação do Projeto E.L.F.	Empreendedorismo Estudo do Meio Português Matemática Expressões Educação para a Cidadania Educação Financeira	Set/ Out
	• Auscultação e negociação de ideias para escolha de uma atividade económica onde centrar o Projeto E.L.F.	Empreendedorismo	Set/ Out
	• Visita de Estudo à Hortorres e Campoeste - armazenamento, exportação e transformação de produtos	Português • Texto narrativo/descritivo sobre a visita (2.º/3.º/4.º) • Família de palavras e campo lexical sobre o vocabulário em estudo (1.º/2.º/3.º/4.º) Estudo do Meio • As plantas (1.º/2.º/3.º) • Reprodução de plantas (2.º/3.º) • Plantas cultivadas e espontâneas (2.º/3.º/4.º)	Nov
	• Levantamento dos dados necessários à criação do Plano de Negócios • Criação do Plano de Negócios	Empreendedorismo Português • Família de palavras e campo lexical subordinado ao vocabulário em estudo (1.º/2.º/3.º/4.º) Estudo do Meio • As profissões (1.º/2.º) • As atividades económicas (3.º/4.º) • As plantas (1.º/2.º/3.º) • Reprodução das Plantas (2.º/3.º) • Plantas cultivadas e plantas espontâneas (2.º/3.º/4.º)	Nov
	• Planificação anual/mensal da integração curricular com as atividades empreendedoras	Empreendedorismo	Out Nov Jan Abr

Nota: Fonte própria.

Seguidamente foi necessário apresentar o projeto aos pais dos alunos que frequentam os estabelecimentos de ensino onde iria ser implementado o projeto. A estes foi necessário explicar que todos os conteúdos curriculares iriam ser lecionados, embora fosse alterada a sua planificação tradicional. Só deste modo se poderia garantir que as aprendizagens seriam significativas porque devidamente contextualizadas nos trabalhos práticos referentes ao projeto. Sublinhou-se que iriam ser mobilizados e valorizados os conhecimentos e os gostos culturais de cada uma das comunidades onde as escolas se inserem e que esse processo iria contribuir para a valorização da escola, da comunidade e das famílias que mais de perto acompanhassem este processo. Para isto, recorreu-se ao diapositivo em anexo (Anexo 4).

Então, iniciou-se a fase de cooptação de parcerias, contactando com a associação de pais do Agrupamento, que revelou possuir uma visão mais global do panorama educativo nacional. Na altura do primeiro contato, ainda mantinham uma posição muito reticente relativamente à qualidade de ensino praticado nas escolas das aldeias, uma vez que estas apresentavam turmas que chegam a ter os quatro níveis de ensino do 1.º Ciclo e mantinham-se instaladas em edifícios do plano centenário, contrastando com a modernidade exterior dos novos centros educativos.

Apresentámos à Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento Vertical de Escolas de Sobral de Monte Agraço um documento explicativo do projeto e convidamos o seu presidente a deslocar-se às nossas escolas. Verificou por si, que apesar do aspeto exterior dos edifícios ser datado, estes se encontram bem mantidos, que no seu interior tinham equipamentos e tecnologia com padrões atuais, que eram escolas que tinham muito mais proximidade com os pais e com a comunidade, onde a vigilância e segurança dos alunos é mais eficaz do que nos centros escolares. Por fim, o membro da Associação verificou que o trabalho em parceria dentro da sala de aula, com diferentes níveis de ensino e idades, não só pode ser feito com qualidade, como pode ser uma mais-valia na troca de saberes entre os alunos mais velhos e mais novos. A associação de pais tornou-se uma forte apoiante do projeto, contribuindo com donativos, presença em atividades e divulgação. Tornou-se também uma força dentro e fora do conselho de apoio à manutenção da atividade educativa nestas escolas.

Outro parceiro selecionado foi a Escola Agrícola Fernando Barros Leal, a qual, sendo um parceiro ligado à educação, também partilhava algumas das preocupações

que nos levaram a construir este projeto. Esta escola forneceu informações sobre técnicas agrícolas modernas, encaminhamento e possibilidades profissionais, e ajuda na construção e montagem de estufas nas escolas. Estas, por sua vez, foram o motor para a obtenção de produtos reais resultantes das miniempresas fictícias criadas pelos grupos de alunos nas suas ações empreendedoras. Ao mesmo tempo, essas ações viriam a ser uma ponte de passagem de conhecimentos e técnicas para as comunidades envolventes às escolas.

Foi também necessário encontrar empresas na região que se disponibilizassem a ser visitadas pelos alunos, com vista a estes compreenderem a relação existente entre as aprendizagens curriculares, as ações empreendedoras que se tentaram simular, a possível aplicação prática para esses conhecimentos e, por fim, fazer a ligação de como funcionam as coisas fora do espaço escolar, num empreendimento que gera postos de trabalho e riqueza.

Um outro conjunto de parceiros foi constituído por membros da comunidade local que já não estivessem na vida laboral ativa, mas que são detentores de muitos conhecimentos que contribuiriam para a economia e cultura do concelho. Pedimos uma parceria ao Clube Sobral Sénior, nomeadamente ao grupo de artes cénicas, para se envolver na preparação de uma adaptação de um conto tradicional – “A cigarra e a formiga” – relacionada com os valores do empreendedorismo social.

Um outro parceiro ligado à Educação, foi a Escola Superior de Educação de Lisboa que demonstrou sempre interesse em apoiar, motivar, encaminhar e ajudar a divulgar as práticas ligadas ao projeto. No âmbito desta relação foi possível consolidar os fundamentos teóricos e didáticos, permitindo legitimar um processo considerado inovador.

As últimas parcerias que falta referenciar são aquelas que, quer em termos de operacionalização (na cedência de transporte gratuito nas deslocações no âmbito do projeto, assim como na aquisição dos materiais necessários à construção das estufas) quer em termos de divulgação, mais contribuíram para a implementação do projeto no terreno: a Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço e as Juntas de Freguesia de Santo Quintino e Sapataria.

Deste modo, o projeto E.L.F. foi gerador de uma dinâmica local, construindo uma teia de conexões entre os alunos, pais, professores, representantes da comunidade de diferentes gerações e diferentes saberes, empresas, escolas, decisores políticos locais e meios de comunicação, partindo do empreendedorismo

A nível social, para a cooptação de parcerias nesta fase, é de valorizar a importância de dialogar com os parceiros, não só para apresentar o projeto de forma simples e personalizada, mas também para evidenciar a valorização mútua de escolas e parceiros, com importantes ganhos para os envolvidos, em torno do tema do empreendedorismo. As evidências desses ganhos contribuem, por seu lado, para a aceitação dos pais e a manutenção das expectativas e conseqüentemente, valorização do percurso dos alunos, bem como o seu desenvolvimento pessoal, valorizando por consequência, o papel das escolas, ganhando esta um papel central na comunidade

Foi também nesta fase que se procedeu ao levantamento e afinação dos instrumentos que seriam usados para monitorizar o projeto, sobretudo aqueles que não se vinculavam especificamente a uma atividade mas que seriam utilizados no início e final do estudo ou ao longo de todo o tempo de aplicação do mesmo. Neste quadro, foi feita a adaptação do Teste Europeu de Empreendedorismo, foram preparadas as questões a usar nas entrevistas de grupo feitas aos encarregados de educação e foi ainda criado o modelo de diário de aula a usar em caso de registos esporádicos de incidentes importantes para o estudo (Anexos 16, 17, 18, 19 e 20).

Esta fase culminou com a criação coletiva dos planos de negócios, mas para facilitar a construção do plano de negócios, previamente foram auscultadas as ideias dos alunos e avaliado o seu potencial para a criação da empresa, ou seja, a delineação da atividade económica e do ramo específico que se pretendia desenvolver no âmbito do projeto. Toda esta análise foi seguida da identificação de pontos fortes e fracos para a sua implementação e essa tarefa foi ajudada com a visita de estudo à Hortorres e à Campoeste, um dos parceiros, que deu visibilidade às necessidades de uma empresa, desde fase de planeamento, produção, embalagem e venda. O desenrolar desta fase contou ainda com a afixação de cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. e em especial para a preparação faseada dos planos de negócios, que se vieram a materializar com as ideias amadurecidas com a discussão e avaliação no seio do grupo. Ao longo desta etapa, em particular, foram-se sucedendo uma série de momentos de trabalho em grupo, em que os alunos foram levados a identificar todos os pontos-chave necessários à elaboração de um plano de negócios para cada “empresa” que estava a ser criada, o que, uma vez concluído coletivamente, constituía o momento em que formalmente a mesma passava a existir e o trabalho desenvolvido giraria sempre em torno dela.

Nesta fase de preparação foram sendo lecionados conteúdos que não tinham ligações tão fortes com a articulação curricular definida no projeto, mas que eram necessários para servirem de base à implementação, sendo um exemplo o estudo dos dados pessoais dos alunos e do meio onde estes se inserem.

Desde aí, partindo do tema do empreendedorismo, a articulação curricular foi estabelecida sempre com o cuidado de ser perceptível aos alunos todas as ligações decorrentes das atividades do empreendedorismo com os conteúdos trabalhadas nas áreas curriculares de maneira a que eles próprios consigam registar essas ligações e contribuir para a aferição e monitorização da própria planificação. É através desta contribuição para a afinação da planificação, que é possível verificar o grau de compreensão dos alunos relativamente à articulação curricular proposta. Se o aluno conseguir participar na planificação das atividades, significa que o mesmo já compreendeu as noções necessárias para se poder tornar parte integrante do processo de planificação da componente curricular do projeto, fazendo uso da sua capacidade de tomada de decisões informadas para influenciar o seu próprio percurso escolar, tornando-os mais autónomos, autoconscientes e livres.

4.3. Implementação

Esta fase foi aquela que, em termos de planificação, mais alterações sofreu, pois foram várias as necessidades de recalendalizações, por aspetos tão simples como as condições meteorológicas, tendo em conta que a componente prática do projeto se centrava na agricultura (Tabela 12).

Voltando à sequência, a primeira atividade (sessão sobre literacia financeira, empreendedorismo e criação de empresas) visava sobretudo o aumento de vocabulário ligado às empresas e aos planos de negócios, com a finalidade de prepararem os seus próprios planos de negócios e a constituição das miniempresas. Esta atividade, conjuntamente com a visita a empresas locais (referida na fase anterior), conferia a base teórico-prática, em termos de vocabulário, modelos de organização e funcionamento e, a partir daí, foram então criadas as miniempresas em cada sala de aula.

Tabela 12

– Síntese informativa das atividades da implementação.

Fase	Atividades	Áreas/atividades integradoras por ano	Mês de realização
• Implementação	<ul style="list-style-type: none"> Sessão sobre literacia financeira, empreendedorismo e criação de empresas 	Empreendedorismo Português <ul style="list-style-type: none"> Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) Texto expositivo (1.º/2.º/3.º/4.º) Matemática <ul style="list-style-type: none"> N.ºs decimais (2.º/3.º/4.º) O dinheiro (2.º/3.º/4.º) As profissões (1.º/2.º) As atividades económicas (3.º/4.º) 	Nov
	<ul style="list-style-type: none"> Sessão sobre recursos hídricos e energéticos e o seu impacto na vida das empresas e das famílias 	Empreendedorismo Educação para a Cidadania Português <ul style="list-style-type: none"> Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) Texto expositivo (1.º/2.º/3.º/4.º) Produção de cartazes (1.º/2.º/3.º/4.º) Estudo do Meio <ul style="list-style-type: none"> O ciclo da água (2.º/3.º/4.º) Substâncias perigosas (1.º/2.º/3.º/4.º) Energias renováveis (1.º/2.º/3.º/4.º) 	Jan
	<ul style="list-style-type: none"> Construção das estufas 	Empreendedorismo Matemática <ul style="list-style-type: none"> Unidades de medida de comprimento (2.º/3.º/4.º) Medições (1.º/2.º/3.º/4.º) Figuras bidimensionais (1.º/2.º/3.º/4.º) Os ângulos (2.º/3.º/4.º) Números fracionários (2.º/3.º/4.º) Múltiplos e divisores (2.º/3.º/4.º) Gráficos (1.º/2.º/3.º/4.º) Perímetro (2.º/3.º/4.º) Área (2.º/3.º/4.º) Estudo do Meio <ul style="list-style-type: none"> As rochas e os solos (3.ºano) 	Fev
	<ul style="list-style-type: none"> Sessões sobre recuperação de técnicas agrícolas tradicionais - criação de réstias, localização de lençóis de água, processos de poda e enxertia, extração de mel e importância da polinização 	Empreendedorismo Português <ul style="list-style-type: none"> Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) Texto descritivo (1.º/2.º/3.º/4.º) Texto expositivo (1.º/2.º/3.º/4.º) Variações dos nomes (2.º/3.º/4.º) Nomes comuns coletivos (2.º/3.º/4.º) Estudo do Meio <ul style="list-style-type: none"> Reprodução das plantas (2.º/3.º) Os animais (2.º/3.º) Relação dos estados do tempo com a estação do ano, o desenvolvimento das plantas e os hábitos dos animais (2.º/3.º) Funções que fazem dos animais e plantas seres vivos (2.º/3.º) 	Dez Fev

• Visita de estudo à EPAFBL	Empreendedorismo Português • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto descritivo (1.º/2.º/3.º/4.º) Estudo do Meio • A poluição (1.º/2.º/3.º/4.º) Educação para a Cidadania	Mar
• Monitorização da aplicação do plano de negócios	Empreendedorismo	Ao longo do ano letivo
• Adaptação da história tradicional “A Cigarra e a Formiga” (visando os valores do empreendedorismo/valores da comunidade) e sua dramatização para a comunidade	Empreendedorismo Português • A fábula (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto dramático (1.º/2.º/3.º/4.º) Educação para a Cidadania Expressões	Mar Abr Mai
• Feiras na Escola	Empreendedorismo Matemática	Ao longo do ano letivo
• Participação no Arraial de Final de Ano Letivo	Empreendedorismo Matemática	Jun

Nota: Fonte própria.

Estas miniempresas surgiram, como foi referido na fase anterior, após estas atividades, a partir das quais se fez o resumo e seleção das informações reunidas e posterior discussão para se proceder à redação conjunta dos planos de negócios. A conceção das miniempresas, culminou com a afixação dos planos de negócios, que foi alvo de uma constante monitorização periódica e com a elaboração de propostas e eleição de um logotipo que representasse o espírito de cada uma das miniempresas, atendendo à sua atividade económica e aos traços da comunidade em que se inseria.

Uma vez ultrapassado este momento, foram criadas equipas de trabalho no seio das miniempresas (correspondentes às turmas) com o intuito de poder dividir as tarefas e proceder à rotatividade nas mesmas e dos diferentes papéis que poderiam desempenhar, no seio de cada equipa.

Por outras palavras, e de acordo com a Figura 3, estas equipas (selecionadas inicialmente de acordo com critérios escolhidos pelos alunos), em termos individuais, trabalhariam as competências-chaves do empreendedorismo potencializadas a partir dos papéis atribuídos individualmente aos alunos e, conjuntamente, pela dinâmica que coletivamente impunham a cada equipa. Os objetivos desta dinâmica iam desde promover hábitos de tomada de decisão informada, ao reforçar a valorização cultural local, passando por valorizar diversos tipos de inteligência, entre outros aspetos.



Figura 3: Esquema representativo das finalidades do desenvolvimento das dinâmicas de grupo.

Relativamente ao trabalho em torno das características dos alunos, constatou-se que no desenvolvimento de competências para o empreendedorismo, foram as afinações dos diferentes tipos de personalidade que constituíram a maior dificuldade de aquisição. Por conseguinte, são essas afinações dos diferentes tipos de personalidade, de forma a encorpar a autonomia, que foram tidas em conta na planificação de um trabalho que se pretendia constante em sala de aula, que desse oportunidade aos alunos de experimentarem as exigências dos diversos papéis dentro das tarefas de grupo, com o objetivo explícito de cada papel contribuir para uma (ou mais) competências do empreendedorismo, tal como se regista na Figura 4.

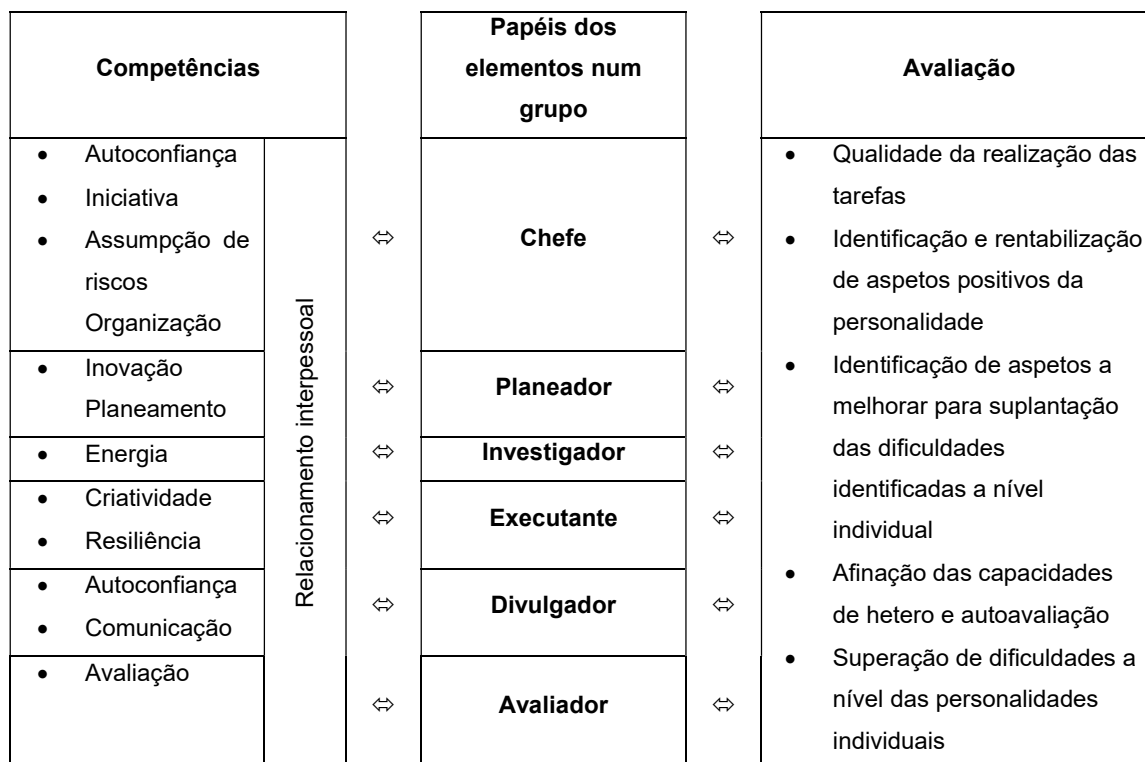


Figura 4: Síntese dos papéis desenvolvidos com as dinâmicas de grupo para o desenvolvimento das competências do empreendedorismo.

Os projetos consultados em torno da temática do empreendedorismo são direcionados sobretudo para o 2.º e 3.º Ciclo ou Secundário, e todos eles pressupõem um grau de autonomia em torno das competências do empreendedorismo que habitualmente não são trabalhadas em níveis de escolaridade anteriores. No 1.º Ciclo, este tipo de projeto é praticamente inexistente ou apresentando pouca articulação curricular das disciplinas com o empreendedorismo de forma integrada. Além disto, apresentam uma durabilidade temporal muito curta (circunscrevem-se a uma ou duas atividades em torno do tema), não sendo possível aos alunos envolvidos no processo adquirirem, de uma forma consistente, competências que lhe providenciem uma base para executarem projetos em torno do empreendedorismo de forma autónoma nos ciclos subsequentes.

A mudança pretendida em termos de autonomia e tomada de decisões ao longo do seu percurso de vida, recorrendo para isso às competências do empreendedorismo, só pode ser alcançada através de um processo consistente e diário. Neste processo, os objetivos a atingir têm de ser claros para os alunos e estes têm de ser capazes de se auto e heteroavaliarem de acordo (i) com os objetivos das

tarefas propostas às equipas de trabalho e (ii) com as competências que se pretendem desenvolver a partir do empreendedorismo.

Quanto ao papel do professor, o trabalho foi evidentemente bastante denso na fase inicial, em termos de planificação, gestão de conflitos (sobretudo nos primeiros momentos de experimentação dos vários papéis nas equipas de trabalho) e, naturalmente, na mediação da aceitação das primeiras impressões do processo pelos pais. Além disso, a gestão em termos de cumprimento dos objetivos iniciais foi também ela bastante exigente, pois o projeto dependia de um bom arranque inicial para se poder desenrolar de acordo com aquilo que era expectável.

As dinâmicas de grupo foram desenvolvidas ao longo do ano letivo, salientando-se o seu papel em cada uma das principais atividades referidas na Tabela 13. Seguidamente apresenta-se o esquema representativo de desenvolvimento de projeto E.L.F através desta figura pretende-se sintetizar a inter-relação entre as várias dinâmicas que compõem o projeto visando a redução do insucesso escolar.

Tabela 13

Quadro-síntese contendo as expectativas para as fases inicial e final, decorrentes das dinâmicas de grupo.

Fase	Alunos	Pais	Papel dos professores	Aprendizagens
Inicial	Competências a desenvolver	Pressão inicial face às primeiras tentativas de afinação dos traços de personalidade	<ul style="list-style-type: none"> • Orientação • Resolução de conflitos 	O acerto de: <ul style="list-style-type: none"> • Ritmos de trabalho • Perfis de aprendizagem
Final	Reconhecer as suas competências ao nível da... <ul style="list-style-type: none"> • Cooperação • Avaliação • Comunicação • Resiliência • Planeamento • Autoconfiança • Assunção de riscos 	Reconhecimento face à afinação dos traços de personalidade	<ul style="list-style-type: none"> • Orientação • Regulação • Supervisão 	<ul style="list-style-type: none"> • Maior consistência nas aprendizagens curriculares

Nota: Fonte própria.

Em síntese, com a Figura 5 pretende-se demonstrar a espiral do desenvolvimento do projeto e o impacto que este tem nos alunos durante a fase de implementação e das comunidades onde o projeto se desenvolve tendo em vista a valorização da escola e dos alunos trabalhando as competências associadas ao empreendedorismo e os objetivos gerais do projeto.

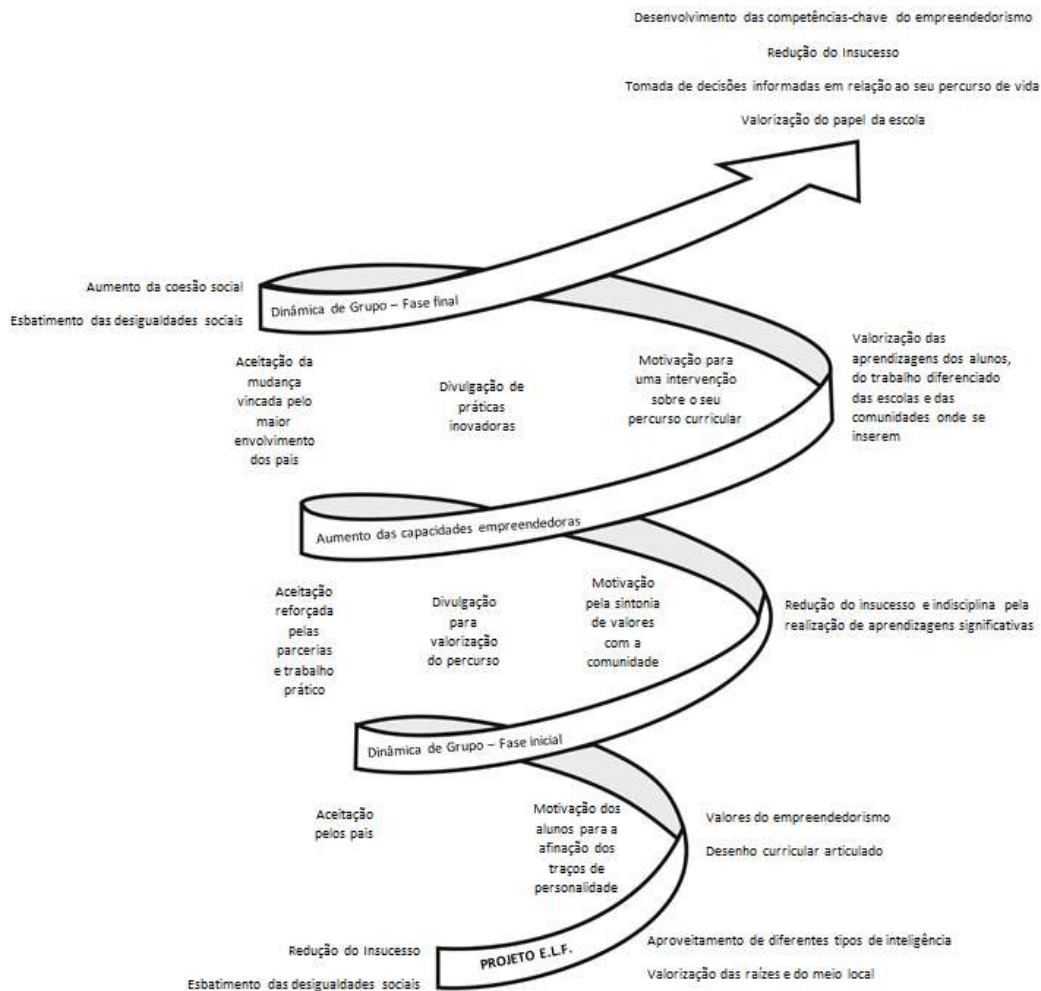


Figura 5: Esquema representativo do percurso de desenvolvimento do projeto E.L.F.

4.4. Divulgação

Como se referiu anteriormente, a divulgação, mais do que uma fase, foi um processo transversal que se desenvolveu ao longo de todo o projeto. Desta forma, pretendia-se ir informando a comunidade de todo o percurso que ia sendo feito durante as atividades desenvolvidas, a diferentes níveis: (i) os conceitos abordados; (ii) a articulação curricular estabelecida; (iii) a participação da própria comunidade; e,

ainda, (iv) a disseminação de informação sobre a temática do empreendedorismo (Tabela 14).

Tabela 14

Síntese informativa das atividades da fase de divulgação.

Fase	Atividades	Áreas/atividades integradoras por ano	Mês de realização
Divulgação	• Divulgação da implementação do projeto através da página do Facebook e do Youtube		Ao longo do ano letivo
	• Divulgação da implementação do projeto através do Jornal “O Badaladas”		Nov Abr Jun
	• Divulgação da implementação do projeto através da Revista “Saber Viver”		Abr
	• Divulgação da implementação do projeto no site do Município		Set
	• Divulgação da implementação do projeto através do Workshop no Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes		Abr
	• Divulgação da implementação do projeto nas Jornadas Pedagógicas - Grassa a Ciência pelo Monte		Jul

Nota: Fonte própria.

Nesta perspetiva, além da integração mais esporádica em publicações como a Revista *Saber viver* (divulgação nacional e internacional) ou no *site* do Município (divulgação local e regional), foi firmada uma parceria para uma divulgação periódica local e aos concelhos limítrofes. Assim, contamos com o jornal semanal de Torres Vedras, *O Badaladas*, para a divulgação das ações no âmbito do projeto em particular aquelas que envolviam a comunidade).

Por outro lado, fez-se ainda uso de algumas redes sociais para uma divulgação a um nível mais macro, no caso o *Facebook* e o *Youtube*. Através delas foi possível uma divulgação mais personalizada e regular de atividades e conteúdos, com uma exposição muito diferente das referidas anteriormente, chegando quer a pessoas da comunidade local, quer a pessoas espalhadas pelo mundo.

Ainda no capítulo da divulgação, o Projeto E.L.F. foi ainda divulgado em meio académico num *Workshop* no Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes (por solicitação do mesmo) e nas Jornadas Pedagógicas promovidas pelo Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral, intituladas “Grassa a Ciência pelo Monte”, que

tiveram a importância de apurar a valorização que o projeto poderia para a comunidade educativa.

4.5. Avaliação final

Embora sem fazer parte do planeamento inicial do estudo, o projeto acabou por contar com uma avaliação externa, pois o agrupamento acabou por ser inspecionado, sendo uma das turmas visitada, tendo o trabalho desenvolvido merecido algumas considerações específicas no relatório da atividade inspetiva agregado e identificado como Anexo 35.

Na fase de avaliação final merecem ainda destaque as duas atividades equivalentes às realizadas na avaliação inicial, que permitiam fazer o contraponto e a consequente aferição do processo pelos pais relativamente à correspondência de expectativas em torno do projeto, o trabalho desenvolvido sobre as competências de empreendedorismo, as dinâmicas de grupo para trabalho de equipa e, finalmente a linha curricular condutora articulada (Tabela 15).

Tabela 15

Síntese informativa da avaliação final.

Fase	Atividades	Áreas/atividades integradoras por ano	Mês de realização
• Avaliação Final	• Observação em sala de aula pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência		Mai
	• Aplicação do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos	Empreendedorismo	Jun
	• Realização de Entrevista de Grupo (amostragem por conveniência) aos EE		Jun
	• Aplicação do Questionário de Avaliação Global do Projeto aos alunos	Empreendedorismo	Jun
	• Assembleias de turma	Empreendedorismo Português Matemática Estudo do Meio Expressões Educação para a Cidadania Educação Financeira	Ao longo do ano letivo
	• Avaliação global dos alunos	Português Matemática Estudo do Meio Expressões Educação para a Cidadania Educação Financeira	Ao longo do ano letivo

Nota: Fonte própria.

Para além destas atividades, foi ainda solicitado aos alunos o preenchimento de um Questionário de Avaliação Global do Projeto, com o intuito de perceber quais as atividades do projeto mais valorizadas pelos alunos e pela comunidade, aferir as suas capacidades de tomada de decisão e ainda as suas perspetivas de futuro.

Com o intuito de reter momentos específicos que merecessem destaque, fez-se ainda uso dos diários de aula e, para uma perceção mais estatística, foram compilados, ao longo do ano letivo, as avaliações de cada aluno, com vista ao apuramento de dados individuais e de grupo. É de salientar que neste registo de avaliação, os alunos enquadrados no regime educativo especial são avaliados tendo por referência o seu ano de matrícula, pois é esse o critério usado no agrupamento para obtenção de dados estatísticos. Esta prática faz com que os seus índices de evolução sejam muitas vezes negativos, contudo, é de ter em atenção que este facto não significa que os alunos não façam progressos, pelo que serão tecidas algumas considerações específicas sobre eles no capítulo da apresentação e discussão de resultados.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para mais facilmente se poderem apresentar os resultados alcançados, num primeiro momento serão apresentados os dados recolhidas relativos à avaliação das aprendizagens. Segue-se a análise dos resultados do projeto de acordo com os instrumentos de avaliação utilizados e a partir dos respetivos indicadores agrupados em duas subcategorias: instrumentos referentes a etapas específicas do projeto e instrumentos referentes aos objetivos gerais do projeto.

5.1. Avaliação das aprendizagens

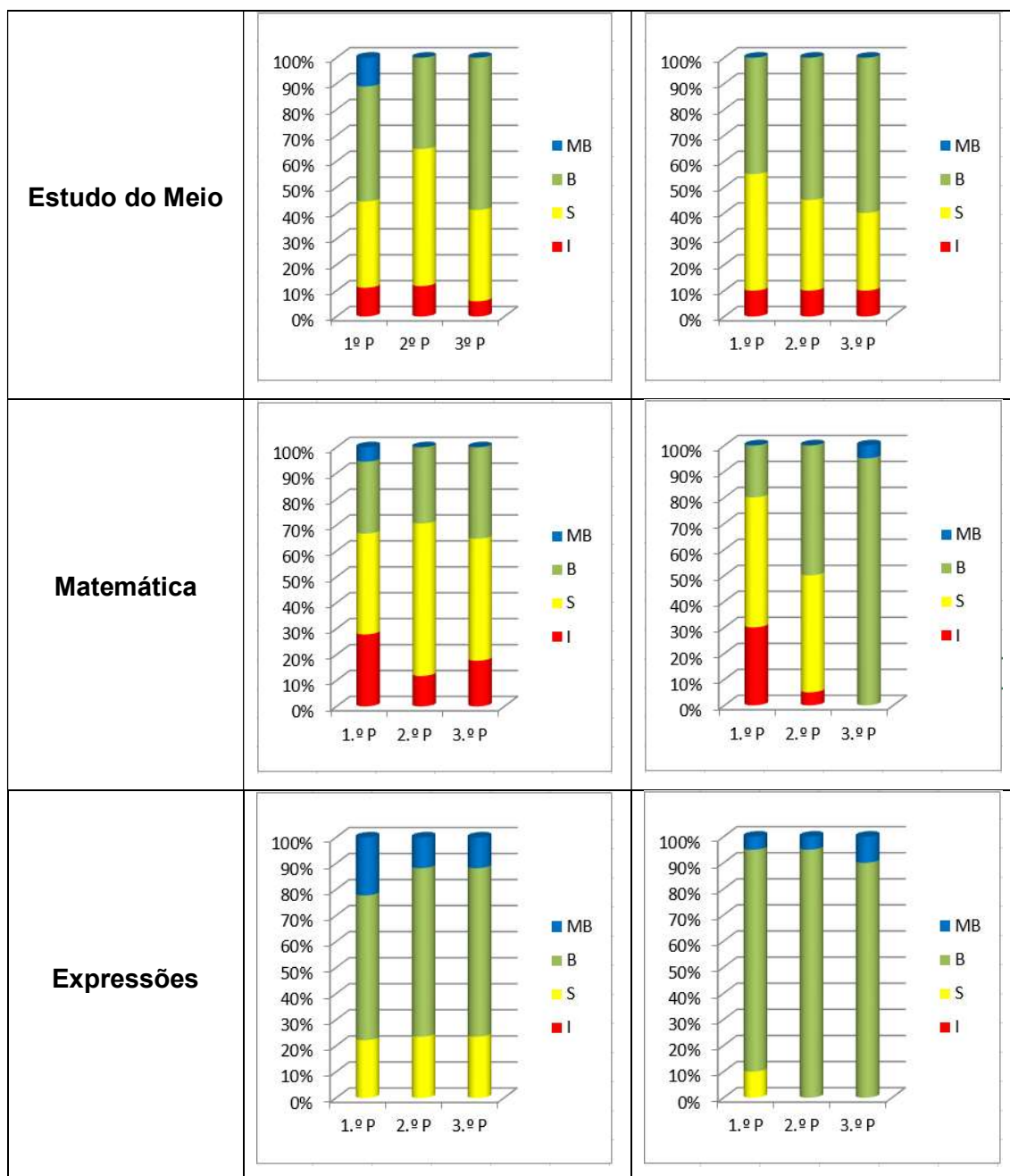
Da avaliação dos resultados escolares decorrentes da aplicação do projeto importa tecer algumas considerações.

As avaliações que foram registadas ao longo do ano possibilitaram quantificar e representar graficamente os seguintes resultados escolares obtidos durante o estudo e registados na Tabela 16. Estes dados relativos à avaliação global dos alunos podem ser consultados mais detalhadamente nos documentos em anexo. (anexos 36 e 37).

Tabela 16

Registos das avaliações obtidas em cada escola, por área, ao longo do ano letivo.

Área	Escola	EB de Almargem (Turma A)	EB de Pero Negro (Turma B)																																								
Português		<p>Gráfico de barras empilhadas mostrando a distribuição das avaliações em Português para a turma A do EB de Almargem. O eixo Y representa a percentagem de 0% a 100%. O eixo X mostra os 1.º P, 2.º P e 3.º P. A legenda indica MB (azul), B (verde), S (amarelo) e I (vermelho).</p> <table border="1"> <caption>Dados estimados para EB de Almargem (Turma A)</caption> <thead> <tr> <th>Período</th> <th>I (%)</th> <th>S (%)</th> <th>B (%)</th> <th>MB (%)</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1.º P</td> <td>18</td> <td>45</td> <td>32</td> <td>5</td> </tr> <tr> <td>2.º P</td> <td>12</td> <td>30</td> <td>58</td> <td>0</td> </tr> <tr> <td>3.º P</td> <td>12</td> <td>35</td> <td>53</td> <td>0</td> </tr> </tbody> </table>	Período	I (%)	S (%)	B (%)	MB (%)	1.º P	18	45	32	5	2.º P	12	30	58	0	3.º P	12	35	53	0	<p>Gráfico de barras empilhadas mostrando a distribuição das avaliações em Português para a turma B do EB de Pero Negro. O eixo Y representa a percentagem de 0% a 100%. O eixo X mostra os 1.º P, 2.º P e 3.º P. A legenda indica MB (azul), B (verde), S (amarelo) e I (vermelho).</p> <table border="1"> <caption>Dados estimados para EB de Pero Negro (Turma B)</caption> <thead> <tr> <th>Período</th> <th>I (%)</th> <th>S (%)</th> <th>B (%)</th> <th>MB (%)</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1.º P</td> <td>22</td> <td>50</td> <td>28</td> <td>0</td> </tr> <tr> <td>2.º P</td> <td>0</td> <td>52</td> <td>48</td> <td>0</td> </tr> <tr> <td>3.º P</td> <td>0</td> <td>52</td> <td>48</td> <td>0</td> </tr> </tbody> </table>	Período	I (%)	S (%)	B (%)	MB (%)	1.º P	22	50	28	0	2.º P	0	52	48	0	3.º P	0	52	48	0
Período	I (%)	S (%)	B (%)	MB (%)																																							
1.º P	18	45	32	5																																							
2.º P	12	30	58	0																																							
3.º P	12	35	53	0																																							
Período	I (%)	S (%)	B (%)	MB (%)																																							
1.º P	22	50	28	0																																							
2.º P	0	52	48	0																																							
3.º P	0	52	48	0																																							



Nota: Fonte própria.

Através dos gráficos, ficamos com a percepção que os resultados escolares obtidos na EB de Almargem demonstram progressos ao nível das áreas de Português e Estudo do Meio, embora, por outro lado, se verifique uma estagnação ao nível das áreas da Matemática e das Expressões.

No entanto, é de ressaltar que as de Matemática e Expressões partiram de forma diferente das restantes. No caso da Matemática registou de início o seu valor

máximo de insucesso ao longo do ano letivo e, sendo assim, os resultados iniciais eram os mais difíceis de inverter. Já nas Expressões surge o único caso onde inicialmente não se registava insucesso.

Quanto aos gráficos alusivos à EB de Pero Negro, indicam que as avaliações progrediram positivamente ao nível das áreas de Português, Estudo do Meio, Expressões e Matemática, tendo esta última área sido aquela que apresentou progressos mais evidentes ao longo do tempo.

No que toca à evolução da avaliação global em todas as disciplinas, estruturaram-se ainda os seguintes gráficos constantes da Tabela 17, com base nas primeiras e últimas avaliações obtidas:

Tabela 17

Registos das avaliações globais obtidas em cada escola, ao longo do ano letivo e respetivos balanços da evolução registada.

Escola	Avaliações globais por período	Balanço da avaliação global
EB de Almagem		
EB de Pero Negro		

Nota: Fonte própria.

No primeiro gráfico referente a EB de Almargem, é de apontar que a média do aproveitamento global nas quatro áreas analisadas sofreu um aumento, ainda que ligeiro. O insucesso escolar sofreu uma redução entre o início e o final do ano letivo – com maior evidência no final do 2.º período, altura da conclusão da atividade de maior relevância par ao Projeto E.L.F. – terminando com valores abaixo de 9%.

Pelo gráfico que faz o balanço da avaliação global da mesma escola, verificamos que o aproveitamento médio global dos alunos atinge percentagens mais altas nos níveis “Suficiente” e principalmente no “Bom”. Ainda assim, esse aproveitamento global médio coincide com os resultados globais registados no 3.º período do ano letivo, pelo que, apesar do aumento ligeiro em termos de aprendizagem, a evolução acabou por não ser muito significativa.

No primeiro gráfico relativo à Turma B da EB de Pero Negro, temos a perceção de que o aproveitamento global nas quatro áreas registou um progresso evidente, na ordem dos 20%, dado que a percentagem de alunos a apresentar níveis “Bom” e “Muito Bom” passou de 50% para 70%.

Quanto ao gráfico que faz o balanço da avaliação global, da mesma turma, permite verificar que o aproveitamento médio global dos alunos apresenta maior elevação nos níveis “Suficiente” e “Bom”, destaca-se neste último nível, uma maior incidência. O aproveitamento global médio é coincidente de forma quase perfeita com os resultados finais do ano letivo, apontando a evolução em termos de aprendizagem como sendo significativa, comparando o período inicial com o 3.º Período.

No entanto, devemos encarar estes dados de acordo com as realidades das duas escolas, pois alguns aspetos têm impacto na avaliação registada durante o estudo, por vezes de forma marcante. Por isso vale a pena sublinhar que uma turma tinha 2 anos de escolaridade (EB de Pero Negro) e a outra (EB de Almargem) os 4 anos, uma tinha 5 alunos ao abrigo do R.E.E. e a outra 2, respetivamente, sendo que um destes últimos casos apresenta um quadro profundamente complexo e condicionante de toda a turma onde se insere. No caso da turma da EB de Almargem, esta sofreu uma rotatividade elevada ao nível do corpo discente (peça fundamental para o bom funcionamento do projeto e para a garantia do alargamento das experiências a todos os alunos), conduzindo este aspeto a frequentes acertos no controlo da disciplina e a dificuldades na estruturação de laços de confiança entre alunos e adultos.

Outro aspeto a ter em conta pela relação com a estagnação dos resultados observada do 2.º para o 3.º período na EB de Almargem foi o término das atividades de maior relevância do projeto ter sucedido nessa altura do ano, para darem lugar a uma preparação mais rotinizada dos alunos do 4.º para a realização de exames nacionais. Esta questão colocou-se porque não existe uma sintonia entre a linha metodológica do Projeto E.L.F. e a metodologia das questões e tarefas propostas nos referidos exames, levando, da parte dos alunos, a uma fase de readaptação da forma de raciocinar e de aplicar as aprendizagens realizadas, explicando-se assim alguma quebra de resultados no último período letivo.

O desfasamento entre a preparação fornecida no âmbito do projeto e aquela exigida para aplicação nos exames nacionais, não deve ser encarado como uma falta de sucesso do Projeto E.L.F., afinal o mesmo não foi criado para dar resposta às linhas metodológicas existentes para preparação para os exames. Pelo contrário, foi idealizado para oferecer aos alunos uma resposta educativa diferente das linhas já existentes, não com o intuito de preparar os alunos para, a curto e médio prazo, prestarem provas no final do ciclo de conseguirem responder a questões no plano teórico, mas antes para os fazer atingir aprendizagens sólidas ligadas a uma dimensão prática que permitam a longo prazo estarem preparados para um percurso de vida diferente.

Posto isto e olhando globalmente aos resultados atingidos por todos os alunos envolvidos no processo, verifica-se que o percurso de aprendizagem resultou numa subida global do sucesso escolar, não tendo sido necessário considerar qualquer caso de retenção em nenhuma das turmas, facto que, em ambas as escolas, já não sucedia há bastante tempo. Este sucesso e a ausência de retenções está de acordo com as indicações colhidas entre os alunos (e alguns pais) que foram indicando uma melhor compreensão curricular e um aumento de solidez nas aprendizagens realizadas, não apenas devido à integração curricular desenvolvida no projeto, como pela aplicação prática das aprendizagens associada a situações concretas e do quotidiano que foram sido vivenciadas pelos alunos na vertente prática do mesmo.

O sucesso registado parece estar relacionado com as dinâmicas de grupo implementadas nas equipas de trabalho, uma vez que pela cooperação e troca de conhecimentos entre os alunos, parece ter ocorrido uma homogeneização dos resultados escolares: é recorrente no panorama educativo haver exemplos de turmas nas quais acontece uma redução ao longo do ano letivo da percentagem de alunos a

atingir o nível “Muito Bom” – sendo explicável pelo aumento gradual do nível de dificuldade dos conteúdos ao longo do ano, mas, no caso dos alunos em estudo, aconteceu também a redução dos alunos com nível “Insuficiente”, conduzindo este aspeto a uma concentração em torno dos níveis de “Suficiente” e “Bom” e portanto a uma redução dos extremos e da heterogeneidade, tantas vezes apontada nas turmas como um fator que gera maiores dificuldades.

Há que destacar que na EB de Almargem, a redução dos níveis “Muito Bom” ocorrida nas áreas de expressão, parece ter ligação com o facto de a metodologia do projeto ter possibilitado aos alunos perceberem que conseguiam atingir melhores resultados noutras áreas que habitualmente não são as suas áreas fortes. Isso pode ter levado a que se tivessem deixado de “especializar” numa única área e almejado alcançar metas em todas elas, custando-lhe, no entanto, uma redução na sua área forte em prol das outras.

5.2. Resultados decorrentes de instrumentos referentes a etapas específicas

Em relação aos dados obtidos a partir deste tipo de instrumentos, encontram-se resumidos na Tabela 18.

Tabela 18

Levantamento de indicadores

Instrumentos	Indicadores de frequência
Diapositivo de apresentação do Projeto E.L.F.	37 E.E. que concordaram com a implementação
Cartazes de registo da implementação do projeto	2 cartazes utilizados
Plano de negócios	12 ideias propostas para a centralização das miniempresas
	2 planos de negócios definidos
	26 ideias propostas para o logotipo das miniempresas, tendo sido apuradas 2
	4 imprevistos ultrapassados positivamente
	2 slogans produzidos para publicitação da produção das miniempresas
Guião de visita à Hortorres e Campoeste	9 guiões corretamente preenchidos
Atividades do Projeto E.L.F./abordagens a conteúdos decorrentes de visitas de estudo	103 atividades/abordagens a conteúdos feitas com os alunos do decorrer do Projeto E.L.F.

Nota: Fonte própria.

Todos os Encarregados de Educação concordaram que os filhos participassem na implementação do Projeto E.L.F., tendo ficado claro e acordado que os valores a serem adotados deveriam ter por base as competências chave do empreendedorismo. Apesar de haver flexibilidade na organização do currículo, este iria ser dado na sua totalidade. Também os 37 alunos visados concordaram com o desenvolvimento do Projeto E.L.F. nas suas turmas.

Neste cenário, foram desenvolvidas 103 atividades em articulação direta com o currículo nacional, exprimindo assim um grau muito significativo de articulação curricular conseguida. Todas as sequências didáticas terminavam com um momento de avaliação/reflexão onde se voltavam a sintonizar valores através da auto e heteroavaliação dos indivíduos que compunham cada grupo de trabalho.

De entre essas atividades vale a pena evidenciar a visita de estudo à Hortorres e à Campoeste (dois parceiros locais). Esta visita deu um contributo importante para a etapa da elaboração dos planos de negócios, sendo um exemplo local de tecnologia e de boas práticas. A partir desta visita, a informação que os alunos reuniram nos diferentes guiões de trabalho e a aplicação dos conhecimentos adquiridos permitiram a construção faseada do plano de negócios de cada miniprensa.

Sobre o modo como decorreram as sequências didáticas implementadas ao longo do projeto, merece destaque neste estudo, a parceria já referida com o Clube Sobral Sénior Ativo na adaptação da história “A cigarra e a formiga” aos valores do empreendedorismo. No caso desta atividade, foi iniciada através de uma recapitulação, onde se enquadrou a visão dos aspetos positivos e negativos do empreendedorismo, que existiam na perceção coletiva do Clube Sobral Sénior Ativo. Foi ainda frisado que o contacto com o projeto modificou a visão que o responsável do Clube Sobral Sénior Ativo tinha em relação ao empreendedorismo e, a partir daí, deu a conhecer aos alunos os valores que existiam tradicionalmente na fábula, fazendo o contraponto com os valores do empreendedorismo que eram desejados nas novas sociedades. Desta forma, foram propostos aos alunos os objetivos desta adaptação e também o papel que cada um deveria ter na preparação da atividade (recorrendo às equipas de trabalho a funcionar com dinâmicas de grupo). Após uma verificação relativamente à sintonia de valores, a atividade cénica foi apresentada na sua totalidade, tendo sido esta aceite pelos alunos (anexo 13). A preparação de cenários e adereços foram concluídos, assim como as lengalengas e poemas musicados, criados para ajudar a memorizar os valores que se pretendiam transmitir e que se

reagruparam em torno da adaptação do conto tradicional “A cigarra e a formiga” em forma de peça de teatro. Seguidamente, foi-se procedendo à avaliação da qualidade da construção de cenários, fatos e adereços. Durante todo o processo de preparação da dramatização foram feitos diversos ensaios em que participavam membros do Clube Sobral Sénior (como atores, diretores de peça etc...), permitindo os acertos necessários, com vista à melhoria do trabalho final e, ao mesmo tempo, a facilitar o convívio e a trocas de conhecimentos de forma sistemática e metódica.

Uma vez feita a divulgação à comunidade através de festas na escola (abertas a todos os membros da comunidade, com lanche partilhado) e através dos meios de divulgação *online* referenciados neste estudo, foram feitos balanços finais nas turmas com vista a avaliar o desempenho de todos. A par disto, os alunos foram levados a comparar os valores morais da fábula original com a nova versão, e a reconhecer o impacto que esta nova moral poderia ter numa sociedade com os valores do empreendedorismo (destacando-se o aspeto da importância da planificação de futuro e tomada de decisões). Finalmente, foi feito uma vez mais o levantamento e registo dos conteúdos e áreas trabalhados em articulação nesta atividade – destacando-se a articulação entre o Empreendedorismo, o Português (texto teatral), as Expressões Plástica, Musical e Dramática e o Estudo do Meio. Em termos sociais foi importante a troca intergeracional e a partilha através de um momento de festa, feito pela comunidade e para a comunidade, em torno dos valores associados ao projeto. A valorização de membros mais idosos da comunidade e a sua validade no que respeita à transmissão de conhecimentos e valores reforçou o papel da escola como centro de divulgação de informação, conhecimentos e valores nas localidades onde estas se inserem.

Num outro plano, conseguiu-se implementar a utilização de dois cartazes de registo, com o propósito de reunir toda a informação mais significativa, onde era feita a ligação explícita entre a planificação mensal e a execução das atividades ligadas ao projeto. A consulta regular por alunos e professores, tanto na fase de criação, como na de monitorização, constituiu um importante sumário de todo o projeto, com a vantagem acrescida de ser um recurso utilizado que permitia uma fácil visualização das etapas vivenciadas, das ligações entre a planificação curricular e as atividades práticas, dos valores a serem atingidos e questões que levassem à aquisição das competências do empreendedorismo. Nestes cartazes foram sendo criados mapas de conceitos, tendo nascido daqui, graças à macha gráfica que foi crescendo (anexos 8 e 15), a real

perceção dos alunos da forma como esta articulação curricular de facto existia, do significado que encerrava e da quantidade de trabalho que eram capazes de realizar – estes fatores contribuíram claramente para a motivação dos alunos na continuidade do desenrolar do projeto.

Quanto aos planos de negócios, implementados em ambas as escolas, foram constituídos coletivamente em cada turma a partir de esboços prévios registados pelas equipas de trabalho (anexo 10), após análises coletivas dos dados registados. Durante essas análises, os alunos forneceram um conjunto de ideias viáveis para a criação de mini empresas, a partir das 12 ideias originais criadas, surgiram as duas miniempresas no setor primário, redigiram-se os planos de negócios contendo toda a informação reunida e analisada pelos alunos de cada turma (anexo 11). Com os planos de negócio montados, criaram-se também logotipos para empresa – apurados por votação (anexo 12) – e para os alunos, a partir desse momento, as miniempresas passaram a “existir”, pois a ideia do projeto foi encorpada com a existência do plano de negócios, logotipo e espaços de produção em cada uma das escolas (uma bandeira, um objetivo, subordinado a uma sintonia de valores que iriam levar a um bem comum). Foram posteriormente (na fase de publicitação e venda dos produtos das miniempresas) elaborados *slogans* (anexo 14) que evidenciassem as qualidades que distinguiam os seus produtos e processos de produção. Isto permitia, a par do recurso a técnicas de embalagem, aumentar as possibilidades de escoamento dos produtos, promovendo junto dos alunos a sua capacidade criativa e de argumentação.

Apesar de não estar relacionado com um instrumento de avaliação específico, um indicador ainda relativo à etapa da cooptação de parcerias foi o número de parcerias estabelecidas com sucesso, o qual se reporta a 11 parcerias (divididas pelas fases de planeamento, implementação e divulgação), às quais se juntaram ainda mais cinco elementos das comunidades locais envolvidos no decorrer do Projeto. E.L.F. Nessa perspetiva foram ainda registados cerca de 70 telefonemas, cerca de 110 mensagens por correio eletrónico, cerca de 40 SMS e cerca de 45 reuniões presenciais com parceiros, perfazendo um total de cerca de 265 contatos. Quanto a este estabelecimento e agilização das parcerias, revelou-se como sendo um dos maiores entraves ao desenrolar do estudo, justamente porque para serem bem-sucedidas, os parceiros exigiam deslocações regulares e contatos presenciais para poderem perceber o seu papel no projeto e que tipo de proveito teriam com a sua participação. Este tipo de abordagem revelou-se essencial para firmar as parcerias,

garantido a sua participação sem custos ou com custos residuais de trocas e ofertas. Além disso, foram necessários contatos frequentes para ultimar cada atividade e isso exigia também algum tempo e em horários por vezes pouco compatíveis com os de um professor de 1.º Ciclo, pois quando o horário docente o permitia, muitas vezes já não havia disponibilidade por parte dos parceiros para dialogar. É também de referir que a linguagem da apresentação, formato da apresentação e tempos da apresentação variavam conforme a área de intervenção onde o parceiro se inseria. Quanto a isto teria sido muito facilitador da fase de planeamento do Projeto E.L.F. uma maior disponibilidade de tempo para este efeito ou um aumento de recursos humanos que pudessem contribuir para o desenrolar desta etapa.

Um outro indicador estava ligado ao número de planificações produzidas/ajustadas ao longo do estudo, tendo-se contado três planificações (planificação mensal, articulação mensal e planificação geral) e três atualizações a essas planificações. Estas atualizações foram realizadas de acordo com o desenvolvimento do estudo e com o intuito de afinar a calendarização das atividades e respetiva avaliação, em virtude dos tempos de realização das atividades e da disponibilidade de participação dos parceiros envolvidos, assim como das condições meteorológicas que afetavam a vertente prática do projeto. É importante salientar que, de cada vez que o processo era aferido e dava origem a novas planificações ou por cada visita efetuada ou recebida, obrigatoriamente tinha de se fazer a submissão ao Conselho Pedagógico, o que se revelou mais um entrave ao processo por obrigar a tempo despendido na produção de documentos de registo para essas aprovações e, de algum modo, a uma duplicação de esforço, em virtude do projeto ter sido aprovado na sua globalidade logo no início do ano letivo.

5.3. Resultados decorrentes de instrumentos referentes aos objetivos gerais do projeto

Quanto aos dados obtidos a partir de instrumentos destinados para avaliação global do projeto, os mesmos serão agora analisados a partir dos objetivos gerais do projeto e questões orientadoras. A validação dos mesmos só foi possível através da execução das atividades que permitiram aos alunos, através das dinâmicas de grupo, sequências didáticas, apoio e reconhecimento da comunidade, atingirem os objetivos específicos do projeto. Iremos então analisar a Tabela 19 e fazer a leitura dos resultados com base nesses instrumentos.

Relativamente ao primeiro objetivo geral pudemos determinar que o projeto **promoveu a valorização da escola no seio das comunidades onde se insere, garantindo o papel social que desempenha nos processos de coesão social.** Partindo da análise do questionário às capacidades empreendedoras dos alunos, verificámos que o reforço da sintonia de valores proposto pelo projeto e aprovado pela comunidade levaram os alunos a concluir que eram capazes de superar as expectativas que tinham sobre si mesmos e que isso contribuiu para um aumento da sua motivação nas aprendizagens e autoestima.

Tabela 19

Objetivos gerais do projeto

Objetivos gerais do Projeto E.L.F.	Objetivos específicos do Projeto E.L.F.	Questões orientadoras do Projeto E.L.F.
<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar a escola no seio das comunidades onde se insere, garantindo o papel social que desempenha nos processos de coesão social. • Proporcionar aos alunos conhecimentos e experiências de vida, promovendo as suas relações interpessoais e a “utilidade” do currículo. • Promover a tomada de decisão por parte dos alunos. • Desenvolver uma rede de troca de conhecimentos em torno da escola. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estruturar pontes entre conteúdos curriculares das várias áreas e anos de escolaridade de forma a proporcionar encadeamentos sequenciais de aprendizagem. • Identificar articulações entre conteúdos sequenciais do currículo e ligações à sua aplicação prática no quotidiano. • Vivenciar percursos com experiências variadas e de cariz prático. • Reconhecer a aplicação do próprio potencial em situações de aprendizagem. • Desenvolver hábitos de trabalho conjunto que geram impactos individuais nas suas capacidades de criar, avaliar e decidir sobre ideias. • Desenvolver hábitos de tomadas de decisão acerca do seu percurso de vida. 	<p>Poderá uma abordagem integrada dos conteúdos do 1º ciclo, em estreita relação com as experiências quotidianas dos alunos e com as atividades da comunidade em que se inserem contribuir para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? • A melhoria dos resultados escolares?

Nota: Fonte própria.

As experiências associadas ao empreendedorismo contribuíram para o desenvolvimento pessoal dos alunos como indivíduos e no seu coletivo,

desenvolvendo competências chave associadas ao empreendedorismo, que permitiram um trabalho inclusivo em torno da cooperação, com todos os recursos humanos a serem valorizados e rentabilizados.

Já nas entrevistas de grupo, o papel social da escola como meio de coesão social ficou evidenciado através da referência relativa à vertente prática do projeto e a sua contribuição para a replicação das atividades práticas em ambiente doméstico. Também ficou patente através das conversas que surgiram em família em torno dessas atividades, aproximando os gostos e valores dos intervenientes, tornando-os mais compreensivos, sobretudo no que se refere às dificuldades resultantes do cumprimento dos orçamentos familiares mensais. Ainda ao nível das entrevistas, as expectativas em relação à aplicação do projeto foram amplamente superadas, resultando num aumento da valorização das escolas e do papel do professor como instrumento de fixação das populações nas comunidades onde estas se inserem.

Relativamente aos dados apurados a partir da página do Facebook⁷, verificou-se que o reconhecimento externo, o interesse e a valorização por parte de pessoas que não tinham contactos com a comunidade envolvida na implementação do projeto (i) contribuíram para um aumento das competências de comunicação por parte dos alunos e (ii) reforçaram, aos olhos dos Encarregados de Educação, o valor do percurso escolar dos seus educandos e a importância das abordagens das competências do empreendedorismo na valorização das escolas e comunidades. Assim, contribuiu para a autoestima das comunidades envolvidas no projeto, proatividade no planeamento e execução de novas atividades relacionadas com a temática associadas às raízes, conhecimentos e gostos locais.

Outra das ações realizadas no âmbito de divulgação do projeto foi um workshop realizado num agrupamento TEIP na zona periférica de Lisboa. No final do mesmo, foi aplicado um questionário referente à aplicação do Projeto E.L.F. para auscultar a opinião dos professores. Segundo o mesmo foi possível retirar a seguinte leitura: apesar deste grupo de professores já estar a trabalhar há alguns anos a temática do empreendedorismo, é importante referir que, como membros de uma comunidade educativa, reconheceram a temática como útil e pertinente, que era uma mais-valia para o futuro dos alunos e que estes beneficiariam do contacto com este

⁷ Para consulta:

<https://www.facebook.com/613761542079519/photos/pcb.879573722164965/879571802165157/?type=3> ou fazer pesquisa no *Facebook* por “projeto elf”

tipo de projetos. A coesão social é referida como o aspeto mais importante na valorização do projeto, no entanto a maioria dos inquiridos não reconhece a participação ativa das famílias e a articulação com a comunidade como um fator essencial para a obtenção do referido desenvolvimento da coesão social numa comunidade.

Já o relatório da atividade inspetiva refere o seguinte: “O envolvimento das crianças e dos alunos em atividades que consideram as especificidades e os recursos do meio e valorizam o conhecimento das raízes culturais locais é uma boa prática...”. A leitura mais detalhada do mesmo relatório leva-nos a concluir que o envolvimento dos alunos nas atividades propostas, contribui não só para a sua motivação para as aprendizagens, como também para a valorização das suas raízes culturais e consequente diminuição do insucesso escolar, valorização do papel da escola e comunidades onde estas se inserem.

No questionário de avaliação global pelos alunos estes apontaram as seguintes atividades do projeto como sendo de maior relevância para as comunidades onde estas se inserem: a montagem e utilização da estufa, as atividades agrícolas e a peça de teatro, por serem atividades de maior visibilidade, pela produção de bens para a comunidade e, ainda, pelo ensino de técnicas a essa mesma comunidade.

Relativamente à importância que os alunos atribuem às escolas onde se desenvolveu o projeto E.L.F, as mesmas foram grandemente reconhecidas por eles, tanto devido à aprendizagem de novos conteúdos, como de novas técnicas, parecendo fortalecer também a importância de uma abordagem curricular enquadrada com o meio e com uma forte vertente prática levando a que as aprendizagens feitas pelos alunos sejam mais significativas.

Por fim, nos diários de aula, salienta-se o momento correspondente ao da apresentação do projeto E.L.F. aos encarregados de educação, onde ficou registado que alguns presentes revelaram entusiasmo para iniciar o projeto e alguma ansiedade em grande parte devido à perceção das dimensões que o mesmo abrangia surgindo um aumento das expectativas em torno dos ganhos decorrentes para os seus educandos com a implementação das dinâmicas apresentadas.

A conjugação dos dados retirados a partir dos instrumentos acima referidos permite-nos concluir que o projeto atingiu o objetivo de valorizar as escolas no seio das comunidades onde estas se inserem. A implementação do projeto nos moldes em que foi trabalhado contribuiu para a coesão social, construindo uma narrativa em torno

das competências do empreendedorismo que contribuiu para a autoestima, a valorização e a motivação na dinamização das comunidades em torno da escola.

Na linha de pensamento de La Farge (1992), um projeto deve ter uma finalidade e um conjunto de valores no sentido do que pode ser designado por “bem comum”, educando para a responsabilidade social. Ao mesmo tempo, Davies (1993) sublinha que o desenvolvimento do seu projeto tinha por objetivo fazer funcionar em conjunto a família, a escola e a comunidade, tendo em vista promover o sucesso escolar. Ambos os autores serviram de guia para um desenho de planificação que permitiu atingir este primeiro objetivo geral do projeto E.L.F. As experiências práticas e significativas que surgiram com o projeto atingiram também o objetivo de fazer funcionar em conjunto a comunidade, em ordem a promover o sucesso escolar, relacionando-o com o desenvolvimento social, físico e emocional dos alunos, conforme também apontado pela experiência de Davies (1993).

Em síntese, sublinhemos alguns dos pontos mais relevantes da avaliação deste objetivo geral, tendo por referência a problemática do nosso estudo:

- a adesão dos encarregados de educação ao projeto desde o início do processo, o que contribuiu para o reconhecimento e valorização das escolas;
- o envolvimento de um número alargado de instituições, públicas e privadas garantiu a construções de um conjunto de parcerias indispensáveis ao desenvolvimento do projeto;
- o número e variedade de contactos estabelecidos entre a escola e os diferentes parceiros são um sinal relevante da nova centralidade assumida pela escola na comunidade;
- esta nova centralidade traduziu-se, ainda, no reconhecimento do papel dos professores e na valorização da escola enquanto instrumentos promotores da fixação das populações no território;
- finalmente, foi ainda reconhecido pelos diferentes agentes envolvidos no projeto o papel da escola enquanto fator gerador de coesão social no território em que o projeto se desenvolveu.

Relembremos que o segundo objetivo geral do projeto E.L.F.: **propunha-se proporcionar aos alunos conhecimentos e experiências de vida, promovendo as suas relações interpessoais, e a “utilidade” do currículo.** podemos Numa

apreciação global, podemos indicar que a partir da aplicação inicial e final dos questionários aos alunos é possível concluir ter havido ganhos relativos ao desenvolvimento pessoal dos mesmos, verificando-se uma interiorização e aplicação, relativamente aos indicadores analisados, correspondendo às competências-chave do empreendedorismo ao longo da educação básica.

O aumento da cooperação levou os perfis de liderança a serem mais inclusivos e tolerantes perante diferentes tipos de inteligência. A ambição de obtenção de resultados positivos de qualidade fez com que os grupos rentabilizassem todos os recursos humanos disponíveis, aumentando o seu valor coletivo. Ainda a nível do trabalho de grupo passou a haver uma maior compreensão das variáveis a ter em conta, nas fases de planificação, execução e divulgação das tarefas para a obtenção de sucesso sustentável.

Nas entrevistas de grupo, foi registado o seguinte aspeto relevante, em relação a este segundo objetivo geral: os entrevistados referem que uma das preocupações mais evidenciadas (na segunda entrevista e sem que houvesse uma abordagem preparada nas questões apresentadas para discussão) era a perspetiva de alargamento futuro, não só aos seus educandos – especialmente os que mudavam de ciclo escolar – como a todos os alunos pertencentes à comunidade educativa, com vista a fazer chegar a experiência a todos de uma forma vertical (alargado a outros ciclos) tanto como horizontal (abrangendo outras turmas dos vários anos de escolaridade, dentro do primeiro ciclo). Demonstra-se, deste modo, a compreensão da importância dos contextos curriculares com ligação a uma vertente prática, valorizando as raízes locais, por parte dos EE que reconheceram que as experiências ligadas ao empreendedorismo acrescentavam valor ao percurso escolar dos seus educandos.

Do questionário referente à aplicação do Projeto E.L.F., para auscultar a opinião dos professores presentes no referido workshop, verificou-se que das dimensões abrangidas pelo projeto, 10 consideraram o “Desenvolvimento social dos alunos” como a mais interessante, seguida pela “Valorização do papel da escola”, a “Autonomia da dinâmica de grupo”, a “Articulação Curricular”, a “Articulação com a comunidade” e, finalmente, a “Participação ativa das famílias”.

É interessante constatar que, se por um lado este grupo de professores considerou grandemente o desenvolvimento e coesão social da comunidade local proveniente de um projeto deste tipo, por outro lado a dimensão menos valorizada foi justamente a participação ativa das famílias e a articulação com a comunidade. Por

seu lado, a articulação curricular é considerada um tema de média importância, assim como as dinâmicas de grupo.

Do relatório da atividade inspetiva existe a seguinte referência: "...Para além das iniciativas do plano anual de atividades relacionadas com o contexto, muitas delas em articulação com entidades locais, é de distinguir o Projeto de literacia financeira, desenvolvido em duas turmas do 1.º ciclo que, de forma sistemática, contribui para aproximar as aprendizagens às vivências dos alunos."

Através do olhar de uma entidade externa ao processo, podemos assim confirmar a ideia que o projeto E.L.F aproxima as aprendizagens às vivências dos alunos, é interpretado como uma boa prática.

Partindo da avaliação dos resultados escolares num olhar global aos resultados atingidos por todos os alunos envolvidos no processo, constata-se que o percurso de aprendizagem resultou num aumento global do sucesso escolar, não tendo sido necessário equacionar sequer a hipótese de retenção para nenhum aluno, facto que, em ambas as escolas, já não sucedia há bastante tempo. De resto, este sucesso com ausência de retenções está de acordo com as indicações colhidas entre os alunos (e alguns pais) que foram evidenciando uma melhor compreensão curricular e um aumento de solidez nas aprendizagens realizadas, não só pela integração curricular promovida no âmbito do projeto, como pela aplicação prática das aprendizagens associada a situações concretas e do quotidiano que foram sendo vivenciadas pelos alunos na vertente prática do mesmo.

Finalmente importa fazer referência aos mapas de conceitos construídos com os alunos em sala de aula (anexo 15), que levou os alunos a fazer a ligação direta entre as atividades práticas do projeto e a "utilidade" do currículo, ligação essa, que também foi feita nos cadernos de registo individual do projeto.

O proporcionar aos alunos conhecimentos e experiências, promovendo as suas relações interpessoais e a "utilidade" do currículo através do desenvolvimento de competências associadas ao empreendedorismo, confirma a visão de Carneiro (2000) quando este realça que este tipo de experiências de vida são vistas como responsáveis pelo desenvolvimento dos traços do Empreendedorismo, ou seja, da criatividade, inovação, da coesão social e da cidadania, bem como o aumento de autonomia, confiança e capacidade de adaptação que providencia na população, confirmando a visão de (Johansen & Schanke, 2014), onde a escola assumiu este papel na faixa da população ainda em idade escolar.

Recorrendo a Roldão (2013), podemos confirmar que esta operacionalização do Empreendedorismo, através da Educação Financeira e as restantes áreas curriculares, ocorreram de uma forma integrada e perfeitamente harmoniosa com as finalidades aglutinadoras do conhecimento curricular por ela apontadas:

- Permitir a integração social dos indivíduos como participantes ativos;
- Assegurar, pela passagem e crescimento do conhecimento e competências que dele decorrem, o desenvolvimento e sustentabilidade das próprias sociedades;
- Promover o potencial de que cada indivíduo é portador (p. 19).

Assim, ao Empreendedorismo foi dado o papel de área narrativa de projeto, a par das Ciências Sociais (envolvendo pais alunos, parceiros, escola, comunidade e sociedade), servindo ambos de base ao desenvolvimento curricular integrado das restantes áreas (Português, Matemática, Expressão Dramática, Expressão Musical, Expressão Plástica, Educação para a Cidadania,...) com vista a desenvolver nos alunos as competências empreendedoras, que durante a implementação do projeto demonstraram a “utilidade” do currículo transmitindo-lhes as ferramentas necessárias para garantir uma postura que lhes permita serem bem-sucedidos a nível do seu percurso educativo, e essencialmente a nível do seu percurso de vida.

Em síntese, e retomando, mais uma vez a problemática do nosso estudo, são de particular relevância os seguintes resultados:

- a centralidade da escola no seio da comunidade também decorre do modo como esta “entrou” dentro da sala de aula, proporcionando momentos de aprendizagens experienciais e garantindo-lhes significado;
- em sentido contrário, mas complementar, encontramos a relevância atribuída à necessidade de alargar o projeto a outros níveis de ensino e a outros alunos, assinalando deste modo a importância atribuída a uma abordagem contextualizada do currículo;
- a reflexão dos docentes confirma o novo papel da escola, de agente catalisador da coesão social do território ao colocarem o acento tónico nesta dimensão, relegando para segundo plano, quer a relação família-escola (tradicionalmente mais valorizada), quer a gestão do currículo.

No que diz respeito ao terceiro objetivo geral do projeto, correspondente à **promoção de tomada de decisão por parte dos alunos**, com a aplicação inicial e final dos questionários pretendia-se verificar os ganhos relativos ao desenvolvimento pessoal dos alunos, partindo dos indicadores analisados, os quais correspondem às competências chave do empreendedorismo ao longo da educação básica, registando-se melhorias significativas no desenvolvimento das competências de assunção de riscos e criatividade.

As dinâmicas de grupo como estratégia e a resiliência como competência chave foram uma alavanca transversal a todos os indicadores, sendo esta competência a que mais contribuiu para o combate ao insucesso escolar através de duas vertentes: por um lado, aumentando a autoconfiança e motivação e, por outro lado, aumentando a autonomia e curiosidade pela investigação na resolução de dificuldades imprevistas.

Estas melhorias registadas podem ser explicáveis pela utilização da estratégia das dinâmicas de grupo, já que os alunos pareceram reconhecer que, apesar da dificuldade inicial sentida na adaptação à rotatividade de papéis, encararam a cooperação como um instrumento fundamental para a conclusão das tarefas apresentadas, rentabilização de esforços, realização de aprendizagens mais sólidas e, mais tarde, como a base para um trabalho de maior qualidade e valor diferenciado. Provavelmente, esta interajuda fez com que os alunos com maiores dificuldades tivessem produzido, com o seu grupo, um trabalho que indiciou ser, quer em qualidade, quer em quantidade, reconhecido pelos seus pares, reforçando a relevância da capacidade de tomada de decisão. Para estes resultados terão contribuído os instrumentos de avaliação utilizados de forma frequente e sistemática, proporcionando a reflexão de cada um sobre o trabalho realizado e tendo como objetivo aumentar as competências individuais. Assim, através das análises realizadas pelo grupo foi possível registar em termos da cooperação e do reforço dos valores do projeto. Tornar o grupo mais consciente dos riscos que cada tomada de decisão poderia implicar, parece ter levado a uma diminuição dos indicadores relativos ao isolamento (passando o trabalho em cooperação a ter mais valor que o individual), mas também ao empenho e à responsabilidade. É possível considerar que, não obstante se manter o sentido de responsabilidade, o reconhecimento da ligação entre a assunção de riscos e o sucesso, a consciencialização do processo de planificação e das variáveis a ter em conta, conduziram os alunos à compreensão de que ainda não eram suficientemente

responsáveis. Isto explica, em parte, a diminuição relativa destes indicadores conforme se pode constatar na Tabela 20 em que se faz a comparação de dados obtidos entre o primeiro e o segundo momento do questionário das capacidades empreendedoras.

Tabela 20

Registo da comparação entre os testes de determinação de capacidades empreendedoras aplicados aos alunos

Aumento	Manutenção	Diminuição
<p>Aumento dos indicadores da independência, com destaque para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>persistência</i> (teimosia/ não desistência perante as dificuldades); - <i>iniciativa</i>; - <i>resiliência</i> na resolução de problemas. <p>Aumento dos indicadores da autodisciplina, com destaque para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>resiliência</i> na conclusão de tarefas; - <i>motivação</i> e desejo de <i>sucesso</i>; - <i>assumpção de riscos</i> com perspectiva de aprender e melhorar; - <i>planeamento</i> (pensar em projetos). <p>Aumento dos indicadores da criatividade, com destaque para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>resiliência</i> na superação de obstáculos; - <i>criatividade</i> (imaginação e inovação); - <i>curiosidade</i>. <p>Aumento dos indicadores da motivações, com destaque para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>persistência</i> (fixação de ideias); - <i>ambição</i> e <i>coragem</i>; - <i>resiliência</i> na resolução de problemas. <p>Aumento dos indicadores da capacidade de risco, com destaque para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>descoberta</i> (para realização de aprendizagens novas, trilhar outros percursos,...); - <i>oportunismo</i>; - <i>resiliência</i> perante obstáculos. <p>Aumento dos indicadores da autoconfiança, com destaque para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>autoestima</i>; - <i>autoconfiança</i>; - <i>resiliência</i> na para atingir os objetivos. 	<p>Manutenção do gosto pela <i>responsabilidade</i></p> <p>Manutenção da <i>concentração</i></p> <p>Manutenção da capacidade de ter perspectivas positivas (<i>otimismo</i>).</p> <p>Manutenção no reconhecimento da ligação entre a <i>assumpção de riscos</i> e o <i>sucesso</i>.</p> <p>Manutenção da aceitação de <i>elogios</i> e <i>desafios</i>.</p>	<p>Diminuição no indicador relativo ao <i>isolamento</i>, provavelmente decorrente do tempo passado a trabalhar em equipa.</p> <p>Diminuição nos indicadores relativos ao <i>empenho</i> e à <i>responsabilidade</i> .</p> <p>Diminuição no indicador relativo à <i>autoconfiança</i> num cenário de ter de enfrentar qualquer situação.</p>

Nota: Fonte própria.

Por fim, ao compararmos os resultados obtidos no início e no final do estudo podemos aferir que os alunos terão aumentado, não só as suas capacidades de independência, autodisciplina, criatividade, motivação, mas também a capacidade de risco e sua autoconfiança. Aparentemente, o processo levou os alunos a encarar o risco como parte do caminho para o sucesso, implicando este o gosto pela investigação realizada a partir das aprendizagens não planificadas, decorrentes das etapas em que surgiram imprevistos e contrariedades.

Já nas entrevistas de grupo destaca-se a forma como foi expressa uma preocupação relativa às perspetivas de futuro, que foram ponderadas e apresentadas de forma espontânea pelos Encarregados de Educação entrevistados. Estas deixam no ar a ideia que as próprias competências de planeamento, resiliência e avaliação trabalhadas com os alunos no âmbito do projeto pareceram ter chegado de alguma forma até aos pais, com estes a evidenciarem a vontade em colaborar de forma proativa nos processos educativos locais, aspeto que é essencial na diminuição do insucesso escolar.

A partir do questionário de avaliação global do projeto feita pelos alunos podemos apurar que as atividades consideradas mais relevantes foram as atividades agrícolas no recinto escolar, a visita de estudo à E.P.A.F.B.L., a peça de teatro, as tomadas de conhecimento de técnicas agrícolas antigas e a montagem da estufa no espaço da horta escolar. As atividades de caráter mais prático e em que os alunos tiveram uma intervenção virada para a experimentação, foram as mais reconhecidas pelos alunos como sendo as de maior visibilidade e importância para as aprendizagens feitas no decorrer do projeto E.L.F, o que vem reforçar a ideia da importância de uma abordagem curricular com fortes ligações ao quotidiano e às raízes locais.

Foi amplamente reconhecida a aprendizagem de técnicas agrícolas e a aplicação das aprendizagens em empresas familiares, o que, por sua vez, corresponde ao objetivo de conseguir transmitir conhecimentos às comunidades através dos alunos, fazendo com que a escola passe a ter um papel importante na transmissão de informação para melhorar a qualidade de vida destas comunidades.

Curiosamente, a maioria dos alunos demonstrou expectativas de abrir uma empresa no futuro, tendencialmente dentro de áreas que respeitam as suas raízes locais. Apenas um grupo rejeitou esta ideia e foram muito poucos os alunos que manifestaram dúvidas em relação a essa tomada de decisão. O objetivo de fomentar

os hábitos de tomada de decisões informadas com base na experimentação parece, assim, ter sido atingido, uma vez que os alunos deram provas do uso do livre arbítrio para tomar uma decisão relativamente ao seu percurso de vida.

Dos diários de aula importa reter a ideia de que os conflitos gerados pelo trabalho em grupo fizeram com que os alunos, em ambiente controlado e dirigido, pudessem assumir posturas de defesa do coletivo, chegando mesmo a superar algumas dificuldades de comunicação e barreiras pessoais existentes, como a excessiva timidez ou a incapacidade de dar opinião em momentos chave. Muitos foram capazes de assumir um papel de liderança com todas as competências que lhes estão associadas.

Na avaliação dos resultados escolares, importa sublinhar que os objetivos do projeto vão muito para além das metas definidas para os exames nacionais, uma vez que o projeto foi desenhado para preparar os alunos para, a curto e médio prazo, prestarem provas no final do ciclo de conseguirem responder a questões no plano teórico, mas, principalmente, para os fazer atingir aprendizagens sólidas ligadas a uma dimensão prática que permitam, a longo prazo, estarem preparados para um percurso de vida diferente. Finalmente importa referir que este sucesso parece estar interligado às dinâmicas de grupo implementadas nas equipas de trabalho, em que, através da cooperação e troca de conhecimentos entre os alunos, parece ter ocorrido uma homogeneização dos resultados escolares: é recorrente no panorama educativo haver exemplos de turmas nas quais acontece uma redução ao longo do ano letivo da percentagem de alunos a atingir o nível “Muito Bom” – sendo explicável pelo aumento gradual do nível de dificuldade dos conteúdos ao longo do ano, mas, no caso dos alunos em estudo, aconteceu também a redução dos alunos com nível “Insuficiente”, conduzindo este aspeto a uma concentração em torno dos níveis de “Suficiente” e “Bom” e portanto a uma redução dos extremos e da heterogeneidade, tantas vezes apontada nas turmas como um fator que gera maiores dificuldades.

Além disso, neste processo, um aspeto que foi penalizador para os alunos com melhor desempenho no âmbito da aplicação do Projeto E.L.F. foi o facto dos critérios de avaliação usados durante o processo, serem comuns a qualquer outra turma do agrupamento, impedindo-se de revelarem todo o seu potencial revelado durante as diferentes fases de implementação do projeto E.L.F.. Assim, teria sido mais justo e mais adequado ao que entendemos por um processo avaliativo, se os alunos envolvidos no estudo pudessem ter usufruído de critérios de avaliação preparados

para a realidade metodológica do projeto e para o trabalho efetivamente realizado, o que teria permitido que um aluno de nível “Muito Bom” fosse aquele que, mais do que atingir bons resultados educativos, fosse particularmente valorizado pelo seu esforço em termos de solidariedade e cooperação com os colegas, expresso pelo seu esforço na transmissão de saberes e interajuda.

Particularmente, na EB de Almargem, a redução dos níveis “Muito Bom” sucedeu em especial nas áreas de expressão. Este resultado parece estar relacionado com o facto de a metodologia do projeto ter possibilitado aos alunos perceberem que conseguiam atingir melhores resultados noutras áreas que habitualmente não são as suas áreas fortes. Isso pode ter levado a que se tivessem tomado a decisão de se deixar de “especializar” numa única área e passaram a almejar alcançar metas em todas elas, custando-lhe, no entanto, uma redução na sua área forte em prol das outras.

Relembra-se que o estudo realizado por Ostenk, Leffler, Johansen e Mathisen, citados por Johansen e Schanke (2014), aponta a Educação para o Empreendedorismo como “a principal dimensão explanatória do desempenho académico” (p. 159), referindo que nos projetos de Empreendedorismo, os alunos têm controlo sobre a sua própria aprendizagem, e a experiência prática é tida como motivadora e instrutiva, e a participação deverá desenvolver com o tempo a sua capacidade para buscarem conhecimento, serem criativos, cooperante com outros alunos e outras entidades fora do mundo escolar. Terem responsabilidades, e encontrarem soluções para diferentes problemas.

Relembra-se ainda que estes autores também apontam, na fase final do seu estudo (relativamente à discussão), o desenvolvimento de conhecimentos e de capacidades ligados ao Empreendedorismo, como a primeira razão para se desenvolverem projetos como os referidos. Os mesmos autores referem que “responsáveis e /ou alunos que se envolveram mais [nos projetos de Empreendedorismo] do que o tempo médio, por exemplo, experienciem um efeito mais positivo do que os restantes participantes” (p. 162).

Confirmando a visão de Johansen e Schanke (2014), podemos verificar com base nos indicadores produzidos a partir dos instrumentos de recolha acima referidos que o objetivo associado à promoção de tomada de decisão por parte dos alunos foi plenamente atingido, graças ao desenvolvimento das competências do empreendedorismo promovidas pelas atividades do projeto E.L.F..

Assim, e em síntese, poderemos sublinhar os seguintes resultados:

- o desenvolvimento de competências pessoais nos alunos, particularmente no que concerne à capacidade de tomada de decisão e de cooperação inter-pares;
- os resultados escolares alcançados, não obstante estarmos hoje perante a dificuldade em adequar as modalidades, os critérios e os instrumentos de avaliação em função das práticas pedagógicas realizadas em cada sala de aula (facto que é particularmente relevante quando nos propomos desenvolver um projeto original no seio do agrupamento);
- a importância atribuída pelos alunos às atividades práticas, alicerçadas no quotidiano e nas raízes da cultura local;
- a atração exercida pelo projeto sobre os encarregados de educação, os quais participaram ativamente no projeto, constituindo-se como fator promotor do sucesso de todos os alunos;
- o papel dos alunos de fazer chegar conhecimento e reflexão aos seus encarregados de educação, assumindo-se como agentes locais promotores de mudança social.

Por fim analisamos o último objetivo geral do projeto, a saber, **desenvolver uma rede de troca de conhecimentos em torno da escola**. Atendendo a que o Projeto E.L.F., no seu cerne, assentou numa articulação direta entre professores, alunos, famílias, comunidades e parcerias (e tendo ainda em conta o domínio da interação entre os professores investigadores e os parceiros de cariz educativo), não é difícil situá-lo num cenário para além da investigação-ação, alargado a uma comunidade de investigação onde foi estabelecida uma rede de troca de conhecimentos em torno da escola. De acordo com Alonso (2013), esse cenário de criação de comunidades críticas de formadores e professores, em que “investigadores académicos e investigadores práticos” unem esforços em projetos com vista a mudanças educativas, com recurso a um “currículo mais flexível, mais integrado e relevante para aos alunos”, leva também a um importante “diálogo entre formação inicial, formação contínua e inovação curricular, permitindo uma coerência de discursos e práticas entre “os dois mundos”” (p. 37).

Essa rede de trocas ficou registada através dos meios de divulgação das atividades do projeto dos quais destacamos o Facebook e o Youtube.

Relativamente aos dados apurados a partir da página do Facebook criada para divulgação de atividades do Projeto E.L.F., pôde-se verificar que este tipo de divulgação contribuiu para a autoestima e valorização externa do trabalho produzido pelos alunos. Foi um instrumento facilitador da aceitação de práticas pedagógicas diferenciadas, focando a atenção no trabalho produzido localmente por uma comunidade e este aspeto contribuiu para a motivação quer dos EE quer dos alunos ao longo do ano letivo

Considerando que o grupo base de pais que poderia ter interesse em acompanhar o projeto seria, no máximo, cerca de 74 pessoas e tendo conta que a divulgação foi feita em circuito fechado (sujeito a aprovação por parte dos administradores), alargou-se o número de seguidores, entre 14 de novembro e 28 de julho, para um universo de 123 seguidores.

Desses 123 seguidores, 106 colocaram um “Gosto” na página do projeto.

Por outro lado, esses 123 geraram mais 1231 ligações referentes ao projeto, dando origem a 712 “Gostos”, “Posts” e “Comentários”.

Mais 858 pessoas, para além dos 123 seguidores, partilharam informações do projeto, gerando um número total de 26233 contatos.

Todos esses contatos deram origem a 8727 leituras de conteúdo de informação relativas ao projeto (consultar anexo 34).

Relativamente às 16 atividades documentadas na Língua Portuguesa e alojadas no Youtube⁸ (com tags unificadores como empreendedorismo, literacia financeira, educação financeira, Projeto E.L.F., Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira, ...), entre novembro de 2014 e agosto de 2015, salientam-se algumas ideias que importa aqui valorizar.

As duas atividades mais visualizadas prendem-se com a temática das técnicas tradicionais e são das mais votadas ao esquecimento pela sua antiguidade: fabrico de réstias (168 visualizações); enxertia, veda e poda (98 visualizações). Seguidamente, as atividades mais procuradas são subordinadas à temática de técnicas agrícolas modernas; depois seguem-se as atividades subordinadas à pedagogia; técnicas agrícolas antigas mas ainda conhecidas (como a apicultura), foram menos procuradas; as atividades ligadas aos recursos naturais e ao ensino profissionalizante, foram as menos visualizadas.

⁸ Para consulta:

https://www.youtube.com/channel/UCSLsroKil_R5yFFNymSdvcA/videos?shelf_id=0&view=0&sort=dd

Geograficamente, através dos tags as atividades foram visualizadas a partir de 12 países, estando estes organizados por contagem decrescente relativamente aos países de origem onde os conteúdos foram visualizados e respetivo número de visualizações: Portugal; Brasil; França; Suíça; Chile; Índia; EUA; Espanha; Moçambique; Itália; Roménia; Rússia.

Tendo em conta que os dados obtidos se reportam a um alojamento de recursos com tags em português, seria muito interessante investigar a que países poderiam chegar o projeto, se tivessem sido incluídos tags em inglês. Ainda relativamente aos países lusófonos, é importante ter em conta que o acesso à internet é ainda um recurso limitado nalguns deles, sendo que, por isso, a contabilidade nalguns casos, ainda que mais baixa pode ser considerada mais expressiva do que noutros.

Portugal, naturalmente está associado a todas as temáticas. No caso do Brasil foram as técnicas tradicionais e a pedagogia as temáticas mais procuradas (infelizmente, no caso do Brasil, não nos foi possível obter dados de quais dos Estados Federais proveio a maioria das buscas, indicador que poderia auxiliar numa futura colaboração de organização curricular em torno da temática). De França fizeram-se consultas sobre técnicas tradicionais e modernas bem como a nível da pedagogia. De Moçambique registaram-se pesquisas ligadas à pedagogia. Já da Suíça surgem as pesquisas por técnicas tradicionais e modernas e ensino profissionalizante.

Os restantes países registados estão ligados à pesquisa de técnicas tradicionais. (consultar anexo 32 e 33)

A divulgação deste tipo de experiências não só contribuiu para a capacidade de seleção, resumo de informação e de divulgação por parte dos alunos como aumentou os seus níveis de motivação e exigência, dado que os alunos foram referindo ao longo do ano que queriam um maior número de atividades divulgadas e com mais regularidade.

Uma das ações realizadas no âmbito de divulgação do projeto foi um workshop realizado num agrupamento TEIP na zona periférica de Lisboa. No final do mesmo, foi aplicado um questionário referente à aplicação do Projeto E.L.F. para auscultar a opinião dos professores. Segundo o mesmo, foi possível retirar a seguinte leitura: num universo de 36 professores e educadores, onde não se registavam presenças do 1.º ciclo nem do secundário, e num agrupamento onde já havia sido prestada formação e

acompanhamento à aplicação de projetos de empreendedorismo, 32 consideraram o workshop útil e 31 consideraram a temática pertinente. Todos consideraram que o trabalho sobre a temática em sala de aula é uma mais-valia para o futuro dos alunos, 27 consideraram que este tipo de projeto promove o desenvolvimento e coesão social da comunidade local e 24 gostariam de replicar o processo do projeto no seu agrupamento.

Apesar disso e de 22 indicarem a importância da formação em empreendedorismo, 10 negaram essa necessidade.

Acrescenta-se ainda a troca de conhecimentos relativos ao projeto evidenciada na entrevista aos pais, do impacto dessas trocas referenciadas no questionário de avaliação global dos alunos e as atividades planificadas com membros da comunidade e parcerias referidas na tabela de articulação curricular mensal.

Não podemos deixar de reconhecer, em síntese, que as estratégias de comunicação e divulgação do projeto, ao longo das suas diferentes fases – conceção, implementação e avaliação – ofereceram-nos excelentes indicadores que apontam no sentido da escola ter assumido, progressivamente um lugar central na comunidade, mas acabando por a ultrapassar, chegando a uma comunidade mais alargada ou, eventualmente, a outras comunidades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações propostas pelo Projeto E.L.F, nos alunos, nas escolas e nas comunidades onde estas se inserem estiveram assentes na dinamização dos elos estabelecidos entre si, procurando saber qual o papel que a escola pode ter no desenvolvimento de um projeto e na seleção de valores comuns aceites pela comunidade da qual faz parte. Pela temática escolhida, esses valores estiveram ligados às competências chave do empreendedorismo. A partilha de responsabilidades, quer no seu desenvolvimento, quer na sua avaliação, foram condições vitais para o impacto positivo do projeto. As experiências práticas e significativas surgiram com ações que tiveram por objetivo fazer funcionar em conjunto a comunidade e promover o sucesso escolar, utilizando argumentos sobre o conjunto específico dos valores aceites associados ao empreendedorismo.

Assim, ao empreendedorismo foi dado o papel de área narrativa de projeto, a par das Ciências Sociais (envolvendo pais, alunos, parceiros, escola, comunidade e sociedade), servindo ambos de base ao desenvolvimento curricular integrado das restantes áreas (Português, Matemática, Expressão Dramática, Expressão Musical, Expressão Plástica, Educação para a Cidadania,...), com vista a desenvolver nos alunos competências empreendedoras, necessárias para garantir uma postura que possa permitir aos alunos serem bem-sucedidos a nível do seu percurso educativo, do seu percurso laboral ou, essencialmente, a nível da tomada de decisões que marcam o seu percurso de vida.

A problemática central desta investigação encontrou-se sintetizada na seguinte questão: *em que medida um projeto curricular integrado, visando o empreendedorismo, pode contribuir para centrar a escola numa comunidade?*

Do problema de partida, decorreram questões de investigação mais específicas, estando os objetivos gerais deste estudo resumidos na Tabela 21.

Tabela 21

Objetivos gerais de estudo

Objetivos gerais do estudo	Objetivos específicos do estudo	Questões orientadoras do estudo
<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se os valores associados ao empreendedorismo podem ser aceites pela comunidade e pela escola • Determinar se as experiências associadas ao empreendedorismo contribuem para o desenvolvimento pessoal dos alunos. • Averiguar se existe uma maior valorização do percurso escolar dos alunos, decorrentes da aplicação do projeto, por parte dos encarregados de educação. • Investigar se a escola, a partir da aplicação do projeto, passou a ser mais valorizada pela comunidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aumentar os níveis de motivação para as aprendizagens escolares; • Desenvolver hábitos de trabalho cooperativo que reflitam as competências chave do empreendedorismo; • Experienciar vivências que facilitem aos alunos as tomadas de decisão ao longo do percurso educativo; • Valorizar as suas raízes locais; • Valorizar o trabalho dos alunos no seio da comunidade; • Desenvolver traços sociais que favoreçam a realização das suas aprendizagens. 	Pretende-se que os alunos... <ul style="list-style-type: none"> ... aumentem os níveis de motivação para as aprendizagens escolares; ... desenvolvam hábitos de trabalho cooperativo que reflitam as competências chave do empreendedorismo; ... experienciem vivências que facilitem aos alunos as tomadas de decisão ao longo do percurso educativo; ... valorizem as suas raízes locais; ... sejam valorizados na comunidade pelo tipo de trabalho que desenvolvem; ... desenvolvam traços sociais que favoreçam a realização das suas aprendizagens.

Nota: Fonte própria.

Estruturaram-se ao longo do estudo, e através da aplicação do projeto, pontes entre conteúdos curriculares das várias áreas e anos de escolaridade, de forma a proporcionar encadeamentos sequenciais de aprendizagem, garantindo uma gestão do currículo coerente, quer no plano horizontal, reforçada com a prática de integração curricular, quer no plano vertical, entre os diferentes anos de escolaridade. Foi necessário apresentar o projeto aos pais dos alunos que frequentavam os estabelecimentos de ensino onde iria ser implementado o projeto. Foi explicado que todos os conteúdos curriculares iriam ser lecionados, embora fosse alterada a sua planificação tradicional. Sublinhou-se que iriam ser mobilizados e valorizados os conhecimentos e os gostos culturais de cada uma das comunidades onde as escolas se inserem e que esse processo iria contribuir para a valorização da escola, da comunidade e das famílias que mais de perto acompanhassem este processo.

Este foi o cenário que nos permitiu **verificar se os valores associados ao empreendedorismo poderiam ser aceites pela comunidade e pela escola**. Partindo da análise dos dados, verificamos que relativamente às entrevistas de grupo, os aspetos que foram registados são particularmente importantes, tendo em conta que

são apontados por pessoas, que ao longo da primeira entrevista, evidenciaram ter tido um passado escolar marcado pela existência de exclusão.

No balanço feito entre a primeira e a segunda entrevista, ficou registado um aumento do conhecimento das competências ligadas ao empreendedorismo e redução do desconhecimento de conceitos básicos. Ficou evidente uma aceitação dos valores associados ao empreendedorismo, reconhecendo-se que as experiências ligadas ao empreendedorismo acrescentavam valor ao percurso escolar dos seus educandos. Ao nível das entrevistas, as expectativas em relação à aplicação do Projeto E.L.F. foram amplamente superadas, resultando num aumento da valorização das escolas e do papel do professor como instrumento de fixação das populações nas comunidades onde estas se inserem. Relativamente aos dados apurados a partir da página do Facebook – criada para divulgação de atividades do Projeto E.L.F. – pôde-se verificar que este tipo de divulgação contribuiu para a autoestima e valorização externa do trabalho produzido pelos alunos. Considerando que o grupo base de pais que poderia ter interesse em acompanhar o projeto seria, no máximo, cerca de 74 pessoas e tendo conta que a divulgação foi feita em circuito fechado (sujeito a aprovação por parte dos administradores), alargou-se o número de seguidores, entre 14 de novembro e 28 de julho, para um universo de 123 seguidores.

Desses 123 seguidores, 106 colocaram um “Gosto” na página do projeto.

Por outro lado, esses 123 geraram mais 1231 ligações referentes ao projeto, dando origem a 712 “Gostos”, “Posts” e “Comentários”.

Mais 858 pessoas, para além dos 123 seguidores, partilharam informações do projeto, gerando um número total de 26233 contatos.

Todos esses contatos deram origem a 8727 leituras de conteúdo de informação relativas ao projeto.

O reconhecimento externo, o interesse e a valorização por parte de pessoas que não tinham contactos com a comunidade envolvida na implementação do projeto não só contribuíram para um aumento das competências de comunicação por parte dos alunos, como também reforçaram, aos olhos dos Encarregados de Educação, o valor do percurso escolar dos seus educandos. Por outro lado, foi reconhecida a importância que as abordagens das competências do empreendedorismo tiveram na valorização das comunidades aderentes ao projeto, contribuindo assim para a sua autoestima, proatividade no planeamento e execução de novas atividades relacionadas com a temática associadas às raízes, conhecimentos e gostos locais.

Relativamente às 16 atividades documentadas na Língua Portuguesa e alojadas no youtube (com tags unificadores como empreendedorismo, literacia financeira, educação financeira, Projeto E.L.F., Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira,...), entre novembro de 2014 e agosto de 2015, salienta-se que grande parte da divulgação foi feita pelas comunidades envolvidas no processo, tendo estas ficado com a perceção de que o projeto teria chegado a quatro continentes e que as tecnologias da comunicação poderiam levar em pouco tempo a informação que se pretende transmitir a um nível global. No que concerne ao desenvolvimento da autoestima foi patente, em alguns membros, o orgulho em participar em atividades desenvolvidas em comunidades tão pequenas e rurais, experimentando em primeira mão os conceitos de “aldeia global” e “sociedade do conhecimento” (Carneiro, 2000), através da divulgação de atividades que trabalhavam as competências do empreendedorismo. Por fim, através dos diários de aula verificámos que, no primeiro momento da apresentação do Projeto E.L.F. na reunião de divulgação do projeto aos Encarregados de Educação, foram explicitadas as razões que levaram à elaboração do projeto, assim como a contextualização do mesmo. A partir desse momento, foi possível perceber a sintonia entre os valores do projeto e os da comunidade, os objetivos definidos e as preocupações a ele subjacentes. Revelou-se da parte de alguns dos presentes, entusiasmo para iniciar a aplicação do projeto e alguma ansiedade muito devido à perceção das dimensões que o mesmo abrangia, registando-se um aumento das expectativas em torno dos ganhos decorrentes para os seus educandos com a implementação das dinâmicas apresentadas. Relembrando a ideia de Porto (2003), “as escolas não estão, nem nunca estiveram, organizadas de forma a criar narrativas poderosas e inspiradoras” (pp. 144-145). Assumiu-se o desafio de criar uma narrativa que fosse suficientemente inspiradora e que agregasse as competências curriculares com as competências do empreendedorismo os quais, de alguma forma, criaram caminhos para um conjunto de valores comuns que foram aceites pela comunidade e pela escola.

Relativamente ao segundo objetivo de estudo – **determinar se as experiências associadas ao empreendedorismo contribuem para o desenvolvimento pessoal dos alunos** – este assentou na promoção de uma gestão curricular centrada em aprendizagens significativas, partindo dos saberes, das capacidades e das experiências dos alunos, fazendo-os vivenciar percursos com

experiências variadas e de cariz prático e levando-os a reconhecer a aplicação do seu próprio potencial em situações de aprendizagem. Para tal foi necessário desenvolver hábitos de trabalho conjunto que gerassem impactos individuais nas suas capacidades de criar, avaliar e decidir sobre ideias.

Olhando aos resultados da aplicação do projeto, com base na aplicação do questionário das capacidades empreendedoras aos alunos, verificamos que as experiências associadas ao empreendedorismo contribuíram para o desenvolvimento pessoal dos alunos como indivíduos e no seu coletivo, o que permitiu um trabalho inclusivo em torno da cooperação, com todos os recursos humanos disponíveis a serem valorizados e rentabilizados. É possível perceber que os alunos se tornaram mais conscientes das etapas necessárias a percorrer para a obtenção de sucesso e qualidade e, deste modo, também se tornaram mais experimentados e preparados para o processo de tomada de decisão, a nível do seu futuro pessoal e académico. A partir do questionário de avaliação global, os alunos apontam vontade de abrir uma empresa no futuro, maioritariamente dentro de áreas que respeitam as suas raízes locais, existindo um grupo que apontou com toda a certeza que não o fará. Merece atenção o facto de serem poucos os alunos com dúvidas em relação a essa tomada de decisão. O objetivo de fomentar os hábitos de tomada de decisões informadas com base na experimentação, parece ter sido atingido, uma vez que, querendo enveredar por determinada carreira ou não querendo seguir por determinada via, os alunos estão já a dar provas de tomadas de decisão relativamente ao seu percurso de vida.

Este instrumento de avaliação, em particular, veio aferir se se deu ou não o desenvolvimento das capacidades de iniciativa e tomada de decisão. O fato de estes alunos já pensarem em percursos que não implicam um desenraizamento das comunidades onde se inserem, poderá também no futuro ser um elemento-chave para o desenvolvimento, prosperidade e fixação das populações em pequenas comunidades rurais à semelhança destas onde se desenvolveu o projeto E.L.F.. Deste modo, podemos concluir que as experiências associadas ao empreendedorismo contribuíram para o desenvolvimento pessoal dos alunos tornando-os mais motivados para as aprendizagens, mais cooperativos nas dinâmicas de trabalho e mais capazes de tomar decisões ao longo do seu percurso educativo passando a valorizar mais a escola e as suas raízes locais partindo de uma escola democrática semelhante à já descrita por Apple e Beane (citados por Ferreira, 2005), que se pauta “por uma ampla participação, ao nível da escola e do território, procurando estender a democracia à

comunidade envolvente, não se limitando apenas a tentar diluir a gravidade das desigualdades sociais na escola, mas procurando, para além disso, transformar as condições que as criam” (p. 58), transformação essa que se traduziu em ganhos diretos para os alunos e para as comunidades onde vivem.

No que reporta ao terceiro objetivo – **averiguar se existe uma maior valorização do percurso escolar dos alunos, decorrentes da aplicação do projeto, por parte dos encarregados de educação** – consideramos, em primeiro lugar, que a aplicação do Projeto E.L.F. foi geradora de uma dinâmica local, construindo uma teia de conexões entre os alunos, pais, professores, representantes da comunidade de diferentes gerações e diferentes saberes, empresas, escolas, decisores políticos locais e meios de comunicação, partindo do empreendedorismo.

A nível social, valorizou-se a importância de dialogar com os parceiros, não só para apresentar o projeto de forma simples e personalizada, mas também para evidenciar a valorização mútua de escolas e parceiros, com importantes ganhos para os envolvidos, em torno do tema do empreendedorismo.

Nessa perspetiva, foram ainda registados no decorrer da planificação e desenvolvimento do projeto cerca de 70 telefonemas, cerca de 110 mensagens por correio eletrónico, cerca de 40 SMS e cerca de 45 reuniões presenciais com parceiros, perfazendo um total de cerca de 265 contactos. Pretendia-se através desta rede de contactos promover uma visibilidade do projeto e parceiros envolvidos que valorizasse as entidades envolvidas e o percurso escolar dos alunos e que essa valorização fosse reconhecida por parte da comunidade, em particular os encarregados de educação. As evidências desses ganhos contribuíram, para a aceitação dos pais e a manutenção das expectativas e conseqüentemente, para a valorização do percurso dos alunos, bem como o seu desenvolvimento pessoal, valorizando por acréscimo, o papel das escolas, ganhando estas um papel central na comunidade.

Deste modo, o objetivo de averiguar se existe uma maior valorização do percurso escolar dos alunos, decorrentes da aplicação do projeto, por parte dos encarregados de educação, foi plenamente atingido conforme se constata na entrevista de grupo de onde sobressai a seguinte ideia expressa: o percurso curricular tornou-se mais valorizado, assim como a participação, divulgação e a replicação de algumas atividades do projeto no contexto doméstico da vertente prática do Projeto E.L.F..

Através das entrevistas foi perceptível que essa replicação também serviu de tema de conversa em família, aproximando os gostos e valores dos intervenientes, tornando-os mais compreensivos, sobretudo no que se refere às dificuldades resultantes do cumprimento dos orçamentos familiares mensais. Essa valorização fez com que uma das preocupações mais evidenciadas na segunda entrevista (sem que esta fizesse parte das questões apresentadas para discussão) fosse a perspectiva de alargamento futuro, não só aos seus educandos – especialmente os que mudavam de ciclo escolar – como de todos os alunos pertencentes à comunidade educativa, numa perspectiva de fazer chegar a experiência a todos de uma forma vertical.

Assim, demonstraram que compreenderam a importância dos contextos curriculares com ligação a uma vertente prática valorizando as raízes locais e reconheceram também que as experiências ligadas ao empreendedorismo acrescentavam valor ao percurso escolar dos seus educandos. Assim confirmou-se a ideia já referida de (Gonçalves, 2003, p. 12) onde este afirma que “Os próprios pais parecem beneficiar desta participação, em termos da valorização do seu papel ativo de educadores e no desenvolvimento da consciência da cidadania, tornando-os mais interventivos na causa pública”.

Finalmente, no que concerne ao último objetivo de estudo desta tese onde se pretendia **investigar se a escola, a partir da aplicação do projeto, passou a ser mais valorizada pela comunidade**, verificou-se, à semelhança do que se referiu relativamente à análise ao cumprimento do objetivo geral do projeto (**promover a valorização da escola no seio das comunidades onde se insere, garantindo o papel social que desempenha nos processos de coesão social**), uma confluência na leitura dos resultados alcançados, cabendo apenas agora sublinhar que a escola, a partir da aplicação do projeto E.L.F. passou a ser mais valorizada pela comunidade, o que, assume particular relevância quando recordamos a problemática que orientou o estudo que agora se apresenta.

Durante o desenrolar desta investigação foi particularmente difícil lidar com aspetos que se prendem com o volume do projeto e da investigação que este originou. Foi necessário conjugar a complexidade e variedade de pensamento (uma vez que o projeto foi multidimensional – envolvendo alunos, professores, escola, famílias, comunidade e parceiros; recorrer às didáticas de forma integrada, trabalhando com os alunos o desenvolvimento de competências associadas ao empreendedorismo) e que

foram recorrentes ao longo de todo o processo; conciliar a conceção, desenvolvimento e avaliação do projeto envolvendo investigadores/ professores com turmas mistas, uma das quais tendo os quatro anos de escolaridade, na qual toda a carga horária de componente letiva e não letiva foi integralmente cumprida.

O tempo da aplicação do projeto também correspondeu ao tempo de permanência da *Troika* em Portugal, aspeto que foi particularmente penalizante, no domínio económico, para toda a função pública (redução salarial e congelamento na progressão das carreiras) e em que os custos da formação necessária para o desenvolvimento e aplicação do projeto também tiveram de ser suportados pelos investigadores.

Como todos os estudos desta natureza, muita coisa ficou por investigar, muitos foram os caminhos abertos para posteriores investigações. Assim, partindo do levantamento de dados para estudo e do percurso da aplicação do projeto onde os alunos referem, a partir do questionário da avaliação global dos alunos, que pensam em percursos que não impliquem o desenraizamento, pode levantar-se novo estudo em torno da questão **De que forma é que um projeto associado às competências do empreendedorismo pode contribuir para a fixação das populações e desenvolvimento das comunidades onde este se desenvolve?**

Parece também ter relevância para futuras investigações verificar **os resultados em torno do desenvolvimento das competências associadas ao empreendedorismo, através de uma exposição mais prolongada no tempo e alargada a outro ciclos de ensino.** Também seria interessante constatar **se esse desenvolvimento corresponde a um alargamento no campo da inovação e investigação científica.**

Seria, no mínimo, curioso monitorizar um grupo que tivesse sido exposto ao desenvolvimento das competências do empreendedorismo desde o início do seu percurso escolar até à chegada a um ambiente universitário.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

Alonso, L. (2014, maio). *Processo de Construção do Projeto Curricular Integrado*. Seminário no âmbito do módulo de Didáticas Integradas, do Mestrado em Didáticas Integradas em Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais e Sociais promovido pela Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa

Alonso, L. (2013). Investigação para um currículo relevante – Inovação curricular: Transformar o currículo, melhorar a escola. In Sousa, F., Alonso, L., Roldão, M. (Orgs), *Investigação para um currículo relevante* (pp. 29-51). Coimbra: Almedina

Alves, M. e Varela, T. (jul 2012). Construir a relação escola-comunidade educativa: uma abordagem exploratória no Concelho de Almada (pp. 31-61). *Revista Portuguesa de Educação*, 25 (2), pp. 91-110

Bardin, L. (2008) Definição e relação com as outras ciências. In Bardin, L. (Ed), *Análise de conteúdo* (pp. 29-46). Lisboa: Ed. 70

Barmby, P., Harries, T., Higgins, S. e Suggate, J. (abr 2009). The array representation and primary children's understanding and reasoning in multiplication. *Educational Studies in Mathematics*, 70 (3), pp. 217-241

Beane, J. (jul/dez 2003). Integração curricular: a essência de uma escola democrática (pp. 91-110). *Currículo sem Fronteiras*, 3 (2), pp. 91-110

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação* (pp. 134-138). Porto: Porto Editora

Carneiro, R. et al. (2000). *O Futuro da Educação em Portugal - Tendências e Oportunidades*. Lisboa: Ministério da Educação

Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional (CEDEFOP) (2006). *Melhorar as políticas e os sistemas de orientação ao longo da vida: Utilização dos instrumentos de referência comuns europeus*. Luxemburgo. Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias

Comissão das Comunidades Europeias (2006, fevereiro). *Aplicar o Programa Comunitário de Lisboa: Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*. Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões, Bruxelas

Costa, A. (2012). *Relação Famílias-Escola: Ações e representações* (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa

Correia, F. e Cosme, A. (2011) Contributos para a compreensão do conceito de comunidade e escola comunidade educativa. In Reis, C. e Neves, F. (Orgs), *Atas do XI Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação* (pp.433-439). Guarda: Instituto Politécnico da Guarda

Correia, J. (2012) Relação entre escola e comunidade: da lógica da exterioridade à lógica da interpelação. *Aprender*, (22), pp. 129-134

Dias, A. et al. (2013). *Referencial de Educação Financeira*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência

Dias, M. (2003). *Políticas Educativas e dispositivos de territorialização: Da Escola aberta à Comunidade à Escola em Parceria* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto

Ghiglione, R. e Matalon, B. (1993) Como inquirir? Os questionários. In Ghiglione, R. e Matalon, B. (Eds.), *O inquérito - Teoria e Prática* (pp. 115-147). Oeiras: Celta Editora

Ferreira, F. (2003). *O estudo do local em educação – Dinâmicas Sócioeducativas em Paredes de Coura* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Braga

Fonseca, J. (2013). Investigação-ação como abordagem ao currículo: questões metodológicas e éticas. In Sousa, F., Alonso, L., Roldão, M. (orgs), *Investigação para um currículo relevante* (pp. 73-86). Coimbra: Almedina

Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica* (pp. 77-97). Lisboa: Ed. Monitor

Gonçalves, C. (2007). Escola e Família: uma relação conflitual rumo à cooperação. *Pessoas & Sintomas*. (3), pp. 10-14

Gutstein, E. (2003) – Teaching and learning Mathematics for social justice. *Journal for Research in Mathematics Education*. 34 (1), pp. 37-73

Gutstein, E. (2007) – connecting community, critical, and classical knowledge In teaching mathematics for social justice. *The Montana Mathematics Enthusiast*. Monograph 1, pp. 109-118

Johansen, V. e Schanke, T. (2014) – Entrepreneurship Projects and Pupil's Academic Performance: a study of Norwegian secondary schools. *European Education Research Journal*, 13 (2), pp. 155-166

Malheiros, M. e Valadares, J. (2011). *Comunidades de prática para a melhoria da qualidade de escolas para todos* (pp. 35-61). Lisboa: Universidade Aberta

Martins, C. (2009) Quem educa? A relação família/escola. In Silva, B., Almeida, L., Barca, A e Peralbo, M. (Orgs), *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. (pp. 2161-2165). Braga: CIEd, Universidade do Minho

Martins, C. (2011) Entre a educação e o desenvolvimento. In Lozano, A. et al. (Orgs), *Actas do XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. (pp. 233-240). Elviña: Universidade de Coruña/Universidade do Minho

Pereira, M., Ferreira, J. e Figueiredo, I. (2007). *Guião «Promoção do Empreendedorismo na Escola»*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação

Pina, J. e Ferreira, R. (2014). *Educação financeira e Empreendedorismo para os primeiros ciclos de aprendizagem*. Lisboa: Escolar Editora

Pio, A. (2007). *De Projeto Educativo de Escola a Projeto Educativo Local – Construir pontes para a realidade* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto

Ponte, J. (2008). *Investigar a nossa própria prática: uma estratégia de formação e construção do conhecimento profissional*. PNA, 2 (4), pp. 153 – 158

Rodrigues, S. (2008). Manual Técnico do Formando: “Empreendedorismo”. Aveiro: ANJE e EduWeb

Roldão, M. (1999). *Gestão curricular – fundamentos e práticas* (pp. 23-35). Lisboa: MEC/DEB

Roldão, M. (2013). *Investigação para um currículo relevante – O que é um currículo relevante?*. In Sousa, F., Alonso, L., Roldão, M. (orgs), *Investigação para um currículo relevante* (pp. 15-28). Coimbra: Almedina

Seabra, T. (2009). *Desigualdades escolares e desigualdades sociais*. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 59, pp. 75-106

Sebastião, João e Sónia Vladimira Correia (2007), *A democratização do ensino em Portugal*, in Viegas, J., Leite, H. e Malamud, A. (orgs.), *Instituições e Política (Portugal no Contexto Europeu)*, 1, pp. 107-136

Zabalza, M. (1994). *Os diários no contexto dos documentos pessoais e materiais autobiográficos*. In Zabalza, M., *Diários de aula* (pp. 82-90). Porto: Porto Editora

Webgrafia

Escolas com mais autonomia para flexibilizarem currículo [Em linha]. DN site. Acedido junho 28, 2016, em <http://www.dn.pt/portugal/interior/escolas-com-mais-autonomia-para-flexibilizarem-curriculo-5151467.html>

Famílias, estratégias educativas e percursos escolares [Em linha]. Google Académico site. Acedido abril 06, 2014, em http://scholar.google.pt/citations?view_op=view_citation&hl=pt-PT&user=IR-Z3mEAAAAJ&sortby=pubdate&citation_for_view=IR-Z3mEAAAAJ:UebtZR9Y70C

Guia Prático do Capital de Risco [Em linha]. IAPMEI site. Acedido julho 24, 2012, em <http://www.iapmei.pt/resources/download/GuiaPraticodoCapitaldeRisco2604.pdf>

Making Math Education Relevant [Em linha]. Youtube site. Acedido junho 14, 2014, em <https://www.youtube.com/watch?v=QNDCVm038ik&feature=youtu.be>

Revisão do PDM – Município de Sobral de Monte Agraço [Em linha]. Município de Sobral de Monte Agraço site. Acedido janeiro 11, 2016, em <http://www.cm-sobral.pt/custompages/showpage.aspx?pageid=593520f0-e0bc-415b-87e5-a62703af3237&m=a41>

Teaching social justice [Em linha]. Youtube site. Acedido junho 14, 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=yYH__zLdG3U&feature=youtu.be

Teste de Capacidade Empreendedora [Em linha]. IAPMEI site. Acedido julho 24, 2012, em <http://www.iapmei.pt/iapmei-bimteste-01.php>

Wikipédia [em linha], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Permacultura#Refer.C3.AAncias> [consultado em 30-03-2015])

ANEXOS

ANEXO 1 - O Bom Português

PREFÁCIO

ABRIR PERSPETIVAS DE FUTURO

Escolhemos abrir este prefácio com a palavra bom, não no sentido pretensioso, mas antes no de bondade, palavra esta que tem caído em desuso por ser conotada com ingenuidade, de fácil engano, com utopia, com ser sonhador... O objetivo de ser um homem bom deixou de ser um ideal na formação de um indivíduo; a sociedade exige o sucesso, a prosperidade, inventividade e inovação.

A procura do tentar ser um “bom português”, neste sentido de bondade, de fazer algo bonito e construtivo, de dar e receber boas perspetivas de futuro obriga a um processo de pensamento que em simples palavras se traduz nas seguintes questões:

Quem sou eu?

Com quem sou?

Para que sou?

As respostas a estas questões podem estar centradas no domínio da metafísica, filosofia, religião ou no campo científico. “**Quem sou eu**”, é uma questão que muitas vezes perguntamos a nós próprios ao longo da vida e, por norma, a resposta corresponde ao número de preferências que nos definem numa determinada realidade. “**Com quem sou**” corresponde a um número limitado de pessoas às quais compartilhamos a totalidade do ser sem restrições, uma vez que na maioria das nossas interações com outros demonstramos apenas uma das nossas facetas, a que é socialmente mais aceite naquele determinado contexto. Por fim, “**para que sou**” e, neste caso, somos para que haja alguma bondade, equidade, conhecimento e a mais importante, amor entre aqueles que comigo compartilham o espaço e o tempo em que se desenrola a ação que chamamos de viver.

Assim, viver com bondade e prestar um serviço aos que compartilham connosco o desafio no processo de viver, não poderá estar fora do instrumento que nos define enquanto professores que fazem parte do sistema de ensino público – a educação. Na nossa opinião, é o vínculo perfeito na elevação do espírito humano na vida em sociedade e o meio gerador de mudança para melhor, ou para pior, daquilo que, como povo de uma nação, acreditamos que possa vir a ser o nosso futuro.

Ao longo do percurso feito até chegar aqui, fomos compreendendo que este tipo de processo de pensamento corresponde em grande parte ao que em educação se chama de investigação-ação. Assim, os estudos por nós desenvolvidos (onde se incluem o **Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira – Projeto E.L.F.** – e as duas teses desenvolvidas com base no mesmo), pretendem ser um reflexo desse mesmo processo. Desse percurso, resultaram a delineação de metodologias e a produção de materiais pedagógicos para partilhar com outros que, como nós, esperando que se sintam inspirados a experimentar uma aplicação prática dos valores acima referidos, adaptando-os às suas realidades de ensino e assim possam, à sua maneira, pensar também na seguinte questão que nos moveu e deu origem ao projeto:

“Como corrigir as desiguais condições de partidas resultantes da origem social e, simultaneamente, generalizar a aquisição de atitudes e saberes necessários à inovação e ao empreendedorismo?”

Mas porque o tema deste prefácio gira em torno da bondade, há que tentar colocar a questão de uma forma mais genuína, mais aproximada ao discurso oral:

“Será que é possível ensinar estratégias e padrões de pensamento que permitam às pessoas evitar os impulsos que afetam a sua vida futura, fazendo com que tomem decisões informadas, colocando-os na rota da prosperidade, do conhecimento e da bondade, numa espiral ascendente, contemplando, ao mesmo tempo, as dimensões das três perguntas fundamentais (Quem sou eu - Com quem sou - Para que sou)?”

ou, por outras palavras,

“Como voltar a ter e a dar perspetivas de futuro positivas, que incluam a possibilidade de uma mudança de posição social que seja credível?”

Para estas perguntas, foram geradas respostas simples de aplicação fácil, no entanto, a complexidade das múltiplas dimensões que estas questões abrangem e integram e também dos estudos teórico-científicos que as suportam, deram origem a uma fundamentação teórica, que se revelou bastante extensa.

O Projeto E.L.F surgiu antes da preocupação com esta fundamentação teórica e teve por base os sentimentos de preocupações pessoais, perçivelmente comuns àqueles que diariamente estão à nossa volta e com quem partilhamos as nossas

dúvidas, incertezas e ideais que perspetivem um futuro mais feliz. Tem um desenho inspirado na permacultura – que dá ênfase a uma aplicação criativa dos princípios básicos da natureza integrando plantas, animais, construções e pessoas em um ambiente produtivo e com estética e harmonia (“permacultura”, in Wikipédia [em linha], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Permacultura#Refer.C3.AAncias> [consultado em 30-03-2015]) – e na nossa experiência de vida e daqueles que nos rodeiam, o que nos levou sempre a conduzi-lo de modo a que, em todos os momentos, refletisse a ideia de que tal como a vida, apesar de complexa, se deve desenvolver de uma forma simples e fácil, caso contrário não existiria.

Esta linha de pensamento foi refletida e usada como referência durante todos os momentos de planificação e reavaliação do processo.

UM PROCESSO ATÍPICO

Éramos colegas de trabalho, mas poucas vezes tínhamos falado antes daquela tarde. Nessa tarde, enquanto nos sentávamos na grande sala comum a tantos professores do país – paragem do autocarro em frente à escola – em que se travam conversas variadas, surgiu uma sintonia de ideias e uma vontade extraordinária de fazer “qualquer coisa” em relação aos problemas antes referidos e vivenciados por nós e por tanta gente à nossa volta.

Quanto de nós já vivenciámos a experiência de, numa tarde de conversa, focar os problemas do mundo, analisá-los e até, de certa forma, encontrar respostas válidas para esses problemas que são globais e que de alguma maneira nos tocam? O que acontece normalmente no final dessas conversas é um sentido de dever racional cumprido mas com possibilidade de se fazer muito pouco, ou nada “...cabe aos políticos decidir porque nós não podemos fazer nada...”. Mas naquela tarde foi diferente... Falámos da quantidade de gente que o ensino desperdiçava ou excluía, sendo as consequências dessa exclusão os comportamentos desviantes, a anulação de objetivos e sonhos e um desperdício monumental da nossa principal matéria-prima, a inteligência e capacidade de trabalho como povo. Tal aconteceu porque o peso dado pela sociedade, por via da escola, no que se refere ao campo da matemática e das línguas, tem uma relevância muito maior do que as restantes áreas da inteligência humana. E se até há algum tempo esse peso poderia fazer algum sentido, pois essa seleção era a que dava mais garantias de empregabilidade, ascensão social e perspetivas de futuro, atualmente, até esse argumento estava a desaparecer pois começaram a aparecer famílias com o seguinte discurso: “...estou muito orgulhosa da minha filha foi a primeira da família a completar o ensino superior, infelizmente para a área dela é muito difícil arranjar emprego...”.

Assim, ter mais estudos deixou de dar equivalência, tanto à mudança como à manutenção social que até aqui existia. O problema da exclusão dos vários tipos de inteligência associado à falta de perspectivas de futuro por parte daqueles que terminavam o seu percurso académico, não podia ficar sem resposta nem à espera que alguém a desse. A resposta na altura foi simples: “temos de arranjar alguma maneira de dar aos nossos alunos, aproveitando e valorizando os diferentes tipos de inteligência que possuem, instrumentos que os preparem para futuramente serem capazes de gerar o seu próprio emprego fazendo o que gostam ou, se isso não for possível, que pelo menos que os preparem pra evitar perderem dinheiro e serem capazes de fazer uma gestão dos recursos familiares de forma mais eficaz. Na sequência desta conversa, ficaram retidas as seguintes objetivos-chave, como ponto de partida:

- a) Valorizar o papel da escola no seio das comunidades onde se inserem, de forma a justificar a manutenção do seu funcionamento (numa altura em que se fechavam escolas e se faziam convergir os alunos para grandes centros educativos);
- b) Dar aos alunos conhecimentos e experiências de vida e estabelecer a ligação entre os mesmos e a “utilidade” do currículo;
- c) Habituá-los os alunos a tomar decisões informadas ao longo do seu percurso de vida;
- d) Desenvolver uma rede de troca de conhecimentos em torno da escola.

Olhando à nossa volta existiam muitas histórias de pessoas, que não tendo grande percurso académico, foram capazes de gerar riqueza e conforto para si e para as suas famílias. O que havia de especial nessas pessoas que, com a sua força de vontade e experiência, se tinham tornado capazes de gerarem o seu próprio emprego com níveis de conhecimento profundos nas áreas em que se movimentam?

Partindo da informação dessas experiências, verificamos que as competências que tinham sido identificadas como mais importantes eram na sua grande parte as competências associadas ao empreendedorismo, compreendemos também que as questões ligadas ao dinheiro e à banca tinham um papel fundamental como instrumento de concretização de ideias. Deste modo, tornou-se óbvio para nós aquilo que poderíamos fazer como professores. Teríamos que de alguma maneira aliar o currículo nacional às competências do empreendedorismo e ao mesmo tempo ajudar os alunos a compreender, a descodificar e saber de forma consciente utilizar a linguagem dos bancos entrando assim na ideia inicial - a literacia financeira.

Estava descoberta a resposta à questão **“Quem sou, como professor?”**.

Mas como poderiam dois professores de aldeia, sozinhos, fazer alguma diferença que fosse significativa na vida dos alunos e das famílias que formam as comunidades onde as escolas se inserem?

A SOPA DA PEDRA

Foi o primeiro plano que elaboramos: os tempos eram de crise, não havia nem tempo nem financiamento para apoiar novos projetos por parte das entidades competentes para além do mais, o plano era apenas um conceito com boas intenções, que abordavam temáticas que há primeira vista ainda não eram muito claras para a maioria dos adultos quanto mais para aplicar em alunos do primeiro ciclo. Sabíamos que era uma desconfiança natural e que sozinhos, era-nos impossível anulá-la. Teríamos que ter parceiros externos que pudessem contribuir para a construção do projeto e que, ao mesmo tempo, lhe dessem a consistência que permitisse dissipar a desconfiança inicial que existe quando se apresenta algo de novo.

Tínhamos pela nossa frente que tentar convencer uma multidão de gente de diferentes áreas. Olhando em retrospectiva, se tivéssemos antevisto todas as tarefas que teríamos de percorrer, é muito provável que nunca tivéssemos avançado, mas na altura o caminho inicial surgiu de forma clara:

Fase 1 - fazer um levantamento de equipamentos e bens materiais do concelho que estivessem subaproveitados e que de alguma maneira pudessem ser rentabilizados pelo projeto.

Fase 2 - Ir ao encontro dos conhecimentos e gostos locais, onde foi notório o impacto que o sector primário teve no passado, setor esse que tinha vindo a perder terreno para o terciário mas que neste momento também começava a estagnar e a retroceder.

Fase 3 - Fazer o suporte teórico do projeto, apresentando cruzamento das competências curriculares com as competências do empreendedorismo e literacia financeira, utilizando recursos e saberes existentes de forma a viabilizar a aplicação do projeto em ações empreendedoras (trabalhos de cariz prático) com custos de oportunidade e custos financeiros muito reduzidos, que nunca deveria ser suportado pelos pais dos alunos. Toda esta articulação exigiu da parte dos docentes uma reorganização do desenho curricular que garantisse, em relação às várias áreas, o encadeamento e relevância para a sequência pretendida, de modo a tornar o currículo visivelmente significativo para os alunos.

Fase 4 - Obter autorização do agrupamento para poder operacionalizar o projeto e reunir as parcerias necessárias, sem que houvesse prejuízo do cumprimento

do horário letivo, nem de todas as atividades e responsabilidades inerentes ao cumprimento de serviço.

Fase 5 - Cooptação de parcerias.

Fase 6 - Operacionalização.

Fase 7 - Avaliação.

Fase 8 - Divulgação e expansão.

Foi justamente em relação às parcerias e à manutenção dos custos do projeto em níveis de praticamente zero, que a história da “sopa da pedra” nos inspirou. Teríamos de fazer uma apresentação a cada um dos parceiros, indicando as vantagens para cada um deles e ao mesmo argumentar que os gastos de tempo ou recursos que estes iriam ter eram muito poucos comparados com as vantagens que poderiam retirar por estarem associados a este projeto e que o trabalho que iriam ter era muito pouco, uma vez que o grosso do trabalho de produção, execução e divulgação ficaria por nossa conta.

Os parceiros que teríamos de cooptar ao chegarmos à fase 4, também nos surgiram com muita clareza. Em primeiro lugar, os alunos. O que achavam da ideia, se lhes parecia interessante trabalhar no projeto utilizando os recursos à disposição, em suma: o que iriam fazer, porque é que iam fazer, como é que iriam fazer e o que se esperava deles durante este processo. A ideia foi recebida com muito entusiasmo, como se fosse qualquer coisa que já deveria ter começado ontem.

O segundo parceiro foram os pais dos alunos que frequentam os estabelecimentos de ensino onde iria ser implementado o projeto; a estes foi necessário explicar que todos os conteúdos curriculares iriam ser lecionados, apenas iríamos alterar a sua ordem temporal para que estes se tornassem significativos à medida que executávamos os trabalhos práticos referentes ao projeto, que iriam ser mobilizados e valorizados os conhecimentos e os gostos culturais de cada uma das comunidades onde as escolas se inserem e que esse processo iria contribuir para a valorização da escola, da comunidade e das famílias que mais de perto acompanhassem este processo. Por parte dos pais a ideia foi bem recebida. Os seus filhos estavam entusiasmados com o tipo de aprendizagens que iriam fazer na escola, o projeto abordava temáticas que iam ao encontro das suas preocupações atuais e que estão relacionadas com o futuro dos seus filhos e, ao mesmo tempo, a escola estava a abrir as portas de forma a valorizar gostos e conhecimentos, que nem sempre foram reconhecidos ou valorizados, mas que são parte da identidade coletiva local.

O parceiro seguinte foi a associação de pais do Agrupamento, que tem uma visão mais global do panorama educativo nacional. Na altura do primeiro contato, tinham

uma posição muito reticente relativamente à qualidade de ensino praticado nas escolas das aldeias, uma vez que estas apresentavam turmas que chegam a ter os quatro níveis de ensino do primeiro ciclo e estavam instaladas em edifícios que são do plano centenário e que contrastam com a modernidade exterior dos novos centros educativos.

Apresentámos à A.P.E.A.V.E.S (associação de pais) um documento explicativo do projeto e convidamos o seu presidente a deslocar-se às nossas escolas. Verificou por si, que apesar do aspeto exterior dos edifícios ser datado, estes se encontram bem mantidos, que no seu interior tinham equipamentos e tecnologia com padrões atuais, que eram escolas que tinham muito mais proximidade com os pais e com a comunidade, onde a vigilância e segurança dos alunos é mais eficaz do que nos centros escolares e por fim, verificou que o trabalho em parceria de grupos dentro da sala de aula, com diferentes níveis de ensino e idades, não só pode ser feito com qualidade, como pode ser uma mais-valia na troca de saberes entre os alunos mais velhos e mais novos. A associação de pais tornou-se uma forte apoiante do projeto, contribuindo com donativos, presença em atividades e divulgação. Tornou-se também uma força dentro e fora do conselho de apoio à manutenção da atividade educativa nestas escolas.

Outro parceiro selecionado foi a Escola Agrícola Fernando Barros Leal, a qual, sendo um parceiro ligado à educação, também partilhava algumas das preocupações que nos levaram a construir este projeto, e participou fornecendo informações sobre técnicas agrícolas modernas, encaminhamento e possibilidades profissionais e ajuda na construção e montagem de estufas nas escolas. Estas, por sua vez, iriam ser o motor para a obtenção de produtos reais resultantes das miniempresas fictícias criadas pelos grupos de alunos nas suas ações empreendedoras. Ao mesmo tempo essas ações iriam ser uma ponte de passagem de conhecimentos e técnicas para as comunidades envolventes às escolas.

Foi também necessário encontrar empresas na região que se disponibilizassem a ser visitadas pelos alunos, com vista a estes compreenderem a linha existente entre as aprendizagens curriculares, as ações empreendedoras que se tentam simular, a possível aplicação prática para esses conhecimentos e, por fim, fazer a ligação de como funcionam as coisas fora do espaço escolar, num empreendimento que gera postos de trabalho e riqueza.

Os próximos parceiros seriam membros da comunidade local que já não estivessem na vida laboral ativa, mas que encerram em si muitos dos conhecimentos que contribuíram para a economia e cultura do concelho. Pedimos uma parceria à associação de reformados que não funcionou (e atualmente foi substituída pelo Clube Sobral Sénior), embora alguns dos seus associados, a título individual, se tivessem disponibilizado a participar, no sentido de contarem partes da sua história de vida e

conhecimentos práticos, que estivessem ligadas aos assuntos que estavam a ser curricularmente abordados na escola, permitindo aos alunos entender a ligação entre as abordagens curriculares e a sua aplicação prática, dentro de um tema ligado a uma ação empreendedora, que tem como suporte o sector primário, uma vez que era o sector que apresentava melhores condições para a implementação do projeto, conforme a análise das conclusões das fases 1 e 2.

Um outro parceiro ligado à Educação, foi a Escola Superior de Educação de Lisboa que demonstrou sempre interesse em apoiar, motivar, encaminhar e ajudar a divulgar as práticas ligadas ao projeto. No âmbito do mesmo, era uma maneira de solidificar as bases teóricas e didáticas. Esse apoio foi e continua a ser de grande importância, pois tem ajudado a legitimar um processo que é algo novo.

Na altura também nos pareceram importantes parcerias ligadas ao departamento de projetos do Ministério da Educação, mas do qual nunca obtivemos grande resposta, sendo apesar de tudo de salientar o contributo dado ao indicar-nos como orientação documentação sobre empreendedorismo nas escolas.

Uma parceria ligada à parte do empreendedorismo e formação de empresas (A.C.I.R.O.), contribuiu com o encaminhamento na procura de documentação sobre a elaboração de planos de negócios. Da nossa parte tivemos de criar uma estrutura nova para um plano de negócios que estivesse adaptado a uma linguagem adequada às idades com que iríamos trabalhar, sem que isso compromettesse os pontos-chave sobre os quais é necessário incidir e refletir sobre as várias vertentes necessárias ao seu correto preenchimento. Por parte da A.C.I.R.O., foi feita uma validação informal da estrutura do plano construído. Após este trabalho a A.C.I.R.O. tornou-se parceira num projeto de empreendedorismo nas escolas do primeiro ciclo no Concelho de Torres Vedras, tendo deste modo terminado a parceria com o Projeto E.L.F..

Achámos que uma parceria que desse mais consistência no campo da literacia financeira, faria sentido. Procurámo-la junto da Caixa Agrícola de Sobral de Monte Agraço, mas a parceria não foi fácil. No final da reunião sentimos que falávamos linguagens completamente diferentes e essa barreira na linguagem levou-nos a contactar um perito em marketing, que nos explicou que para atingir os nossos objetivos neste campo teríamos de alguma maneira conseguir explicar as nossas intenções respondendo a algumas perguntas em relação ao projeto: **“O que é?”**, **“Para que serve?”**, **“Como se aplica?”**. Numa segunda reunião foi então possível estabelecer a parceria, que envolvia um concurso e uma campanha de divulgação do projeto e que por isso acarretava alguns custos na produção de materiais, quer para a divulgação, quer para o concurso, idealizado com o objetivo informar e fazer pensar em questões ligadas ao empreendedorismo e literacia financeira. No decorrer desta parceria, mais ou

menos a meio do primeiro ano da implementação do projeto, fomos informados que devido a cortes orçamentais o parceiro só poderia contribuir com metade do valor acordado... Assim terminou a parceria com a entidade bancária, mas o projeto ganhou uma dimensão prática diferente – se como ser humano devo pensar nas perguntas **“Quem sou?”**, **“Com quem sou?”**, **“Para que sou?”**, em relação às ideias empreendedoras e objetos teria de se pensar no sentido de encontrar respostas para outras questões: **“O que é?”**, **“Para que serve?”** e **“Como se aplica?”**. Para entender melhor o que queremos dizer com estas perguntas, há que explicar da mesma forma que explicamos aos alunos: Pegamos num objeto, uma chave, por exemplo, e questionamos:

- O que é?

A resposta surge com facilidade:

-É uma chave.

Para que serve?

- Para fazer funcionar as fechaduras e abrir portas.

Como se aplica?

Por norma faz-se silêncio nesta altura....

O recorte da chave é colocado na mesma posição da ranhura da fechadura; a chave é empurrada para dentro da fechadura e girada no sentido dos ponteiros do relógio, fazendo deste modo funcionar o mecanismo que nos permite abrir a porta. Se quisermos trancar a porta, o movimento deverá ser o contrário ao sentido dos ponteiros do relógio. No final da operação de abrir ou de trancar retira-se a chave.

Se pensarmos nestas perguntas, quando temos uma ideia ou criamos um objeto, torna-se mais claro para nós e para os outros o que pretendemos.

As últimas parcerias aqui referenciadas são aquelas que, quer em termos de operacionalização, (na cedência de transporte gratuito nas deslocações no âmbito do projeto, assim como na aquisição dos materiais necessários à construção das estufas) quer em termos de divulgação, mais contribuíram (e continuam a contribuir cada vez mais) para a implementação do projeto no terreno: a Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço e Juntas de Freguesia de Santo Quintino e Sapataria.

Também como parceiros de divulgação local e aos concelhos limítrofes contámos com a rádio “Oásis” (a qual contribuiu, até ao seu encerramento no final do ano de 2014, para a divulgação das ações no âmbito do projeto em particular aquelas que envolviam a comunidade), com o canal Lisboa (através do seu programa “Nós e a

escola”) e finalmente com o parceiro que veio a substituir a rádio, o jornal semanal de Torres Vedras “O Badaladas”.

Com o contributo de todos os parceiros, estavam reunidos os ingredientes necessários para fazer esta “sopa”. Estava deste modo montada uma teia de conexões entre a temática do projeto e os alunos, pais, professores, representantes da comunidade de diferentes gerações e diferentes saberes, empresas, escolas, decisores políticos locais e meios de comunicação.

Como professores, tínhamos encontrado a resposta à segunda questão “**Com quem sou?**” e passámos a ser com todas estas dimensões, com toda esta gente que se juntou em torno de uma ideia.

UM “TIPO MANHOSO”

Como já se referiu, uma coisa que sempre teve a máxima importância quando o Projeto E.L.F. foi pensado, foi o desejo de contribuir com um instrumento concreto, que pudesse melhorar a nossa qualidade de vida e daqueles que nos rodeiam. Para nós a resposta era clara e óbvia, claridade essa, acompanhada pela ingenuidade e fé de que seria claro para todos.

No entanto, à medida que o percurso ia ganhando forma e consistência, também começaram a surgir as vozes que duvidavam do caminho que tínhamos decidido prosseguir. As questões prendiam-se invariavelmente com a imagem residual do perfil do empreendedor e do seu significado que paira no subconsciente de muita gente. Para os discordantes, a imagem do empreendedor é quase sempre a de um “tipo manhoso” saído de um filme dos anos 80, um explorador com poucos escrúpulos, cujo objetivo é o lucro a qualquer custo. Precisamente o tipo de personalidade que deu origem à crise, aproveitando-se da falta de literacia financeira e ingenuidade das pessoas, alimentando-se da miséria, do medo e da ganância.

Era, portanto, necessário clarificar a diferença entre o verdadeiro empreendedor e o explorador (o “tipo manhoso”) de baixo salário, trabalho precário, aquele que enriquece com propostas aliciantes de ganhos que não existem, despojando as populações das suas poupanças, geradas por uma vida de trabalho.

Para nós o **empreendedor** é o indivíduo que trabalha e que domina as **competências do empreendedorismo** (Pereira, Ferreira e Figueiredo, 2007, pp.21-22) – tendo em vista a criação de projetos que sejam benéficos para si e para aqueles que o rodeiam:

Autoconfiança/Assunção de riscos

Iniciativa/Avaliação/Energia

Resiliência

Planeamento/Organização

Criatividade/Inovação

Relacionamento interpessoal /comunicação

Por fim, para que a ideia fosse aceite como parte da visão coletiva, para podermos garantir a cientificidade do processo através de um suporte teórico consistente e também para melhor poder explicá-lo a outros, tornou-se importante aos nossos olhos, obter uma validação através de uma instituição com valências para o fazer e que tivesse um reconhecimento unânime de qualidade nos processos de formação na educação. Além disso havia chegado o momento em que se tornou necessário obter mais formação para aprofundar e agilizar o processo, ao mesmo tempo em que poderia ser feita a ponte para a divulgação em meio académico. Para nós, a resposta foi clara: a Escola Superior de Educação de Lisboa.

Com a frequência do mestrado, viemo-nos a aperceber da profundidade e da complexidade teórica por detrás de cada uma das dimensões do projeto. Sendo assim, tentarmos olhar de forma separada estas dimensões, tornava muito difícil encontrar a resposta à última pergunta **“Para que sou, como professor?”**. É também essa resposta que buscámos na investigação que decidimos fazer em torno deste projeto e no âmbito da tese de mestrado. No entanto, também por esse prisma, toda a riqueza do projeto não poderia ser analisada em profundidade no âmbito de teses de mestrado. Assim, foi necessário incidir os estudos e definir duas temáticas centradas em apenas duas dessas dimensões, tendo sido seleccionadas as que pareciam mais interligadas com o tema do Mestrado das Didáticas Integradas. Por conseguinte, optou-se por seleccionar as dimensões curricular e de interligação às Ciências Sociais, o que, não obstante o desenvolvimento das restantes dimensões com a continuidade do desenrolar do projeto, se pretende que possa permitir perceber o impacto destas dimensões no âmbito de um processo de investigação-ação.

Esperamos que no final da investigação, também para esta última questão seja encontrada uma resposta ou que durante a investigação e conclusões dela retiradas, sejam apontados novos caminhos.

LINHA DO TEMPO

Apenas com o intuito de contextualizar também no tempo o percurso desenvolvido até agora e desde a criação do Projeto E.L.F., é de salientar que o mesmo começou por ser idealizado informalmente – na paragem do autocarro – no final do ano letivo 2010/2011, operacionalizado gradualmente nos anos letivos seguintes e está a ser implementado no seu todo e muito próximo da forma globalmente idealizada no presente ano letivo de 2014/2015.

UM CAMINHO, DOIS INDÍVIDUOS

PARTE INDIVIDUAL DAS TESES

Ao longo de todo este longo percurso, gerou-se um processo de amizade e uma coadunação de pensamento profissional e ético que fazem com que a transmissão de ideias relativamente ao trabalho desenvolvido, que assumiu um contorno de parceria pura, se torne impossível de individualizar, uma vez que todas elas foram pensadas, ponderadas e avaliadas sempre conjuntamente e decorrentes das características complementares que caracteriza cada um de nós. No papel de professores, teorizamos frequentemente sobre valores de amizade, respeito, autoconfiança e satisfação pessoal, logo teríamos necessariamente, e também em consonância com os valores do próprio projeto que desenvolvemos, que agir de acordo com os mesmos princípios, e isso retratou-se, no caso destes estudos, na transmissão de informação conjunta e partilhada, razão pela qual uma boa parte das teses são semelhantes – e individualizadas apenas onde se justifique – já que, de certa forma, espelham um percurso de vida, que ao relembrarmos queremos que seja positivo e construtivo.

ANEXO 2 - Planificação Geral do Projeto E.L.F.

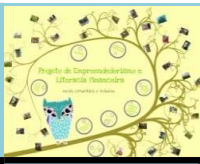


PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Domínios	Problemas	Objetivos	Estratégias	Avaliação					
				Instrumentos	Indicadores				
Alunos	Dificuldades em identificar a utilidade prática dos conteúdos curriculares	Abordar os currículos de forma contextualizada e integrada	Aplicação do currículo com base em didáticas integradas que permitam a contextualização nas práticas	Inquéritos de aplicação anterior e posterior ao desenvolvimento do projeto	Nível de consciencialização da relação entre currículos escolares e a aplicação na vida prática				
			Construção de Mapa de Conceitos de Integração Curricular	Mapa de Conceitos	N.º de ligações estabelecidas pelos alunos ao longo do projeto				
	Falta de adaptabilidade rápida a novas circunstâncias (falta de iniciativa, resistência à mudança e de inovação, dificuldades de identificação de áreas para demonstrar o potencial empreendedor)	Desenvolver sequências de recolha, produção e transmissão de informação	Criar grupos (equipas de trabalho), promovendo o trabalho cooperativo	Guião de trabalho sequencial de apoio à construção do plano de negócio (preparação prévia, acompanhamento, análise posterior e aplicação)	Mapa de sistematização e interiorização de conceitos abordados nos momentos de discussão	N.º de alunos que realizam sequências de recolha, produção e transmissão de informação			
						Conceber projetos e respetiva implementação	N.º de ações empreendedoras completadas pelos alunos		
						Compreender conceitos associados ao empreendedorismo e literacia financeira	N.º de correlações feitas pelos alunos de forma autónoma entre o currículo e as atividades		
						Agir proativamente, respondendo positivamente a mudanças	N.º de imprevistos ultrapassados positivamente		
						Identificar em termos pessoais e no trabalho coletivo as áreas fortes e fracas	N.º de alunos envolvidos na identificação das áreas fortes e fracas		
						Reconhecer as competências-chave para o empreendedorismo	Aplicação de testes de capacidade empreendedora adaptados, no início e final do projeto	Teste de capacidade empreendedora adaptado	Comparação entre os resultados iniciais e finais dos testes
						Assumir riscos	Definição do plano de negócios	Plano de negócios (construção, monitorização e ajuste da aplicação do plano de negócios da turma)	N.º de decisões informadas que conduzam à estruturação do plano de negócios
	Dificuldade em tomar decisões relativas ao seu percurso educativo	Vivenciar experiências que facilitem aos alunos as tomadas de decisão ao longo do percurso educativo	Criação de momentos de troca de experiências e experimentação prática do desenvolvimento de atividades empreendedoras	Guião de trabalho sequencial de apoio à visita de estudo (preparação prévia, acompanhamento, análise posterior e aplicação)	Capacidade de explicitar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la				

			Construção, monitorização e ajuste da aplicação do plano de negócios da turma	N.º de decisões informadas que conduzam à estruturação do plano de negócios
Decréscimo de aprendizagem decorrente de fatores disciplinares	Reduzir os focos de indisciplina	Diverificar a oferta de atividades de ocupação dos tempos de intervalo	Registos de ocorrência disciplinar	N.º de registos de ocorrência disciplinar
Incapacidade de reconhecer ideias inovadoras com sustentabilidade, de acordo com as necessidades da sociedade atual	Reconhecer ideias inovadoras e avaliar a sua sustentabilidade	Apresentar aos alunos exemplos de ideias inovadoras e quais as suas evidências de sustentabilidade	Registo da análise das ideias apresentadas para a elaboração do Plano de Negócios	N.º de avaliações corretas das ideias apresentadas
		Reconhecer os pontos chave relativos à identificação dos conceitos de inovação e sustentabilidade	Registo da aplicação dos pontos chave no plano de negócios	N.º de alunos que utiliza corretamente os conceitos abordados na construção do plano de negócios
Baixa literacia financeira	Aumentar a circulação de informação sobre literacia financeira e as atividades desenvolvidas pela escola para esse fim	Sessões de explicitação de termos económicos do quotidiano reunidos em "chuva de palavras" no seio da turma	Guiões de trabalho específicos sobre a informação discutida	N.º de conceitos explicitados ao longo do ano
		Criação de canais de comunicação diversificados entre todos os elementos do projeto		Avaliação quantitativa obtida nos guiões
				N.º de atividades replicadas em família
Incapacidade de participar ativamente na gestão familiar	Participar na gestão familiar dos recursos	Realização de atividades familiares, de informação ou aplicação prática, sobre a temática, partindo dos guiões de trabalho específicos sobre a informação discutida	Guiões de trabalho específicos sobre a informação discutida	N.º de atividades replicadas em família
			Cartaz com dicas de poupança	N.º de sugestões dadas pelas famílias
				N.º de dicas do cartaz aplicadas em família



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Domínios	Problemas	Objetivos	Estratégias	Avaliação	
				Instrumentos	Indicadores
Dinâmicas de Grupo	Dependência frequente de orientação por parte do professor para a realização de atividades em equipa (falta de autonomia)	Recolher informação pertinente	Aplicação de guiões orientadores para exploração de informação obtida através de entrevistas, leitura de artigos, pesquisas,...	Guiões de trabalho orientadores sobre seleção, sistematização e reorganização de informação	N.º de guiões preenchidos com sucesso
		Selecionar e analisar essa informação			
		Planear o seu trabalho de forma a atingir os seus objetivos	Construção de linhas de tempo/atividades antes da realização de qualquer tarefa empreendedora	Linhas de tempo/atividades construídas	N.º de linhas planificadas com exequibilidade de forma autónoma
		Desenvolver competências de trabalho em grupo	Aplicação das estratégias para desenvolvimento das competências chave do empreendedorismo (autoconfiança/assumpção de riscos; iniciativa/avaliação/energia; Resiliência; planeamento/organização; criatividade/inovação; relacionamento interpessoal/comunicação)	Plano de ações empreendedoras sequenciais realizadas ao longo do ano (ver anexos)	N.º de ações completas
		Executar o seu próprio plano de trabalho	Monitorização do sucesso de desenvolvimento do plano de negócios da turma	Guião de trabalho sequencial de apoio à construção do plano de negocio (preparação prévia, acompanhamento, análise posterior)	Capacidade de aplicar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la
		Controlar e monitorizar o processo de trabalho			
		Avaliar o sucesso na implementação do seu plano de trabalho			
		Comunicar aos outros as principais linhas orientadoras do seu trabalho, as conclusões mais importantes e eventuais repercussões sociais do mesmo	Realização de atividades familiares, de informação ou aplicação prática, sobre a temática, partindo dos guiões de trabalho específicos sobre a informação discutida	Guiões de trabalho específicos sobre a informação discutida	Registo do n.º de atividades replicadas em família
			Criação de um momento de venda à comunidade (festa de final de ano)	Grelhas de observação	Salientam os pontos de inovação
					Explicam a sustentabilidade na produção dos produtos
			Distinguem o carácter inovador do seu trabalho		
			Revelam autonomia revelada no diálogo aplicado a técnicas de venda		

				N.º de vendas realizadas proativamente fora do espaço da bancada de vendas
Falta de hábitos de trabalho com rotatividade de papéis e perfis (autoconfiança, liderança, capacidade de planeamento, criatividade, resiliência, capacidade de comunicação, iniciativa, relacionamento interpessoal e capacidade de se autoavaliar) e de autonomia nas dinâmicas de grupo	Trabalhar os fatores críticos e estruturantes do sucesso educativo na educação para o empreendedorismo (participação ativa, constituição de grupos, intergação curricular, conceção e concretização de atividades e contextualização)	Levantamento individual de competências para o empreendedorismo	Modelo europeu de capacidade empreendedora	Resultados obtidos tabelados pelo modelo
		Estratégias para trabalhar a seleção de alunos (com base no levantamento)	Grelhas de registo	Registo da capacidade de reconhecimento do papel dentro do grupo (auto e heteroavaliação)
		Estratégias de organização e quantificação	Linhas de tempo/atividades	N.º de linhas planificadas com exequibilidade de forma autónoma
		Estratégias de análise e criação de abordagens	Guião de trabalho sequencial de apoio à construção do plano de negocio (preparação prévia, acompanhamento, análise posterior e aplicação)	A capacidade de aplicar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la
		Estratégias de controlo/para lidar com problemas e erros, na perspetiva do erro ser encarado como uma oportunidade de mudança e de avaliação	Inventário de ideias	N.º de ideias
			Linhas de tempo/atividades	N.º de alterações realizadas com sucesso às linhas planificadas, mediante a necessidade de superação de obstáculos encontrados
		Estratégias de comunicação e apresentação de resultados finais e intermédios	Plataformas de divulgação na forma escrita, gráfica e oral	Comunicações eficazes , reportando resultados intermédios
		Produção de cartazes		
		N.º de visualizações obtidas na página do projeto no Facebook		
		Artigos impressos e publicados		
		N.º de aplicações das ideias dos guiões de trabalho no seio das famílias		



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Domínios	Problemas	Objetivos	Estratégias	Avaliação	
				Instrumentos	Indicadores
Escola	Dificuldade por parte dos professores em ajudar os alunos na tomada de decisões relativas ao seu percurso educativo	Desenhar novos rumos para a inclusão de alunos com diferentes interesses do percurso escolar normal	Informação aos professores sobre o Projeto E.L.F. enquanto exemplo de percurso diferenciado assente no desenho curricular do 1.º Ciclo	Grelhas de registo (conferências)	Registo dos comentários dos professores presentes nas conferências
		Promover experiências que facilitem aos alunos as tomadas de decisão ao longo do percurso educativo		Grelhas de registo (momentos de partilha)	Registo dos comentários dos professores presentes nos momentos de partilha
			Divulgação do livro de Empreendedorismo e Educação Financeira	Registo de vendas	N.º de livros vendidos
			Grelha de registo de comentários	Registo dos comentários dos presentes no lançamento do livro	
	Focos de indisciplina	Reduzir os focos de indisciplina	Diverificação de oferta de atividades de ocupação de tempos livres	Registo das ocorrências disciplinares	Nº de professores que participam nos ateliês
					N.º de registos de ocorrência disciplinar



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Domínios	Problemas	Objetivos	Estratégias	Avaliação	
				Instrumentos	Indicadores
Famílias	Declínio das espetativas da família face ao valor da escola	Valorizar a escola enquanto agente promotor do desenvolvimento económico local	Explicitação do projeto às famílias dos alunos	Registos das opiniões das famílias	Reconhecem a escola como agente interveniente na comunidade
	Baixa literacia financeira	Reconhecer o impacto das atividades desenvolvidas na escola na dinâmica familiar	Replicação de atividades desenvolvidas na escola, no seio das famílias Circulação das informações e práticas implementadas	Registo dos comentários feitos pelos familiares e alunos	Número de réplicas registadas durante o ano
	Reduzido envolvimento nas atividades escolares	Aumentar o nível de participação das famílias nas atividades escolares	Promoção de atividades que vão de encontro às espetativas das famílias	Registo de presenças	N.º de presenças de familiares nas atividades
	Dificuldades de compreensão do currículo por parte das famílias	Aumento das espetativas do percurso escolar dos educandos decorrente de uma valorização do currículo	Apresentação do projeto aos pais e divulgação periódica do percurso à comunidade	Entrevistas de grupo sobre as espetativas em relação ao projeto e as aprendizagens escolares, a realizar no início e no final do projeto	Comparação entre os resultados iniciais e finais das entrevistas



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Domínios	Problemas	Objetivos	Estratégias	Avaliação	
				Instrumentos	Indicadores
Comunidade envolvente	Declínio das espetativas da comunidade face ao valor da escola	Valorizar a escola enquanto agente promotor do desenvolvimento económico local	Divulgação do projeto nos meios de comunicação local (rádio local) e aos balcões das Juntas de Freguesia		Número de opiniões/pareceres recolhidos
					Feedbacks favoráveis às ações específicas do projeto
	Baixa literacia financeira	Aumentar a circulação de informação sobre literacia financeira e as atividades desenvolvidas pela escola para esse fim	Circulação de informação relativa à literacia financeira		N.º de folhetos distribuídos
					N.º de locais abrangidos pela distribuição de folhetos
			Promoção de um concurso local sobre literacia financeira (a partir do folheto de divulgação)		N.º de participantes no concurso sobre literacia financeira
					N.º de entidades patrocinadoras
	Necessidades de formação sobre literacia financeira e/ou empreendedorismo	Consciencializar a comunidade sobre a necessidade de formação específica	Divulgação de oferta de formação aos balcões das Juntas de Freguesia,		Quantidade de inscritos na oferta de formação
			Complementar as necessidades de formação da comunidade	Criação de uma página do projeto no Facebook com o intuito de divulgar informações úteis e inovadoras para a criação de uma empresa	Divulgação de informação colocada na página do projeto no Facebook
	Reduzido envolvimento nas atividades escolares	Aumentar o nível de participação da comunidade nas atividades escolares	Promoção de atividades direcionadas para a comunidade	Registo de presenças	N.º de presenças de elementos da comunidade envolvidos nas atividades
	Impacto pouco significativo na comunidade das atividades escolares	Aumento da visibilidade/valorização das atividades escolares no seio da comunidade			
Desaparecimento de costumes e tradições que caracterizam a identidade da comunidade local	Conhecer e revitalizar processos e tradições envolvendo a comunidade	Promoção de atividades direcionadas para a comunidade	Registo de presenças	N.º de presenças de elementos da comunidade envolvidos nas atividades	



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Domínios		Problemas	Objetivos	Estratégias	Avaliação	
					Instrumentos	Indicadores
Parcerias	Câmara Municipal e Juntas de Freguesia	Perda de residentes e de poder económico no concelho	Rentabilizar o potencial económico, físico e humano do concelho	Envolvimento do município nas deslocações aos parceiros empresariais	Deslocações a empresas locais Guiões de visitas de estudo	Recolha de opiniões dos alunos a partir do guião das visitas de estudo
		Subaproveitamento de espaços	Rentabilizar recursos materiais do concelho (custos de oportunidade)	Utilização de espaços municipais disponíveis	Plano de negócios	Reconhecimento da utilização dos espaços escolares como um recurso para a implementação do projeto a custo zero
		Disseminação do projeto à escala local	Divulgar o projeto a nível concelhio	Realização de conferências temáticas promovendo o empreendedorismo	Conferências temáticas	N.º de conferências solicitadas pelas autarquias
	APEAVES	Necessidade de aumento da participação dos pais na vida escolar	Aumentar a participação dos pais na vida escolar	Participação e divulgação de atividades que reflitam boas práticas	Atividades em parceria	N.º de atividades realizadas em parceria
		Baixa literacia financeira entre as famílias mais carenciadas	Aumentar a circulação de informação sobre literacia financeira e as atividades desenvolvidas pela escola para esse fim			
Escolas profissionais	Desconhecimento das alternativas em termos de percurso académico	Conhecer percursos académicos alternativos				
		Contatar escolas profissionais	Realização de visita de estudo a diversas escolas profissionais	Guiões de visitas de estudo	Recolha de opiniões dos alunos a partir do guião das visitas de estudo	
	Reduzido conhecimento sobre técnicas agrícolas	Dominar conhecimentos agrícolas	Observação participante das práticas dos alunos da escola profissional	Atividades conjuntas	N.º de novas técnicas implementadas	
			Aconselhamento de novas técnicas agrícolas, adequadas à realidade Observação participante das práticas dos alunos da escola profissional			
	Desvalorização/abandono do setor primário, como fonte de trabalho a longo prazo	Valorizar o setor primário pela importância para a sociedade, pela potencialidade de crescimento e relevância histórica local	Conhecer explorações industriais e familiares	Guiões de visitas de estudo	Opiniões dos alunos	
ESELx	Validação externa do percurso definido no projeto	Supervisionar e validar o projeto	Acompanhamento do projeto por docentes da ESELx	Relatório de monitorização do projeto	N.º de objetivos do projeto que foram atingidos e referidos no relatório de monitorização	

		Disseminação do projeto a nível da comunidade profissional educativa	Divulgar o projeto a outros docentes	Inserção do projeto nos canais de comunicação e divulgação da ESELx	Conferências temáticas	N.º de conferências
Hortorres e Campoeste	Divulgação de boas práticas empresariais no meio local	Divulgar boas práticas empresariais	Visita de estudo		Guião de trabalho	N.º de guiões preenchidos corretamente
					Divulgação de informação sobre a visita em circuitos comunitários	N.º de visualizações na página do projeto no Facebook
Clube Sobral Sénior Ativo	Desvalorização da troca de informação intergeracional	Aumentar o número de interações intergeracionais	Produção e dramatização de uma adaptação musicada da fábula "A cigarra e a formiga"	Divulgação das práticas	Dramatização de uma adaptação musicada da fábula "A cigarra e a formiga" para a comunidade	N.º de opiniões positivas dadas pelos intervenientes
Jornal O Badaladas	Divulgação de notícias relacionadas com a educação	Valorizar a escola	Divulgação das práticas		Artigos publicados	N.º de artigos publicados
TVL	Divulgação de notícias relacionadas com a educação	Valorizar a escola	Divulgação das práticas		Entrevistas realizadas	N.º de entrevistas realizadas
Membros individuais da comunidade	Desvalorização da troca de informação comunitária	Aumentar o número de interações comunitárias	Realização de encontros temáticos		Encontros temáticos	N.º de trabalhos produzidos pelos alunos a partir dos encontros temáticos
						N.º de encontros temáticos articulados com o currículo

ANEXO 3 - Quadro-Síntese do Projeto E.L.F.

QUADRO-SÍNTESE DO PROJETO

Questões	Sub-Questões	Fases	Objetivos	Atividades	Áreas/atividades integradoras por ano*	Mês de realização*	Instrumentos	Indicadores
	Poderá uma abordagem integrada dos conteúdos do 1º ciclo, em estreita relação com as experiências quotidianas dos alunos e com as atividades da comunidade em que se inserem contribuir para:							
<ul style="list-style-type: none"> De que modo é que um processo de integração curricular no âmbito do 1º Ciclo do Ensino Básico pode contribuir para o desenvolvimento de competências associadas ao Empreendedorismo? 	<ul style="list-style-type: none"> O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação Inicial 	<ul style="list-style-type: none"> Determinar o nível de competências do empreendedorismo dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Aplicação do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos 	Empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none"> Setembro /Outubro 	<ul style="list-style-type: none"> Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras 	<ul style="list-style-type: none"> Comparação entre os resultados iniciais e finais dos questionários
			<ul style="list-style-type: none"> Determinar o percurso escolar (fatores de influência, exclusão académica) dos EE Averiguar os seus conhecimentos sobre as competências ligadas ao Projeto E.L.F. (empreendedorismo) Identificar as suas expetativas sobre o papel da escola e do professor (promoção da ligação escola-comunidade) 	<ul style="list-style-type: none"> Realização de Entrevista de Grupo (amostragem por conveniência) aos EE 		<ul style="list-style-type: none"> Novembro 	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista de Grupo 	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecimento da escola como agente interveniente na comunidade
		<ul style="list-style-type: none"> Negociação e Planeamento 	<ul style="list-style-type: none"> Reunir parcerias necessárias garantindo o cumprimento do horário letivo das atividades e responsabilidades inerentes ao cumprimento de serviço 	<ul style="list-style-type: none"> Obtenção da autorização do agrupamento para desenvolvimento do Projeto E.L.F. 		<ul style="list-style-type: none"> Setembro /Outubro 		
			<ul style="list-style-type: none"> Cooptação de parcerias 		<ul style="list-style-type: none"> Setembro /Outubro Novembro 		<ul style="list-style-type: none"> N.º de parcerias asseguradas 	
			<ul style="list-style-type: none"> Programar e preparar instrumentos de monitorização do desenvolvimento do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> Planificação da aplicação dos instrumentos de recolha de dados 		<ul style="list-style-type: none"> Setembro /Outubro 	<ul style="list-style-type: none"> N.º de instrumentos de recolha de dados produzidos 	

		<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar aos EE a proposta de implementação do Projeto E.L.F. (as competências e os valores individuais e comunitários nele desenvolvidos e consequentes atividades) 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de diapositivo sobre o projeto na primeira reunião de EE • Auscultação de opiniões para sintonia de valores e recolha de atividades propostas pelos EE 		<ul style="list-style-type: none"> • Setembro/Outubro 	<ul style="list-style-type: none"> • Diapositivo de apresentação do projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de EE presentes que concordaram com a implementação do Projeto E.L.F. na turma e/ou que sugeriram temas/atividades
<ul style="list-style-type: none"> • A motivação para a aprendizagem? 		<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar aos alunos a proposta de implementação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de informação relevante para a tomada de decisões informadas relativa à implementação prática do Projeto E.L.F. 	Empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none"> • Setembro /Outubro 		<ul style="list-style-type: none"> • N.º de alunos que aceitaram a proposta de desenvolvimento do Projeto E.L.F.
<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Tornar visível aos alunos e à comunidade escolar a linha condutora do projeto • Registrar a articulação curricular estabelecida ao longo da implementação do projeto • Registrar a integração das atividades empreendedoras desenvolvidas no âmbito do projeto 	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de cartaz para o registo de implementação do Projeto E.L.F. 	Empreendedorismo Estudo do Meio Português Matemática Expressões Educação para a Cidadania Educação Financeira	<ul style="list-style-type: none"> • Setembro/Outubro 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecimento de uma linha cronológica de registos das etapas do projeto para correlação das atividades realizadas no âmbito de cada uma das áreas abrangidas pelo projeto
<ul style="list-style-type: none"> • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? 		<ul style="list-style-type: none"> • Estruturar um Plano de Negócios para as minipresas a serem constituídas nas turmas com os alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Auscultação e negociação de ideias para escolha de uma atividade económica onde centrar o Projeto E.L.F. 	Empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none"> • Setembro/Outubro 	<ul style="list-style-type: none"> • Plano de negócios (<i>startup plan</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de ideias propostas para a centralização das minipresas • N.º de ideias propostas para o logotipo das minipresas decorrentes do plano de negócios

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 			<ul style="list-style-type: none"> • Visita de Estudo à Hortorres e Campoeste - armazenamento, exportação e transformação de produtos 	<p>Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo/descritivo sobre a visita (2.º/3.º/4.º) • Família de palavras e campo lexical sobre o vocabulário em estudo (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • As plantas (1.º/2.º/3.º) • Reprodução de plantas (2.º/3.º) • Plantas cultivadas e espontâneas (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Novembro 	<ul style="list-style-type: none"> • Guião • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no Facebook e no Youtube • Textos coletivos 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de guiões corretamente preenchidos • N.º de atividades do Projeto E.L.F. decorrentes da visita de estudo • N.º de visualizações • Relevância do resumo, seleção e transmissão das informações obtidas
<ul style="list-style-type: none"> • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 			<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento dos dados necessários à criação do Plano de Negócios • Criação do Plano de Negócios 	<p>Empreendedorismo Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • Família de palavras e campo lexical subordinado ao vocabulário em estudo (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • As profissões (1.º/2.º) • As atividades económicas (3.º/4.º) • As plantas (1.º/2.º/3.º) • Reprodução das Plantas (2.º/3.º) • Plantas cultivadas e plantas espontâneas (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Novembro 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. • Plano de negócios (<i>startup plan</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> • Correlação entre a informação selecionada em grupos e os pontos-chave dos planos de negócios • N.º de planos de negócios criados
<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? 		<ul style="list-style-type: none"> • Planificar a implementação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • Planificação anual/mensal da integração curricular com as atividades empreendedoras 	<p>Empreendedorismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Outubro • Novembro • Janeiro • Abril 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de atividades/ab ordagens a conteúdos efetivamente desenvolvidas

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? 		<ul style="list-style-type: none"> • Aumentar o vocabulário técnico ligado ao empreendedorismo e à educação financeira dos alunos e EE • Providenciar um enquadramento histórico para o conceito de empreendedorismo e a criação de empresas 	<ul style="list-style-type: none"> • Sessão sobre literacia financeira, empreendedorismo e criação de empresas 	<p>Empreendedorismo Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto expositivo (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Matemática</p> <ul style="list-style-type: none"> • N.ºs decimais (2.º/3.º/4.º) • O dinheiro (2.º/3.º/4.º) • As profissões (1.º/2.º) • As atividades económicas (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Novembro 	<ul style="list-style-type: none"> • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no Facebook e no Youtube • Entrevista de grupo • Textos coletivos 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de visualizações • Demonstrações de conhecimentos de empreendedorismo por parte dos EE • Capacidade de explicitar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la
<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 	<ul style="list-style-type: none"> • Implementação 	<ul style="list-style-type: none"> • Sensibilizar para a importância da utilização de recursos e energia no dia-a-dia (a nível empresarial e doméstico) • Sensibilizar para necessidade de poupança destes recursos e para o impacto ambiental e económico daí decorrente 	<ul style="list-style-type: none"> • Sessão sobre recursos hídricos e energéticos e o seu impacto na vida das empresas e das famílias 	<p>Empreendedorismo Educação para a Cidadania Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto expositivo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Produção de cartazes (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • O ciclo da água (2.º/3.º/4.º) • Substâncias perigosas (1.º/2.º/3.º/4.º) • Energias renováveis (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Janeiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no Facebook e no Youtube • Textos coletivos 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de visualizações • Capacidade de explicitar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Alargar o potencial de produção das miniempresas • Conhecer as etapas de construção de uma estufa • Reconhecer aspetos positivos da cooperação entre parceiros 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção das estufas 	<p>Empreendedorismo Matemática</p> <ul style="list-style-type: none"> • Unidades de medida de comprimento (2.º/3.º/4.º) • Medições (1.º/2.º/3.º/4.º) • Figuras bidimensionais (1.º/2.º/3.º/4.º) • Os ângulos (2.º/3.º/4.º) • Números fracionários (2.º/3.º/4.º) • Múltiplos e divisores (2.º/3.º/4.º) • Gráficos (1.º/2.º/3.º/4.º) • Perímetro (2.º/3.º/4.º) • Área (2.º/3.º/4.º) <p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • As rochas e os solos (3.ºano) 	<ul style="list-style-type: none"> • Fevereiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Plano de negócios (<i>startup plan</i>) • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no Facebook e no Youtube 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento da utilização dos espaços escolares como um recurso para implementação do Projeto • N.º de visualizações
		<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar a ligação intergeracional através da valorização dos conhecimentos dos membros mais antigos da comunidade • Perpetuar técnicas tradicionais com impacto na economia familiar e do meio 	<ul style="list-style-type: none"> • Sessões sobre recuperação de técnicas agrícolas tradicionais - criação de réstias, localização de lençóis de água, processos de poda e enxertia, extração de mel e importância da polinização 	<p>Empreendedorismo Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto descritivo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto expositivo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Variações dos nomes (2.º/3.º/4.º) • Nomes comuns coletivos (2.º/3.º/4.º) <p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reprodução das plantas (2.º/3.º) • Os animais (2.º/3.º) • Relação dos estados do tempo com a estação do ano, o desenvolvimento das plantas e os hábitos dos animais (2.º/3.º) • Funções que fazem dos animais e plantas seres vivos (2.º/3.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Dezembro • Fevereiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista de grupo • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no Facebook e no Youtube • Textos coletivos 	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstração de conhecimentos de empreendedorismo por parte dos EE • N.º de visualizações • Capacidade de explicitar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer a comparação de técnicas modernas com tradicionais, em termos de produtividade e impacto ambiental • Informar sobre a existência de percursos escolares diferentes, para futuras tomadas de decisão 	<ul style="list-style-type: none"> • Visita de estudo à EPAFBL 	<p>Empreendedorismo Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto descritivo (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • A poluição (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Educação para a Cidadania</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Março 	<ul style="list-style-type: none"> • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no Facebook e no Youtube • Textos coletivos 	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstração de conhecimentos de empreendedorismo por parte dos EE • Capacidade de explicitar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la
<ul style="list-style-type: none"> • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? 		<ul style="list-style-type: none"> • Afinar o Plano de Negócios com vista à superação de obstáculos e à antecipação de novos objetivos de produção, de embalamento e venda 	<ul style="list-style-type: none"> • Monitorização da aplicação do plano de negócios 	<p>Empreendedorismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ao longo do ano letivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. • Plano de negócios (<i>startup plan</i>) • Diários de bordo • Entrevista de grupo • Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de imprevistos ultrapassados positivamente • Desenvolvimento de competências-chaves do empreendedorismo • Comparação entre os resultados iniciais e finais dos questionários

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Adaptar uma história tradicional de aspetos morais vinculados de modo a refletir um espírito de valorização e cooperação • Trabalhar valores comunitários associados ao empreendedorismo • Fomentar a ligação intergeracional através da valorização dos conhecimentos dos membros mais antigos da comunidade • Dar visibilidade do trabalho desenvolvido junto da comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptação da história tradicional "A Cigarra e a Formiga" (visando os valores do empreendedorismo/valores da comunidade) e sua dramatização para a comunidade 	<p>Empreendedorismo Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • A fábula (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto dramático (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Educação para a Cidadania Expressões</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Março • Abril • Maio 	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptação da história tradicional "A Cigarra e a Formiga" (visando os valores do empreendedorismo/valores da comunidade) • Festa comunitária 	<ul style="list-style-type: none"> • Clareza na transmissão da mensagem da peça (valores do empreendedorismo/valores da comunidade) • Adesão da comunidade escolar à apresentação
<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Preparar o domínio técnico de vendas contemplado no plano de negócios • Dar visibilidade do trabalho desenvolvido junto da comunidade local e concelhia • Reconhecer aspetos positivos da cooperação entre parceiros a nível da venda de produtos e gestão do dinheiro doado 	<ul style="list-style-type: none"> • Feiras na Escola 	<p>Empreendedorismo Matemática</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ao longo do ano letivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Slogan de venda • Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. • Plano de negócios (<i>startup plan</i>) • Entrevista de grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Concretização das vendas respeitando o slogan da empresa • Registo das vendas efetuadas Saldo da empresa • Reconhecimento da importância dos momentos de venda pelos EE
			<ul style="list-style-type: none"> • Participação no Arraial de Final de Ano Letivo 	<p>Empreendedorismo Matemática</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Junho 	<ul style="list-style-type: none"> • Slogan de venda • Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. • Plano de negócios (<i>startup plan</i>) • Entrevista de grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Concretização das vendas respeitando o slogan da empresa • Registo das vendas efetuadas Saldo da empresa • Reconhecimento da importância dos momentos de venda pelos EE

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação das atividades do Projeto E.L.F. para além da esfera local • Valorização do potencial de escolas em meios pequenos • Permitir o reconhecimento do valor do trabalho desenvolvido pelos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto através da página do Facebook e do Youtube 	/	<ul style="list-style-type: none"> • Ao longo do ano letivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades divulgadas na página do Facebook e do Youtube • Visualizações obtidas na divulgação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de atividades divulgadas • Dados estatísticos obtidos na divulgação do Projeto E.L.F. • Registo geográfico das visualizações obtidas na divulgação do Projeto E.L.F.
/			<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto através do Jornal "O Badaladas" 	/	<ul style="list-style-type: none"> • Novembro • Abril • Junho 	<ul style="list-style-type: none"> • Artigos escritos para divulgação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de artigos escritos para divulgação do Projeto E.L.F. • N.º de exemplares impressos
<ul style="list-style-type: none"> • A motivação para a aprendizagem? 			<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto através da Revista "Saber Viver" 	/	<ul style="list-style-type: none"> • Abril 	<ul style="list-style-type: none"> • Artigo escrito para divulgação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de artigos escritos para divulgação do Projeto E.L.F. • N.º de exemplares impressos
/			<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto no site do Município 	/	<ul style="list-style-type: none"> • ???? 	<ul style="list-style-type: none"> • Artigos escritos para divulgação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de artigos escritos para divulgação do Projeto E.L.F.
/			<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto através do Workshop no Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes 	/	<ul style="list-style-type: none"> • Abril 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação no Workshop • Questionário sobre a Aplicação do Projeto ELF para professores 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de solicitações para participação • Dados estatísticos obtidos a partir da opinião dos professores sobre o Workshop
/	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação 		<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto nas Jornadas Pedagógicas - Grassa a Ciência pelo Monte 	/	<ul style="list-style-type: none"> • Julho 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação nas Jornadas 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de solicitações para participação

		<ul style="list-style-type: none"> • Determinar a valorização da aplicação do Projeto E.L.F. pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação em sala de aula pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência 		<ul style="list-style-type: none"> • Maio 	<ul style="list-style-type: none"> • Relatório de Avaliação Externa das Escolas 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento da aplicação do Projeto E.L.F. como boa prática pedagógica
<ul style="list-style-type: none"> • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Determinar o nível de competências do empreendedorismo dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos 	Empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none"> • Junho 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras 	<ul style="list-style-type: none"> • Comparação entre os resultados iniciais e finais dos questionários
<ul style="list-style-type: none"> • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? 		<ul style="list-style-type: none"> • Determinar a valorização da aplicação do Projeto E.L.F. pelos EE • Averiguar o desenvolvimento dos seus conhecimentos sobre as competências ligadas ao Projeto E.L.F. (empreendedorismo) • Determinar a valorização do papel da escola e do professor (promoção da ligação escola-comunidade) 	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de Entrevista de Grupo (amostragem por conveniência) aos EE 		<ul style="list-style-type: none"> • Junho 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista de Grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecem a escola como agente interveniente na comunidade
<ul style="list-style-type: none"> • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação Final 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as atividades do projeto mais valorizadas pelos alunos e pela comunidade • Aferir a capacidade de tomada de decisão • Aferir perspetivas de futuro 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação do Questionário de Avaliação Global do Projeto aos alunos 	Empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none"> • Junho 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário de Avaliação Global do Projeto aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados estatísticos obtidos a partir dos questionários de Avaliação do Projeto Global aos alunos

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Registrar a perceção de momentos-chave e superação de obstáculos decorrentes do projeto, por parte dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Assembleias de turma 	Empreendedorismo Português Matemática Estudo do Meio Expressões Educação para a Cidadania Educação Financeira	<ul style="list-style-type: none"> • Ao longo do ano letivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Diários de bordo 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento de momentos-chave por parte dos alunos
<ul style="list-style-type: none"> • A melhoria dos resultados escolares? 		<ul style="list-style-type: none"> • Determinar o grau de sucesso escolar dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação global dos alunos 	Português Matemática Estudo do Meio Expressões Educação para a Cidadania Educação Financeira	<ul style="list-style-type: none"> • Ao longo do ano letivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Grelha de avaliação periódica 	<ul style="list-style-type: none"> • Percentagem de sucesso e insucesso nas turmas

* Nota: Consultar a Articulação anual/mensal do Projeto E.L.F. (anexo 2) para melhor compreensão da articulação das atividades.

ANEXO 4 - Apresentação aos Pais



Projeto E.L.F.

**Projeto de
Empreendedorismo e
Literacia Financeira**

Ano Letivo
2014/2015

O que é?

Projeto E.L.F.

É um projeto criado para trabalhar o **empreendedorismo** nas escolas do 1.º Ciclo, abordando conceitos de economia que os alunos ouvem no seu dia-a-dia.

Para que serve?



Para desenvolver um espírito **empreendedor** nas crianças, estimulando o hábito de **criação de novas ideias** e o hábito de avaliar o **potencial** das mesmas.

Para **fortalecer traços da personalidade**: capacidade de liderança, autonomia, rigor na realização de tarefas, responsabilidade, cooperação em trabalhos de equipa,...

Para proporcionar **experiências ligadas à vida prática**, onde se habituem a **enfrentar obstáculos** e a **tomar decisões**.

Para mostrar aos alunos a **aplicação dos conteúdos** aprendidos na escola, na vida prática.



Como funciona?

Projeto E.L.F.

Desenvolve-se simulando o dia-a-dia numa qualquer empresa, desde a suas fases de criação até às de produção e estabilização, **colocando os alunos no papel de empresários**, numa **vertente social**.

Cria **hábitos de controlo de despesas e de poupança** nos alunos, para os preparar para um dia criarem o seu emprego, para serem eficientes no seu trabalho para outrem, ou simplesmente, para os ajudar a gerir o lar.

E, muito importante...

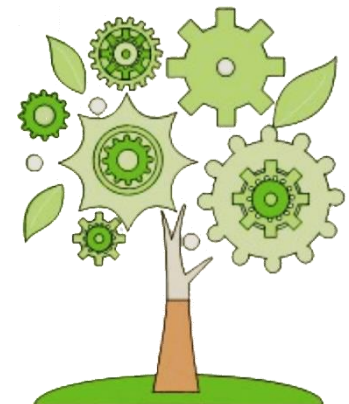
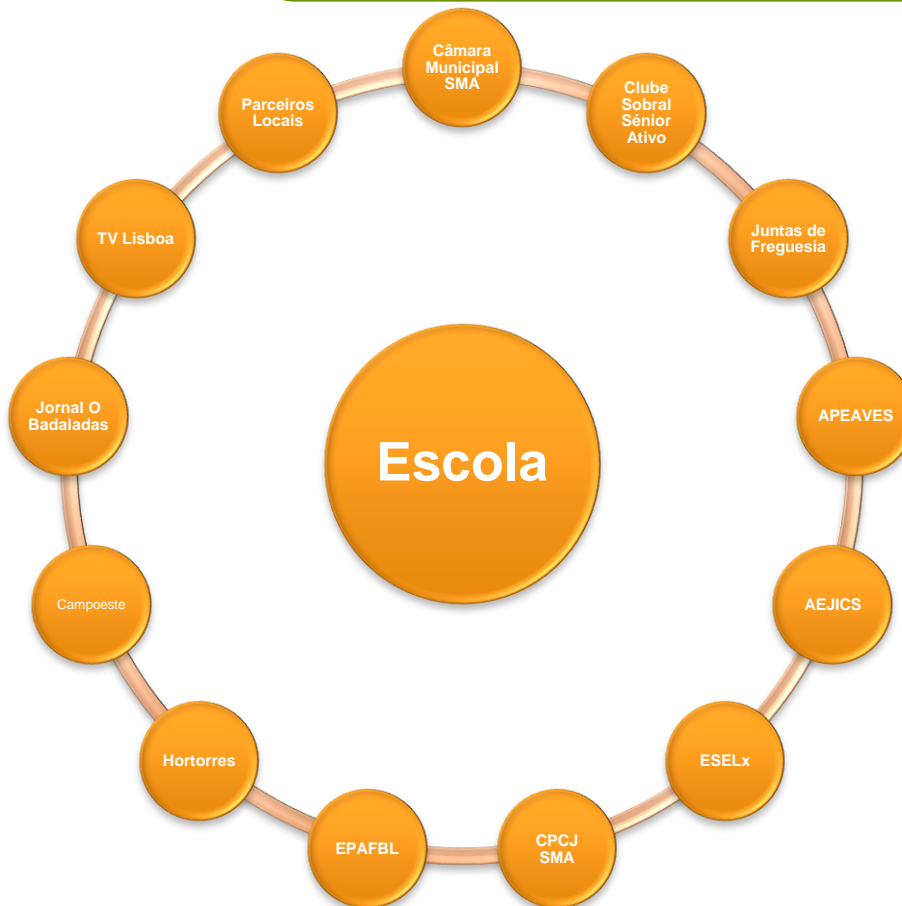
...trabalha o **Empreendedorismo** a par do programa de **Estudo do Meio** e de uma forma clara **integra as aprendizagens de Matemática, Português, Expressões e Formação Cívica...**

... assim, **não acresce aos conteúdos das disciplinas**. Em vez disso, reorganiza-os e **trabalha o empreendedorismo ao mesmo tempo que o programa vai sendo trabalhado!**



Além disso...

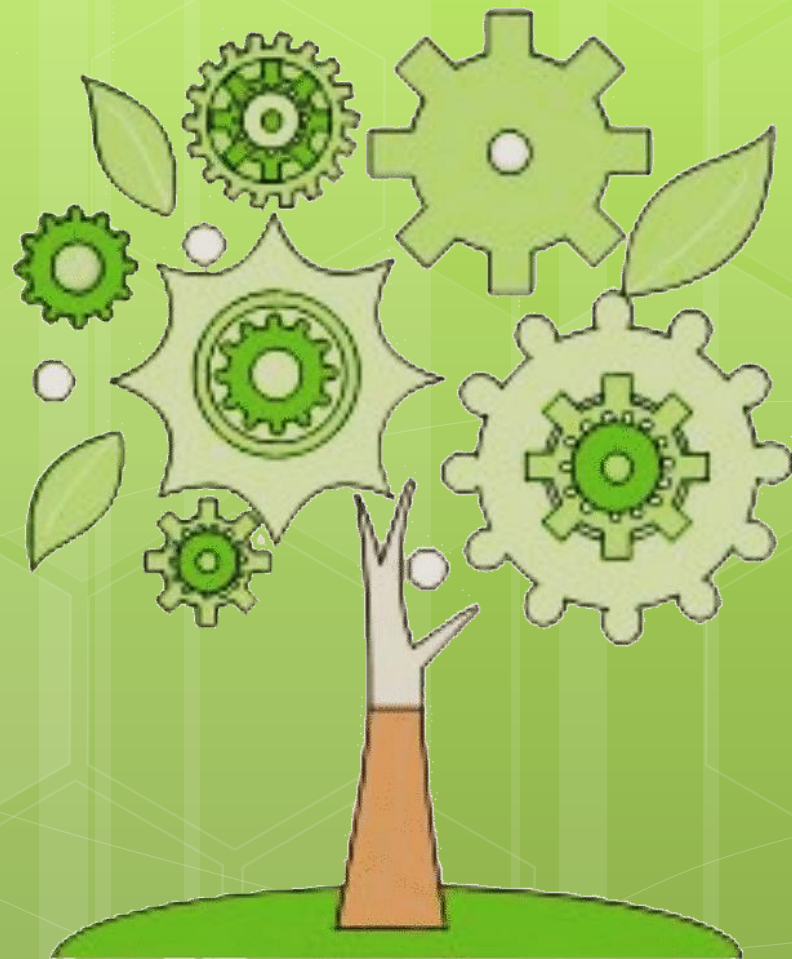
... é um projeto que assenta num **trabalho com e para a comunidade**, em que esta contribui para a aprendizagem dos alunos e estes, por sua vez, vão divulgar aspetos que podem ajudar a melhorar a vida de outros membros da comunidade!



Atividades para os alunos

Projeto E.L.F.





Projeto E.L.F.

**Projeto de
Empreendedorismo e
Literacia Financeira**

Ano Letivo
2014/2015

ANEXO 5 - Caraterização dos EE



A. E. J. I. C. S.

Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral

Escola: EB de Almagem e EB de Pero Negro

Turmas: A e B

Ano lectivo: 2014 / 2015

Relação da idade das mães

Até 25 anos	26 a 30 anos	31 a 35 anos	36 a 40 anos	41 a 45 anos	Mais de 46 anos
Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	7	13	6	8	1

Relação da idade dos pais

Até 25 anos	26 a 30 anos	31 a 35 anos	36 a 40 anos	41 a 45 anos	Mais de 46 anos
Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar
	4	9	8	9	6

Relação das profissões das mães

Desempregada, Reformada ou Desconhecida	Ligadas ao Sector Primário	Ligadas ao Sector Secundário	Ligadas ao Sector Terciário
Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar
11	2	4	18

Relação das profissões dos pais

Desempregado, Reformado ou Desconhecida	Ligadas ao Sector Primário	Ligadas ao Sector Secundário	Ligadas ao Sector Terciário
Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar
8	1	15	12

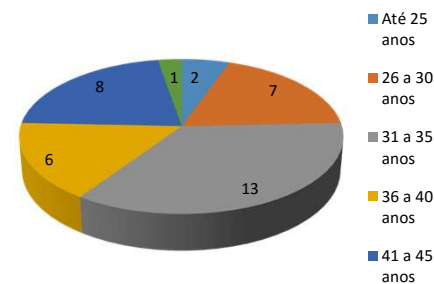
Relação das habilitações literárias das mães

1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Secundário	Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	10	9	10		2		

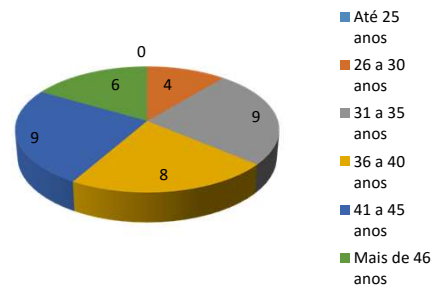
Relação das habilitações literárias dos pais

1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Secundário	Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar
8	8	8	8			2	

Relação da idade das mães



Relação da idade dos pais



ANEXO 6 - Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras

Teste de Capacidade Empreendedora Para Crianças

(adaptado de <http://www.iapmei.pt>)



Nome: _____ data: ___/___/___

Coloca na maneira como te vês em cada situação:

Independência	Quase Nunca	Às vezes	Quase Sempre	Autodisciplina	Quase Nunca	Às vezes	Quase Sempre
1 – Aborreço-me quando tentam mandar em mim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	1 - Termino o que começo, mesmo que seja complicado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 - Por vezes chamam-me teimoso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	2 - Pensar num projeto aborrece-me	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 - Gosto de tomar a iniciativa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	3 - Tenho uma boa capacidade de concentração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 - Gosto de estar só	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	4 - Quando quero fazer qualquer coisa, penso nas consequências do que vou fazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 - Gosto de responsabilidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	5 - Quando erro, penso nisso para poder melhorar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 - Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	6 - Sou motivado e quero ser bem sucedido	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criatividade	Quase Nunca	Às vezes	Quase Sempre	Motivações	Quase Nunca	Às vezes	Quase Sempre
1 - Tenho capacidade de pensar em soluções para os meus problemas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	1 - Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 – Olho para os meus problemas como obstáculos a vencer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	2 - Sou ambicioso e às vezes tento fazer o impossível	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 - Tenho muita imaginação e ideias diferentes das outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	3 - Sou corajoso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 - Sou curioso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	4 - Sou empenhado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 - Utilizo, com frequência, objetos comuns de forma diferente do habitual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	5 - Sou otimista	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 - Experimento fazer as coisas de diversas maneiras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	6 - Sou responsável	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Capacidade de Risco	Quase Nunca	Às vezes	Quase Sempre	Autoconfiança	Quase Nunca	Às vezes	Quase Sempre
1 - Gosto de descobrir coisas novas e diferentes para fazer e para poder aprender com isso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	1 - Gosto de mim próprio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 - Adoro a aventura e gosto de viver com intensidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	2 - Tenho confiança naquilo que faço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 – Tento aproveitar todas as oportunidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	3 - Sou capaz de enfrentar qualquer situação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 - Acho que quem corre riscos consegue ter mais sucesso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	4 - Luto por aquilo que quero	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 - Estou pronto a enfrentar obstáculos para conseguir algo em que acredito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	5 - Aceito, de boa vontade, um elogio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 - Para aprender coisas novas, muitas vezes, estudo assuntos que não conheço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	6 - Aceito desafios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Nota: Raramente = 1 ponto / Às vezes = 3 pontos / Quase sempre = 5 pontos

ANEXO 7 - Guião de Entrevista Inicial aos EE

Proposta de entrevista semiestruturada

Que importância podem ter projetos de empreendedorismo, numa vertente interdisciplinar integrada, na educação em Portugal?

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Etapas/Questões
Bloco A <ul style="list-style-type: none">Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none">Legitimar a entrevista;Motivar o entrevistado.	<p>Apresentar o tema e o objetivo do Projeto E.L.F.;</p> <p>Solicitar a colaboração do entrevistado, destacando a importância da sua colaboração na realização do estudo;</p> <p>Assegurar o caráter anónimo das informações prestadas;</p> <p>Solicitar autorização para realizar o registo vídeo e audiográfico da entrevista;</p> <p>Garantir a informação sobre o resultado da investigação.</p>
Bloco B <ul style="list-style-type: none">A educação, o currículo e o empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none">Conhecer a atitude dos inquiridos em relação ao papel da educação e do empreendedorismo.	<ul style="list-style-type: none">Qual o papel que a educação teve na sua vida?Qual o ano de escolaridade que considerou ter mais influência na sua vida?Consegue recordar uma atividade na escola que o tenha marcado pela positiva? Porquê?Defina empreendedorismo em poucas palavras.De tivesse de apontar uma imagem que defina o empreendedor, qual seria?Sente que aprendeu mais na escola ou quando começou a trabalhar?Quando andava na escola, sentiu que havia alunos “postos de parte”?Por que razão deixou de frequentar a escola?
Bloco C <ul style="list-style-type: none">Expetativas sobre a aplicação deste projeto para os alunos	<ul style="list-style-type: none">Aferir as expetativas dos encarregados de educação relativamente à aplicação do projeto.	<ul style="list-style-type: none">Acha que os alunos envolvidos neste tipo de projeto podem compreender melhor os conteúdos escolares?Pensa que este tipo de projetos pode

		<p>contribuir para fazer dos alunos cidadãos responsáveis e capazes de tomar decisões informadas ao longo do seu percurso de vida?</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Que aprendizagens querem/esperam que os filhos realizem com este projeto?
<p>Bloco D</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Expetativas sobre o papel da escola/professor e a visão pela comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aferir a visão que os encarregados têm da escola/professor e o papel que devem ter na formação dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Na sua opinião qual o papel que a escola tem nesta localidade? ▪ E qual o papel que o professor deverá assumir?
<p>Bloco E</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Validação da entrevista</i> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Validar a entrevista;</i> ▪ <i>Agradecer a disponibilidade.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Deseja acrescentar alguma coisa sobre o assunto em análise? <p><i>Indicar que a transcrição da entrevista será enviada para confirmação dos dados;</i></p> <p><i>Agradecer e confirmar a utilidade da entrevista.</i></p>

José Pina

Rui Ferreira

ESELx 2014

ANEXO 8 - Cartazes de Registo

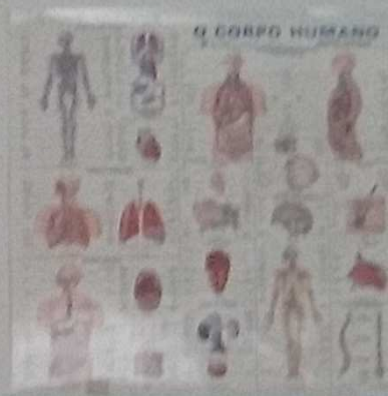


PROJETO

E.L.F.

EMPREENDEDORISMO
E

LITERACIA FINANCEIRA



A large display board covered with handwritten notes, printed documents, and colorful drawings. The board is organized into several columns of text. On the right side, there are several drawings, including a landscape with a sun and trees, a person, and a figure with arms raised. The board is being viewed by three people at the bottom of the frame.

PLANO DE NEGÓCIOS – Startup plan

Nome da empresa: *Arrogância Cultural* Setor/Área: *Produção agrícola*

MISSÃO – O que nos propomos fazer: *termos plantas e colheitas e pegar e embalar e vender.*

ÂMBITO DO NEGÓCIO

PRODUÇÃO – O que produzimos: *Tomates, alface, alho - fresco, alho, cebola, brócolos etc...*

Mercado – A quem se destina: *do grupo do 3º ano, Rui A, Rodrigo, Vanessa, Rui F, Pedro*

RAZÕES DE PRODUÇÃO – O que distingue os nossos produtos: *é mais fresco, é maduro, as massas, frutas saudáveis, e pão feitos com muito amor e carinho e amor*

FATORES DE SUCESSO – Aspectos que garantem ganhos (pessoais, materiais ou familiares): *Dinheiro, legumes, ter alegria a fazer o projeto E.L.F.*

RECURSOS – Com o que temos de contar

Quem trabalha/ajuda: *Sr. Mário, Sr. José, Martins, Sr. Secar, Sr. Daniel, Professores, grupo do 3º ANO.*

Doações: *Cimento, pau, estufa, plástico, terra, ajuda da escola de humar, ajudar a pagar o*

Compras/Necessidades de gasto: *fruta, enxada, Regador, betão, legumes.*

Nome da empresa:

Hortimilva

Setor/Área:

Setor primário/agricultura

MISSÃO - O que nos propomos fazer:

• fazer uma horta

• 5 - rabo de

colher

• 1 - Tomateiros

• 6 - morangos e embidos

• 2 - alfaces

• 7 - alho

• 3 - batata

• 8 - PERINOS

• 4 - alho francês

Manter a horta vendendo

boa

ÂMBITO DO NEGÓCIO

PRODUÇÃO - O que produzimos:

dos produtores legumes e vegetais

Mercado - A quem se destina:

VENDE - 56 ANOS

AMIGOS E PÁSE A

FAMÍLIA.

RAZÕES DE PRODUÇÃO - O que distingue os nossos produtos:

- produtos sem veneno
- produtos biológicos
- produtos criados com amor
- Grãos
- produtos mais saudáveis

FATORES DE SUCESSO - Aspectos que garantem ganhos (pessoais, materiais ou familiares):

em
agendas
com
• trabalho de grupo

Materiais	Família
DINHEIRO	psicologia

RECURSOS - Com o que temos de contar

Quem trabalha/ajuda:

ajuda: Rafael, José, Diana

trabalha: mãe, pai, avós, filhos, amigos

Doações: água, fardos,imento, plástico, para, etc

Compras/Necessidades de gasto:

alimentos

MAIO

5/5/2015

venda - 2 alfaces

1 - verde - 1€

1 - romana - 0,50€

6/5/2015

venda - 1 rabanete - 2€

11/5/2015

venda - 1 alface romana - 1€

20/5/2015

- Rabanete - 1,20€

- Rabanete 3€

- Rabanete - 1€

- Rabanete - 1€

||

JUNHO

Problemas:

- lagartas

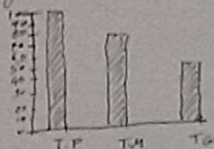
- bichos de Tesoura

21/6/2015

2 alfaces → 1€

1 pepino → 1€

setembro - 228 T
calibragem: 51TG / 77TM / 100TP



Venda de Tomates
setembro 2015

Marisa - 1€

Rui Filipe - 5€

19/ outubro

68 Tomates
& Pepinos

TOTAL
= 9€

Uma das lagartas
fui estava em casulo
decidimos investigar
o ciclo de vida da
lagarta.

Variedade	Produção	Calibragem	Observações
TP	100	51TG	
TM	77	77TM	
TG	51	51TG	

ABRIL

10-4-2015

M

Visita do Sr Manuel à escola

TEMA: Teatro "A cigarra e a formiga"

O que aprendemos: Planificar o futuro

harmonia . amizade . estar juntos . empenho
. aprender coisas novas . paz . mimo . amor
. carinho . trabalhar em grupo . liberdade

Valores do projeto E.L.F

CIDADANIA → FAZER VALER OS DIREITOS

Proble

↓
COMUNIDADE → QUÊM PARTILHA A VIDA

↓
OBJETIVO COMUM → VALORES: mudança ; liberdade ;
carinho ; leis justas ; amizade ;
cidadania e empreendedorismo

↓
FUTURO MELHOR

24/4/2015

Uma das
fui estanca e
decidimos ir
o ciclo de a
lagarta.

A Cigarra e a Formiga

Personagens - Cigarra
3 Formigas
Fada da Sabedoria

Crianças de 6 a 9 anos

do 2º ano
de 11/2015
Cigarra
Formigas
Fada Sabedoria
do 2º ano - 11/2015
10/11/15

Cenário 1 - Mata na Primavera/Verão. A um canto senta-se a fada numa pedra por baixo de uma árvore com um livro, enquanto na mata a formiga vai apanhando folhas que leva para o formigueiro e a cigarra vai cantarolando. Noutro canto há um formigueiro.

Cenário 2 - Mata no Inverno. A um canto senta-se a fada numa pedra por baixo de uma árvore com um livro, a cigarra vai pedir ajuda às formigas. Noutro canto há um formigueiro.

A um canto senta-se a fada numa pedra por baixo de uma árvore com um livro (com este livro ela vai pôr questões de estar na vida, e vai gerir o conflito que se gera entre ambas dada a sua diversidade de posturas, para induzir a importância da compreensão mútua, mesmo com "pontos de vista" diferentes e da importância da complementaridade das habilidades de cada uma, como forma de ter uma capacidade conjunta que as ajude por tornar igualmente úteis e até capazes de concretizar projectos comuns.

5 PRODU

1- O QUE É UM PLANO DE NEGÓCIOS?

É UM PLANO FEITO EM EQUIPA QUE PERMITE PENSAR NO FUTURO E OBJETIVOS DAS NOSSAS MINI-EMPRESAS.

2- PARA QUE SERVE O PLANO DE NEGÓCIOS?

SERVE PARA CONSTRUIRMOS UM CAMINHO PARA O SUCESSO.

3- COMO SE APLICA O PLANO DE NEGÓCIOS?

DÁ-NOS AS TAREFAS QUE SÃO IMPORTANTES FAZER E PARA QUANDO AS DEVEMOS FAZER.

TODOS OS PLANOS DEVEM TER AS SEGUINTEs INFORMAÇÕES:

1- NOME DA EMPRESA

2- QUAL O SECTOR/ÁREA DE TRABALHO

3- MISSÃO - O QUE QUEREMOS FAZER

4- ÂMBITO DO NEGÓCIO / QUE NEGÓCIO VAI SER?

· PRODUÇÃO - O QUE VAMOS FAZER

· MERCADO - A QUEM VAMOS VENDER / DAR

· RAZÕES DE PRODUÇÃO - PORQUE É QUE VAMOS FAZER MELHOR / QUE PROBLEMA VAMOS RESOLVER

· FATORES DE SUCESSO - GANHOS

· PESSOAIS

· MATERIAIS

· FAMILIARES

5- RECURSOS (O QUE PRECISAMOS PARA TRABALHAR)

· QUEM TRABALHA / AJUDA

· DOAÇÕES

· O QUE VAMOS PRECISAR DE COMPRAR

6- PRAZOS PREVISTOS

· IDEIA

· PLANIFICAÇÃO

· PRODUÇÃO

· EMBALAMENTO

· VENDA

· BALANÇO

7- BALANÇO DO FUNCIONAMENTO E DA QUALIDADE DOS PRODUTOS

· PONTOS FORTES / FRACOS

· EXPERIÊNCIAS MAIS SIGNIFICATIVAS

· DIFICULDADES E SOLUÇÕES ENCONTRADAS

- TEMA: VEDAR (PROCURAR...)
 - PODAR (COMO CORTAR AS PLANTAS PARA FICAREM MAIS FORTES)
 - ENXERTAR (COMO TRANSFORMAR UMA PLANTA BRAVA NUMA QUE DÁ FRUTA BOA.)

O QUE APRENDEMOS

- 1-COMO ENCONTRAR ÁGUA
- 2-COMO SE DEVE CORTAR AS ÁRVORES PARA AJUDAR A CRESCER.
- 3-COMO TRANSFORMAR UMA PLANTA BRAVA NUMA PLANTA QUE DÁ FRUTA BOA PARA COMER.

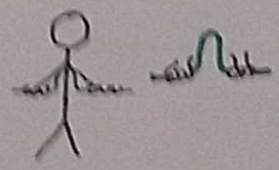
COMO ENCONTRAR ÁGUA?

MATERIAL:

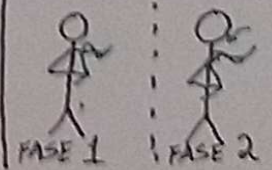
1-UM PAU FLEXÍVEL QUE DÊ PARA DOBRAR SEM QUEBRAR (RECOMENDA-SE OLIVEIRA).

PROCEDIMENTO:

1- DOBRAR O PAU COM AS MÃOS VIRADAS PARA CIMA.



2- ANDAR PELO TERRENO E ESPERAR QUE A VARINHA TREMA E RODE.



QUANDO A VARINHA TOCA SIGNIFICA QUE NAQUELE LOCAL HÁ ÁGUA.

O QUE GOSTARIAMOS DE INVESTIGAR?

- 1-COMO SE TIRA A ÁGUA?
- 2-COMO RETIRAR ÁGUA QUE ESTÁ DEBAIXO DO CIMENTO OU PEDRAS?
- 3-QUAL É A EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA PARA SE ENCONTRAR ÁGUA COM UM PAU?

COMO SE DEVE CORTAR AS ÁRVORES PARA AJUDAR A CRESCER?

MATERIAL:

TEROURA DE PODAR
 ALICATE DE PODAR
 PODAR: CUIDAR QUANDO CORTAR OS RAMOS SECOS E INÚTEIS PARA AS ÁRVORES.

PROCEDIMENTO

DEVE-SE CORTAR OS RAMOS MAIS PEQUENOS QUE ROUBAM FORÇA À PLANTA PARA A PLANTA FICAR MAIS BONITA DEVE SER CORTADA COM FORMA ARRETOURADA O CORTE DOS RAMOS MAIS PEQUENOS DEVE SER FEITO O MAIS RENTE POSSÍVEL AO RAMO PRINCIPAL.

O QUE QUEREMOS INVESTIGAR?

- 1- POR QUE RAZÃO NÃO PODEM SER CORTADAS AS ÁRVORES NO VERÃO?
- 2- POR QUE MUDA A COR DAS FOLHAS DAS ÁRVORES?
- 3- SERÁ QUE O CORTE DAS ÁRVORES FAZ DIMINUIR OS NÍVEIS DE OXIGÊNIO?
- 4- O QUE FAZ COM QUE A CASCA DAS ÁRVORES MUDE QUANDO ESTAS CRESCEM?
- 5- POR QUE SE PARTEM OS RAMOS DAS ÁRVORES?
- 6- POR QUE É QUE AS FLORES ABREM COM O CALOR?
- 7- COMO É QUE AS ÁRVORES PRODUZEM OXIGÊNIO?
- 8- QUANTO TEMPO DEMORAM AS PLANTAS A CRESCER?
- 9- O QUE FAZ CRESCER AS ÁRVORES?
- 10- COMO É QUE AS RAÍZES RETIRAM NUTRIENTES DA TERRA?
- 11- QUAL É A ÁRVORE QUE VIVE MAIS...

ENXERTIAS O QUE É?

TRANSFORMAÇÃO DE UMA PLANTA BRAVA NUMA PLANTA QUE DÁ FRUTA BOA

PROCEDIMENTO:

- 1- COMO SE TIRA A ÁGUA?
- 2- COMO RETIRAR ÁGUA QUE ESTÁ DEBAIXO DO CIMENTO OU PEDRAS?
- 3- QUAL É A EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA PARA SE ENCONTRAR ÁGUA COM UM PAU?

COMO SE DEVE CORTAR AS ÁRVORES PARA AS AJUDAR A CRESCER?

MATERIAL:

TEQUERA DE TONAR
ALICATE DE TONAR

TONAR: LIMPAR OU CORTAR OS RAMOS SECOS E INVUTEIS PARA AS ÁRVORES.

PROCEDIMENTO
DEVE-SE CORTAR OS RAMOS MAIS PEQUENOS QUE ROUBAM FORÇA À PLANTA.

PARA A PLANTA FICAR MAIS BONITA DEVE SER CORTADA COM FORMA ARREDONDADA

O CORTE DOS RAMOS MAIS PEQUENOS DEVE SER FEITO O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL AO RAMO PRINCIPAL.

O QUE QUEREMOS INVESTIGAR?

- 1- PORQUE RÁPIDO NÃO PODEM SER CORTADAS AS ÁRVORES NO VERÃO?
- 2- PORQUE NUNCA A COR DAS FOLHAS DAS ÁRVORES?
- 3- SERÁ QUE O CORTE DAS ÁRVORES FAZ DIMINUIR OS NÍVEIS DE OXIGÊNIO?
- 4- O QUE FAZ COM QUE A CASCA DAS ÁRVORES MUDA QUANDO ESTAS CRESCEM?
- 5- PORQUE SE PARTEM OS RAMOS DAS ÁRVORES?
- 6- PORQUE É QUE AS FLORES ABREM COM O CALOR?
- 7- COMO É QUE AS ÁRVORES PROPICIAM OXIGÊNIO?
- 8- QUANTO TEMPO DEMORAM AS PLANTAS A CRESCER?
- 9- O QUE FAZ CRESCER AS ÁRVORES?
- 10- COMO É QUE AS RAÍZES RETIRAM NUTRIENTES DA TERRA?
- 11- QUAL É A ÁRVORE QUE VIVE MAIS ANOS?
- 12- QUANTAS ESPÉCIES DIFERENTES DE PLANTAS EXISTEM NO MUNDO?

ENXERTIAS O QUE É?

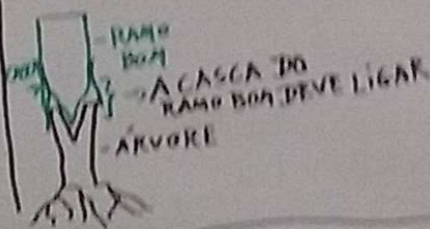
TRANSFORMAÇÃO DE UMA PLANTA BRAVA NUMA PLANTA QUE DÁ FRUTA BOA.

MATERIAL:

- 1- ÁRVORE COM RAÍZ
- 2- RAMOS DE ÁRVORE DE FRUTO
- 3- FACIA
- 4- PLÁSTICO
- 5- FIO
- 6- TERRA

PROCEDIMENTO:

- 1- FAZER UMA CUNHA NA ÁRVORE
- 2- AFIAR OS RAMOS BOOS



3- COLOCAR TERRA MACIA EM TORNO DA UNIÃO E APERTAR COM PLÁSTICO À VOLTA.

23/2/2015

FORMAÇÃO INTERNET SEGURA

PARA TRABALHAR O PROJETO ELF PRECISAMOS DE SABER INVESTIGAR MUITAS INFORMAÇÕES SOBRE MUITOS ASSUNTOS DIFERENTES. É TAMBÉM NA INTERNET QUE DIVULGAMOS AQUILO QUE FAZEMOS E APRENDEMOS SEMPRE QUE INVESTIGAMOS PARA O PROJETO ELF SOBRE OBJETOS E IDEIAS DE VAMOS FAZER AS PERGUNTAS:

- 1- O QUE É?
- 2- PARA QUE SERVE?
- 3- AFINAL, UTILIZA?

23/2/2015
CONSTRUÇÃO DE ESTUFA COM OS ALUNOS DA ESCOLA FERNANDO BARROS LEAL.

25/2/2015

VISITA DO SR MÁRIO

TEMA: ABELHAS

COMO VIVEM?

COMO SE ORGANIZAM?

QUE BENEFÍCIOS TRAZ O TRABALHO DO TRABALHO DAS ABELHAS?

O QUE PODEREMOS APRENDER COM AS ABELHAS?

Vizita do Sr. Jose Martins
Tema - ENERGIA

COMO SE PRODUZ (ENERGIAS RENOVAVEIS)

- SOL - ENERGIA SOLAR - PAINÉIS FOTOVOLTAICOS
- VENTO - ENERGIA EOLICA - AEROGERADORES
- FLORESTA - BIOMASSA - QUEIMA DE RESIDUOS FLORESTAIS
- ÁGUA - ENERGIA HIDRICA - BARRAGENS

PORQUE DEVES POU PAR ENERGIA?

- AQUECIMENTO GLOBAL.
- QUANDO GASTAMOS ENERGIA, GASTAMOS DINHEIRO.

BOAS PRÁTICAS PODEM RESULTAR EM CASA OU NO TRABALHO EM POU PANÇAS ATÉ 200 € ano.

BOAS PRÁTICAS - (DICAS DE POU PANÇA)

- 1- APAGAR A LUZ QUANDO SE SAI DE UMA DIVISÃO DA CASA.
- 2- DESLIGAR A T.V. QUANDO NÃO SE ESTÁ A VER.
- 3- USAR LÂMPADAS DE BAIXO CONSUMO.
- 4- BANHOS DEMORADOS GASTAM MAIS ENERGIA.
- 5- USAR ELETRODOMÉSTICOS DE BAIXO CONSUMO (A+)
- 6- NÃO DEIXAR A PORTA DO FRIGORIFICO ABERTA.
- 7- NÃO COLOCAR ALIMENTOS QUENTES NO FRIGORIFICO.

PERIGOS DA ELETRICIDADE

- CHOQUES ELETRICOS (BANHEIRA e TOMADAS)
- NÃO MEXER NOS QUADROS ELETRICOS
- NÃO PEGAR NUM APARELHO ELETRICO QUANDO SE ESTÁ DESCALSO.

FRASES CHAVE

- 1- TUDO O QUE FAZEMOS OU PRODUZIMOS REQUER O USO DE ENERGIA.
- 2- O AMBIENTE É DE TODOS VAMOS USAR BEM A ENERGIA
- 3- VAMOS DEIXAR SÓ AS IDEIAS ACESAS.
- 4- O MELHOR QUE SABEMOS FAZER DEVE SER PARA AJUDAR OS OUTROS.

plantas e quando

sementes e sementes

praticar e regar e

ER MAIS?
EM AS PLANTAS.
A HORTA.

A AS

IDEIAS

TEM

O O

AS A

MATER

1- UM
FLEXIV
QUE DE
PODRAR S
QUEBRAR
(RECOMEN
OLIVEIRA

1- CO
2- CO
PE
3- QU
UM

COMO
AJUDAR

MATERIAL
TEBORA
ALICATE

POPAR: LIMP
CORTAR OS RAM
E INVITEIS PAR
ARVORES.

INXERTI
O QUE E
TRANSFOR

BRAVA NU
BMA

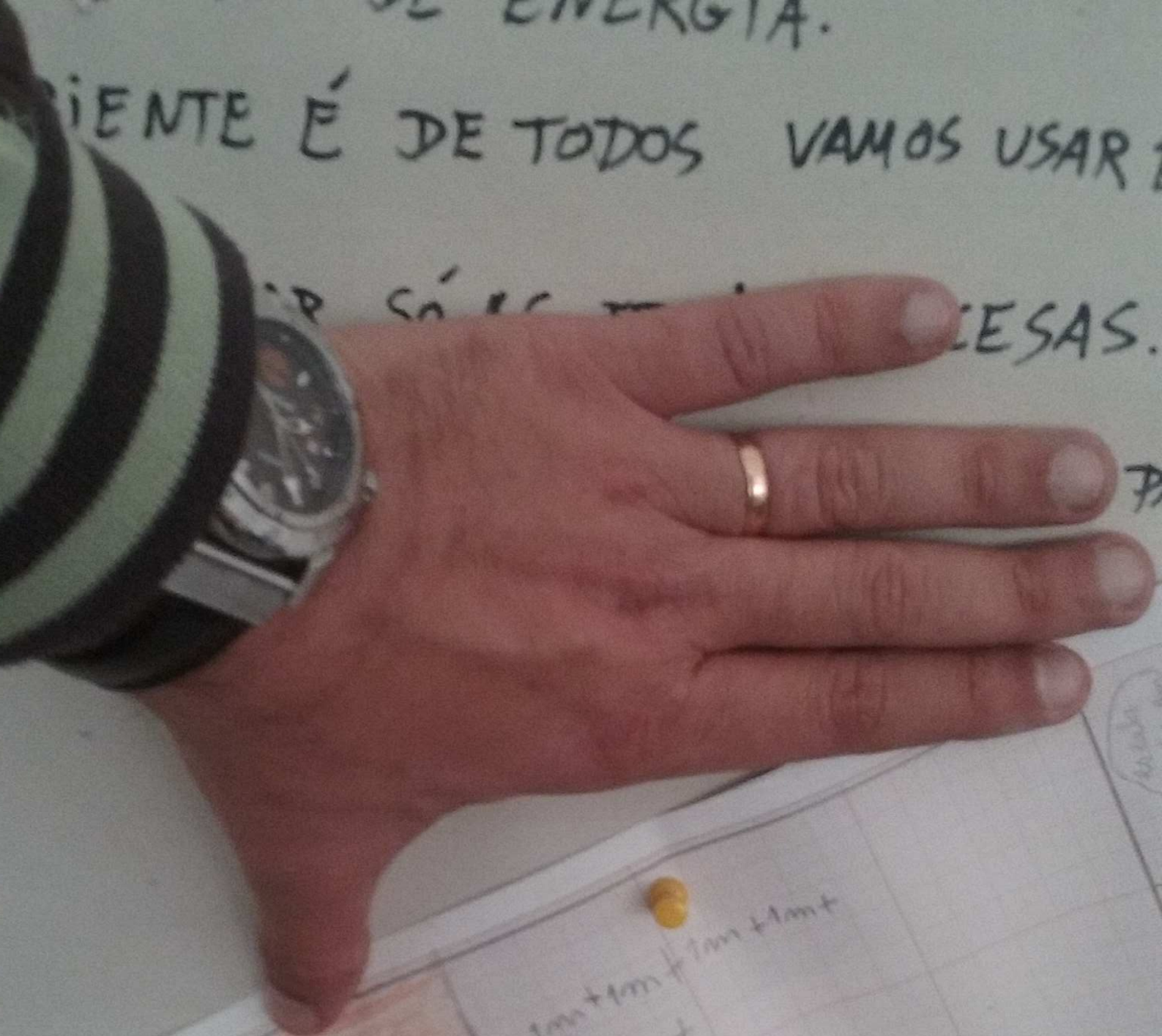
MATERIAL:
1- ARVORE COM
RAIZ

1- RAMOS
DE ARVORE
DE FRUTO

DE ENERGIA.

IENTE É DE TODOS VAMOS USAR

SÓ... NESAS.



$1m + 1m + 1m + 1m +$
 $1m + 1m +$

$3 \times 2 = 2m$
 $10 \times 10 = 50cm$

... $\frac{1}{2}$ da hora

7/11/14

DE Z E M

DE DOR

É ?

R É AGILELE

projetos

ntros.

DE
/DE DOR:

usa

organização
novação
municafão

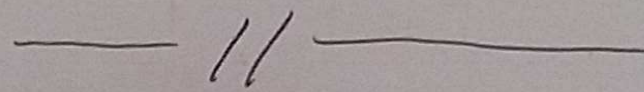
1/12/14

· Visita do J.R. Márcio

- 1- Viso explicar como se juntam cebolas e alhos.
- 2- Viso dizer quando se planta e quando se colhe
- 3- Como se faz uma sementeira
- 4- Porque surgiram as sementes

Porque se fazem sementes?
 É uma maneira simples, prática e barata de conservar, armazenar e transportar o produto.

- O QUE QUEREMOS SABER MAIS?
- COMO SE REPRODUZEM AS PLANTAS.
 - COMO PLANIFICAR A HORTA.



PERGUNTAS PARA AS PESSOAS.

- 1- QUÊM SOU?
- 2- COM QUÊM SOU?
- 3- PARA QUE SOU?

PERGUNTAS PARA IDEIAS OU OBJETOS

- 1- O QUE É?
- 2- PARA QUE SERVE?
- 3- COMO SE APLICA?

CONSUMIDOR
ELE QUE COMPRA
LIZA O PRODUTO

SOL -
VENT
FLORE
ÁGUA

POR

BOAS
OU M

- 1- APA
CAS
- 2- DES
- 3- USA
- 4- BAN
- 5- USA
- 6- NÃO
- 7- NÃO

· CHO
· NÃO
· NÃO
SE

1- TUDO
REQU

2- O AM
ENER

O QUE É?
 EMPREENDEDOR É AQUELE
 que começa novos projetos
 para se melhorar
 a si e aos outros.

· Visita
 alhos.
 1- Vis
 2- Fe
 se adhe
 3- Co
 4- Po
 Porque se
 É uma m
 barata de
 transporta

COMPETÊNCIAS DE
 UM EMPREENDEDOR:

- > autoconfiança
- > iniciativa
- > resiliência
- > planejamento / organização
- > criatividade / inovação
- > interpessoal / comunicação

O QUE QU
 · COMO
 · COMO

10-11-14

PROFISSÕES

ATIVIDADES ECONOMICAS NACIONAIS

As atividades económicas de um país são as atividades que produzem bens e serviços para o consumo interno e externo.

A riqueza de um país depende do trabalho desenvolvido e das profissões exercidas pelos habitantes do país, em particular as atividades económicas nacionais em que trabalham.

Os setores: indústria, comércio, serviços, agricultura, pecuária, etc.

As atividades económicas são agrupadas em 2 setores: setor primário - aquele de atividades que trabalham com matérias-primas e recursos da natureza. Setor secundário - aquele de atividades que transformam as matérias-primas em produtos acabados.

Portanto, as várias profissões exercidas agrupam-se em setores económicos.

PROFISSÃO: O QUE É?

PERGUNTA
 PESSOA

- 1- QUE
- 2- COM
- 3- PARA

PARTICIPA NO COMÉRCIO?

1ª - FABRICA
 2ª - DISTRIBUIDOR

2ª COMERCIANTE
 QUEM COMPRA OS PRODUTOS
 DOS PRODUTORES PARA
 DEPOIS VENDER

3ª CONSUMIDOR
 AQUELE QUE COMPRA
 E UTILIZA O PRODUTO

PERGUNTA
 OU OBJET

- 1- O QU
- 2- PARA G
- 3- COMO S

COMERCIANTE

CONSUMIDOR

INFORMAÇÕES
 - CAMARA MUNICIPAL
 - ESCOLA DE ARTE
 - ESCOLA DE MUSICA
 - ESCOLA DE DANCA
 - ESCOLA DE JOGOS
 - ESCOLA DE CANTO
 - ESCOLA DE TEATRO
 - ESCOLA DE DANCA MODERNA
 - ESCOLA DE DANCA CLASSICA
 - ESCOLA DE DANCA CONTEMPORANEA
 - ESCOLA DE DANCA FOLCLORE
 - ESCOLA DE DANCA REGIONAL
 - ESCOLA DE DANCA AFRO
 - ESCOLA DE DANCA INDIGENA
 - ESCOLA DE DANCA MILITAR
 - ESCOLA DE DANCA ESCOLAR
 - ESCOLA DE DANCA SOCIAL
 - ESCOLA DE DANCA TERAPEUTICA
 - ESCOLA DE DANCA EDUCACIONAL
 - ESCOLA DE DANCA CULTURAL
 - ESCOLA DE DANCA HISTORICA
 - ESCOLA DE DANCA TRADICIONAL
 - ESCOLA DE DANCA MODERNA
 - ESCOLA DE DANCA CONTEMPORANEA
 - ESCOLA DE DANCA FOLCLORE
 - ESCOLA DE DANCA REGIONAL
 - ESCOLA DE DANCA AFRO
 - ESCOLA DE DANCA INDIGENA
 - ESCOLA DE DANCA MILITAR
 - ESCOLA DE DANCA ESCOLAR
 - ESCOLA DE DANCA SOCIAL
 - ESCOLA DE DANCA TERAPEUTICA
 - ESCOLA DE DANCA EDUCACIONAL
 - ESCOLA DE DANCA CULTURAL
 - ESCOLA DE DANCA HISTORICA
 - ESCOLA DE DANCA TRADICIONAL

ESCOLHA DE IDEIAS PARA A

ASPECTO	EMPRESA	IDEIAS	ASPECTOS
II	FABRICA AGRICOLA	II	ASPECTO QUE...
TERCEIROS	EMPRESA CODICULTURAL	FRATEL VERDES	FRATEL VERDES
COLLEGIUM	BIBLIOTECA	FRATEL VERDES	FRATEL VERDES
TEATRO	EMPRESA AERONAUTICA	FRATEL VERDES	FRATEL VERDES
TEATRO	FRUTEIROS	FRATEL VERDES	FRATEL VERDES
TEATRO	BOVINICULTURA	FRATEL VERDES	FRATEL VERDES
TEATRO	MUSEU	FRATEL VERDES	FRATEL VERDES
TEATRO	PINTURA	FRATEL VERDES	FRATEL VERDES
TEATRO	EMPRESA DE FABRICACAO DE AGRICULTURA	FRATEL VERDES	FRATEL VERDES

EMPRESA → TAREFA DE
 DIFICIL EXECUCAO / ORGANI-
 ZACAO ECONOMICA QUE FOR-
 NECE BENS OU SERVIÇOS
EMPREENDER → PROPOR UMA
 TAREFA DIFICIL / TENTAR!
EMPREENDEDOR → PESSOA
 COM A INICIATIVA E VONTADE
 PARA INICIAR PROJETOS NOVOS
 MESMO QUANDO SÃO ARRIS-
 CADOS
 ↓
 - TEM IDEIAS DIFERENTES
 - AVALIA O POTENCIAL
 DAS IDEIAS

PROJETO

2014 /

EMPRESA → TAREFA DE
DÍFICIL EXECUÇÃO / ORGANI-
ZAÇÃO ECONÓMICA QUE FOR-
NECE BENS OU SERVIÇOS

EMPREENDER → PROPOR UMA
TAREFA DÍFICIL / TENTAR /
REALIZAR

EMPREENDEDOR → PESSOA
COM A INICIATIVA E VONTADE
PARA INICIAR PROJETOS NOVOS
MESMO QUANDO SÃO ARRIS-
CADOS



- TEM IDEIAS DIFERENTES
- AVALIA O POTENCIAL
DAS IDEIAS

PROJETO E.L.F.

2014 / 2015

ESCOLHA DE IDEIAS PARA A EMPRESA

ASPETOS (+)	IDEIAS	ASPETOS (-)
<p>TEMOS ESPAÇO CONSEGUIMOS FLORES CONSEGUIMOS VASOS OFERTA DA ÁGUA VENDA BARATA TEMOS ALGUNS LIVROS</p>	<p>EMPRESA AGRÍCOLA</p> <p>EMPRESA FLORICULTURA</p> <p>BIBLIOTECA</p> <p>EMPRESA AERONÁUTICA</p>	<p>EXCETO QUE OS BENS FAZEM FALTA A TODA A GENTE</p> <p>PLANTAR VÁRIAS VEZES COMPRAR SEMEAS NÃO É UM BEM INDISPENSÁVEL</p> <p>POUCOS LIVROS NOVOS ⇓ NÃO HÁ CLIENTES</p> <p>PRECISAMOS DE ESPAÇO NÃO TEMOS AVIÕES VIVEMOS NUMA ALDEIA</p>
<p>CONSEGUIMOS ARRANJAR ÁRVORES</p>	<p>FRUTEIROS</p> <p>BOVINICULTURA</p> <p>MUSEU</p> <p>PINTURA</p> <p>EMPRESA DE FLORICULTURA E AGRICULTURA</p>	<p>LEVA MUITO TEMPO A PRODUZIR</p> <p>E O ESTRUME? NÃO HÁ ESPAÇO O DINHEIRO NÃO CHEGA PARA AS VACAS AS VACAS COMEM MUITO FALTA MATERIAL NÃO TEMOS ESPÓLIO</p> <p>COMPRAR MATERIAL ⇓ GASTOS DIFÍCIL VENDER MUITOS QUORROS</p>

○ QUE NOS DÃO?
(NÃO PAGAMOS)

- ÁGUA
- VASOS
- MATERIAL RECICLÁVEL
- PLANTAS PARA TRANSPÔR
- SEMENTES
- MADEIRA, PLÁSTICO, AREIA, BRITA, CIMENTO PARA A ESTUFA
- MONTAGEM

○ QUE PRECISAMOS DE COMPRAR?
(PAGAMOS)

- SEMENTES
- PLANTAS PARA TRANSPÔR

○ QUE TEMOS?

- MORANGUEIROS
- BOLBOS
- CHU-CHU
- PEREIRA-MELOA
- TURFA
- COVETES
- HORTA/TERRAS
- ERVAS AROMÁTICAS
- PNEUS
- FERRAMENTAS

○ QUE QUEREMOS PRODUZIR

- LEGUMES
- FRUTOS
- VEGETAIS
- FLORES
- PRODUTOS COZINHADOS

} PRODUÇÃO

↓
TRANSFORMAÇÃO

QUEM NOS PODE AJUDAR?

- CÂMARA MUNICIPAL
- CAMPOESTE
- HORTORRES
- ESCOLA DE RUNA
- JUNTA DE FREGUESIA
- FAMÍLIA E AMIGOS
- CÉSAR LOURENÇO
- JOSÉ MARTINS
- MÁRIO DOMINGOS

RECURSOS E IDEIAS

ONDE VAMOS VENDER

- NA ESCOLA
- NA FESTA DE FINAL DE ANO

VENDA/COMÉRCIO

OBSTÁCULOS A ULTRAPASSAR

- LESMAS
 - CARACÓIS
- FAZER UM FOSSO
SAL
VIVEIRO
- GALINHA?

- LAGARTAS VERDES

- REGA DA ESTUFA

UNIR MANGUEIRAS
RECOLHER CHUVA
REGA POR ASPERSÃO

PRODUZIR PARA
COZINHAR E VENDER

PARA
ESTUDAR!

CADEIAS ALIMENTARES

NOVEMBRO

EMPREENDEDORISMO

- APRESENTAÇÃO ✓
- SESSÃO SOBRE LITERÁRIA ✓
- PLANO DE NEGÓCIOS
- VISITA ✓
- MEALHEIROS
- EQUIPAS ✓

PORTUGUÊS

- TEXTO POÉTICO
- PROVÉRBIOS
- ~~O PEQUENO INVENTOR~~ OS HERÓIS DA HORTA

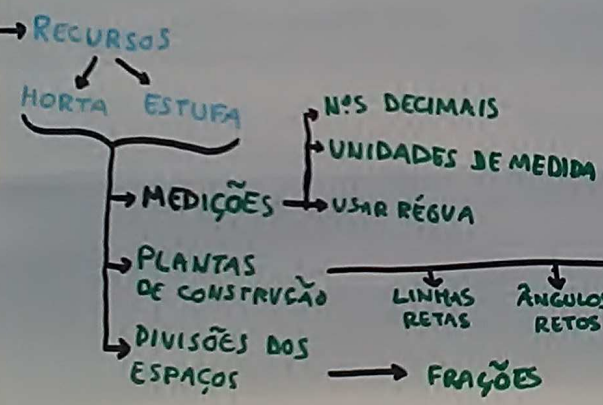
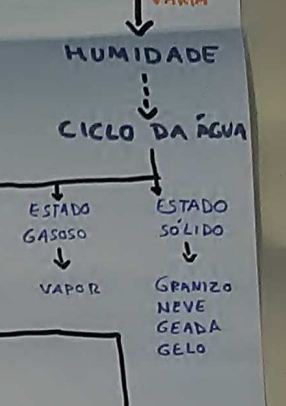
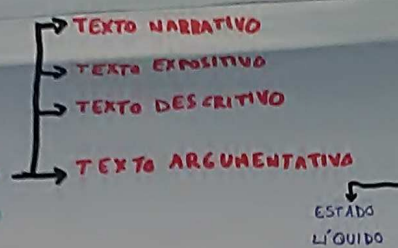
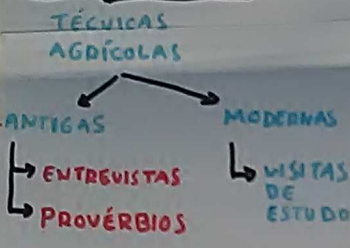
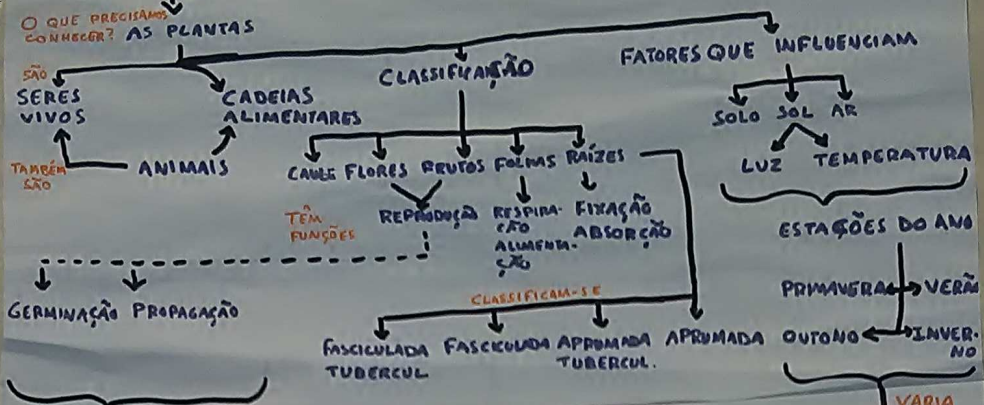
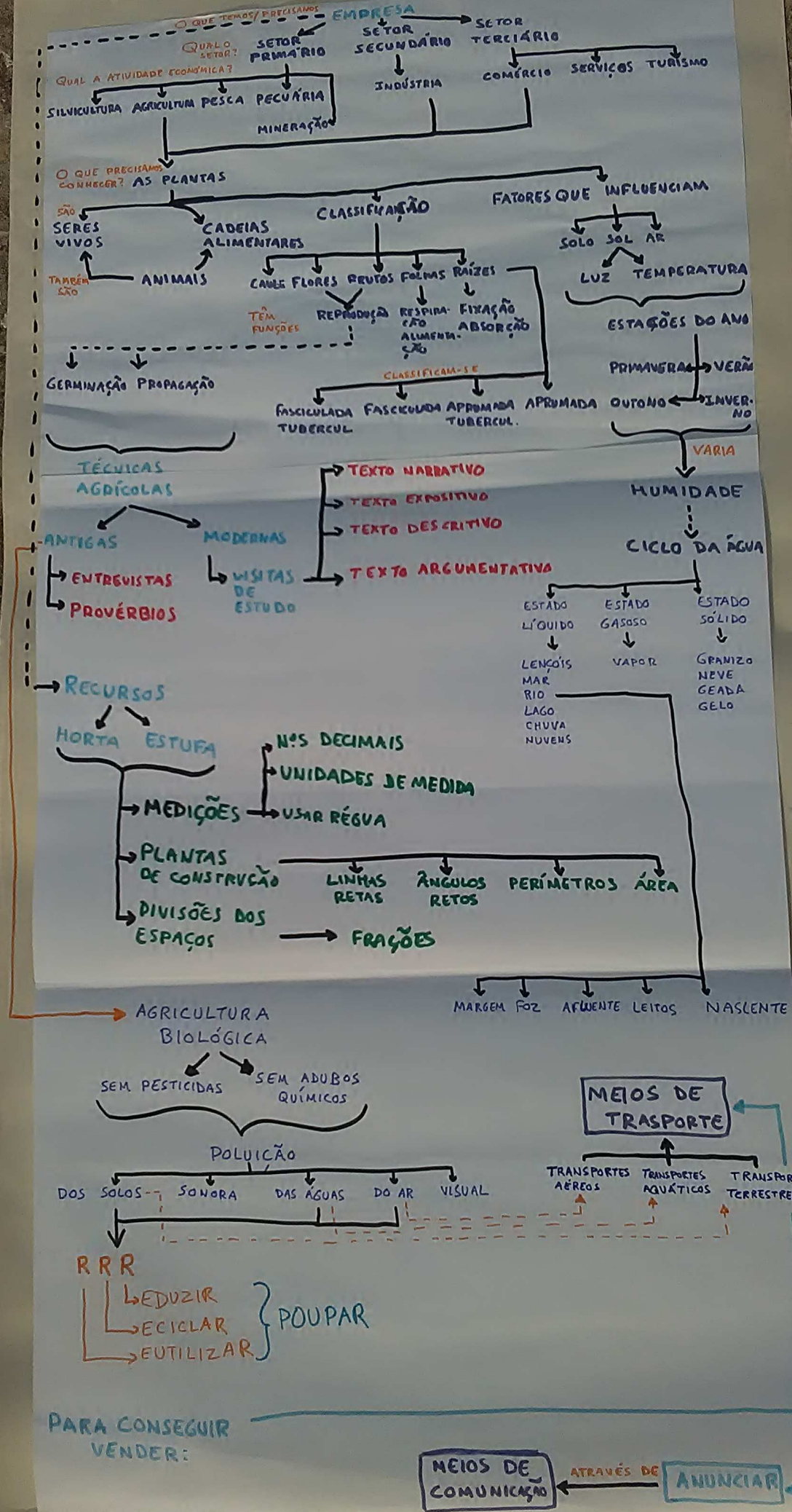
MATEMÁTICA

- OS NÚMEROS DECIMAIS
- DINHEIRO
- UNIDADES DE MEDIDA
- FIGURAS
- FRAÇÕES ✓

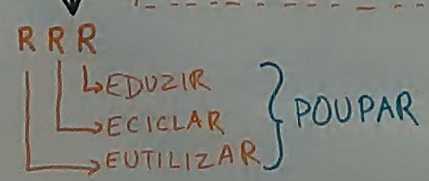
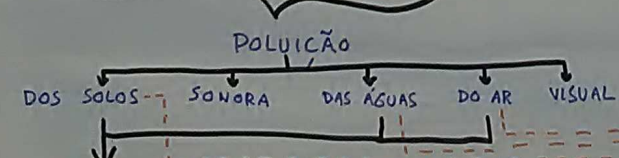
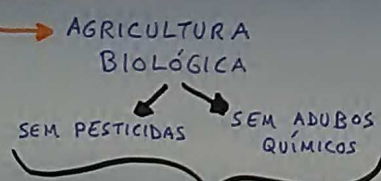
ESTUDO DO MEIO

- PROFISSÕES/ATIVIDADES ECONÓMICAS
- AS PLANTAS

MAPA DE CONCEITOS



MARGEM FOZ AFUENTE LEITOS NASLENTE



PARA CONSEGUIR VENDER:



PLANO DE NEGÓCIOS

NOME: HORTA DOS PEQUENOS AGRICULTORES

SETOR: 1º/2º/3º
ÁREA: AGRICULTURA
INDUSTRIA
COMERCIO

MISSÃO: PRODUIR LEGUMES E VEGETAIS
PRODUIR FLORES
TRANSFORMAR PARTE DA PRODUÇÃO EM ALIMENTOS
VENDER

PRODUÇÃO:	MERCADO:	RAZÕES DE PRODUÇÃO:	FATORES DE SUCESSO
<ul style="list-style-type: none"> - MORANGOS - ALFACES - ERVILHAS - FAVAS - BATATAS - CUVES - BRÓCOLIS - FEIJOÃO - TOMATE - PERA-MELOÃO - CEBOLA - LÍRIOS - MANJERICOS - CHUCHUS - ABÓBORAS 	<ul style="list-style-type: none"> - MORADORES DE PERO NEGRO E ARREDORES - MORADORES DO CONCELHO DE SOBRAL MONTE AGRICO - FAMÍLIAS 	<ul style="list-style-type: none"> - CULTIVO POR PEQUENOS AGRICULTORES - USAMOS TÉCNICAS TRADICIONAIS - VENDA A BAIXO PREÇO - ESTÁ PERTO (POU-PA-SE COMBUSTÍVEL) - AJUDA A ESCOLA - NÃO USAMOS PRODUTOS QUÍMICOS 	<ul style="list-style-type: none"> - APRENDEMOS COMO FUNCIONAM EMPRESAS - APRENDEMOS SOBRE AGRICULTURA - JUNTAMOS DINHEIRO PARA O QUE PRECISAMOS

RECURSOS HUMANOS:

- OS ALUNOS
- OS PROFESSORES
- AS FAMÍLIAS
- ASS PAIS
- CÂMARA MUNICIPAL
- ESCOLA PROFISSIONAL AGRICOLA FERNANDO BARROS LEAL
- HORTADORES
- CAMOESTE
- JOSÉ MARTINS
- DEOLINDA TEIXEIRA
- JUNTA DE RECURSOS
- MÁRIO DOALMEIDA
- CÉSAR LOUREIRO

DOAÇÕES:

- ÁGUA
- SEMENTES
- PLANTAS
- LUZ
- VASOS
- MANGA PLÁSTICA
- TRANSPORTE
- MADEIRA
- REDE
- AREIA
- CIMENTO
- CASCALHO
- PREGOS
- BARRAS
- CARRAPOLIS

RECURSOS MATERIAIS:

- PLANTAS
- SEMENTES
- FERTILIZANTE
- EXPERIÊNCIAS
- MANEIRA
- ENTENDE RÁPIDO
- ET

PRAZOS DE VENDA ALEATÓRIOS:

- NA ESCOLA, SEMPRE QUE HAJAM PESSOAS PARA VENDER

PRAZOS DE VENDA PROGRAMADOS:

- NA FEIRA DE FINAL DE ANO
- DIA DE SÃO MARTINHO

PONTOS FORTES:

- NÃO PERDEMOS ALCUNS RECURSOS
- UTILIZAMOS TÉCNICAS TRADICIONAIS
- NÃO UTILIZAMOS PRODUTOS QUÍMICOS
- A NOSSA AGRICULTURA É BIOLÓGICA
- USAMOS MATERIAL REUTILIZADO
- VENDAMOS NO LOCAL (NÃO É PRECISO GASTAR COM COMBUSTÍVEL)

PONTOS FRACOS:

- ATRAQUES DE PRAGA
- ATACQUES DE TOURELOS

EXPERIÊNCIAS:

- APRENDEMOS A CUIDAR DE PLANTAS
- APRENDEMOS COMO FUNCIONAM AS EMPRESAS
- APRENDAMOS O CONHECIMENTO DE OUTROS ANOS

DIFICULDADES E SOLUÇÕES:

- LERNAS E LAGARTAS
↓
ELIMINAMOS
- CARACIS
↓
APANHAMOS PARA CRIAR DO VIVERO E VENDER NA FEIRA DE ANO
- O SOLO ESTÁ A FICAR ESTERIL
↓
FAZEMOS COMPOSTO
- PRAGA DE AFÍDEOS (MORILHÃO) NAS FAEIRAS
↓
FAZEMOS UMA INFUSÃO DE URTIGAS

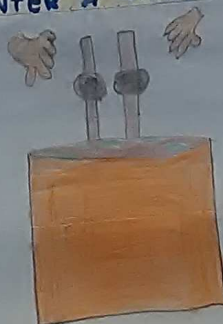
COMO ENCONTRAR LENÇÓIS DE ÁGUA (VEDAR):

- MATERIAL: UMA VARA (DE OLIVEIRA, POR EXEMPLO), FINA E VERDE;
- COM A PALMA DAS MÃOS PARA CIMA, PEGAM-SE NAS PONTAS DA VARA;
- ENCOSTAMOS OS COTOVELOS AO NOSSO TRONCO E ARQUEIA-SE A VARA PARA CIMA;
- SEGURA-SE A VARA COM FORÇA E ANDA-SE LENTAMENTE ATÉ A VARA SE MEXER.
- NÓS APRENDEMOS A LOCALIZAR LENÇÓIS DE ÁGUA SUBTERRÂNEA E ISSO É ÚTIL QUANDO QUEREMOS FAZER UM POÇO OU UM FURO.



COMO ENXERTAR (TRANSFORMAR UMA ÁRVORE BRAVIA NUMA ÁRVORE DE FRUTO):

- MATERIAL: UMA ÁRVORE BRAVIA, UM GARFO (UM RAMO FINO DA ÁRVORE QUE QUEREMOS CRIAR), NAVALHA, BARRO, CORDÃO, PLÁSTICO E TESOURA DE PODA.
- A CERCA DE 25 OU 30 cm DO SOLO, CORTA-SE O CAULE DA PLANTA BRAVIA;
- COM A NAVALHA, AFIA-SE O GARFO EM FORMA DE V E CORTA-SE NO CAULE DA PLANTA BRAVIA (CAVALO) UMA FENDA COM A MESMA FORMA;
- ENCAIXA-SE O GARFO NO CAVALO E ATA-SE BEM, DANDO VÁRIAS VOLTAS COM O CORDÃO. DÁ-SE UMA PANCADA NO GARFO;
- AMASSA-SE O BARRO E FAZ-SE UMA ESFERA COM ELE À VOLTA DA UNIÃO;
- FURA-SE UM PLÁSTICO, ENFIANDO-SE NO GARFO, COBRE-SE O BARRO E ATA-SE AO CAVALO;
- ASSIM, QUEREMOS QUE O GARFO SE UNA AO CAVALO E CRESCA. NÃO PODEMOS MEXER NO ENXERTO E TEMOS DE MANTER A TERRA HÚMIDA.



COMO PODAR (CORTAR RAMOS SECCOS E REBENTOS):

- MATERIAL: TESOURA DE PODA.
- PODEM-SE PODAR AS PLANTAS QUE TÊM CAULE LENHOSO;
- PRIMEIRO COMEÇAM-SE A CORTAR TODOS OS REBENTOS JUNTO À TERRA;
- DEPOIS CORTAM-SE OS RAMOS QUE ESTÃO SECOS, ENTRE 15 A 20 cm DA TERRA.



ABRIL

EMPREENDEDORISMO

- SEMEAR, MILHO, FEIÇÃO, CENOURA
- SEMEAR MALMEQUERES, GIRASSOIS, DÁLIAS
- VISITA AO MUSEU

PORTUGUÊS

- PROVÉRBIOS
- FAMÍLIA
- CAMPO LEXICAL

MATEMÁTICA

- PERÍMETRO
- ÁREA
- VOLUME
- CAPACIDADE

ESTUDO DO MEIO

- FILME
- POPUIÇÃO
- TRANSPORTES
- MEIOS DE COMUNICAÇÃO

EXPRESSIONES

- PEÇA
- CARTAZ

CONTABILIDADE €

DOCES → 17€
 FLORES → 3,10€
 ↳ 1,50€

} GANHOS

TOTAL → 21,60€
 TUBO → -7,99€
 MICRODIFUSOR → -5,99€
 FILTRO → -4,49€
 LIGAÇÕES → -2,98€

} DESPESAS

TOTAL (SALDO) → 0,16€
 ALFACES → 1,80€
 ALFACES + FAVAS + MORANGOS → 1,4€
 ↳ 3€
 ↳ 3€
 ALFACES/MELANCIA → -2,91€
 TOTAL (SALDO) → 19,05€

MORANGOS + FAVAS + ALFACE + FLOR → 2€
 ↳ 5€
 ↳ 3€
 ↳ 3€
 ↳ 1€

TOTAL → 32,05€
 ALFACES + MORANGOS → 0,50€
 0,50€
 1,40€
 1€
 0,20€
 0,60€
 2€

TOTAL → 38,25€
 ALFACES + MORANGOS → 0,60€
 1€
 0,35€
 1€
 0,50€
 0,50€

TOTAL → 42,20€
 MORANGOS + FAVAS + ERVILHAS + ALFACES → 1€
 1,70€
 1,30€
 1€
 1€

TOTAL → 48,40€
 ALFACE + MORANGOS + ERVILHAS + TOMATES + PEPINO → 1€
 0,50€
 1€
 1€
 0,90€
 1,50€
 1€
 1,20€
 2€
 1,10€
 1€
 0,37€
 2€

TOTAL → 62,97€
 MORANGOS + COUVE + ALFACE + TOMATE + COURGETES → 0,35€
 0,65€
 1€
 1€
 2€
 1€
 1€
 1€
 1€
 1€
 1€
 1€

TOTAL → 74,97€
 ALFACES → -1,20€
 SALDO → 73,77€

ALFACE + MORANGOS + PEPINO + COUVE → 1€
 2€
 0,50€
 0,22€
 0,50€
 1

SALDO → 78,97€
 OUTROS → 10,80€
 ↳ 20,00€
 SALDO FINAL → 109,77€

ANEXO 9 - Cadernos de Registo Individuais



Projeto E.L.F.
Escola Municipal de Educação Infantil
Luzia Maria
2018

Projeto E.L.F.
Escola Municipal de Educação Infantil
Luzia Maria
2018

Projeto E.L.F.
Escola Municipal de Educação Infantil
Luzia Maria
2018

Projeto E.L.F.
Escola Municipal de Educação Infantil
Luzia Maria
2018

Projeto E.L.F.
Escola Municipal de Educação Infantil
Luzia Maria
2018

PROJETO
E.L.F.
Akpela

E.L.F.
Projeto
NADIA

Projeto E.L.F.
Escola Municipal de Educação Infantil
Luzia Maria
2018

fimo

fimo

fimo

fimo

fimo

fimo

Projeto E.L.F

significa:

E - empreendedorismo

L - literacia

F - financeira

empreendedorismo
ensino



literacia



financeira



NOME: XXXXXXXXXX

linha do tempo história do dinheiro

5/11/2014

Pré história

(Trabalho
recolher /
caçador)

Agricultura
Pastorícia
(trocar-se
produtos)

Cidades
(trocas
faziam-se
em sal
surgiu a
palavra
salário)

Impérios
moedas em
ouro

Império
Romano
(moedas
cunhadas
com a
cabeça -
do imperador)

Notas de
crédito
com os
Templários

1ª Bancas
que e-
mpresas
tiram
dinheiro
(Cédulas)

leque

notas

cartão
multi-
banco

cartão
de
crédito

E.L.F.

Buscando no dicionário

- autoconfiança → confiança em si mesmo
 - iniciativa - imaginar e fazer coisas
 - resiliência
 - planejamento / organização
 - criatividade ...
 - interpessoal ...
- empreendedor: que ou aquele que emprende

empreendedor é aquele que
começa novos projetos para se melhorar
a si e aos outros.



E.L.F

10-11-2014

Profissões e sectores de produtividade
profissões → ato ou efeito de professor,
declaração pública, ofício emprego;
ocupação. Existem várias profissões
numa sociedade. exemplos:

Tempo que fazemos compras temos
de os pagar. Para o fazer podemos
usar dinheiro, cheque ou cartões
bancários. A este processo de troca
de produtos por dinheiro ou outros
produtos chamamos de comércio.

• bombeiro, • padreiro, • carpinteiro

Quem participa no comércio?

- 1º produtor → é quem fabrica os produtos.
- 2º comerciante → quem compra os produtos
aos produtores ou distribuidores para
depois vender.
- 3º consumidor - aquele que compra e utiliza o

produto

Principais actividades económicas nacionais
As actividades económicas dividem-se em
3 sectores

- 1º sector primário → actividades extractivas.
- 2º sector secundário → actividades transformadoras
- 3º sector terciário → serviços

E.L.F

12/11/2014

Em Portugal existem diversas actividades
económicas, de acordo com as características
de cada região:

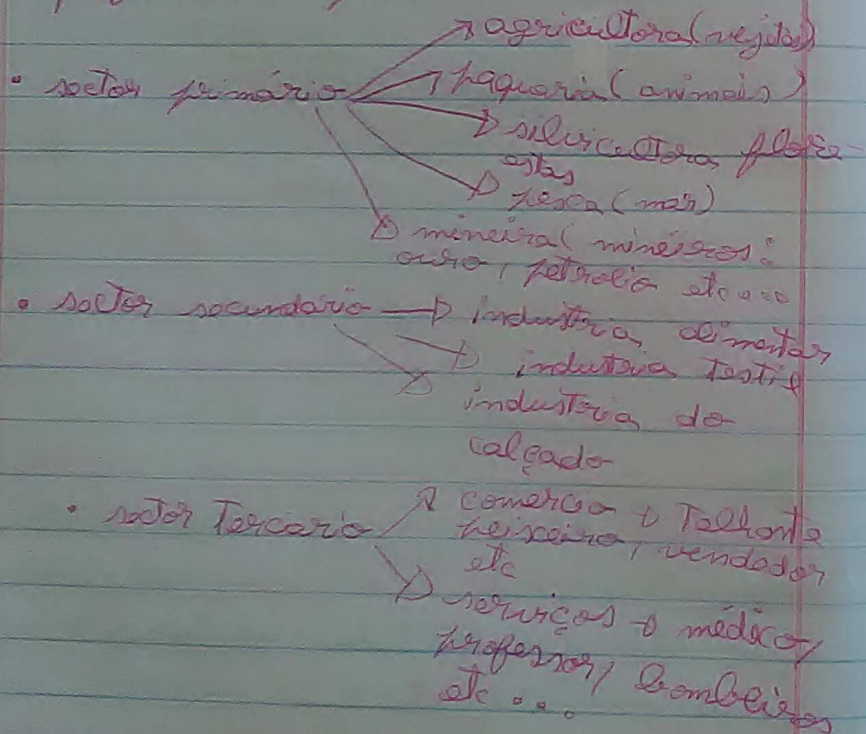
- Actividades que extraem ou exploram
produtos naturais - agricultura, pesca,
pecuária (criação de gado), exploração
florestal, silvicultura, exploração mineral,
salinocultura, etc
- Actividades que transformam a matéria-
prima, noutras produtos - indústria,

construção civil, etc.

- Atividades comerciais de prestação de serviços - turismo, etc.

E.L.F

• As atividades econômicas geram a riqueza de um país.



Medidas agroambientais

A agricultura constitui uma atividade com forte impacto sobre o ambiente e a saúde pública. Nas últimas décadas o recurso a agroquímicos de forma indiscriminada gerou problemas ambientais e de saúde pública. As medidas agroambientais fomentam uma agricultura amiga do ambiente, apelando aos agricultores para uma mudança de atitude na gestão dos agroquímicos.

É importante ter em conta a sustentabilidade da natureza, isto é, atuar sobre ela respeitando os recursos e evitando que se esgotem.

E.L.F

De longo do tempo, a ser humana desenvolveu novas tecnologias, o que lhe proporcionou uma melhor qualidade de vida. Mas, muitas

vezes, esse desmembramento de respeito à natureza, contribuindo para a degradação do meio ambiente e a escassez dos recursos naturais.

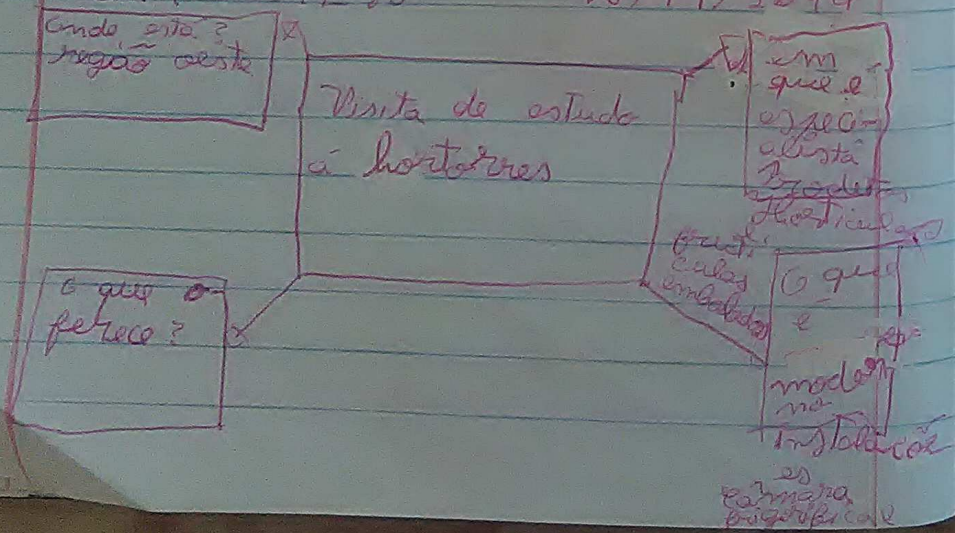
Permacultura

trabalhar com e não contra a natureza deve ter ciclos de produção e consumo em torno da pessoa, no âmbito de uma família e de uma comunidade. A permacultura é o estudo e aplicação dos desenhos encontrados na natureza.

E. L. F. VISITA À HORTORRES

(CAMPOESTE.)

18/11/2014



método

de embalagem

Camións frigoríficos

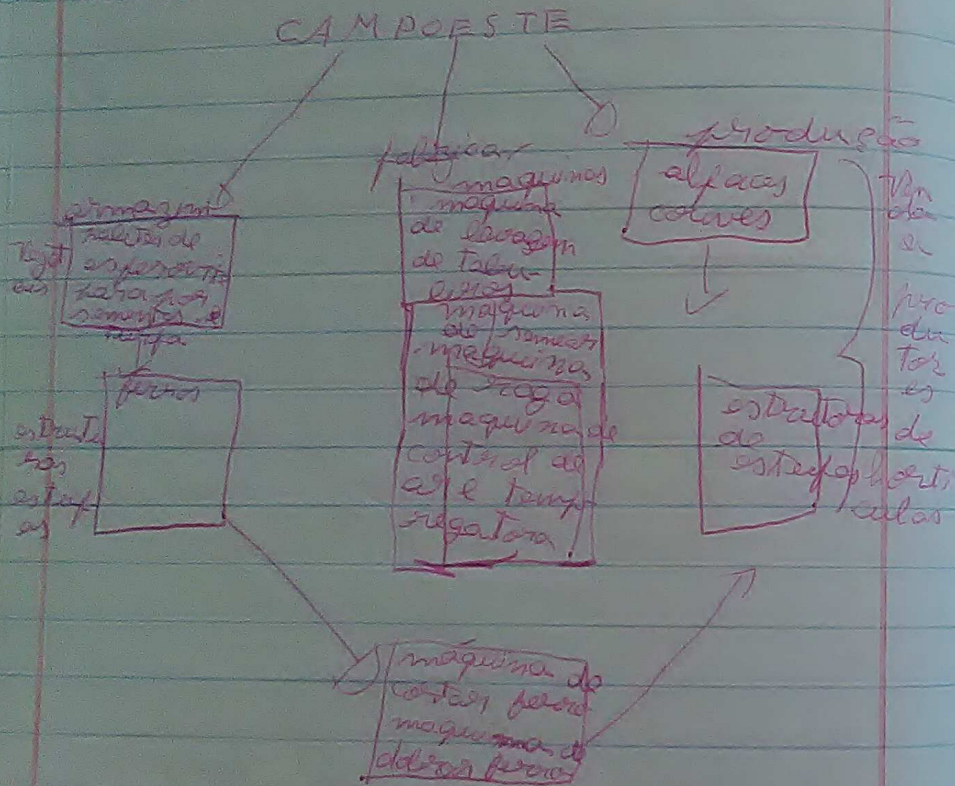
1- Em que sector produtivo nacional trabalha a Hortorres? Trabalha no sector terciário.

1-2- Quem produz os produtos que a Hortorres comercializa - É o produtor

1-3 Indica algumas características que diferenciam a Hortorres da sua concorrência - É oferece produtos bons durante todo ano e câmaras frigoríficas instaladas, embalagem, camións frigoríficos, pessoas especializadas.

ESQUEMA PLANO DE Negócios -

PARTE I



linha de acontecimentos

9:05	9:15	10:00
Tempo	Tempo	
acontecimentos	legumes	visitas
(Partimos no autocarro)	a hortas e o guia	ao armazém
	levei-me ao campoeste	
10:45	10:30	10:45
visitas as estufas	máquina de cortar sementeira	máquina de sementeira
11:00	11:20	11:30
armazém de ferro e ferramentas	máquinas de cortar e debitar ferro para estufas	chegada a hortas e lancha

11:45

Ver como
funcionavam
os leilões

11:50

áreas
refrigeradas
com temperatura
entre -10-8

11:55

Ver
embalagem

de: tomates - alabaras - pimentos
alfaces - curgetes - batata doce
brinçola - pepinos - couves

12:00

linha de
lavagem de
pimento

12:15

máquina
de
embalar
caixas

12:20

Ver
os estufas
ver tomates
em planta
curgetes e
alabaras

12:45

almoxá
na sala
dos
leilões

13:45

máquina de
separação
por cor peso
calibres

15:00

Retorno
à
escola

Visita da Sr. Maria à escola

1- O que veio fazer?

Veio explicar como se juntam
albas (restias) / ramos de albas
cebolas e quando se ~~planta~~

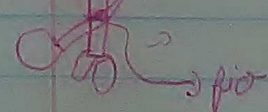
2- Veio dizer quando se planta e quando
se colhe

3- Como se fez a sementeira

4- Por que surgiram as restias

Como se fazem restias

máquina



juntam-se 3 cebolas e
amarelam-se



acrescenta-se uma a uma e
enrola-se como fio de no

No final dá-se um novo nó.

Porque vamos fazer vestias?

Porque é uma maneira simples, prática
e barata de conservar, transportar e
armazenar o produto.

○ Qual precisamos de saber mais?

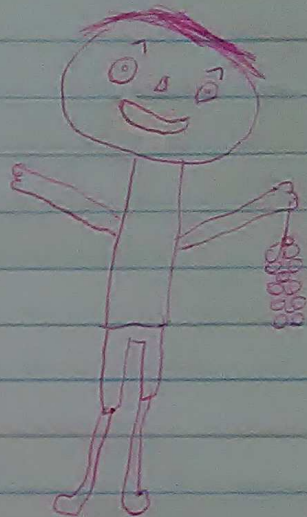
-> plantamos em dezembro

-> colhemos -> Maio ou Agosto

e setembro

-> Como se reproduzem as
plantas?

-> Descobrimos que há 8
famílias na turma
que fazem vestias,



No dia 23 de fevereiro vai à escola de B1,
vão trabalhar falar sobre energia

Como se produz a energia?

- Sol - energia solar
- Vento - energia eólica
- Plantas - energia biomassa
- água - energia hídrica

energias renováveis

- Como se recolhe
- vento → painéis fotovoltaicos
- vento → moinhos de vento
- hidroenergia → queima dos resíduos da floresta
- hidroenergia → barragens

Energias não renováveis e fósseis

- petróleo
- gas
- carvão

Vamos discutir os "ideias acas"

Significa que a única coisa deve estar sempre acas, a gastar energia, são as ideias.

Sempre que vamos de um lado devemos apagar a luz, antes de avançarmos devemos desligar as luzes e apagar a televisão

É importante deixar a porta do frigorífico

pelada

Projeto E.L.F

Dia 7 de fevereiro visita do Sr. H. L. M.

o que operações?

- 1 - Como montar uma
- 2 - Como se deve obter os dados para as
- 3 - Como transformar uma planta elétrica numa planta que dá fruta que é uma planta com?

Como encontrar água?

Natural

- 1 - um pau flexível que dá para dobrar sem quebrar

Recomenda-se

um pau de madeira precisamente

- 1 - dobrar o pau com os mãos

variáveis para o teste



2 - estudar pela Tercera a resposta que a variável tem a teste



FASE 1



FASE 2

Quando a variável teste significa que responde local da água

O que gostamos de investigar?

1 - Como se trata a água?

2 - Como se trata a água que está aliada do sistema de pedras?

3 - Qual são as explicações científicas para a melhoria da água com o teste?

Como se deve tratar as amostras para ajudar a crescer?

procedimento:

Material

dever-se tratar as amostras

1 - Terceira de pedras mais pequenas que outras

2 - objeto de pedra para a planta. Para a planta ficar mais bonita

pedras - limpar e deve ser cortada com uma cortador as mesmas arredondadas

soias e outros a corte das amostras mais das amostras

seguintes deve ser feita a mais teste possível do principal

Investigar

1- Porque não falamos sobre as unidades
atuais no mapa?

2- Porque mudou a cor das folhas das
árvores?

3- Para que o corte do terreno
seja dividido os rios de
segundo?

4- O que faz com que a cor das
árvores mude quando estão secando?

5- Porque se faziam os mapas das árvores?

6- Porque é que as folhas dizem com a
idade?

7- Como é que os mapas mostram a origem?

8- (Quanto) quanto tempo demoram as plantas
a crescer?

9- O que faz crescer as árvores?

10- Como é que os rios se formam
naturalmente da Terra?

11- Qual é a árvore que vive mais
anos?

12- Quantas espécies diferentes de plantas

existem no mundo?

MATEMÁTICA

Discutir água e localizar no mapa

Material	Temas
1- Tareixa	• localização espacial
2- fio de lã	• construção de mapa
3- folha de papel milimétrico	• medidas precisas e por
4- lapis	• aproximação
5- borracha	• medidas de comprimento/área
6- rolo de linha	• somas
7- régua	• subtração
	• multiplicação
	• divisão
	• frações

Procedimento para construção do mapa

Verificar o comprimento

da régua

2- Marcar no fio 100 cm ou metros

50 cm

$$50 + 50 = 100 \text{ cm}$$

40 cm

$$40 + \text{ } = 100 \text{ cm}$$

Material

pa

esquadro

tesoura

alfiler

lapis

medida de metro = m

$$1 \text{ m} = 100 \text{ cm}$$

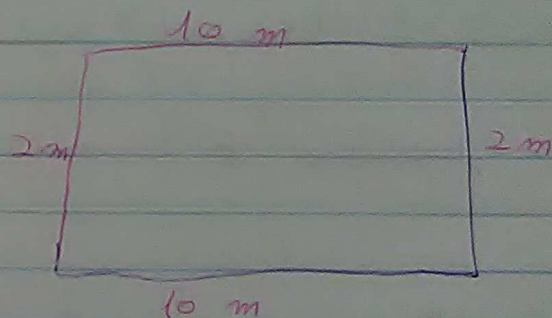
MATEMÁTICA

Construção de mapa e orientação espacial

Compassos	projetor
medidas de comprimento	perímetro
linhas e	
sublinhas	

Para medir a área de uma figura retangular como por exemplo o terreno da nossa escola devemos saber o comprimento de todos os lados da figura.

Se somarmos todos os lados descobrimos qual é o perímetro da figura retangular.



perímetro =

$$10 + 10 + 2 + 2 = 24 \text{ m}$$

MATERIAL

régua

pa com 1 m

lapis

~~alfiler~~ bolacha

papel

um copo ou jarra

folha de papel

milimétrico

Procedimentos

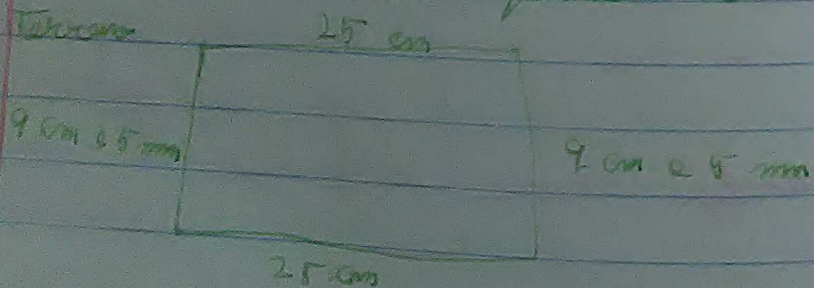
Medir as medidas pelas fontes de referência

	2:	3:	4:
1	25 e 24 cm	25 e 5 cm	27 m e 12 m
2	9 m e 50	9 m e 21 m	10 m
3	19 m e 24 m	14 e 11	14 m
4	13 m e 130 m	11 e 49	14 m 00 cm

desenho e perímetro do terreno

procedimento para a construção de mapa em papel milimétrico

- 1- Corte quadrado de 1 cm papel milimétrico a 1 cm cada
- 2- desenhar a escala e perímetro do terreno



20/2/2015 | Mapa | escala | perímetro | área
depois de medir o terreno fazer um mapa em papel milimétrico e fazer as medidas

Escala

A escala será feita para facilitar a leitura do papel serão feitas muitas e muitas pequenas para facilitar a leitura e a escala utilizada por um lado será o mesmo igual a um centímetro no mapa 1 m = 1 cm = escala

Perímetro

Para desenhar o perímetro é necessário saber o lado do caso do terreno medido são 25 m + 24 + 10 + 10 = 70 m

Se o terreno tem 25 m de comprimento e 10 m de largura para calcular a área tem de multiplicar $(25 \times 10) = 250 \text{ m}^2$

~~para~~
para ~~o~~ grupo de Trabalho 5 de
Trabalho

~~Trabalho~~
Trabalho esta tarefa para
assessoria a melhor local em termos
de custo para construir a cidade

para Trabalhadores no projeto E.L.F
previsões de valor investigar questões
informações, sobre muitos assuntos
diferentes

E também na internet que dizalguns
aquilo que fazemos e aprendemos
Hoje dia 23 de fevereiro fomos
reunidos

na sala sobre internet segura

Linha de acontecimentos

Para que	Helmoreis
servir a	Não responder
internet?	a desordens dos
• Comentar	• Não dar o
jogar	número e dados
criar	passais a desordens
navegar	das aderir a demandas
desenhar	de sobre acrescentado
aprender	Não deixar o Bluetooth
pesquisar	Digado

Filme
Jogada digital:
"O que quer que qualquer
pessoa pode ver aquilo que não publicamos
é que "Uma vez na internet fica
para sempre na internet"

Filme
"Foto me
cater" ^{de}
Devemos
pensar bem
antes de
publicar nos
fotos
filmes
pensamentos

Dependência
→ deixar de
estar com a
família, os amigos
→ Inibimento e
perda de laços
sociais e
amizades
→ As notas
da escola
ficam negativas
→ Teófica a vida

Albert Muller
"Quando temos
um problema
não devemos ter
medo e devemos falar com os pais
ou adultos de (confiança) confiança
se necessário devemos ir a psicóloga

direitos do
autor
→ Não
devemos
copiar os
trabalhos
da internet

Filme "Lineas"
→
→
Regras para
navegar no
internet
seguro

Aléxias → minimizar limites
de dia 25 de fevereiro a ser usado
na experiência qual é a importância
dos aléxias para a qualidade, para
a nova qualidade de vida e para
os novos trabalhos um tempo.

A casa dos aléxias deve ser segura.

Existem ~~trabalhos~~ trabalhos de aléxias.

mantém-se a unidade de colmeia e seu
papal e organizar trabalho e por
essa por dia pode ser 1200 ovos
Também se tem um trabalho que é
fazer os ovos da rainha, durante
período a ~~qual~~ rainha e joga
quando se põe no ~~colmeia~~
colmeia os abelhas ~~sempre~~ joga

abril → se as trabalhadoras da
colmeia e seu trabalho é 3

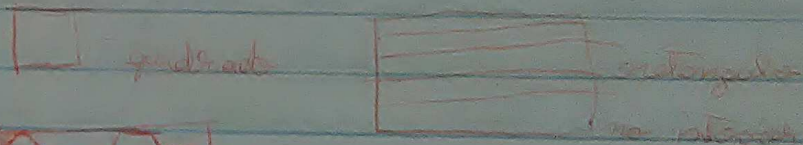
As abelhas põem
ovos das cores
e ~~se~~ mel

• ~~trabalhadoras~~
• cuidar da ~~colmeia~~
da colmeia
(pares de ovos)
dependem a
colmeia

6 cores que trabalhadoras da colmeia
podem se aplicar

As abelhas são importantes para o
homem porque o mel e um dos produtos
a que produzem e até para as
para produtos de limpeza de madeira
As abelhas (~~trabalhadoras~~) também ajudam
a ~~trabalhadoras~~ ~~trabalhadoras~~ produzindo as
plantas ~~trabalhadoras~~ que estão ~~trabalhadoras~~
plantas.

A matemática das abelhas
A colmeia tem representado as figuras
geométricas de quadrado retângulo e círculo



As abelhas põem os ovos, tem a
forma de um hexágono

Problema:
A abelha ~~trabalhadora~~ ~~trabalhadora~~ ~~trabalhadora~~ ~~trabalhadora~~ ~~trabalhadora~~ ~~trabalhadora~~
trabalhadoras ~~trabalhadoras~~ ~~trabalhadoras~~ ~~trabalhadoras~~ ~~trabalhadoras~~ ~~trabalhadoras~~

precisa de fazer para dar origem
a uma célula mestra?

Matemática das células

Quantos ovos precisa fazer a
célula mestra para gerar outra
célula mestra?

dados:

1 célula mestra

faz 1200 ovos por
dia

3 ovos por célula

três células mestras

o que temos de desenvolver?

1- Quantos ovos vamos fazer caso?

3 células os dias de ovo e multiplicar

pela número de ovos (1200 x 3 x 5) =

$$1200 \times 300 + 1200 \times 85 =$$

-> desenvolver quanto ovos vamos fazer

$$\text{mas } 1200 \times 300 \text{ multiplicado } \times 12 =$$

$$\begin{array}{r} 1200 \\ \times 300 \\ \hline 0000 \\ 36000 \\ \hline 36000 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 31200 \quad (1) \\ \times 55 \\ \hline 15600 \\ 15600 \\ \hline 171600 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 36000 \\ + 13011 \\ \hline 49011 \end{array}$$

projeto EL.F

5/3/2015

plano de negócios (Startup plan)

O que é um plano de negócios? É um plano feito em equipe que permite pensar futuro e objetivos das nossas ideias empresa

Por que se chama o plano de negócios?

Para construirmos um caminho para o sucesso

Como se aplica um plano de negócios?

Da - nos as tarefas que são importantes fazer e quando é que as devemos fazer

Todos os planos devem ter as seguintes informações:

1. nome da empresa
2. qual o setor/área em que trabalha
3. Missão - O que queremos fazer
4. âmbito de negócios / qual negócio vai ser
 - Produto - O que vamos fazer
 - Mercado - A quem vamos vender / dar
 - Lugar de produção - Terça que é que fazemos melhor
 - Tipos de recursos

ganhos pessoais materiais e familiares

5. Recursos (O que precisamos para trabalhar)

• Quem trabalha ou ajuda

• Dúvidas ->

• O que vamos precisar de comprar

Hoje dia 9 de março começamos a produção de nossa mini empresa chamada curto agricultora.

Fizemos sementeiras com caixas de ovos onde sementas de o rabanete, lombardo couve flor. Algumas regas na lanta a semanas seguintes e tomates. Depois regamos todo muito bem.

Seguidamente fomos para a estufa e lá plantamos uns pes de Tomate e uns pes de pepino.

No dia 10/4/2019 o sr. Manuel veio à escola para trabalharmos a peça de teatro a "Cigarras e a formiga."

O que vamos aprender com esta atividade?

- Identificar o futuro
- harmonia
- amizade

- estar juntos
- empenho
- aprender coisas novas

Qualidade

- mimar
- amor
- carinho
- liberdade

S.P.

- Texto dramático
- poemas musicais
- leitura com entonação
- memorização
- expressão imitativa
- argumentar

E.M. - Livros

Estações do

ano

Exp - pinturas, recortes, colagem musical

Objetos de Aprendizagem F.L.S

cidadania → fazer valer os direitos
 comunidade → quem fazilha a norma
 escola vida escolar

Objetos comuns → Objetos

- matemática
- Língua Portuguesa
- Ciências
- Artes
- Inglês
- História
- Geografia
- Educação Física



Projeto E.L.F.

Empreendedorismo e Literacia Financeira

X

Nome: ~~XXXXXX~~ ~~XXXXXX~~ ~~XXXXXX~~

X

X

X

Empresa → tarefa de difícil execução / organização económica que fornece bens ou serviços.

Empreender → propor uma tarefa difícil / tentar / realizar

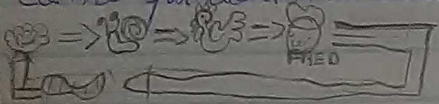
Empreendedor → pessoa com a iniciativa e vontade para iniciar projetos novos, mesmo quando são ariscados



— tem ideias diferentes.
Avalia o potencial das ideias.

28/11/2014

Como funcionam as cadeias alimentares



O que é ser empreendedor?

- Ter coragem de avaliar a potencial das ideias;
- Tomar a iniciativa e não desistir (resiliência);
- Ter

Salários semanais - 16/11/15

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
16,80	16,80	16,80	16,80	16,80
x 4	x 3	x 3	x 4	x 4
67,20	50,40	50,40	67,20	67,20

Total:

67,20
50,40
50,40
67,20
67,20
+ 302,40 ✓



Projeto E.L.F. - Aprender com os provérbios

Mês de junho

Provérbio	Significado/Aprendizagem
De junho em diante, uma vara avante.	A partir do início de junho já há mais uma hora de sol por dia.
Vara furada em novembro, feita somente em junho.	Em novembro semente-se a terra para estar pronta a ser usada em junho.
Boas dias em junho, ingemas e horas em fevereiro.	Se em junho não chover, a terra para os feijões.
Se quiser ser bom alveia, planta abia em junho.	Para ter bons abes, há que plantá-las em junho.
Em junho a boa batida dá a enchimento e não a repulsa.	Em junho as batatas devem ser sacadas e não deixadas no campo.

Projeto E.L.F. - Aprender com os provérbios

Mês de junho

Provérbio	Significado/Aprendizagem
Travada em junho, com bom pão, com palha.	Tempestades em junho estragam a colheita dos animais nos meses seguintes.
A chusca de junho, ou a celina.	Se chover bastante chusca em junho, há muita semente no inverno.
Leum em junho, bom, tem + pão para a janta.	Leum celina em junho, terá muita comida no inverno.
A água de junho traz agite ao animal, ao lugar e palha ao palheiro.	A chusca de junho faz dar agite para produzir agite e crescer a batata para fazer brotos de palha.
Se quiser ser bom varalheira, semente no crescente de junho.	Para ter boas sementes, há que semente-las em junho, no quarto crescente.

Projeto E.L.F. - Aprender com os provérbios

Mês de janreira

Provérbio

Significado/Aprendizagem

Tronçada em janreira, nem
boam preda, nem palheira.

Tempestades em
janreira estragam a comida
dos animais nos meses
requintados.

A chusca de janreira, encha
a celeira.

Se chover bastante
chusca em janreira, haverá
muitos cereais na ana
inteira.

Quem em janreira lavras,
tem 7 paês para o jantar.

Quem cultiva em
janreira, terá muita comida
na ana inteira.

A água de janreira
traz agreste ao celeiral,
ao lugar e palha ao
palheiro.

A chusca de janreira
faz dar agrestona,
para produzir agreste e
crescer as plantas nos
barridos de palha.

Se queres ser boam
esvilheira, semeia no
crescente de janreira.

Para ter boas esvilhas,
há que semeá-las em
janreira, no quarto
crescente.

Salários semanais - 23/1/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
16,80 4	16,80 3	16,80 3	16,80 4	16,80 4
<u>67,20</u>	<u>50,40</u>	<u>50,40</u>	<u>67,20</u>	<u>67,20</u>

Total:
 67,20
 50,40
 50,40
 67,20
 67,20
302,40

Salários semanais - 20/1/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
16,80 4			16,80 4	16,80 4
<u>67,20</u>	50,40	42,00	<u>67,20</u>	<u>67,20</u>

Total:
 67,20
 50,40
 42,00
 67,20
 67,20
294,00

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 26/1/15 a 30/1/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	50,40	42,00	67,20	67,20	294,00

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 2/2/15 a 6/2/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80 4	50,40	16,80 4	16,80 4	16,80 4	67,20
<u>67,20</u>		<u>67,20</u>	<u>67,20</u>	<u>67,20</u>	339,20

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 9/2/15 a 13/2/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80 4	42,00	16,80 4	67,20	67,20	67,20
<u>67,20</u>		<u>67,20</u>			

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 20/2/15 a 24/2/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
			16,80 4	16,80 4	
			<u>67,20</u>	<u>67,20</u>	

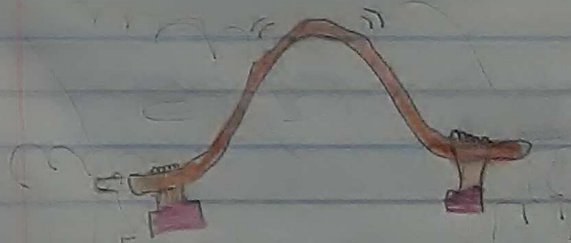
Projeto E.L.F. - Aprender com os provérbios

Mês de fevereiro

Provérbio	Significado/Aprendizagem
Quando não chove em fevereiro, nem as terras da centeira	Se não chover em fevereiro as terras não produzem nada nem muito.
A moeda de fevereiro, enche a celeira;	A moeda moçada em fevereiro cresce bastante e produz muita semente.
Em fevereiro, aquece-se a centeira, a moeda enche a celeira e a palha foge da palmeira.	O centeiro e a moeda crescem da sala e as sementes caem nas ramos para chamar as formigas.
Em fevereiro chove, um agosto seca.	Se chover, traremos uma moeda cedo.
Calhetas de moeda berranta, cabem todas num cesto.	Nos meses berrantes, as calhetas são poucas.

Como encontrar lençóis de água (redes):

- Material: uma vara (de abacaxi, por exemplo), fina e verde;
- Com a palma das mãos para cima, pegam-se nas pontas da vara;
- Encostamos as catavelas no novo tronco e arqueiamos a vara para cima;
- Segura-se a vara com força e cordamos lentamente até a vara se encher.
- Após aprendermos a localizar lençóis de água subterrâneos e isso é útil quando queremos fazer um poço ou um furo.



Como encaixar e transformar uma árvore de frutas:

x

- Material: uma árvore branca, um garfo (um ramo fino da árvore que queremos criar), navalha, barra, cordão plástico e tesoura de poda.

- A cerca de 25 ou 30 cm da sala, corta-se o caule da planta branca;

- Com a navalha, afia-se o garfo em forma de V e corta-se no caule da planta (cavalo) uma fenda com a mesma forma;

- Encaixa-se o garfo no cavalo e ata-se bem, dando várias voltas com a cordão. Dá-se uma pincada no garfo.

- Amassa-se a barra e faz uma esfera com ele a volta da união.

- Lava-se um plástico, enfia-se no garfo, cobre-se a barra e ata-se ao cavalo.

- Assim, queremos que o garfo se una ao cavalo e cresça. Não podemos esquecer no encaixe e temos de manter a terra húmida.



Como fazer (cortar ramos secos e verdes):

* Material: tesoura de poda.

* Podem-se fazer as plantas que têm caule lenhoso;

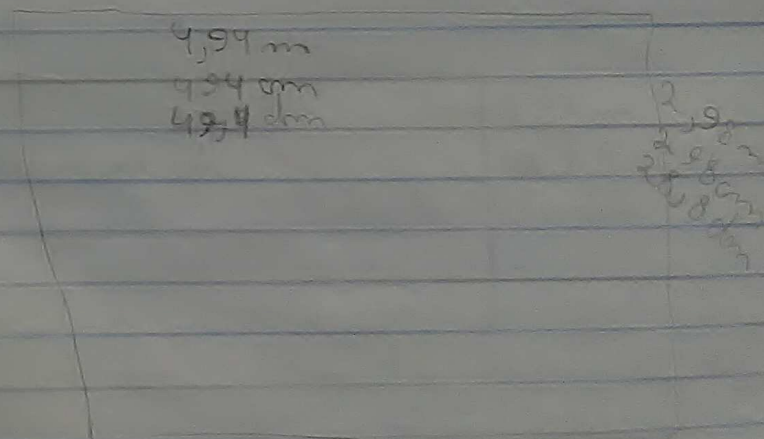
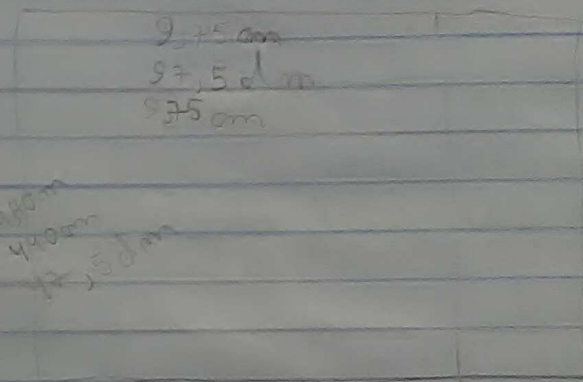
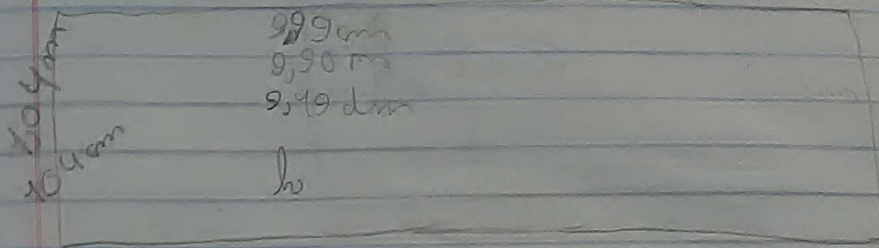
- Primeira, começam-se a cortar todos os ramos
junto a terra;

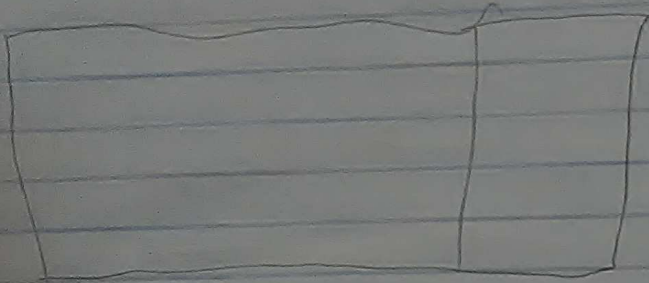
- depois cortam-se os ramos que estão secos de 15 a 20
cm da terra;



Medidas da horta

20/2/15





Corais 1,7 m
 faixas 4,48 m
 arruillares 3,24 m
 cebala 2,25 m

Collegiã das medições

harta cabrita

104 m
 ou
 10,4 dm
 ou
 104 cm

9,99 m ou 99,9 dm 999 cm

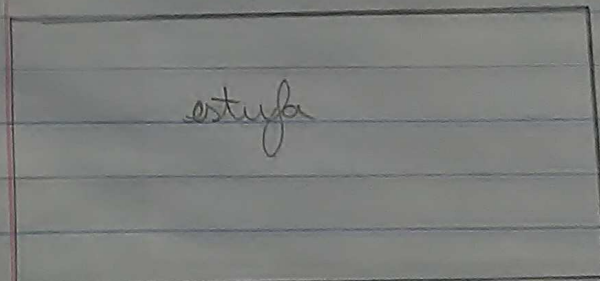
X

X

374 cm	448 cm	107 cm	440 m
		caunas	44,0 dm
arruillares	harta	faixas 22,5 cm	440 cm
	440 cm	107 cm	
440 cm		cebalas	215 cm

9,75 m ou 97,5 dm ou 975 cm

X



2,88 m
 ou
 28,8 dm
 ou
 288 cm

4,94 m ou 49,4 dm ou 494 cm

Agricultura biológica ou agricultura com recurso a produtos químicos.

x
Atualmente a agricultura desenvolve-se de duas formas: a agricultura biológica e a agricultura industrial com recurso a produtos químicos. Há pessoas que defendem a primeira por não prejudicar a saúde e outras que defendem a segunda por ser mais eficiente.

Neste último caso, são reconhecidas como aspetos positivos a facilidade que há em controlar pragas com pesticidas ou em adubar os solos. Assim, as plantas crescem mais rapidamente, aumentando a produção e a renda.

Por outro lado, a use de produtos químicos, faz com que estes se infiltram no solo, chegam aos lençóis de água e entram no ciclo da água da qual dependemos para viver.

Além disso, as plantas absorvem-nos e entram na cadeia das plantas, como os animais herbívoros comem as plantas e os carnívoros comem estes últimos, os químicos vão passando de ser vivo em ser vivo ao longo da cadeia alimentar aumentando-a. Da mesma forma, as plantas não se desenvolvem demasiado depressa e por isso amadurecem demasiado depressa e não têm sabor.

Problemas:

1- caracóis

- limpar a terra de folhagens e de objetos;
- fazer barreiras de cinza;
- usar vasos como escaninhos para prevenir;

x

x

2- terra estéril

- usar composto misturado;
- misturar plantas, restos de fruta, cinza e terra da café na compostagem.

x

A agricultura biológica é muito ligada à natureza e utilizando técnicas tradicionais. Por isso, as plantas crescem sem se utilizarem produtos químicos e em equilíbrio com a natureza.

Assim não afeta a nossa saúde e os alimentos são mais saborosos. Por outro lado, também é uma forma de agricultura com mais tendência para ser atacada por pragas de caracóis, leiras, lagartas, cigarras, ... As plantas resistem menos ao mau tempo para se desenvolverem. Além disso, se não houver estrume ou composto, a terra fica rapidamente

estéril (sem nutrientes). Como os terrenos não são sobreaproveitados, a produção é mais baixa e para a aumentar é necessária ocupar mais terrenos.

Resumindo, a agricultora que usa produtos químicos, tem uma maior produção mas prejudica a nossa saúde. A agricultora biológica tem menores produções mas é mais natural.

Em nossa opinião, deve-se desenvolver mais a agricultura biológica pois parece-nos mais importante pela natureza e pela saúde.

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
16,80 x 3 ----- 50,40	16,80 x 4 ----- 67,20 €			

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 07/4/15 a 10/4/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80 x 3	16,80 x 4	16,80 x 4	16,80 x 4	16,80 x 4	

67,20 € 67,20 € 67,20 € 67,20 €

67,20 €
67,20 €
67,20 €
67,20 € +

268,80

Projeto E.L.F. - Aprender com os provérbios

Mês de Março

Provérbio	Significado/Aprendizagem
Quem pade com marça, um dia na regaça.	Marça é um bom mês para poder, se quisermos ter a regaça de uma vida inteira dar
Em marça a vella sai e malta ao caril.	Tem a tempo a melhorar, as pessoas saem mais de casa, mas ao fim de da, esta
	esta fria e malta para se abriga de lar.
Marça, marçaga, de namba imersa, de tarde surra.	Em marça ha momentos de bom tempo e de mau tempo.

Ideias para uma produção mais limpa e sustentável:

- explorar menos os recursos naturais aproveitando a reciclagem;
- fazer uma produção mais limpa, sem produtos químicos que prejudicam a saúde de pessoas e o ambiente;
- comprar só o que precisarmos e escolher os produtos que geram menos lixo.

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 13/4/15 a 17/4/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	16,80	16,80	50,40	16,80	88,60
33,60	33,60	33,60	50,40	16,80	67,20
✓	✓	✓	✓	✓	✓
	67,20	50,40		67,20	58,80
		8,40			277,20
		58,80			

7,99
 5,99
 4,49
 2,98
 21,45
 - 21,44
 00,16
 21,45

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 20/4/15 a 24/4/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
33,60	67,20	90,40	16,80	50,40	308,80
			46,80		67,20
			3		

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 27/4/15 a 30/4/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	30,90	50,90	16,80		218,40
			3		50,40

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 4/5/15 a 8/5/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
33,60	58,80	46,80	33,60	67,20	260,20
✓	✓	✓	✓	✓	✓
		67,20			

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 11/5/15 a 15/5/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
32,00	16,80	50,40		67,20	32,00
	3				50,40
	50,40				50,40
					67,20
					200,00

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 18/5/15 a 23/5/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	50,40	50,40	16,80 <u>50,40</u>	25,20	243,60

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 26/5/15 a 29/5/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
58,80	33,60 <u>33,60</u>	33,60	33,60	67,20	252,00

58,80
+ 4,90
58,80

30
58,80
58,80
33,60
33,60
+ 67,20
252,00

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 1/6/15 a 5/6/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	67,20	67,20	67,20	67,20	

Salda da empresa - 4/6/15

2€ + 5€ + 3€ + 2€ + 1€ + 3€

19,05€

2€
5€
3€
2€
1€
+ 3€
19,05€
0,50€
0,50€
1,40€
0,20€
0,60€

2
+ 19,05€

19,05€

0,50€

1€

0,35€

1€

0,50€

0,50€

42,20€

1€

1,70€

1,50€

1€

+ 19,05€

1€

0,50€

1€

1€

0,90€

1,50€

1

4,20€

2

1,10€

1,32€

2

+ 62,97

62,97

901

62,97

0,55

0,35

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 28/9/15 a 3/10/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	67,20	67,20	67,20	67,20	201,60

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 6/10/15 a 9/10/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
50,40	67,20	67,20	67,20	67,20	319,20

67,20
+ 67,20
319,20

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 14/10/15 a 17/10/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	50,40	23,60	33,60	67,20	154,80

67,20

50,40
+ 5,40
55,80
+ 23,60
79,40
+ 33,60
113,00
+ 41,80
154,80 ✓

Projeto

Ano Letivo 2015/16

Lucro de 2014/15: 107€

Venda das docas e tomates: ~~107~~ 107
+ 16
123€ Total

o que precisamos?

- Alfaces
- Encaixes
- Sementes
- Enxadas/ferramentas

o que gostamos de comprar?

- Cesta de barqueteal
- Aquário.
- Flores

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 20/01/15 a 24/01/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
58,80	67,20	58,80	78,30	33,60	252,20

3350

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 29/01/15 a 30/01/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
70,80	67,20	50,40	67,20	33,60	278,20

50,40
+ 240

58,80

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 2/01/15 a 6/01/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
70,80	58,80	33,60	33,60	67,20	270,40

670,00

Receita caseira para acabar com os caracóis e lesmas |

T.P.C.

2 0 FEV. 2015



COMO CONSEGUIR EMPREGO EM 30 DIAS
INSCRIÇÕES ESOTODAS!



Workshop com Pedro Silva-Santos
AUMENTO DE OCASIÕES DE TRABALHO
13 FEVEREIRO 14H30

TODOS MAIS VISTOS CURIOSIDADES UAU! IDEIAS BRILHANTES COMO FAZER COMO VENCER PARCEIROS NOCTULER

ENTRADA | O QUE É O NOCTULA CHANNEL? | COLABORA CONNOSCO



Receita caseira para acabar com os caracóis

COMO FAZER, CURIOSIDADES, OS MAIS VISTOS, TODOS - COMMENTS (1) - 37921

No âmbito do Ano Internacional da Agricultura Familiar aqui fica mais uma dica para melhorar as hortas familiares e não só!

A nossa casa e o nosso jardim estão constantemente a ser atacados por infestações, quer seja de formigas, lesmas ou caracóis.

Armadilhas para acabar com caracóis e lesmas:

- 1 - Cerveja**
Uma das soluções mais populares é a aplicação de pratos com cerveja nas zonas mais afetadas. Coloca os pratos ao mesmo nível da terra do jardim e espera que as lesmas e os caracóis caiam lá dentro e se afoguem.
Verifica com regularidade as armadilhas e vai retirando a bicharrada!
- 2 - Cinza, cascas de ovos e cascas de carvalho**
As cinzas da lareira, cascas de ovos e de carvalho colocadas à volta das plantas repelem os caracóis e as lesmas pois provocam irritação e desidratação dos mesmos.
- 3 - Vasos de cerâmica de pernas para o ar**
Uma das técnicas mais utilizadas, é colocar vasos de cerâmica ao contrário, contra os raios solares e ligeiramente levantados do chão.
Esta técnica resulta muito bem, porque as lesmas e os caracóis estão sempre à procura de um local com sombra para descansarem e, desta forma, os vasos acabam por ser a armadilha perfeita. Inspecciona todos os dias e retira os animais viscosos que estiverem no seu interior até que a infestação termine.

RECENTES



Jardim móvel que substitui os carros - Parklet



O que fazer quando se parte uma lâmpada?



7 truques para vender ideias à Steve Jobs



Porque é que a chuva tem cheiro?



10 fotografias que mostram quão má é a poluição na China



Bomba de sementes rebenta com zonas urbanas e jardins

O QUE PROCURAS?

SEARCH

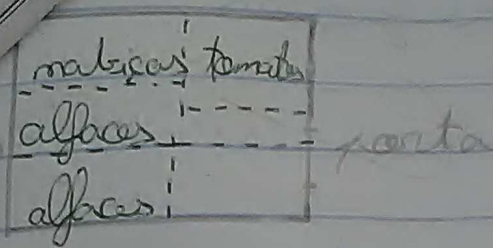
Noctula Channel
noctula Gama
2.184 pessoas gostam de Noctula Channel

ULTIMOS VIDEOS

RECEITAS PARA ACABAR COM CARACÓIS E LESMAS

...la.
 ...aneas indesejáveis: - aviso aos
 ...res: não existem ervas daninhas
 ...EZA ABOMINA O VAZIO, onde haja
 ...e condições para criar vai nascer
 ...flores e plantas em geral.
 ...ras, que estejam velhas ou
 ...não.
 ...carvão - o de
 ...o aconselháveis pois
 ...al deixados pelo

... com as seguintes medidas



1- Quantas m. de comprimento e de largura tem a estufa?

$0,39 \text{ dam} = 3,9 \text{ m}$ e

$600 \text{ cm} = 6 \text{ m}$ e

De comprimento é 3,9m e de largura é 6m

2- Que fração da estufa ocupam as tomateiras
 $\frac{1}{6}$

Por a fração é $\frac{1}{6}$ e

3- É as malucas?

$$\frac{1}{6}$$

R: A fração é $\frac{1}{6}$.

É as duas culturas juntas?

$$\frac{1}{6} + \frac{1}{6} = \frac{2}{6}$$

5- Que parte da estufa se destina às alfaces?

$$\frac{2}{6}$$

6- Que parte ficará por semear?

$$\frac{2}{6}$$

7- Escreva outra fração equivalente à parte semeada da estufa.

$$\frac{1}{3}$$



$$\frac{1}{3} = \frac{2}{6} = \frac{1}{3}$$

8- Qual o perímetro da estufa?

$$3,9 \text{ m}$$

$$3,9 \text{ m}$$

$$6 \text{ m}$$

$$+ 6 \text{ m}$$

$$19,8 \text{ m}$$

9- Preencha essa medida em cm.

$$390 \text{ cm}$$

$$3900 \text{ cm}$$

$$600 \text{ cm}$$

$$6000 \text{ cm}$$

$$1980 \text{ cm}$$

10- Quando plantares as alfaces, que fração da estufa estará ocupada?

$$\frac{1}{6} + \frac{1}{6} + \frac{1}{6} + \frac{1}{6} = \frac{4}{6}$$

11- Escreva outra fração equivalente.

$$\frac{2}{3}$$

12- Indica em m a área:

a/ das tomateiras $3,9 \text{ m}^2$

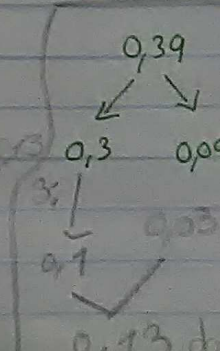
b/ das malucas $3,9 \text{ m}^2$

c/ das alfaces $7,8 \text{ m}^2$

d/ semeada $7,8 \text{ m}^2$

$$a \quad \frac{1}{2} \times 600 = 300$$

$$\frac{1}{3} \times 0,39 = 0,13$$



$30,0 \text{ cm} = 3 \text{ m}$
 $0,13 \text{ dm} = 1,3 \text{ m}$
 $3,9 \text{ m}^2$
 $\times 2$
 $7,8 \text{ m}^2$

$1,3$
 $\times 1,3$
 $3,9 \text{ m}^2$

$3,9 \text{ m}^2$
 $+ 3,9 \text{ m}^2$
 $7,8 \text{ m}^2$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 9/11/15 a 13/11/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	84,00	84,00	84,00	67,20	84,00
					84,00
					+67,20
					403,20

5
 $84,00$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 19/11/15 a 20/11/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	84,00	84,00	84,00	67,20	67,20
					+8,40
					84,00
					+75,60
					394,80

$75,60$
 $84,00$
 $+75,60$
 $394,80$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 23/11/15 a 27/11/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
84,00	84,00	75,60	84,00	84,00	419,60

$84,00$
 $84,00$
 $25,60$
 $84,00$
 $84,00$
 $419,60$

$395,80$
 $+419,60$
 $805,40$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 7/12/15 a 11/12/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	X	84,00	67,20		

segunda	quarta	quinta	sexta
16,80	16,80	16,80	16,80
$\times 4$	$\times 2$		
67,20	33,60	84,00	84,00
+8,40	+16,80	81,40	81,40
75,60	59,40	81,40	81,40
		+58,80	

TOTAL
 $75,60$
 $59,40$
 $58,80$
 $+67,20$
 $269,00$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 14/12/15 a / /

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
84,00	X			75,60€	370,80€

$$\begin{array}{r} 157,20 \\ 16,80 \\ \times \\ \hline 157,20€ \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 16,80€ \\ \times 4 \\ \hline 67,20€ \\ + 8,40€ \\ \hline 75,60€ \end{array}$$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 4/1/16 a 8/1/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
50,40	50,40	50,40€	50,40€	50,40€	50,40

$$\begin{array}{r} 50,40 \\ 50,40 \\ 50,40 \\ 50,40 \\ \hline 252,00 \end{array}$$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 14/1/16 a 15/1/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	16,80				

$$\begin{array}{r} 16,80 \\ \times 3 \\ \hline 67,20€ \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 50,40 \\ 67,20 \\ \hline 67,20 \\ + 67,20 \\ \hline 379,20 \end{array}$$

8/1/16

Contabilidade de empresa

sacos	emcada	sacha
①	de maço	12
4,90 €	①	$\times 3$
$\times 2$	4,60 €	$\hline 36 €$
$\hline 9,80 €$	$\times 2$	
	$\hline 9,20 €$	

sacos 9,80€
emcadas 9,20€
sacha 36€

$$\begin{array}{r} 36 \\ 9,80€ \\ 9,20€ \\ \hline 55,00€ \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 123 \\ - 55,00 \\ \hline 068,00 \end{array}$$

Sugestões

- Exarrega os reatas;
- Uma balança
- Barras de ferro
- trampolim
- Um espelho
- Balança
- Uma tartaruga brebre
- Balança

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 2

Semana de 18/1/16 a 22/1/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	16,80	67,20	16,80	58,80	67,20

67,20	33,60	8,40	42,00
-------	-------	------	-------

50,40	8,40	58,80	294,00
-------	------	-------	--------

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 2

Semana de 25/1/16 a 29/1/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	16,80	16,80	16,80	16,80	67,20

67,20	33,60	8,40	50,40
-------	-------	------	-------

50,40	8,40	50,40	268,80
-------	------	-------	--------

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 2

Semana de 1/2/16 a 5/2/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	16,80	58,80	75,60	84,00	84,00

84,00	50,40	8,40	67,20
-------	-------	------	-------

58,80	75,60	84,00	369,60
-------	-------	-------	--------

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 4

Semana de 1/2/16 a 2/2/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
84,00	67,20	16,80	16,80	84,00	369,60

39,60	8,40	8,40	58,40	369,60
-------	------	------	-------	--------

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 4

Semana de 11/2/16 a 12/2/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
X	X	X	75,60	84,00	369,60

75,60	84,00	369,60
-------	-------	--------

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 4

Semana de 15/2/16 a 19/2/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
84,00	84,00	84,00	58,80	84,00	394,80

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 4

Semana de 22/2/16 a 27/2/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80€	16,80€	16,80€	84,00	84,00	

$\times 9$
 $\times 5$
 $\times 3$
 $\times 3$

67,20
 + 8,40
 75,60

84,00
 + 8,40
 92,40

50,40
 + 8,40
 58,80

75,60€
 84,00€
 58,80€
 84,00€
 + 84,00€
 386,40€

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 4

Semana de 14/3/16 a 18/3/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80€	16,80	16,80	16,80	16,80	58,80

$\times 3$
 $\times 3$
 $\times 4$
 $\times 3$
 $\times 1$

50,40
 + 8,40
 58,80€

50,40
 + 8,40
 58,80

67,20
 + 8,40
 75,60

58,80
 + 8,40
 67,20

16,80
 + 8,40
 25,20

58,80
 58,80
 75,60
 75,60
 25,20
 336,00

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 4

Semana de 29/2/16 a 4/3/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	84,00	X	58,80	67,20	283,20

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 4

Semana de 6/4/16 a 8/4/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80€					67,20€

$\times 4$

67,20€

67,20€
 67,20€
 67,20€
 67,20€
 + 67,20€
 336,00

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 4

Semana de 2/3/16 a 11/3/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	16,80€	16,80	50,40	67,20	

$\times 3$
 $\times 4$
 $\times 3$

50,40
 + 8,40
 58,80

67,20
 + 8,40
 75,60

50,40
 + 8,40
 58,80

08,80€

08,80€
 87,20€
 50,40€
 + 67,20€
 244,00€

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 4/1

Semana de 11/4/16 a 15/4/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
50,40€	33,60€	67,20€	67,20€	92,00€	299,40€

+
 100,80

5/4/2016

Contabilização do saldo da empresa:

	1 292,90 €		
-	3 €		
	1 19,90 €		
-	1,72 €		
	1 18,18 €		
	1 €	Caures - de - Bruxelas,	
	0,42 €		bruxelas, salsa e
	1 €		
	1 €		
+	1 €	Caures Cotação de Bai	
	1 226 0	→ Saldo	

Trabalha de pesquisa sobre atividades económicas.

3- Que setores económicos existem?

Existem 3 tipos de setores são, o setor primário, o setor secundário e o setor terciário.

2- Que atividades económicas pertencem a cada setor?

No setor primário pertencem, a agricultura, pecuária, pesca, silvicultura, exploração mineira e salinicultura. No setor secundário pertencem as indústrias. E no setor terciário pertencem, a comércio, saúde, educação, turismo, transportes e carreiras.

3- Que tipo de profissões encontramos dentro de cada atividade?

Agricultura → Agricultor ✓
 Pecuária → Crianculter ✓
 Pesca → Pescador ✓
 Silvicultura → Silvicultor ✓
 Exploração mineira → Mineirista ✓
 Salinicultura → Salinicultor ✓

Indústria de calçado → Sapateiro ✓

Comércio → Comerciante de moedas ✓

Saúde → Médica ✓

Educação → professor ✓

Turismo → agente de viagens ✓

Transportes → Motorista ✓

Carreiras → Carteira ✓

4- Que matérias-primas ou materiais são necessários para cada atividade?

Indústria alimentar → leite ✓

Indústria metalúrgica → ferro ✓

Comércio → variedade de alimentos ✓

Saúde → medicamentos ✓

Educação → cadernos ✓

turismo → transportes ✓
 Carreiros → transportes ✓
 transportes → combustíveis ✓

5- Que produtos resultam de cada atividade?

Agricultura → plantas ✓
 Pecuária → carne ✓
 Pesca → peixes ✓
 Silvicultura → madeira ✓
 Exploração mineira → cimento ✓
 Salinicultura → sal ✓
 Indústria alimentar → queijo ✓
 Indústria metalúrgica → chapas de ferro ✓

6- Que poluição é gerada em cada atividade e como a podemos reduzir?

Agricultura → poluição do ar, sonora, da sala e a da água.
 Pecuária → poluição da sala, e da água.
 Pesca → poluição da água
 Exploração mineira → poluição do ar e da sala
 Salinicultura → poluição da sala

Indústrias → poluição da sala e do ar.
 Comércio → poluição visual e da sala
 Saúde → poluição do ar
 Turismo → poluição do ar
 Transportes → poluição do ar
 Carreiros → poluição do ar

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 1

Semana de ²¹⁸ 21/4/16 a 22/4/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20€	67,20€	16,30€	0€	16,30€	154,40€
					50,40€
					3360€

+ 50,40
 134,40€ **Português** 3360€
 2 18,40€

Texto sobre a visita de estudo

No dia 18, a turma B foi a Alqueva. Partimos às 9:15 e fomos visitar o Centro de Satélites. Chegámos às 9:50 e o que nos saltou à ^{visita} visita foi as antenas de satélite.

Depois fomos embora às 9:55. Quando entramos no centro, vimos uma apresentação sobre as antenas de satélite. Da antena maior, o diâmetro era 32m e o ^{raio} raio era 16m. Os satélites estão a ^{aproximadamente} 36.000 km da Terra.

ANEXO 10 - Modelo do Plano de Negócios - Startup Plan



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

ANÁLISE DA EQUIPA

PLANO DE NEGÓCIOS – *Startup plan*

Nome da empresa:		Setor/Área:	
MISSÃO – <i>O que nos propomos fazer:</i>			
ÂMBITO DO NEGÓCIO			
PRODUÇÃO - <i>O que produzimos:</i>		Mercado – <i>A quem se destina:</i>	
RAZÕES DE PRODUÇÃO – <i>O que distingue os nossos produtos:</i>		FATORES DE SUCESSO – <i>Aspetos que garantem ganhos (pessoais, materiais ou familiares):</i>	
RECURSOS – Com o que temos de contar			
Quem trabalha/ajuda:	Doações:	Compras/Necessidades de gasto:	



PRAZOS PREVISTOS – <i>Calendarização</i>	
Aleatórios:	Programados:
BALANÇO DA DO FUNCIONAMENTO DA EMPRESA E DA QUALIDADE DOS PRODUTOS	
<i>Pontos fortes:</i>	<i>Pontos fracos:</i>
<i>Experiências vividas:</i>	<i>Dificuldades e soluções encontradas:</i>

ANEXO 11 - Planos de Negócios

PLANO DE NEGÓCIOS – Startup plan

Nome da empresa: *Arrogância Cultural* Setor/Área: *Produção agrícola*

MISSÃO – O que nos propomos fazer: *termos plantas e colher e pegar e embalar e vender.*

ÂMBITO DO NEGÓCIO

PRODUÇÃO – O que produzimos: *Tomates, alface, alho - francês, alho, cebola, brócolos etc...*

Mercado – A quem se destina: *do grupo do 3º ano, Rui A, Rodrigo, Vanessa, Rui F, Pedro*

RAZÕES DE PRODUÇÃO – O que distingue os nossos produtos: *é mais fresco, é maduro, as massas, frutas saudáveis, e pão feitos com muito amor e carinho e amor*

FATORES DE SUCESSO – Aspectos que garantem ganhos (pessoais, materiais ou familiares): *Dinheiro, legumes, ter alegria a fazer o projeto E.L.F.*

RECURSOS – Com o que temos de contar

Quem trabalha/ajuda: *Sr. Mário, Sr. José, Martins, Sr. Secar, Sr. Daniel, Professores, grupo do 3º ANO.*

Doações: *Cimento, pau, estufa, plástico, terra, ajuda da escola de humar, ajudamos a pagar, pagar o*

Compras/Necessidades de gasto: *fruta, enchido, Regador, betão, legumes.*

Nome da empresa:

Hortimilva

Setor/Área:

Setor primário/agricultura

MISSÃO - O que nos propomos fazer:

• fazer uma horta

• 5 - rabo de

colher

• 1 - Tomateiros

• 6 - morangos e embidos

• 2 - alfaces

• 7 - alho

• 3 - batata

• 8 - PERINOS

• 4 - alho francês

Manter a horta vendendo

boa

ÂMBITO DO NEGÓCIO

PRODUÇÃO - O que produzimos:

dos produtores legumes e vegetais

Mercado - A quem se destina:

VENDE - 56 ANOS

AMIGOS E PAISE A

FAMILIA.

RAZÕES DE PRODUÇÃO - O que distingue os nossos produtos:

- produtos sem veneno
- produtos biológicos
- produtos criados com amor
- Grãos
- produtos mais saudáveis

FATORES DE SUCESSO - Aspectos que garantem ganhos (pessoais, materiais ou familiares):

em
aguardo
com
• trabalho de grupo

Materiais	Família
DINHEIRO	psicologia

RECURSOS - Com o que temos de contar

Quem trabalha/ajuda:

ajuda: Rafael, José, Diana

trabalha: mãe, pai, avós, tios, amigos

Doações: água, fardos, sementes, plástico, para, etc.

Compras/Necessidades de gasto:

alimentos

PLANO DE NEGÓCIOS

NOME: HORTA DOS PEQUENOS AGRICULTORES

SETOR: 1º/2º/3º
ÁREA: AGRICULTURA
INDUSTRIA
COMERCIO

MISSÃO: PRODUIR LEGUMES E VEGETAIS
PRODUIR FLORES
TRANSFORMAR PARTE DA PRODUÇÃO EM ALIMENTOS
VENDER

PRODUÇÃO:	MERCADO:	RAZÕES DE PRODUÇÃO:	FATORES DE SUCESSO
<ul style="list-style-type: none"> - MORANGOS - ALFACES - ERVILHAS - FAVAS - BATATAS - CUVES - BRÓCOLIS - FEIJOÃO - TOMATE - PERA-MELOÃO - CEBOLA - LÍRIOS - MANJERICOS - CHUCHUS - ABÓBORAS 	<ul style="list-style-type: none"> - MORADORES DE PERO NEGRO E ARREDORES - MORADORES DO CONCELHO DE SOBRAL MONTE AGRICO - FAMÍLIAS 	<ul style="list-style-type: none"> - CULTIVO POR PEQUENOS AGRICULTORES - USAMOS TÉCNICAS TRADICIONAIS - VENDA A BAIXO PREÇO - ESTÁ PERTO (POU-PA-SE COMBUSTÍVEL) - AJUDA A ESCOLA - NÃO USAMOS PRODUTOS QUÍMICOS 	<ul style="list-style-type: none"> - APRENDEMOS COMO FUNCIONAM EMPRESAS - APRENDEMOS SOBRE AGRICULTURA - JUNTAMOS DINHEIRO PARA O QUE PRECISAMOS

RECURSOS HUMANOS:

- OS ALUNOS
- OS PROFESSORES
- AS FAMÍLIAS
- ASS PAIS
- CÂMARA MUNICIPAL
- ESCOLA PROFISSIONAL AGRICOLA FERNANDO BARROS LEAL
- HORTADORES
- CAMOESTE
- JOSÉ MARTINS
- DEOLINDA TEIXEIRA
- JUNTA DE RECURSOS
- MÁRIO DOALMEIDA
- CÉSAR LOUREIRO

DOAÇÕES:

- ÁGUA
- SEMENTES
- PLANTAS
- LUZ
- VASOS
- MANGA PLÁSTICA
- TRANSPORTE
- MADEIRA
- REDE
- AREIA
- CIMENTO
- CASCALHO
- PREGOS
- BARRAS
- CARRAPOLIS

RECURSOS MATERIAIS:

- PLANTAS
- SEMENTES
- FERTILIZANTE
- EXPERIÊNCIAS
- MANEIRA
- ENTENHO RÁPIDO
- ET

PRAZOS DE VENDA ALEATÓRIOS:

- NA ESCOLA, SEMPRE QUE HAJAM PESSOAS PARA VENDER

PRAZOS DE VENDA PROGRAMADOS:

- NA FEIRA DE FINAL DE AÑO
- DIA DE SÃO MARTINHO

PONTOS FORTES:

- JÁ POSSUÍMOS ALGUNS RECURSOS
- UTILIZAMOS TÉCNICAS TRADICIONAIS
- NÃO UTILIZAMOS PRODUTOS QUÍMICOS
- A NOSSA AGRICULTURA É BIOLÓGICA
- USAMOS MATERIAL REUTILIZADO
- VENDAMOS NO LOCAL (NÃO É PRECISO GASTAR COM COMBUSTÍVEL)

PONTOS FRACOS:

- ATRAQUES DE PRAGA
- ATACQUES DE TOURELOS

EXPERIÊNCIAS:

- APRENDEMOS A CUIDAR DE PLANTAS
- APRENDEMOS COMO FUNCIONAM AS EMPRESAS
- APRENDAMOS O CONHECIMENTO DE OUTROS ANOS

DIFICULDADES E SOLUÇÕES:

- LERNAS E LAGARTAS
↓
ELIMINAMOS
- CARACIS
↓
APANHAMOS PARA CRIAR DO VIVERO E VENDER NA FEIRA DE AÑO
- O SOLO ESTÁ A FICAR ESTERIL
↓
FAZEMOS COMPOSTO
- PRAGA DE AFIDEOS (MORILHÃO) NAS FAEIRAS
↓
FAZEMOS UMA INFUSÃO DE URTIGAS

- O CULTIVO É FEITO POR PEQUENOS AGRICULTORES
- PRODUZIMOS A BAIXO CUSTO

ANEXO 12 - Logotipos

OS MORANGUINHOS DE E.B.1 DE ALMARGEM

Vara

Só os nomes

Grupo do 4º ano
 Com os a. Inês, Nêdia,
 Filipa, Sónia, Alexandra,
 Fátima. Estamos na
 escola de sub. I. de
 Almargem. Nós!

produzimos tomates,

pepinos, alface,

que são muito saudáveis.

Muitos grupos produzem

que são a saúde.

Tem produtos biológicos.

Devem comprar porque

é melhor de saúde não

é. Assim, caso de biologia,

há mais muitas ervas

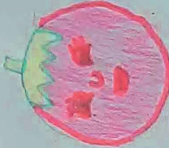
no 4º ano.



PEPINO



ALFACE



TOMATE



Em gosto de tomate



Moranguinho

Eu gosto de morango





ANEXO 13 - A Cigarra e a Formiga

A Cigarra e a Formiga

Crianças de 6 a 9 anos

Personagens – Cigarra
3 Formigas
Fada da Sabedoria

Cenário 1 – Mata na Primavera/Verão. A um canto senta-se a **fada** numa pedra por baixo de uma árvore com um livro, enquanto na mata a **formiga** vai apanhando folhas que leva para o formigueiro e a **cigarra** vai cantarolando. Noutro Canto há um formigueiro.

Cenário 2 – Mata no Inverno. A um canto senta-se a **fada** numa pedra por baixo de uma árvore com um livro, a **cigarra** vai pedir ajuda às **formigas**. Noutro Canto há um formigueiro.

A um canto senta-se a **fada** numa pedra por baixo de uma árvore com um livro (com este livro ela vai pondo questões de estar na vida, e vai gerir o conflito que se gera entre ambas dada a sua diversidade de posturas, para induzir à importância da compreensão mútua, mesmo com “pontos de vista” diferentes e da importância da complementaridade das habilidades de cada uma, como forma de ter uma capacidade conjunta que as acabe por tornar igualmente úteis e até capazes de concretizar projectos comuns.

Adereços (a confeccionar)

Formigueiro

Fato da fada (Um chapéu e uma varinha)

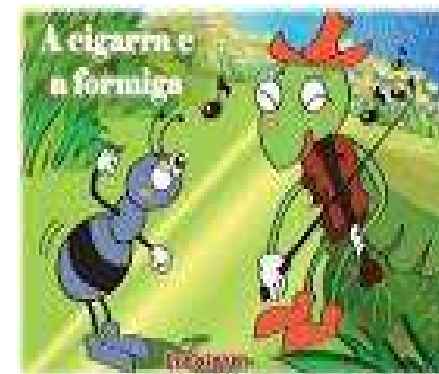
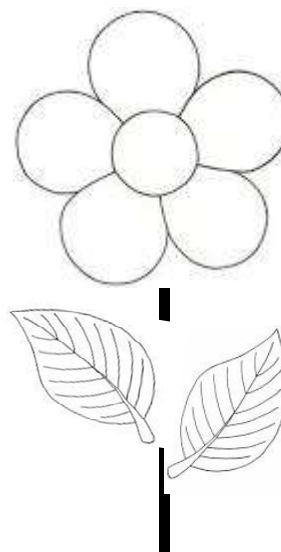
1 Árvore (de Cartão pintado ou em vaso)

Cadeira ou banco forrado onde fica a Fada

3 disfarces de formiguinha

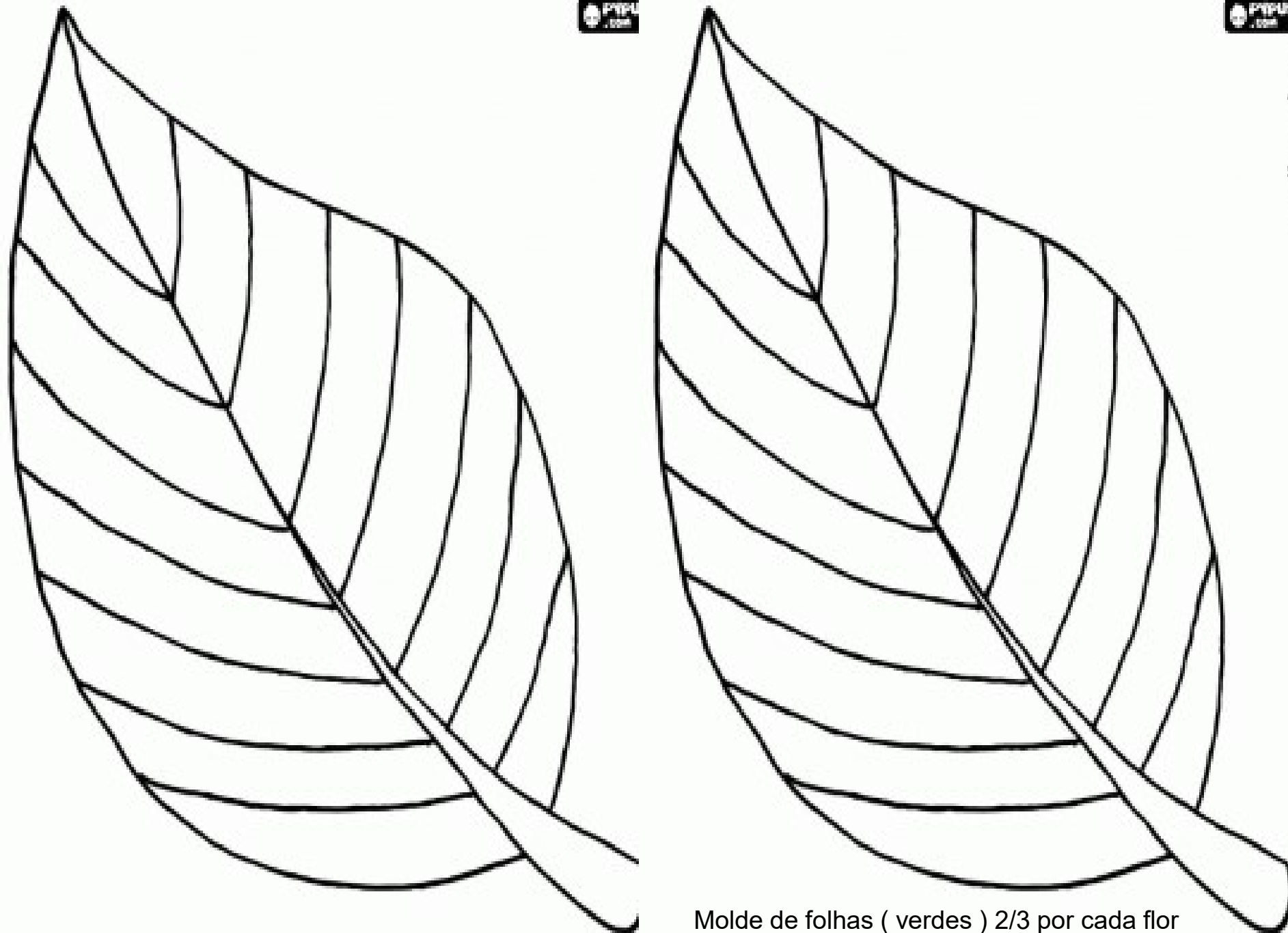
1 disfarce de cigarra

3 Flores com as quadras finais



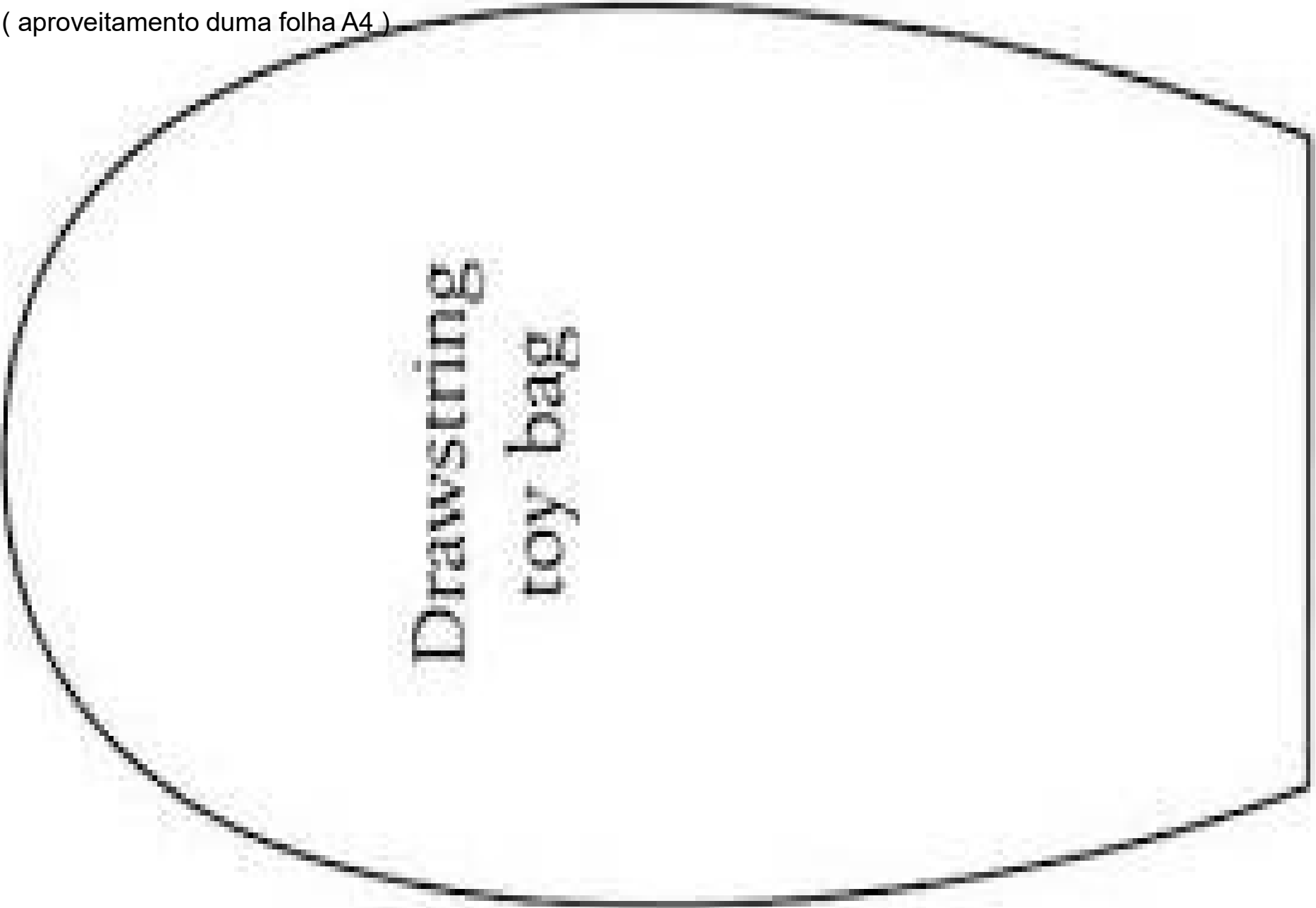
Árvore



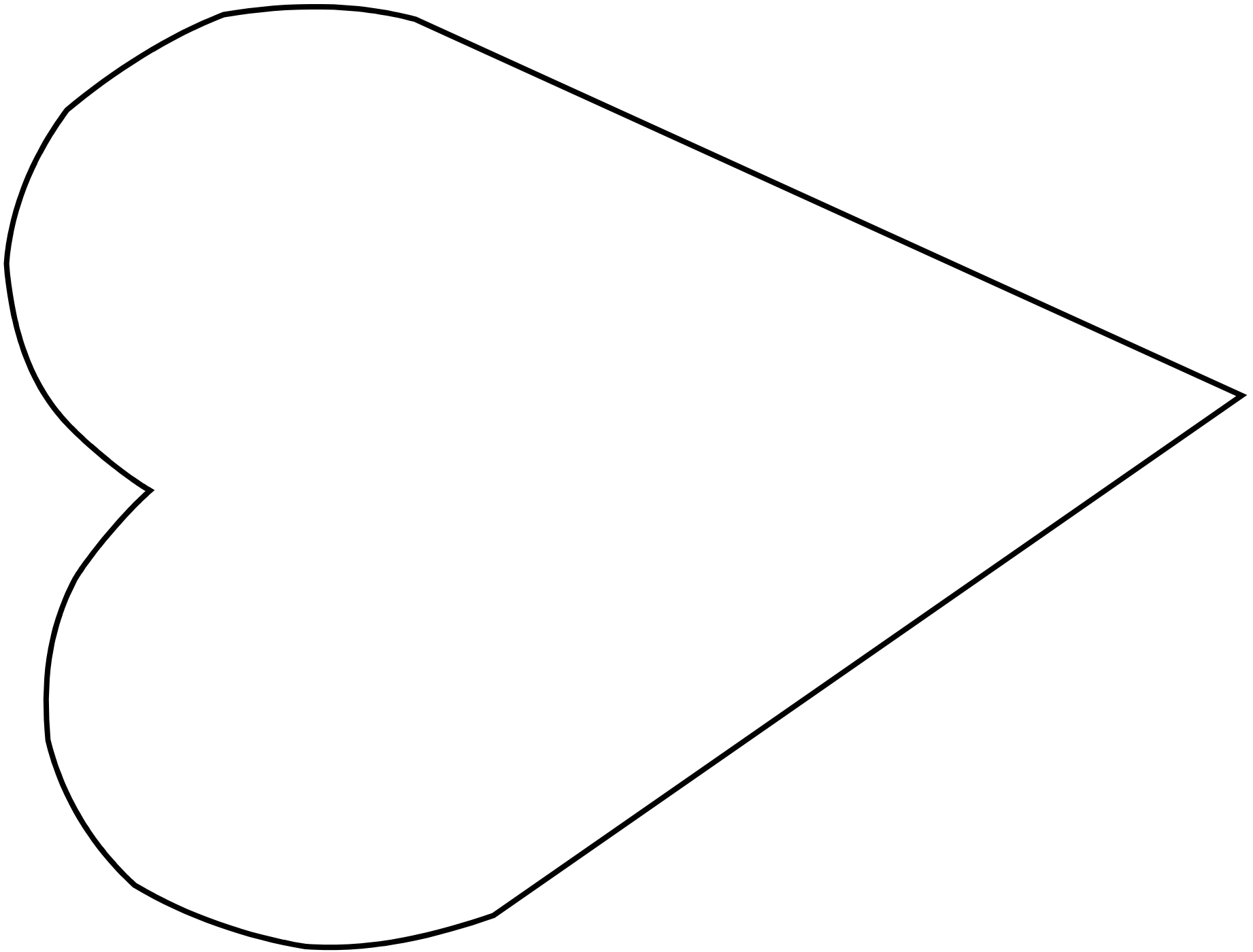


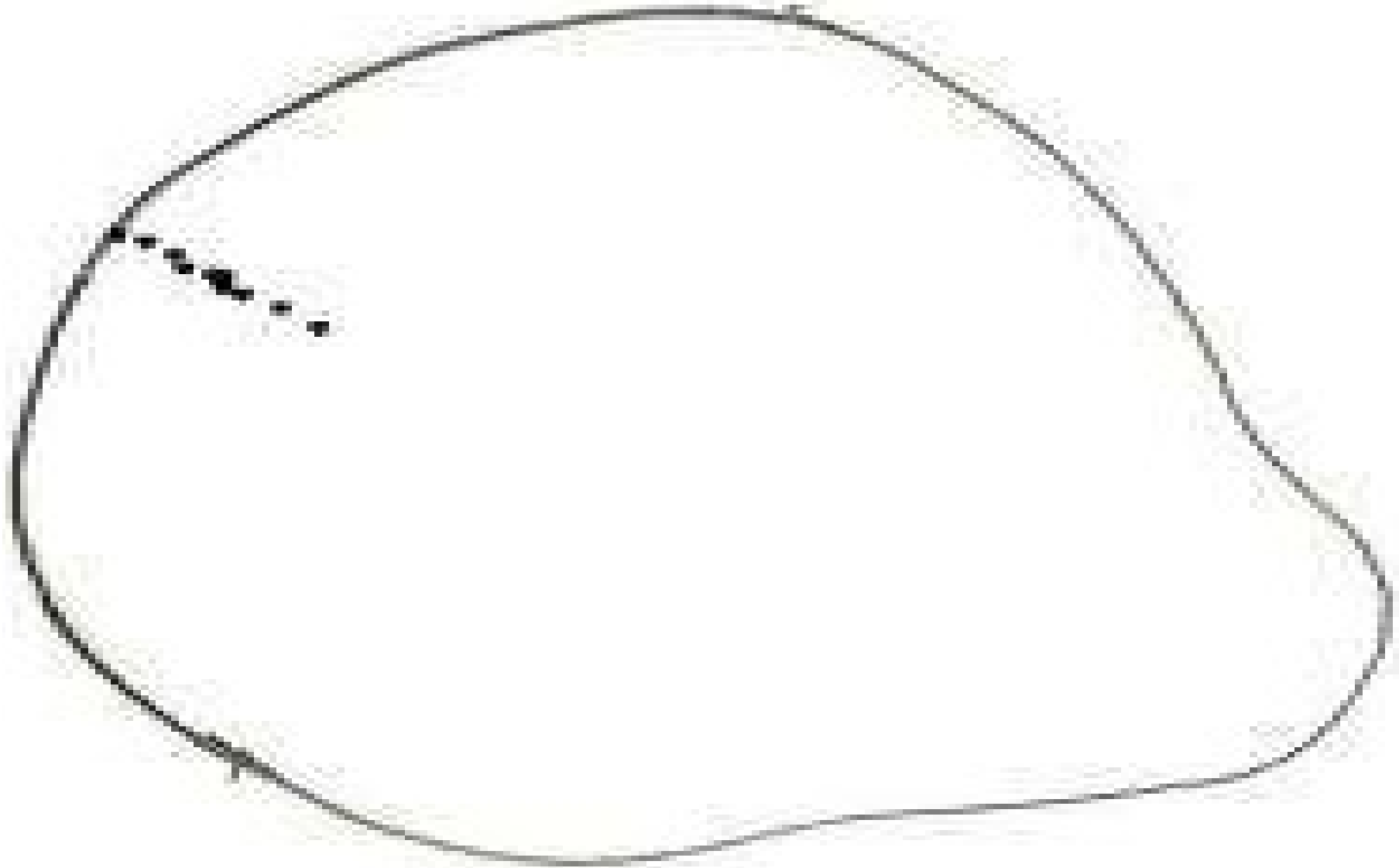
Molde de folhas (verdes) 2/3 por cada flor

10/12 petalas por modelo de 3 cores: Azul, Vermelho e Amarelo, com o tamanho apresentado no modelo
(aproveitamento duma folha A4)



Drawstring
toy bag





Primeiro Acto

Entram 3 formiguinhas umas atrás das outras para recolherem comida para o inverno, Dizendo uma lenga-lenga que expresse o seu cansaço com o trabalho.
Num canto está a Fada sentada com um livro no seu regaço.
Noutro canto está uma cigarra que vai cantando uma melodia alegre (*sem letra*)

Segundo Acto

As 3 formiguinhas estão no seu formigueiro
Num canto está a Fada sentada com um livro no seu regaço.
A cigarra vai bater à porta das formiguinhas para pedir comida e acolhimento
(desenvolve-se um diálogo que começa por ser de confronto, mas a mediação da Fada da Sabedoria vai induzir um entendimento entre as formigas e a cigarra (pondo questões por forma a que entendam que a diversidade deve ser aceite e que até possível aproveitar essas diferenças de forma a criar mais-valias para ambas.

Terceiro Acto

Entram 3 formiguinhas umas atrás das outras para recolherem comida par o inverno,
Num canto está a Fada sentada com um livro no seu regaço.
Noutro canto está uma cigarra que vai cantando uma melodia alegre (com letra)

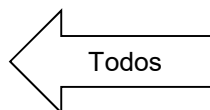
Quarto Acto ?

Criar um evento que pudesse induzir a importância de partilhar a felicidade em comunidade (por exemplo um lanche final que fosse como que a partilha e o festejo pelo sucesso da solução encontrada no final da apresentação)

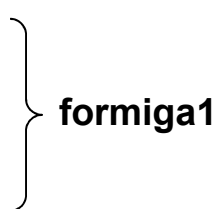
PRIMEIRO ACTO

Formigas (Cenário 1)

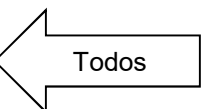
Trabalhar, trabalhar, trabalhar



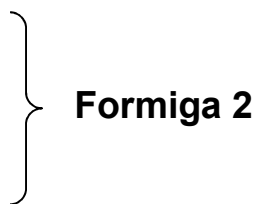
Sem descanso e a toda a hora
E com o corpo a doer
Às vezes eu desanimo,
Mas assim é que deve ser!



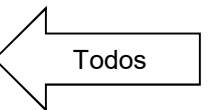
Trabalhar, trabalhar, trabalhar



Eu até penso por vezes
Se tem que ser mesmo assim
Mas sempre me dizem todos
Quem não trabalha é ruim



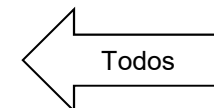
Trabalhar, trabalhar, trabalhar



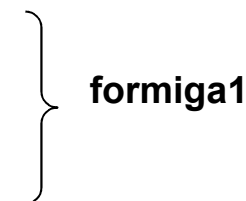
Claro que eu também penso
Se isto tem que ser assim!
Até me ponho a sonhar:
Quero outra vida p'ra mim



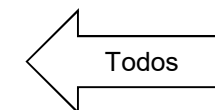
Trabalhar, trabalhar, trabalhar



Esqueçam as fantasias
E já chega de falar,
Não podemos distrair-nos
Vamos mas é trabalhar



Trabalhar, trabalhar, trabalhar



Nota: Vão apanhando alguns alimentos espalhados no chão e levam-nos para o formigueiro.

PRIMEIRO ACTO

Cigarra (Cenário 1)

(Só a melodia sem letra)

Oh Sol e flores

Oh tempo de Verão

Eu sou alegria, eu sou alegria

Na minha canção

Tristezas não quero

Quero ser feliz

E alegrar a todos, alegrar a todos

Deste meu País

E que todos ouçam

E vivam contentes

Eu quero cantar, eu quero cantar

E alegrar as gentes

Música do Malhão, Malhão

Nota: *Vai cantarolando*
Só a melodia sem letra

SEGUNDO ACTO

Formigas e Cigarra (Cenário 2)

Cigarra vai bater à porta do formigueiro (toc,toc,toc)

Formiguinhas – Quem é?

Cigarra – Amigas formiguinhas, sou a Cigarra e venho pedir-vos que me dêem alguma coisinha para comer e me deixem ficar no quentinho da vossa casa, porque estou com muita fome e com muito frio.

Formiguinha – Olha se no Verão tens trabalhado como nós fizemos, e muito nos Custou, agora não tinhas fome. Assim vais ter que passar fome e frio para aprenderes que tens que trabalhar e não seres mandriona no Verão.

Cigarra – Mas formiguinha eu no Verão cantei muito e assim tentava alegrar o ambiente e tornar mais suave o esforço de quem trabalhava.

Formiguinha – Olha que nós nem te ouvimos, de tão empenhadas que estávamos no nosso trabalho, e fica sabendo que era muito duro e cansativo. Mas como somos responsáveis, não tínhamos tempo para as tuas cantorias.

(*Nesta fase da conversa um pouco desagradável, a Fada da Sabedoria, intervem Dizendo*)

Fada da Sabedoria - Venham cá minhas amigas
Sentem-se aqui devagar
E todas com amizade
Podemos então falar

(as formiguinhas e a Cigarra dirigem-se para junto da Fada e sentam-se viradas para ela)

Formiguinhas e Cigarra – *Quem és tu? E que tens para nos dizer?*

Fada da Sabedoria - *Sou uma amiga mais velha
Que aqui está para ajudar
E com calma e carinho
Ajudar-vos a pensar*

Formiguinhas e Cigarra – *Ah!!!!*

(Questionando as formiguinhas)

Fada da Sabedoria - *Vocês têm razão
Por quererem trabalhar
Mas será que a Cigarra
Não trabalha a cantar ?*

*Será que o trabalho manual
Tem que ser um sacrifício?
Ou a Cigarra cantando
Também é igualmente um ofício ?*

Formiguinhas – *Nunca pensámos nisso, e quando estamos a trabalhar nem prestámos atenção que ela estava a cantar.*

Fada da Sabedoria - *Pois queridas formiguinhas
Trabalho não é castigo
E torna-se bem mais fácil
Ouvindo um canto amigo*

Formiguinhas— Então a Fada está a dizer-nos que enquanto trabalhamos podemos ouvir as cantorias da Cigarra e assim tornar o nosso trabalho mais agradável?

Fada da Sabedoria - Bem! O que vos quero dizer
É que podem experimentar
E depois vão decidir
Se podem colaborar

Fazendo o vosso trabalho
Ao som duma melodia
Vão sentir-se mais alegres
E ficar menos cansadas
Quando chega o fim do dia

TERCEIRO ACTO

(Cenário 1)

Formigas – Entram para trabalhar, sem falar e quando a Cigarra entra na segunda quadra, continuam a trabalhar mas vão cantando a melodia (lá,lá,lá).

Cigarra

Há Sol e flores
Há tempo de Verão
Eu sou alegria, eu sou alegria
Na minha canção

Tristezas não quero
Quero ser feliz
E alegrar a todos, alegrar a todos
Deste meu País

E que todos ouçam
E vivam contentes
Eu quero cantar, eu quero cantar
E alegrar as gentes

Nota: Vai cantarolando

Música do Malhão

(As formiguinhas e a Cigarra ,no fim da canção dirigem-se para junto da Fada e sentam-se viradas para ela ,dizendo que tiveram uma ideia para um empreendimento conjunto)

Formiguinhas e Cigarra – Boa tarde Fada

Fada da Sabedoria - Boa tarde, amiguinhas

Formiguinha 1 – Olha viemos dizer-te que tivémos um a ideia para aproveitar as nossas capacidades.

Fada da Sabedoria - Então digam lá, qual é?

Formiguinha 2 – No inverno vamos abrir um restaurante para vender aos outros animais o produto do nosso trabalho que não necessitamos para nos alimentar

Fada da Sabedoria - Ah, sim muito bem, e o que vai fazer a Cigarra?

Formiguinha 3 – Vai ser a nossa atração musical durante as refeições que vamos servir, para assim tornar o ambiente mais alegre, pois para além do trabalho, também devemos ter os nossos momentos de diversão.

Fada da Sabedoria – Sabem fico muito feliz por ver que vos pude ajudar a pensar que todos têm o seu lugar na vida e que as diferenças não são problemas, mas sim uma mais-valia para a vida ser melhor para todos. Muitos parabéns pois mostraram, com a vossa decisão, que o Mundo será cada vez mais um espaço de entendimento e progresso.

Cigarra – E agora para festejar esta nosso empreendimento quero convidar todos os que aqui estão para um lanche que vamos oferecer como prova de que queremos partilhar os nossos êxitos com toda a nossa comunidade.

FECHO

(Cenário 1)

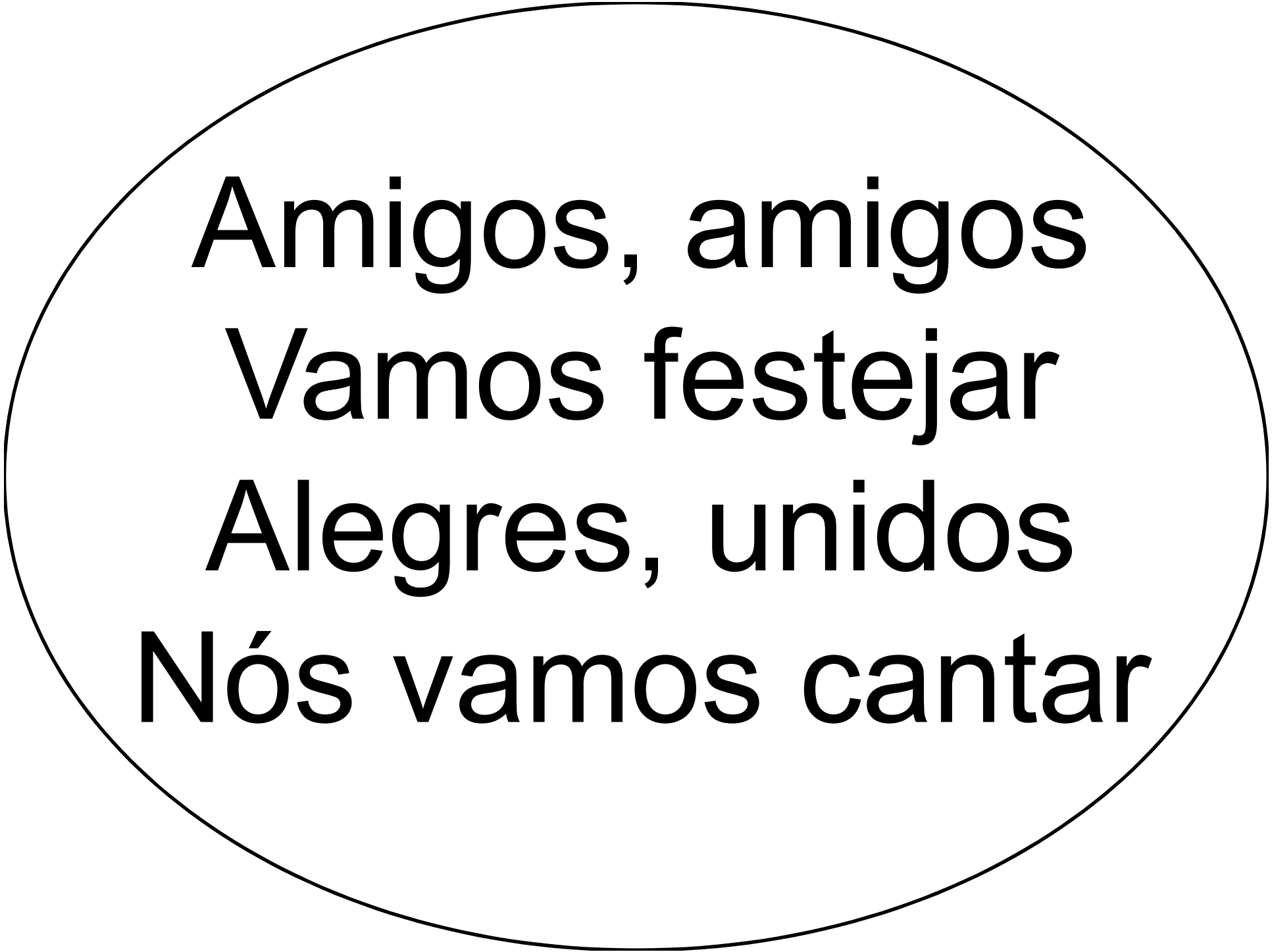
Formigas + Cigarra + Fada – Cantam as seguintes quadras, que vão estar escritas num cartaz de molde a que o público possa também participar, cantando e/ou batendo palmas

Amigos, amigos
Vamos festejar
Alegres, unidos
Nós vamos cantar

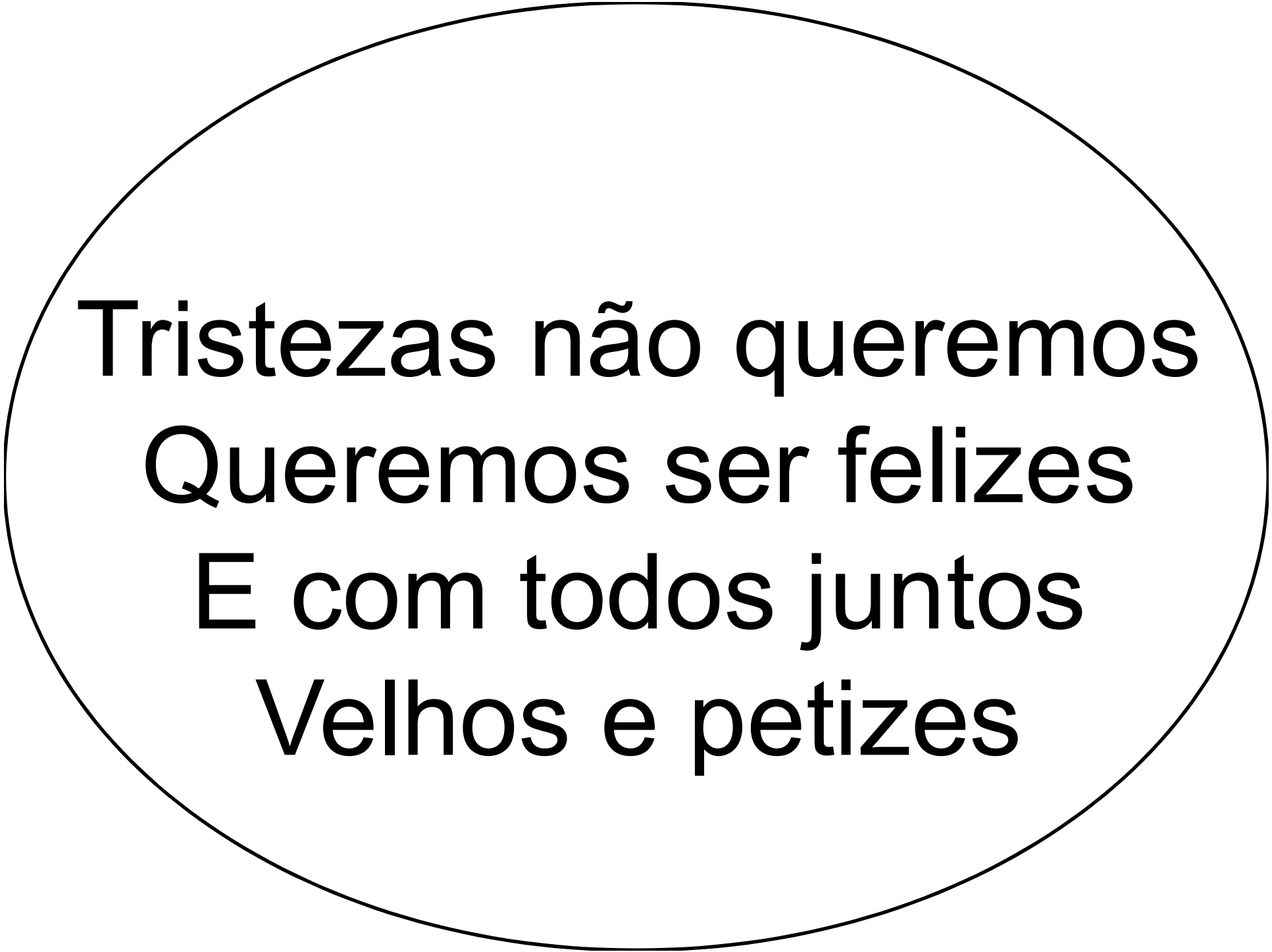
Tristezas não queremos
Queremos ser felizes
E com todos juntos
Velhos e petizes

E que todos ouçam
A nossa alegria
Quer a trabalhar
Quer quando há folia

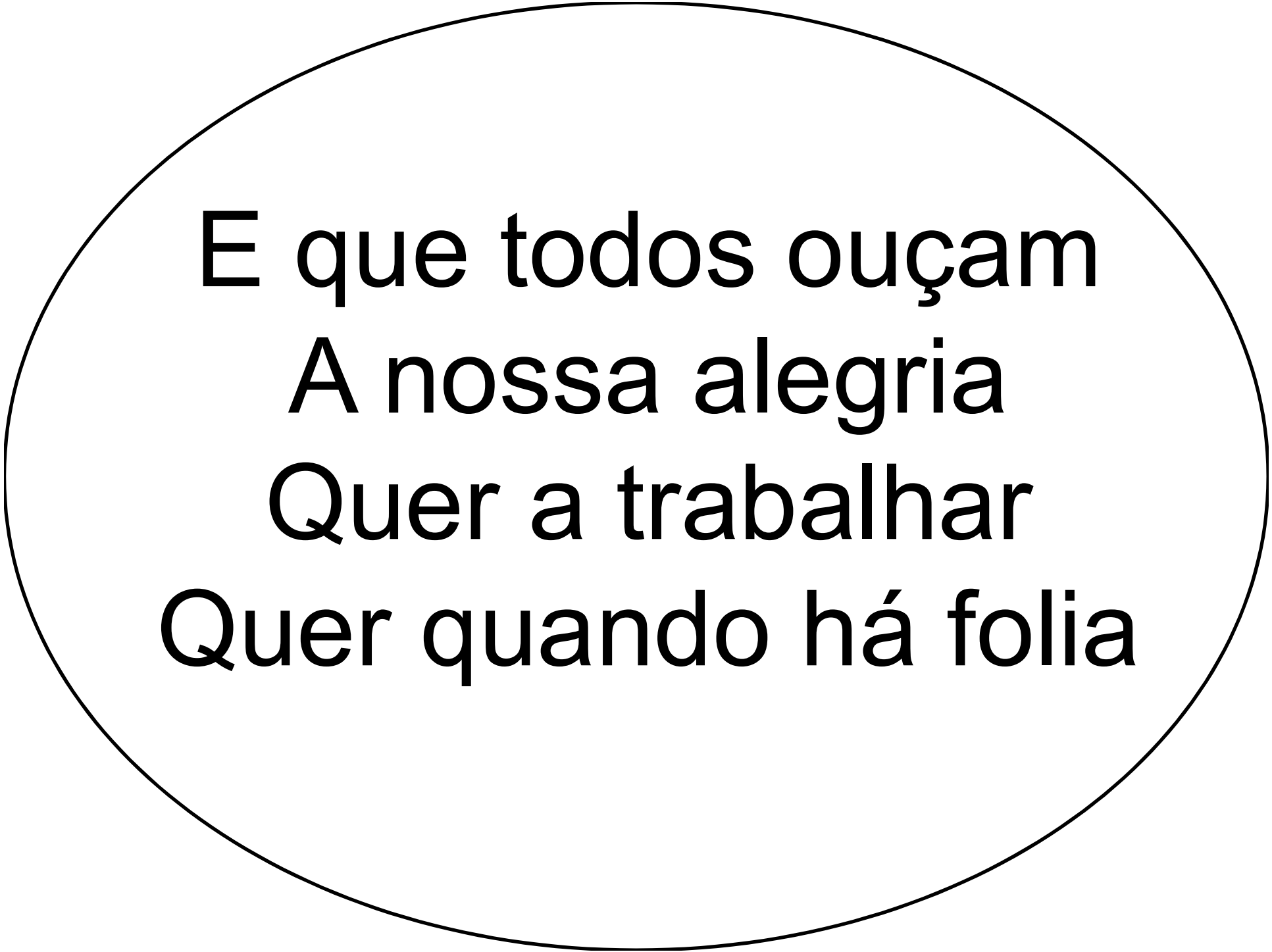
Música do Papagaio Louro



**Amigos, amigos
Vamos festejar
Alegres, unidos
Nós vamos cantar**



Tristezas não queremos
Queremos ser felizes
E com todos juntos
Velhos e petizes



E que todos ouçam
A nossa alegria
Quer a trabalhar
Quer quando há folia

ANEXO 14 - Slogan

DIA DE FEIRA
venha! na escola!
escolha!

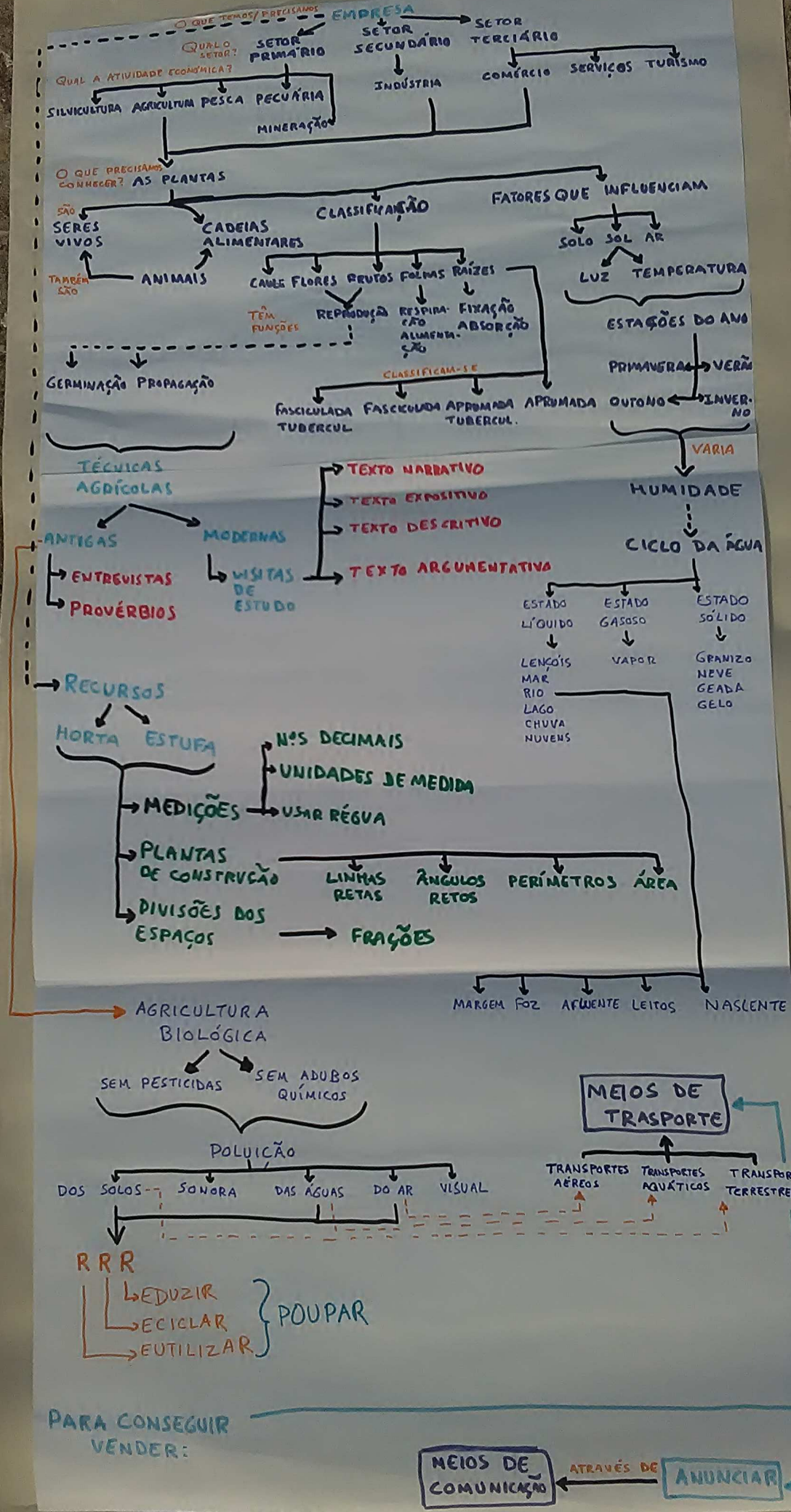
DÊ O QUE QUISER,
SE PUDER!

€ € €



ANEXO 15 - Mapa de Conceitos

MAPA DE CONCEITOS



**ANEXO 16 - Diário de bordo - 14-11-7 - Divulgação do projeto
aos EE**

Diário de Bordo

Data:

Hora:

Redator:

Envolvidos:

Aula:

Contato com EE:

Parceria:

Atividade:

Observação:

Relato:

A apresentação do projeto decorreu na reunião intercalar. Faltaram vários pais por sobreposição de compromissos ou por trabalho, sendo que outros não apresentaram justificação. Os Encarregados de Educação presentes revelaram interesse pela temática na divulgação do projeto. Foram apresentadas as razões do seu surgimento e feita a contextualização da forma de abordagem dos conteúdos.

Relato (continuação):

Aspetos em destaque:

A aparente valorização dos objetivos e preocupações que se encontram espelhados no projeto. O assegurar de conteúdos parecem ter “descansado” os presentes. Alguns elementos demonstraram motivação e ansiedade pelo começo do projeto, após perceberem a dimensão que o mesmo tinha e os ganhos decorrentes para os seus filhos com toda esta dinâmica.

Aprendizagens de grupo:

Aprendizagens individuais:

ANEXO 17 - Diário de bordo - 14-11-11 - Visita do Prof. Manuel

Diário de Bordo

Data: 11/11/2014

Hora: 10 h: 30 min

Redator: Rui Ferreira

Envolvidos: Prof. Manuel (Prof. de Artes Cénicas da Ass. Sobral Sénior)

Aula:

Contato com EE:

Parceria:

Atividade:

Observação:

Relato:

O professor visitou a escola para a conhecer e para conhecer o espaço onde se iria realizar a peça adaptada da fábula da cigarra e da formiga.

Levou imagens que serviam de base à construção dos cenários necessários à dramatização da adaptação.

Indicou as personagens que estariam envolvidas, e o número de elementos da associação que participariam e, conseqüentemente, o número de alunos que seria necessário selecionar.

Relato (continuação):

Aspetos em destaque:

A celeridade na elaboração da adaptação (passaram muito poucos dias) e o interesse na apresentação das suas ideias para essa adaptação, deixaram transparecer claramente a sua motivação e empenho na tarefa solicitada no âmbito da parceria.

Aprendizagens de grupo:

Aprendizagens individuais:

**ANEXO 18 - Diário de bordo - 14-11-20 e 21 - Eleição dos chefes
das equipas de trabalho**

Diário de Bordo

Data: 20 e 21/11/2014

Hora: 17h e 9 h

Redator: Rui Ferreira

Envolvidos: Turma B da EB de Pero Negro

Aula:

Contato com EE:

Parceria:

Atividade:

Observação:

Relato:

Os alunos lembraram, em Assembleia de Turma, quais as exigências e responsabilidades e, logo, a importância de ter um bom chefe de equipa de trabalho.

Foi indicado e garantido (pois solicitaram expressamente uma oportunidade) que todos poderiam ter a oportunidade de vir a ser chefe de equipa, na medida em que todos iriam a votação e, se não no começo, mais tarde, pois tratar-se-á de um cargo rotativo no seio de cada equipa, dependendo apenas de cada equipa, reconhecer a cada elemento o momento do desenvolvimento da maturidade e responsabilidade necessárias ao papel em questão.

Passou-se à votação por voto secreto.

Relato (continuação):

Aspetos em destaque:

A eleição de um aluno do REE como chefe de grupo, reconhecendo o seu esforço e perfil em mudança como aspetos mais importantes do que as suas dificuldades de aprendizagem. A frustração/tristeza do aluno 19, a quem lhe é reconhecida responsabilidade, por não ter sido escolhido.

Aprendizagens de grupo:

O aumento da valorização dos perfis certos para o cargo, pondo de lado as amizades, no momento da votação. A valorização da retidão e da justiça, associadas à responsabilidade, como fatores preponderantes no momento da escolha, lembrando que as ações dos chefes terão reflexos em cada equipa.

Aprendizagens individuais:

O lidar com a frustração de não ser escolhido, tendo de identificar as razões para ainda não o ter sido, bem como aspetos que já possui e que são considerados como vantajosos na sua personalidade.

**ANEXO 19 - Diário de bordo - 15-01-15 - Mudança de traços
pessoais**

Diário de Bordo

Data: 15/01/2015

Hora: 16 h: 00 min

Redator: Rui Ferreira

Envolvidos: Turma B da EB de Pero Negro

Aula: Contato com EE: Parceria:

Atividade: Observação:

Relato:

Após vários dias de conflito com a chefia, devido ao seu carácter desorganizado e algo indolente, mas também devido ao seu perfil desafiador e insubordinado, o aluno 14 passou o dia em picardias com os chefes das equipas de trabalho, sobretudo a aluna 13, que é naturalmente tímida e apenas em círculos pessoais assume papéis de liderança. Ao final do dia, a aluna que nos dias anteriores vinha a ser instigada pelo professor para fazer uso de todos os meios à sua disposição para disciplinar o aluno 14, "explodiu" levantou o tom de voz e justificando com as suas falhas de carácter e a sua teimosia, apontou-lhe a responsabilidade das penalizações que a equipa vinha a sofrer e, de tal modo imperativo que o aluno não teve como refutar,

Relato (continuação):

acabando por acatar as ordens e não perturbando mais durante o resto da aula.

Aspetos em destaque:

A postura contranatura de assumir a liderança por parte da aluna 13, justificada pela defesa das avaliações da equipa e individual, face ao prejuízo constante provocado pela atitude do aluno 8.

Aprendizagens de grupo:

Aprendizagens individuais:

O desenvolvimento da capacidade de assumir uma postura de liderança aquando do desempenho do cargo de chefia, onde se exige responsabilidade aliada à disciplina.

**ANEXO 20 - Diário de bordo - 15-01-16 - Primeiros ajustes nas
equipas**

Diário de Bordo

Data: 16/01/2015

Hora: 14 h: 00 min

Redator: Rui Ferreira

Envolvidos: Turma B da EB de Pero Negro

Aula:

Contato com EE:

Parceria:

Atividade:

Observação:

Relato:

Após um período a funcionar em equipas, surgiu a necessidade de aferir o funcionamento e se necessário mudanças nos grupos (chefes ou elementos que os compunham). Foram discutidas em grupos atitudes mais positivas e atitudes prejudiciais de cada elemento, enquanto chefe e enquanto membros das equipas, de acordo com o seu desempenho e comportamento. Num dos grupos, liderados pela aluna 13 durante este período, salientou-se a postura da aluna (habitualmente tímida e que muito contra vontade assumiu e conduziu a sua equipa de trabalho), instalou-se a discussão com o aluno 8 que a acusava de excesso de zelo no cumprimento das regras. Nesse momento, a aluna assumiu uma postura crítica, justificando as

Relato (continuação):

suas decisões com as atitudes do aluno que a desgastaram e prejudicaram toda a equipa e ele próprio e fê-lo já exaltada perante a sua indiferença, com uma tal convicção que o aluno concordou e acabou por acatar as ordens e não perturbando mais durante o resto da aula.

Aspetos em destaque:

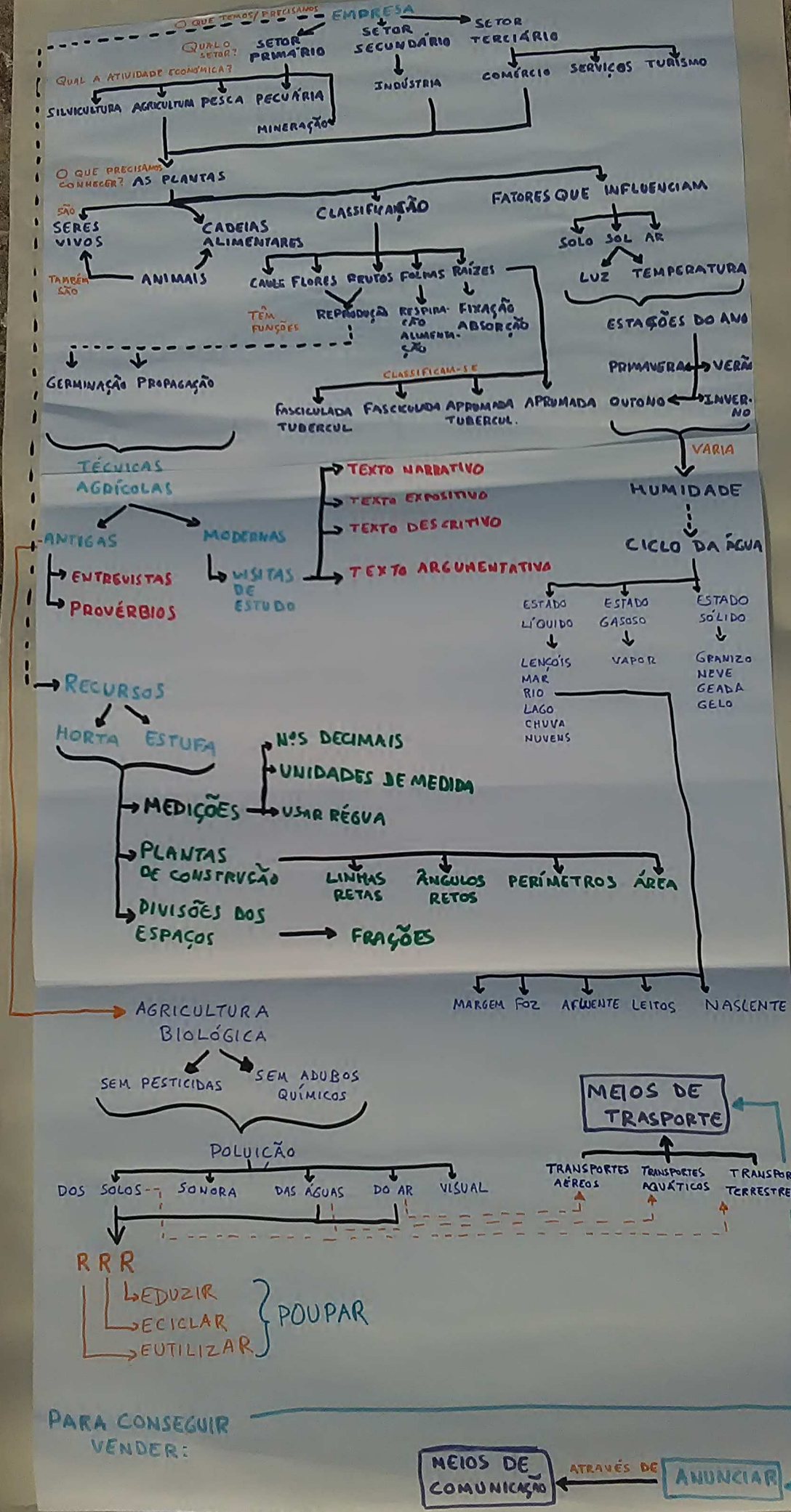
A postura contranatura de assumir a liderança, por parte da aluna 13, justificada pela defesa das avaliações da equipa e individual, face ao prejuízo constante provocado pela atitude do aluno 8.

Aprendizagens de grupo:

Aprendizagens individuais:

O desenvolvimento da capacidade de assumir uma postura de liderança aquando do desempenho do cargo de chefia, onde se exige responsabilidade aliada à disciplina.

MAPA DE CONCEITOS



ANEXO 21 - Levantamento de dados do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras Inicial



Projeto E.L.F. - 2014/15

Empreendedorismo e Literacia Financeira

Teste de Empreendedorismo - Levantamento de dados

Independência		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Aborreço-me quando tentam mandar em mim	8	17	9
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Por vezes chamam-me teimoso	14	15	4
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Gosto de tomar a iniciativa	6	14	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Gosto de estar só	10	14	10
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Gosto de responsabilidades	8	6	20
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho	3	18	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Criatividade		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Tenho capacidade de pensar em soluções para os meus problemas	4	24	8
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Olho para os meus problemas como obstáculos a vencer	3	15	15
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Tenho muita imaginação e ideias diferentes das outras pessoas	9	15	9
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Sou curioso	5	9	23
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Utilizo, com frequência, objetos comuns de forma diferente do habitual	13	8	10
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Experimento fazer as coisas de diversas maneiras	9	16	7
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Capacidade de risco		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de descobrir coisas novas e diferentes para fazer e para poder aprender com isso	2	9	19
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Adoro a aventura e gosto de viver com intensidade	6	12	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Tento aproveitar todas as oportunidades	3	11	16
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Acho que quem corre riscos consegue ter mais sucesso	9	12	11
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Estou pronto a enfrentar obstáculos para conseguir algo em que acredito	3	10	18
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Para aprender coisas novas, muitas vezes, estudo assuntos que não conheço	4	18	10
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Autodisciplina		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Termino o que começo, mesmo que seja complicado	5	17	9
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Pensar num projeto aborreço-me	11	8	9
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Tenho uma boa capacidade de concentração	5	13	12
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Quando quero fazer qualquer coisa, penso nas consequências do que vou fazer	4	14	12
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Quando erro, penso nisso para poder melhorar	6	8	16
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Sou motivado e quero ser bem sucedido	6	7	18
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

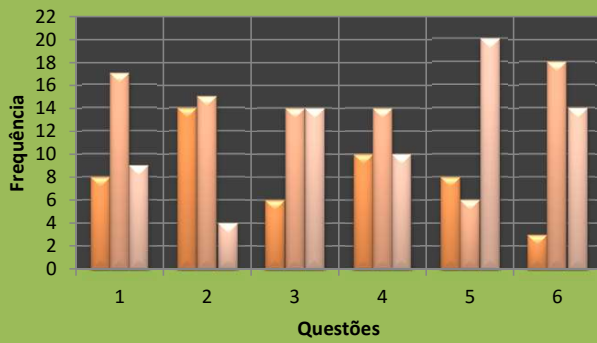
Motivações		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário	8	14	8
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Sou ambicioso e às vezes tento fazer o impossível	4	17	8
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Sou corajoso	2	7	22
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Sou empenhado	6	12	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Sou otimista	3	14	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Sou responsável	3	8	21
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Autoconfiança		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de mim próprio	2	9	24
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Tenho confiança naquilo que faço	2	15	16
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Sou capaz de enfrentar qualquer situação		15	17
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Luto por aquilo que quero	2	10	17
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Aceito, de boa vontade, um elogio	3	7	22
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Aceito desafios	2	10	20
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Teste de Empreendedorismo - Registo Gráfico de dados

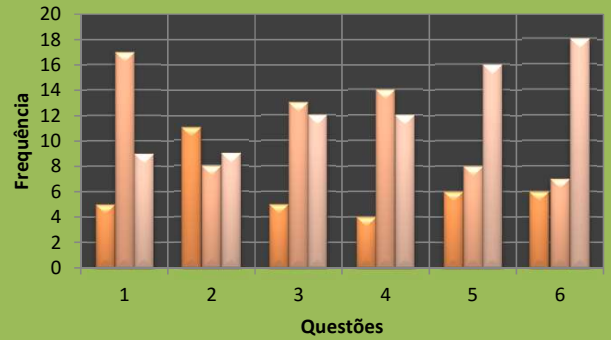
Independência

■ Quase nunca ■ Às vezes ■ Quase sempre



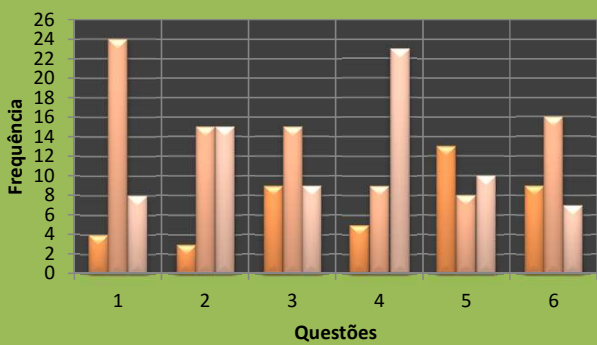
Autodisciplina

■ Quase nunca ■ Às vezes ■ Quase sempre



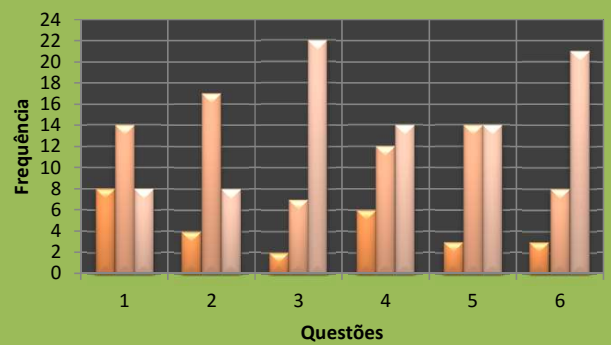
Criatividade

■ Quase nunca ■ Às vezes ■ Quase sempre



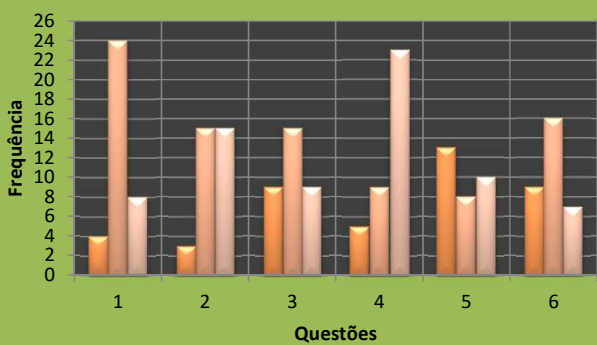
Motivações

■ Quase nunca ■ Às vezes ■ Quase sempre



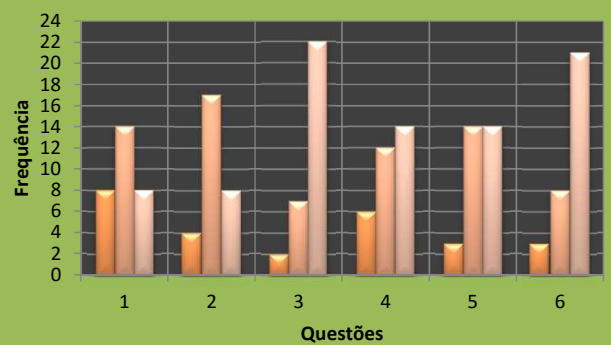
Capacidade de risco

■ Quase nunca ■ Às vezes ■ Quase sempre



Autoconfiança

■ Quase nunca ■ Às vezes ■ Quase sempre



Teste de Empreendedorismo - Tratamento de dados

Criatividade	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	8,17	14,00	11,83
Desvio Padrão	3,39	3,87	4,98
Distorção	0,33	-1,65	0,10

Motivações	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	6,17	11,17	12,67
Desvio Padrão	2,27	3,72	3,35
Envieçamento	1,95	0,41	0,54

Capacidade de risco	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	7,17	14,50	12,00
Desvio Padrão	3,48	5,25	5,54
Envieçamento	0,52	0,66	1,52

Autoconfiança	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	4,33	12,00	14,50
Desvio Padrão	2,05	3,51	5,53
Envieçamento	0,96	-0,25	0,20

Capacidade de risco	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	4,50	12,00	14,67
Desvio Padrão	2,36	2,89	3,35
Envieçamento	1,25	1,71	-0,18

Autoconfiança	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	2,20	11,00	19,33
Desvio Padrão	0,40	3,00	2,92
Envieçamento	2,24	0,46	0,53

**ANEXO 22 - Levantamento de dados do Questionário de
Determinação das Capacidades Empreendedoras Final**



Projeto E.L.F. - 2014/15

Empreendedorismo e Literacia Financeira

Teste de Empreendedorismo - Levantamento de dados

Independência		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Aborreço-me quando tentam mandar em mim	7	19	9
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Por vezes chamam-me teimoso	15	14	7
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Gosto de tomar a iniciativa	3	13	19
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Gosto de estar só	19	8	6
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Gosto de responsabilidades	4	12	20
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho	3	15	18
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Autodisciplina		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Termino o que começo, mesmo que seja complicado	4	16	15
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Pensar num projeto aborrece-me	20	7	5
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Tenho uma boa capacidade de concentração	6	17	12
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Quando quero fazer qualquer coisa, penso nas consequências do que vou fazer	11	13	10
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Quando erro, penso nisso para poder melhorar	6	10	19
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Sou motivado e quero ser bem sucedido	1	8	25
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Criatividade		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Tenho capacidade de pensar em soluções para os meus problemas	4	16	16
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Olho para os meus problemas como obstáculos a vencer	5	12	18
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Tenho muita imaginação e ideias diferentes das outras pessoas	4	16	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Sou curioso	2	8	25
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Utilizo, com frequência, objetos comuns de forma diferente do habitual	7	16	12
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Experimento fazer as coisas de diversas maneiras	4	14	17
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

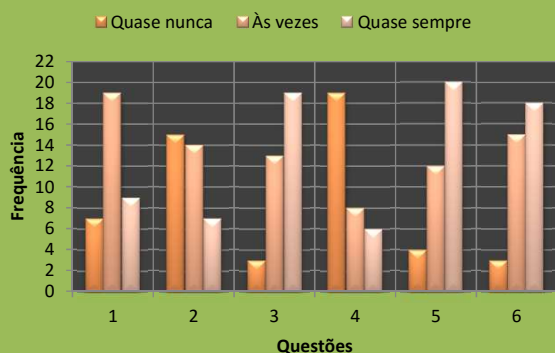
Motivações		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário	5	13	16
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Sou ambicioso e às vezes tento fazer o impossível	6	13	15
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Sou corajoso	3	13	18
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Sou empenhado	2	20	12
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Sou otimista	5	15	13
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Sou responsável	5	10	19
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Capacidade de risco		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de descobrir coisas novas e diferentes para fazer e para poder aprender com isso	1	11	24
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Adoro a aventura e gosto de viver com intensidade	1	11	24
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Tento aproveitar todas as oportunidades	1	11	24
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Acho que quem corre riscos consegue ter mais sucesso	12	12	11
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Estou pronto a enfrentar obstáculos para conseguir algo em que acredito	4	9	23
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Para aprender coisas novas, muitas vezes, estudo assuntos que não conheço	6	16	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

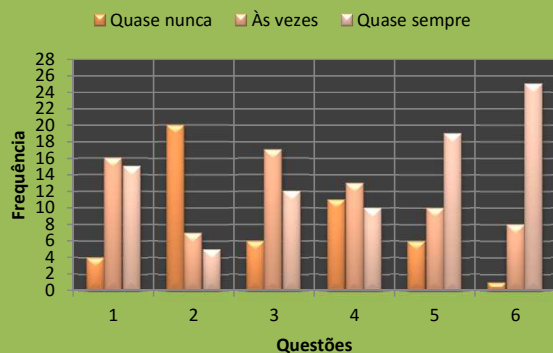
Autoconfiança		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de mim próprio	2	8	25
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Tenho confiança naquilo que faço		16	19
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Sou capaz de enfrentar qualquer situação	1	23	10
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Luto por aquilo que quero	2	8	25
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Aceito, de boa vontade, um elogio	1	13	21
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Aceito desafios	3	13	19
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Teste de Empreendedorismo - Registo Gráfico de dados

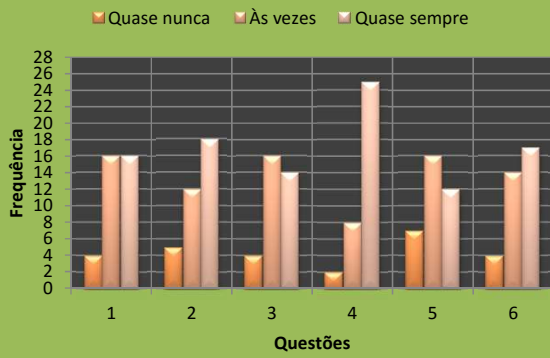
Independência



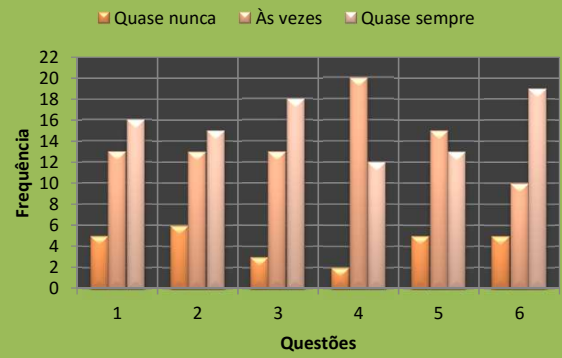
Autodisciplina



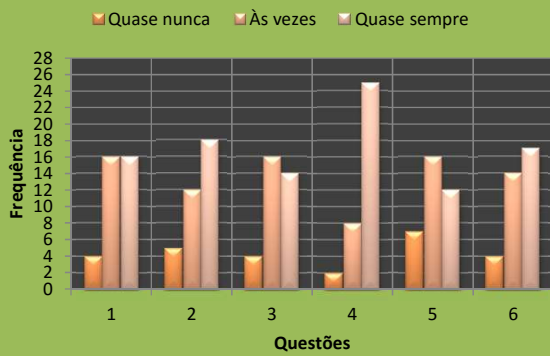
Criatividade



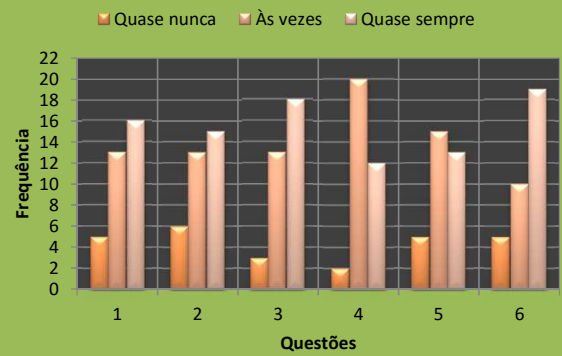
Motivações



Capacidade de risco



Autoconfiança



Teste de Empreendedorismo - Tratamento de dados

Criatividade	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	8,50	13,50	13,17
Desvio Padrão	6,26	3,30	5,93
Distorção	0,93	0,00	-0,05

Motivações	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	8,00	11,83	14,33
Desvio Padrão	6,14	3,80	6,42
Enviezamento	1,31	0,15	0,35

Capacidade de risco	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	4,33	13,67	17,00
Desvio Padrão	1,49	2,92	4,08
Enviezamento	0,44	-1,35	1,21

Autoconfiança	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	4,33	14,00	15,50
Desvio Padrão	1,37	3,06	2,50
Enviezamento	-0,84	1,20	0,00

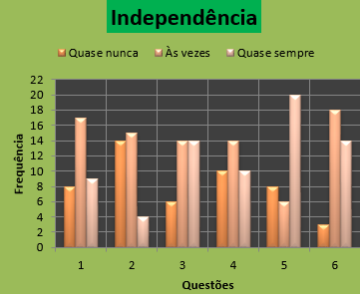
Capacidade de risco	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	4,17	11,67	20,00
Desvio Padrão	3,98	2,13	5,39
Enviezamento	1,42	1,44	-1,06

Autoconfiança	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	1,80	13,50	19,83
Desvio Padrão	0,75	5,12	5,05
Enviezamento	0,51	0,92	-1,20

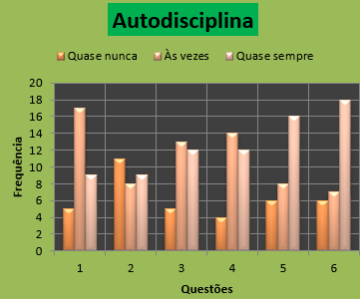
**ANEXO 23 - Comparação dos Resultados dos Questionário de
Determinação das Capacidades Empreendedoras**

Resultados do 1.º Teste

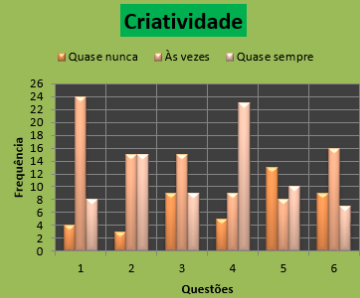
Independência		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Aborrego-me quando tentam mandar em mim	8	17	9
2	Por vezes chamam-me teimoso	14	15	4
3	Gosto de tomar a iniciativa	6	14	14
4	Gosto de estar só	10	14	10
5	Gosto de responsabilidades	8	6	20
6	Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho	3	18	14



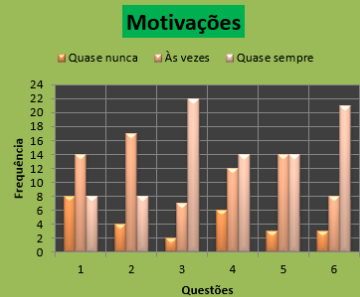
Autodisciplina		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Termino o que começo, mesmo que seja complicado	5	17	9
2	Pensar num projeto aborrece-me	11	8	9
3	Tenho uma boa capacidade de concentração	5	13	12
4	Quando quero fazer qualquer coisa, penso nas consequências do que vou fazer	4	14	12
5	Quando erro, penso nisso para poder melhorar	6	8	16
6	Sou motivado e quero ser bem sucedido	6	7	18



Criatividade		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Tenho capacidade de pensar em soluções para os meus problemas	4	24	8
2	Olho para os meus problemas como obstáculos a vencer	3	15	15
3	Tenho muita imaginação e ideias diferentes das outras pessoas	9	15	9
4	Sou curioso	5	9	23
5	Utilizo, com frequência, objetos comuns de forma diferente do habitual	13	8	10
6	Experimento fazer as coisas de diversas maneiras	9	16	7

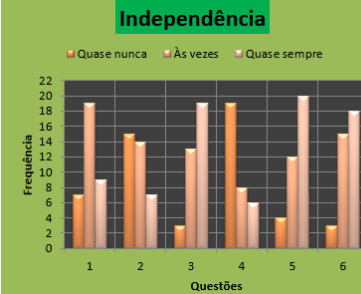


Motivações		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário	8	14	8
2	Sou ambicioso e às vezes tento fazer o impossível	4	17	8
3	Sou corajoso	2	7	22
4	Sou empenhado	6	12	14
5	Sou otimista	3	14	14
6	Sou responsável	3	8	21

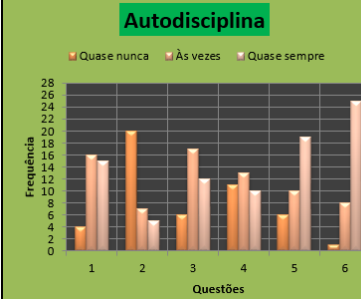


Resultados do 2.º Teste

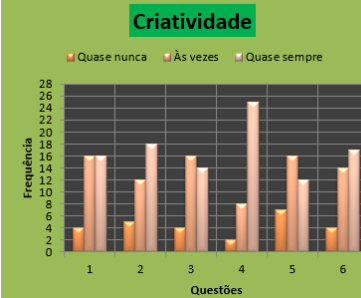
Independência		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Aborrego-me quando tentam mandar em mim	7	19	9
2	Por vezes chamam-me teimoso	15	14	7
3	Gosto de tomar a iniciativa	3	13	19
4	Gosto de estar só	19	8	6
5	Gosto de responsabilidades	4	12	20
6	Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho	3	15	18



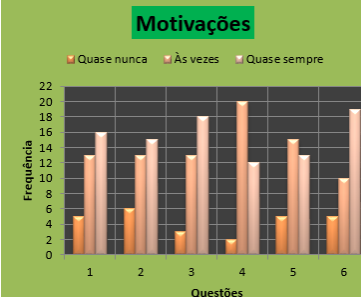
Autodisciplina		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Termino o que começo, mesmo que seja complicado	4	16	15
2	Pensar num projeto aborrece-me	20	7	5
3	Tenho uma boa capacidade de concentração	6	17	12
4	Quando quero fazer qualquer coisa, penso nas consequências do que vou fazer	11	13	10
5	Quando erro, penso nisso para poder melhorar	6	10	19
6	Sou motivado e quero ser bem sucedido	1	8	25



Criatividade		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Tenho capacidade de pensar em soluções para os meus problemas	4	16	16
2	Olho para os meus problemas como obstáculos a vencer	5	12	18
3	Tenho muita imaginação e ideias diferentes das outras pessoas	4	16	14
4	Sou curioso	2	8	25
5	Utilizo, com frequência, objetos comuns de forma diferente do habitual	7	16	12
6	Experimento fazer as coisas de diversas maneiras	4	14	17



Motivações		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário	5	13	16
2	Sou ambicioso e às vezes tento fazer o impossível	6	13	15
3	Sou corajoso	3	13	18
4	Sou empenhado	2	20	12
5	Sou otimista	5	15	13
6	Sou responsável	5	10	19



Comparações/Considerações

Aumento dos indicadores da **independência**, com destaque para:
 - *persistência* (teimosia);
 - *iniciativa*;
 - *resiliência* na resolução de problemas.

Manutenção do gosto pela *responsabilidade*

Diminuição no indicador relativo ao *isolamento*, provavelmente decorrente do tempo passado a trabalhar em equipa.

Aumento dos indicadores da **autodisciplina**, com destaque para:
 - *resiliência* na conclusão de tarefas;
 - *motivação* e desejo de *sucesso*;
 - *assumção de riscos* com perspectiva de aprender e melhorar;
 - *planeamento* (pensar em projetos).

Manutenção da *concentração*

Aumento dos indicadores da **criatividade**, com destaque para:
 - *resiliência* na superação de obstáculos;
 - *criatividade* (imaginação e inovação);
 - *curiosidade*.

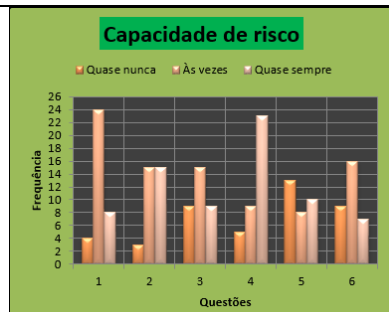
No entanto, diminuição no indicador relativo à capacidade de chegar a soluções para resolução de problemas (*criatividade*).

Aumento dos indicadores da **motivações**, com destaque para:
 - *persistência* (fixação de ideias);
 - *ambição* e *coragem*;
 - *resiliência* na resolução de problemas.

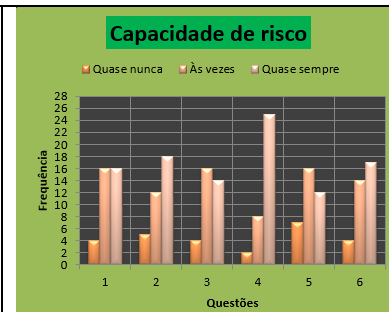
Manutenção da capacidade de ter perspetivas positivas (*otimismo*).

Diminuição nos indicadores relativos ao *empenho* e à *responsabilidade*.

Capacidade de risco		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de descobrir coisas novas e diferentes para fazer e para poder aprender com isso	2	9	19
2	Adoro a aventura e gosto de viver com intensidade	6	12	14
3	Tento aproveitar todas as oportunidades	3	11	16
4	Acho que quem corre riscos consegue ter mais sucesso	9	12	11
5	Estou pronto a enfrentar obstáculos para conseguir algo em que acredito	3	10	18
6	Para aprender coisas novas, muitas vezes, estudo assuntos que não conheço	4	18	10



Capacidade de risco		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de descobrir coisas novas e diferentes para fazer e para poder aprender com isso	1	11	24
2	Adoro a aventura e gosto de viver com intensidade	1	11	24
3	Tento aproveitar todas as oportunidades	1	11	24
4	Acho que quem corre riscos consegue ter mais sucesso	12	12	11
5	Estou pronto a enfrentar obstáculos para conseguir algo em que acredito	4	9	23
6	Para aprender coisas novas, muitas vezes, estudo assuntos que não conheço	6	16	14

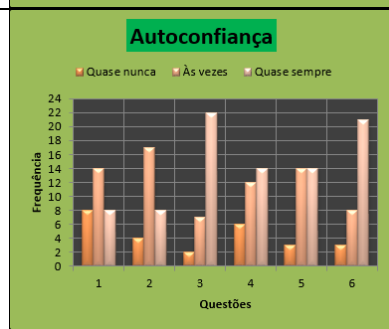


Aumento dos indicadores da **capacidade de risco**, com destaque para:

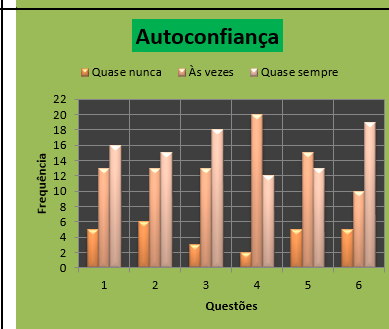
- *descoberta* (para realização de aprendizagens novas, trilhar outros percursos,...);
- *oportunismo*;
- *resiliência* perante obstáculos.

Manutenção no reconhecimento da ligação entre a *assumpção de riscos* e o *sucesso*.

Autoconfiança		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de mim próprio	2	9	24
2	Tenho confiança naquilo que faço	2	15	16
3	Sou capaz de enfrentar qualquer situação	1	15	17
4	Luto por aquilo que quero	2	10	17
5	Aceito, de boa vontade, um elogio	3	7	22
6	Aceito desafios	2	10	20



Autoconfiança		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de mim próprio	2	8	25
2	Tenho confiança naquilo que faço	1	16	19
3	Sou capaz de enfrentar qualquer situação	1	23	10
4	Luto por aquilo que quero	2	8	25
5	Aceito, de boa vontade, um elogio	1	13	21
6	Aceito desafios	3	13	19



Aumento dos indicadores da **autoconfiança**, com destaque para:

- *autoestima*;
- *autoconfiança*;
- *resiliência* na para atingir os objetivos.

Manutenção da aceitação de *elogios* e *desafios*.

Diminuição no indicador relativo à *autoconfiança* num cenário de ter de enfrentar qualquer situação.

**ANEXO 24 - Questionário sobre a Aplicação do Projeto E.L.F.
para professores**

No final deste *workshop*, agradecemos que preencha este breve questionário e nos dê a sua opinião.

Em que grupo escolar leciona?

Pré-Escolar 1.º Ciclo 2.º Ciclo 3.º Ciclo Secundário Outros

1 – Acha o tema do *workshop* pertinente? Sim Não

2 – Trabalhar este tema em sala de aula é uma mais valia para o futuro dos seus alunos? Sim Não

3 – Este tipo de projeto poderá contribuir para o desenvolvimento e coesão social da comunidade onde leciona?

Sim Não

4 – Gostaria de participar na implementação dum projeto deste tipo no seu agrupamento? Sim Não

5 – Acha que necessita de mais formação sobre o tema tratado? Sim Não

6 – Achou este *workshop* útil? Sim Não

7 – Qual a dimensão do projeto que achou mais interessante? (Numere de 1 a 6, sendo 1 a dimensão mais interessante)

- Articulação curricular;
- Articulação com a comunidade;
- Participação ativa das famílias;
- Desenvolvimento social dos alunos;
- Valorização do papel da escola;
- Autonomia nas dinâmicas de grupo

8 – Sugestões e comentários

Obrigado!

**ANEXO 25 - Levantamento de dados do Questionário sobre a
Aplicação do Projeto E.L.F. para professores**



Projeto E.L.F. - 2014/15

Empreendedorismo e Literacia Financeira

Workshop em Empreendedorismo - Levantamento de dados

Grupos/Ciclos escolares dos participantes	Frequência
Educação Pré-Escolar	5
1.º Ciclo	
2.º Ciclo	14
3.º Ciclo	16
Secundário	
Outros	2

Questão	Sim	Não
1 Acha o tema do Workshop pertinente?	31	1

Questão	Sim	Não
2 Trabalhar este tema em sala de aula é uma mais valia para o futuro dos alunos?	36	

Questão	Sim	Não
3 Este tipo de projeto poderá contribuir para o desenvolvimento e coesão social da comunidade onde leciona?	27	7

Questão	Sim	Não
4 Gostaria de participar na implementação dum projeto deste tipo no seu agrupamento?	24	8

Questão	Sim	Não
5 Acha que necessita de mais formação sobre o tema tratado?	22	10

Questão	Sim	Não
6 Achou este workshop útil?	32	2

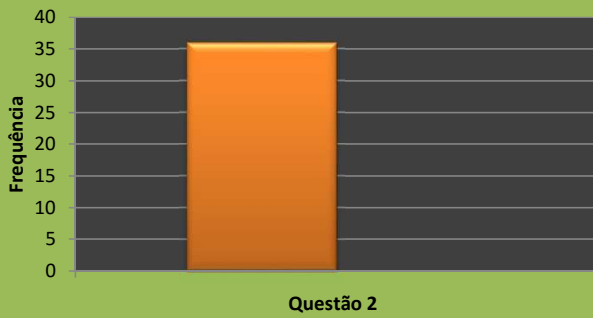
Questão	Prioridade	1 2 3 4 5 6					
		7 Qual a dimensão do projeto que achou mais interessante?	Articulação Curricular	1	5	1	9
	Articulação com a comunidade	3		4	5	7	5
	Participação ativa das famílias	1	2	3	6	5	8
	Desenvolvimento social dos alunos	10	8	4	1	2	
	Valorização do papel da escola	4	6	6	3	6	3
	Autonomia das dinâmicas de grupo	6	4	7	1	6	1

Workshop em Empreendedorismo - Registo Gráfico de dados



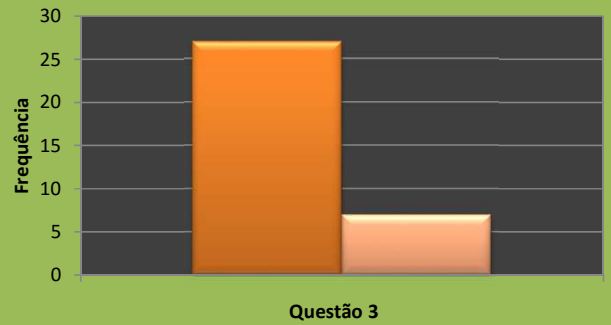
Importância

Sim Não



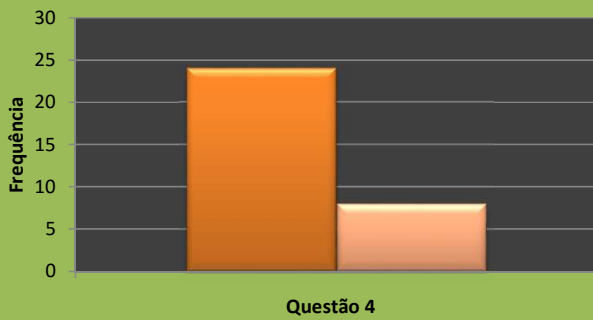
Desenvolvimento da coesão social

Sim Não



Implementação

Sim Não



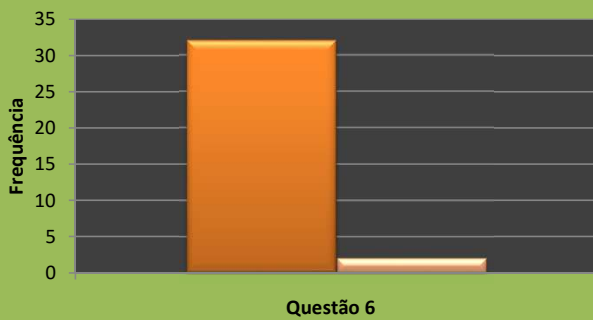
Formação

Sim Não



Utilidade

Sim Não



Formação

Articulação curricular
Participação das famílias
Valorização da escola
Articulação com a comunidade
Desenvolvimento social
Dinâmicas de grupo



**ANEXO 26 - Questionário de Avaliação do Projeto E.L.F. para
alunos**

Projecto ELF

No âmbito do projecto qual a actividade que foi para ti mais significativa?

Consideras que as actividades desenvolvidas ao longo do ano foram importantes para ti e para a tua família? Dá uma justificação para a tua resposta.

Qual a actividade que consideras que teve mais impacto na comunidade onde vives? Dá uma justificação para a tua resposta.

Para ti neste momento a escola é importante para a tua vida? Dá uma justificação para a tua resposta.

Pensas que no futuro poderias abrir uma empresa? _____

O que gostarias de fazer no futuro?

**ANEXO 27 - Levantamento de dados do Questionário de
Avaliação do Projeto E.L.F.**



Projeto E.L.F. - 2014/15

Empreendedorismo e Literacia Financeira

Avaliação do Projeto E.L.F. - Levantamento de dados

Perguntas/Respostas	Contabilidade	Colheitas	Atividades agrícolas	Equipas de trabalho	Visita de estudo à EPAFBL	Visita de estudo à Hortorres/Campoeste	Medições na escola	Peça de teatro	Trabalhos de grupo sobre a poluição	Conhecer técnicas antigas	Montagem da estufa
1 Atividade(s) mais relevante(s)	2	1	7	1	6	5	1	7	1	8	4

Perguntas/Respostas	São consideradas relevantes	Não são consideradas relevantes	Não responde
2.1 Relevância do projeto para os alunos e famílias	33	0	1

Perguntas/Respostas	Manutenção de estufas	Aprendizagem de técnicas agrícolas	Aplicação às empresas familiares e em casa	Aprendizagem de novos conteúdos escolares	Aquisição de produtos vantajosos à empresa	Prazer	Treino da contabilidade	Visitas de estudo	Mensagem da peça
2.2 Justificação	3	8	9	3	2	3	2	1	3

Perguntas/Respostas	Montagem/Utilização da estufa	Atividades agrícolas	Peça de teatro	Recuperação de técnicas tradicionais	A comunidade desconhece o projeto	Não responde
3.1 Atividade mais relevante para a comunidade	9	9	6	1	4	7

Perguntas/Respostas	Produção de produtos para a comunidade	Maior visibilidade	Ensinar técnicas à comunidade	Aumento do número de hortas/estufas na comunidade	Contributo para o bem-estar da comunidade	Maior divulgação
3.2 Justificação	3	6	3	2	1	2

Perguntas/Respostas	É importante	Não é importante	Não responde
4.1 Importância da escola para o aluno	34	0	2

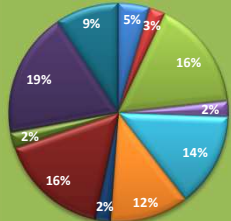
Perguntas/Respostas	Aprendizagem de novos conteúdos e técnicas	Cooperação e companheirismo	Realização	Preparação do futuro	Não apresenta justificação
4.2 Justificação	22	4	4	5	5

Perguntas/Respostas	Sim	Não	Não sabe	Não responde
5 Previsão de abertura de uma empresa no futuro	27	5	1	2

Perguntas/Respostas	Manter a empresa familiar	Criar uma empresa agrícola	Criar uma empresa na área da indústria	Criar uma empresa na área do comércio	Enveredar por uma carreira associada a artes e desportos	Enveredar por uma carreira na indústria	Enveredar por uma carreira na prestação de serviços	Enveredar por uma carreira no comércio	Enveredar por uma carreira associada à agricultura	Não sabe
6 Projeção do futuro	5	4	3	1	4	5	7	1	1	4

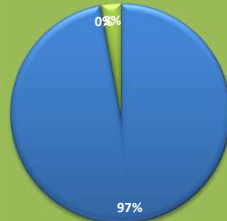
Avaliação do Projeto E.L.F. - Registo Gráfico de dados

1. Relevância das atividades para os alunos



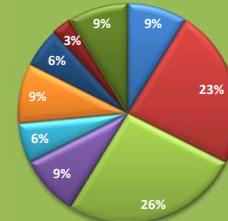
- Contabilidade
- Atividades agrícolas
- Visita de estudo à EPAFBL
- Medições na escola
- Trabalhos de grupo sobre a poluição
- Montagem da estufa
- Colheitas
- Equipas de trabalho
- Visita de estudo à Hortorres/Campoeste
- Peça de teatro
- Conhecer técnicas antigas

2. Relevância do projeto para alunos e famílias



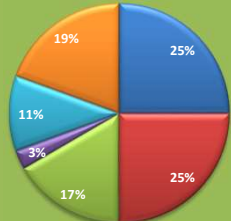
- São consideradas relevantes
- Não são consideradas relevantes
- Não responde

Motivos de relevância



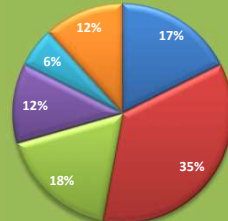
- Manutenção de estufas
- Aplicação às empresas familiares e em casa
- Aquisição de produtos vantajosos à empresa
- Treino da contabilidade
- Mensagem da peça
- Aprendizagem de técnicas agrícolas
- Aprendizagem de novos conteúdos escolares
- Prazer
- Visitas de estudo

3. Atividade mais relevante para a comunidade



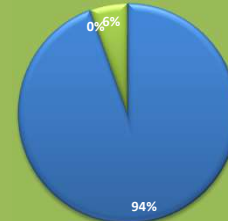
- Montagem/Utilização da estufa
- Peça de teatro
- A comunidade desconhece o projeto
- Atividade agrícola
- Recuperação de técnicas tradicionais
- Não responde

Motivos de relevância



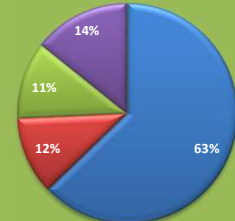
- Produção de produtos para a comunidade
- Maior visibilidade
- Ensinar técnicas à comunidade
- Aumento do número de hortas/estufas na comunidade
- Contributo para o bem-estar da comunidade
- Maior divulgação

4. Importância da escola para os alunos



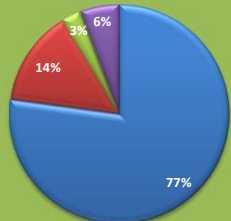
- É importante
- Não é importante
- Não responde

Razões apontadas



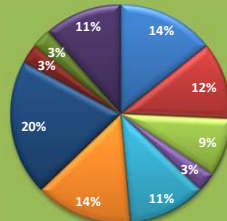
- Aprendizagem de novos conteúdos e técnicas
- Cooperação e companheirismo
- Realização
- Não apresenta justificação

5. Previsão de futuro como empresário



- Sim
- Não
- Não sabe
- Não responde

6. Projeção do futuro



- Manter a empresa familiar
- Criar uma empresa agrícola
- Criar uma empresa na área da indústria
- Criar uma empresa na área do comércio
- Enveredar por uma carreira associada a artes e desportos
- Enveredar por uma carreira na indústria
- Enveredar por uma carreira na prestação de serviços
- Enveredar por uma carreira no comércio

ANEXO 28 - Guião de Entrevista Final aos EE

Proposta de entrevista semiestruturada

Que importância podem ter projetos de empreendedorismo, numa vertente interdisciplinar integrada, na educação em Portugal?

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Etapas/Questões
Bloco A <ul style="list-style-type: none">Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none">Legitimar a entrevista;Motivar o entrevistado.	<p>Relembrar o tema e o objetivo do Projeto E.L.F.;</p> <p>Solicitar a colaboração do entrevistado, destacando a importância da sua colaboração na realização do estudo;</p> <p>Assegurar o caráter anónimo das informações prestadas;</p> <p>Solicitar autorização para realizar o registo vídeo e audiográfico da entrevista;</p> <p>Garantir a informação sobre o resultado da investigação.</p>
Bloco B <ul style="list-style-type: none">A educação, o currículo e o empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none">Conhecer a atitude dos inquiridos em relação ao papel da educação e do empreendedorismo.	<ul style="list-style-type: none">Consegue recordar uma atividade desenvolvida com o seu educando que considera que tenha sido marcante pela positiva? Porquê?Após ter acompanhado o desenrolar do projeto onde o seu filho participou, como define empreendedorismo em poucas palavras.Após ter acompanhado o desenrolar do projeto onde o seu filho participou, que traços apontaria como definidores dum empreendedor?
Bloco C <ul style="list-style-type: none">Expetativas sobre a aplicação deste projeto para os alunos	<ul style="list-style-type: none">Aferir as expetativas dos encarregados de educação relativamente à aplicação do projeto.	<ul style="list-style-type: none">Após ter acompanhado o desenrolar do projeto onde o seu filho participou, acha que os alunos compreenderam melhor os conteúdos escolares?Após ter acompanhado o desenrolar do projeto onde o seu filho participou, pensa que contribuiu para fazer dos alunos cidadãos responsáveis e capazes de tomar decisões informadas ao longo do seu percurso de vida?Após ter acompanhado o desenrolar do projeto onde o seu filho participou considera que o mesmo correspondeu às

		<p>aprendizagens que inicialmente queria/esperava que fossem desenvolvidas?</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Após ter acompanhado o desenrolar do projeto onde o seu filho participou quais são as expectativas que tem para o futuro dos vossos filhos?
<p>Bloco D</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Expetativas sobre o papel da escola/professor e a visão pela comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aferir a visão que os encarregados têm da escola/professor e o papel que devem ter na formação dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Na sua opinião, o papel que a escola tem nesta localidade mantém-se o mesmo do início do projeto ou modificou-se de alguma forma? Se sim, em que aspetos? ▪ O papel que o professor assumiu ao longo do desenvolvimento do projeto correspondeu ao que inicialmente considerava, ou alterou-se? Se sim, em que aspetos?
<p>Bloco E</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Validação da entrevista</i> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Validar a entrevista;</i> ▪ <i>Agradecer a disponibilidade.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Deseja acrescentar alguma coisa sobre o assunto em análise? <p><i>Indicar que a transcrição da entrevista será enviada para confirmação dos dados;</i></p> <p><i>Agradecer e confirmar a utilidade da entrevista.</i></p>

José Pina

Rui Ferreira

ESELx 2014

ANEXO 29 - Análise da Transcrição da Entrevista Inicial aos EE

Análise da entrevista aos pais

1ª fase: definição de indicadores a partir do recorte em unidades de registo

Unidades de registo	Indicadores	Freq. UR
É assim, eu, por exemplo andei 14 anos na escola... Sei lá, no 9.º ano de escola foi assim um bocadinho mais... estava a ficar um bocadinho farta daquilo.	Desistência após o 9º ano por cansaço da escolaridade	150
Depois a idade, se calhar, também foi outra... Comecei a gostar e ainda hoje é uma coisa que eu gosto de estudar... Para mim é sempre uma nova... Há sempre uma nova apresent... Pronto, é sempre tudo novo! Quero dizer, fico sempre com algumas noções de cada coisa. Por isso, para mim, a escola é das melhores coisas que pode...	Gosto pelo estudo depois de adulta	150
E foi fácil, muito fácil.		1V
Quando depois, fiz pela segunda vez o 7.º ano, passei para o 8.º e onde tive de ir trabalhar, para ajudar os meus pais	Desistência antes do 9.º ano por motivos financeiros	1V
Para mim também foi bastante importante... Tive pena de não poder estudar mais, mas infelizmente, na altura não se podia... Os meus pais não tinham possibilidades para isso. Também os meus pais não tiveram possibilidades.	Desistência após o 9º ano por motivos financeiros	2C
Tenho... Tenho pena... Lá está: é como a CARLA		1M
É, é. Tinha duas... Chumbei duas... Três! Inglês, Física e Química. Depois quando vim cá para Portugal, era para continuar a estudar, mas não havia possibilidades (dinheiro), fui trabalhar, pronto! E parou!		1E
a ponto de ser "burra" (que é mesmo assim – sou mesmo "burra"), não consigo tirar níveis de 3! É ali trêsínhos aí... pior do que o meu J.	Desistência após o 9º ano por limitações cognitivas	1L
e depois estudei à noite, lá na Arruda, antes de engravidar da M., fiz o 9.º ano.	Retoma do percurso escolar em idade adulta	1V
Só não tiras se...		150
Mas foi bastante importante. Lembro-me perfeitamente do meu professor – o professor António – que me deu os quatro anos e que foi excelente. E depois foram os dois anos que tive aqui no ciclo...	Memórias positivas da escolaridade	1C
Para mim também!		1M

Nós tínhamos que apresentar, tipo, um trabalho de mestrado, como se faz na faculdade e nós a pior professora que dava a nota. E eu assim: "Ai Meu Deus, ela vai-me chumbar!", porque eu ficava nervosa, bloqueava. E o meu trabalho consistia, nós tínhamos de escolher o tema que nós quiséssemos. Toda a gente falava do petróleo, da contaminação e eu disse... O que é que nós nos lembrámos: das cobras! Fantástico! Tocou-me a mim pegar na cobra e mostrar à professora por onde é que saía o veneno.		2E
Mas pronto... "Oh E, chega essa cobra para lá!" Mas foi engraçado... Depois deu-nos 20.		
Tenho pena de não ter feito o 12.º - faz muita falta..... neste momento.	Desgosto por não ter feito o 12º ano	2M
Mas tenho pena... De não ter feito 12.º		2L
E gostava de ir para o 12.º		
mas gostava de tirar o 12.º!		
Só tenho o 9.º. Aproveitei bem. Digamos que até fui uma alunazinha exemplar!	Orgulho em ter sido boa aluna	2M
Nunca fui ao Conselho Diretivo! Não levava faltas, não...		
Eu também não!		1L
Aproveitei! Foi uma peça fundamental para o meu percurso	Relevância para a vida adulta da conclusão do 9º ano	1M
Também tenho o 9.º, mesmo...		1L
Estava no 9.º, queria objetivos... Via algumas colegas minhas com uns ténisinhos de marca...	Desistência após o 9º ano pela vontade de ganhar dinheiro	1C
Eu também queria! E como não tinha aquele objetivo (os meus pais não podiam dar), parti e fui trabalhar.		
Para mim foi muito bom. Eu consegui os meus estudos na altura quando eu queria e queria... Foi bom em dois aspetos, porque os meus professores na altura... Felizmente, sempre tive possibilidades de continuar os meus estudos.	Possibilidade de prosseguimento de estudos	15A
Porque agora não posso.		
Agora o trabalho não deixa.	Impossibilidade de prosseguimento de estudos em adulto	3L
E as crianças também não.		
Gostava...		
Um dia ainda posso.	Desejo de poder prosseguir de estudos	2L
Na altura – como eu sou lá de cima – queria ir para o Porto, concorri para enfermagem, mas como na altura a média era de... Na minha época, já tenho 41, já são alguns aninhos... Na altura, parece que a enfermagem era uma das profissões que estava em êxtase e então na	Impossibilidade de entrar no curso desejado devido ao <i>numerus clausus</i>	15A

altura era média de 18. Eu também não era muito má aluna, mas também não era muito boa! Estava ali na média de 15/16, não entrei.	Encaminhamento pós-secundário pelos professores	25A
Tive professores que na altura era trabalhos e artes – diziam muita vez porque é que eu não ia... Não continuava isso porque tinha bastante jeito... Gostava, mas não me sentia... Mas tive professores, já na altura... Pronto, ainda sou daquela época em que tive professores... Tive a sorte de ter esses professores que puderam já encaminhar-me.		1V
Agora já há outro tipo de encaminhamento a nível de escolhas, não é? Mas... Eles dizem-me sempre por que é que eu não ia? Como não entrei na enfermagem porque a média era muito alta, concorri para Lisboa, para uma academia cá – que só havia em Lisboa, na altura. Foi um ano de 3 anos, em que tirei o curso que tenho: vitrinista. E fiz toda a minha vida e sou vitrinista já há muitos anos. E pronto. Mas foi uma fase muito boa também. E aprendi bastante		
Onde o professor insistiu comigo para eu tirar também um curso, só que eu não quis tirar e onde eu agora me bloqueei completamente esta parte da pintura e dos desenhos – não sei porquê.	Identificação de um ano de escolaridade como sendo de maior relevância para o futuro	25A
Para mim foi o 8.º		2L
Para mim foi o 8.º.		150
O 7.º.		2E
O 7.º.		
10.º		1M
Eu era o do 12.º. Mas lá na minha terra, na Venezuela, não há o 12.º. É só até ao 11.º. Faz de conta que é o 12.º.		1C
Eu fui no 12.º		1V
Eu fui entre o 7.º e o 9.º. Foi aquelas... Aqueles anos assim mais difíceis, mas sempre na expectativa de passar para o próximo.		1L
Eu fui o 5.º ano.		1V
A mim foi o 7.º ano.		
Acho que é o ano mais difícil.	Reconhecimento do 7.º ano de escolaridade como o ano de maior dificuldade no percurso académico	1V
Foi difícil,		
Foi onde eu fiquei 3 anos.	Retenções num mesmo ano de escolaridade	1L

A mim, por acaso, foi o meu segundo		250
Porque... Para já, já tinha chumbado 2 anos, pronto.		1V
Foi onde chumbei.	Identificação de mudanças bruscas no percurso académico	150
E depois foi uma mudança muito radical.		1C
Eu vir para aqui (escola c+s) foi uma mudança muito radical. Porque ter a escola ao pé de casa e o ter de, depois, apanhar o transporte...	Identificação de uma área vocacional durante o percurso académico	150
É assim, eu fui para a minha área de conforto que é a Produção Animal		15A
Educação Física? Eu é mesmo no... Pertencia ao grupo lá da ginástica... Um grupo de ginástica eu pertenci a ele – de ginástica rítmica – e marcou-me bastante.		1V
A parte que eu gostei mais foi da parte da Educação Visual, foi onde eu descobri que tinha imenso jeito para desenhar qualquer coisa que fosse.		
mas já vinha um bocadinho saturada, se calhar, da escola	Saturação da frequência da escolaridade através da via de ensino regular	150
e onde foi abrir...	Identificação da via de ensino técnico-profissional como uma alternativa de interesse relacional na escola profissional	1 50
Como é que eu de dizer? Entrei para uma escola que não era uma escola, era mais uma família – uma escola agrícola – e então aquilo...	Reconhecimento de maior proximidade relacional na escola profissional	3 50
Nós conhecíamos-nos todos, os professores entravam nos nossos problemas, nós entrávamos nos problemas dos professores e aquilo funcionava tudo!		
Exatamente!		
Eu vir para aqui (escola c+s) foi uma mudança muito radical. Porque ter a escola ao pé de casa e o ter de, depois, apanhar o transporte...	Necessidade de dar autonomia aos filhos	2C
Nós vamos lá deixá-los, não é? E depois, eles vão ter de se desenrascar e eu vejo um bocadão... Eu tive de me desenrascar e foi um ano, ali, complicado, para quem estava habituado a estar ali debaixo da saia da mãe.		
Está bloqueado, não faço porque não quero, porque se eu for fazer não vai sair como deve de ser, mas eu gostei muito dessa parte da Educação Visual, onde eu desenvolvi tudo isto que eu sei, que eu sei que sei fazer só que está fechado.	Falta de confiança nas suas próprias capacidades	1V
Tudo o que tem de prós e contras, o que se pode fazer...		1V

...E ismo vem de investir, sei lá.	Identificação de autoconfiança/assunção de riscos como competência do empreendedorismo	1SA
Ser empreendedor....	Identificação de iniciativa/avaliação/energia como competência do empreendedorismo	1C 2V
Conseguir...		
Ganhar....		2SA
Deve ser o começo de uma empresa talvez, não?		
Criar uma empresa?		
o levar a empresa para a frente...	Identificação de resiliência como competência do empreendedorismo	1SA
Conseguir geri-la.	Identificação de planejamento/organização como competência do empreendedorismo	4E
Como a estruturar.		
Primeiro vai fazer x, o que é que podemos fazer...		1V
Fazer o plano daquilo que vai acontecer...		2SA
Ou uma maquete...		
Em construir, construção...		
Inovador.	Identificação de criatividade/Inovação como competência do empreendedorismo	1SO
O criar uma empresa	Identificação de relacionamento interpessoal/comunicação como competência do empreendedorismo	1SA 1SO
Há uma professora da M, de Economia, que diz que, na opinião dela, os miúdos deviam começar a ter Economia na primária.		
Definir o quê?!	Desconhecimento de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo	10SA
Empreendedorismo?		
Temos aí um dicionário?		
Onde é que temos um dicionário aqui?		
Desculpe lá, tem de dar umas noções de formação. Depois a gente...		
Eu tenho de saber a 100% o que é... para lhe ir dar uma imagem!		
Hã?		
Faz lembrar uma empresa.		

O que faz lembrar são empresas!		
Empren... Emprendo.... Só mais uma vez: em-pren-do...		
Empreender vem de empresa, ismo...		
Não sei...		
Temos de estudar um bocadinho sobre o projeto...	Reconhecimento de necessidades de formação sobre empreendedorismo	1L
Existiram situações que são importantes e foram importantes...	Reconhecimento da importância da educação transversal para a vida	3C
Cada uma no seu sentido, pelo meio, porque ao começar a trabalhar aprendi muita coisa, mas na escola também aprendi – foi a base de portanto... Depende.		
Eu faço da minhas palavras as da C.	Reconhecimento de exclusão de alunos por parte de professores durante o percurso académico	1M 1SO 2C
Sim.		4V
Sim.		
É verdade!		
Sim.		
Havia muito, mas muito mesmo.		
Muita diferença.		
Muita diferença.		
Sim.		
Sim, também havia.		3M
Ah, isso havia muito aqui no Sobral. mas a nível de colegas sim.		2SA
a nível de colegas sim.		
Os meus colegas também.		2L
Havia, havia.		
Eu vou ser sincera, assim a nível de professores nunca senti isso	Negação de constatação de formas de exclusão em meio escolar	2SA
A nível de professores não...		
Eu nunca achei isso.		3SO
Eu nunca achei.		
Eu nunca achei isso.		

<p>E também havia... Na parte da primária, também havia diferenças entre aqueles que tinham mais um bocadinho e os que não tinham nada.</p> <p>Dos que tinham, para os que não tinham.</p> <p>Quem levasse é que levava a nota!</p> <p>Eu falo por mim que senti isso.</p> <p>Eu senti muito.</p> <p>tinha sempre boas notas.</p> <p>Eu vou-lhe contar uma situação: eu tenho uma professora que chamou a minha mãe à escola. Chamou a minha mãe à escola e a minha mãe foi à escola: "Olhe, a sua filha anda a roubar pacotes de leite". "A minha filha? Mas ela não aparece com eles em casa". "Mas ela é que rouba!". E afinal não era eu.</p> <p>Depois eu é que roubava os pacotes. Mas eu nunca os comia.</p> <p>Pois, bebi tanto leite! Como eu gostava do leite da escola, dizia que era o único leite que gostava, ela pensava que era eu que andava a roubar os pacotes e eu nunca roubei nada, por isso...</p> <p>Naquela altura usava-se muito (hoje em dia também, mas não tanto), os pais levarem sempre uma lembrança: um cestinho de batatas, de cebolas, o coelhinho, a galinha... Pronto.</p> <p>E quem levava...</p> <p>Aliás, eu na minha aula tinha 3 filias: era a dos bons, dos menos bons e a dos "burros".</p> <p>Sim, na minha época havia mesmo professores que punham certos alunos de parte.</p> <p>Bem, eu no 9.º, só 3 é que trabalhavam em Matemática e o resto era tudo "batalhar na bola" e "ponto cruz" e outras áreas... Só 3 ao pé do professor. O professor só dava matéria a 3.</p> <p>Ele pós-nos de parte. Não se entendia connosco e pós-nos de parte.</p> <p>Por isso é que ficaste pequena!</p> <p>A mim também me puseram de parte, por eu ser pequenina — é mesmo assim.</p> <p>Chumbaram-me por eu ser pequenina porque ia para o Sobral e ia sofrer por ser pequenina.</p> <p>Não era porque tinha más notas...</p> <p>Sim, mas atenção, colocados de parte através de...</p> <p>Não é de professores, é de...?</p>	<p>Exclusão por fatores económicos</p>	<p>2V</p> <p>150</p> <p>5L</p> <p>2C</p> <p>1V</p> <p>150</p> <p>2M</p> <p>150</p> <p>3L</p> <p>65A</p>
---	--	---

<p>Estamos a falar de uma maneira geral, é que é assim, temos aqui pontos que temos de esclarecer!...</p> <p>É de uma maneira geral?</p> <p>É de professores?</p> <p>É da escola?</p> <p>Mas no final do ano deu 3 a todos!</p> <p>Já não foi mau!</p> <p>Mas deu...</p> <p>Essa professora desapareceu – nunca mais a vi – mas também só lá esteve 3 meses na escola...</p> <p>Se fosse um professor que não nos dissesse nada...</p> <p>Se não fosse, nós não estávamos aqui!</p> <p>Outra pessoa qualquer...</p> <p>Eu falo por mim, mas acho.</p> <p>É verdade.</p> <p>Sim.</p> <p>E ele: "Ah sim, tens de estudar isso tudo!</p> <p>Depois vens cá ajudar a mãe!</p> <p>A minha disse que não ia conseguir ganhar 14€ e qualquer coisa x 4...</p> <p>Sim, sim, sim.</p> <p>O meu hoje só me falou de quanto é que "ganhou" hoje.</p> <p>Quanto é que "ganhou" ...</p> <p>A minha também.</p> <p>O meu não me falou hoje...</p> <p>A minha gosta muito de ir para lá para a horta, de ir lá, de mexer na terra, de...</p> <p>Aquilo quase que é por uma dedicação/obrigação, mas que eles fazem da melhor vontade.</p> <p>A minha já falou com um chefe nosso que diz que tem lá alfaces para vender, que ele tinha de comprar...</p> <p>E que iam abrir uma empresa, que era muito importante!</p>	<p>Dúvidas relativas à origem de casos de exclusão de alunos identificados durante o percurso académico</p> <p>Identificação de formas de amenizar a exclusão de alunos</p> <p>Exclusão por falta de ligação com a comunidade</p> <p>Reconhecimento da compreensão dos conteúdos curriculares abordados no âmbito do Projeto ELF</p> <p>Reconhecimento da existência de ligações entre os conteúdos curriculares abordados e a vertente prática do Projeto ELF</p> <p>Valorização em termos individuais</p>	<p>3M</p> <p>1L</p> <p>1C</p> <p>25A</p> <p>1V</p> <p>1M</p> <p>150</p> <p>2E</p> <p>15A</p> <p>1C</p> <p>2M</p> <p>15A</p> <p>1L</p> <p>1C</p> <p>150</p> <p>2E</p>
---	---	--

A minha sabia o dela e o dos outros todos! Aquilo ficou lá hoje: quanto é que ganhou este, aquele...	Valorização em termos coletivos	2SA
Os meninos só falam de ir para a horta, na horta...		1L
Sim, eu acho que sim, porque eles já vão começar a...	Reconhecimento da importância do Projeto ELF para o desenvolvimento de hábitos de tomada de decisão informada	3SO
Sim, mesmo a nível de... Como é que eu hei-de explicar? Mesmo a nível deles, de ter de ir para a horta trabalhar, eles sabem que têm de ter outras atividades.		
Por exemplo, eu falo do R, não é? Ele, como gosta muito da terra e daquilo tudo, para ele é ótimo porque o obriga a estar mais concentrado na aula porque sabe que a seguir tem de ir fazer aquela atividade. Se não o fizer, não...		
... A ter noção das coisas. Porque é difícil ganhar ordenado, como diz a minha filha.		1E
Tudo em si, é a forma de trabalhar para...		1C
Como gerir o dinheiro.	Saber gerir o dinheiro	1E
Saber aplicá-lo.		1SO
Quanto melhor gerirem, maior é o lucro.		1SA
...Ter os seus lucros.	Saber como conseguir lucros	1E
...Ter isto e aquilo.		1SA
Como poupar.	Saber como poupar	1E
Fazer a poupança.		1L
Eu acho que Pero Negro sem a escola, não é o mesmo Pero Negro.	Valorização pela inserção na comunidade	1SO
Nem Almagem, nem Almagem.		2V
Nem a do Almagem deve fechar.		1C
Acho que sim! Aquela escola não devia de fechar! Isto é a minha opinião, mas pronto...		2M
É tudo um complemento.		2SA
É diferente...		
É concentradinha.		
É concentradinha!		
Tive, tinha e tenho a possibilidade de ter a minha filha noutras escolas, aliás moro na P que não tem nada a ver e podia-a ter noutro lado e escolhi Pero Negro porque...	Valorização por serviços diferenciados	3C
Por vários motivos, mas também por ser uma escola só para aqueles meninos, só o professor para aqueles meninos, só a sala para eles, só... Acho...		

É tudo um complemento.		1E
Até para as crianças, também é tudo...		1M
E depois a escola é aquele...		1SA
Eu às vezes comento com mães de Lisboa que têm [filhos a estudar] e por acaso já tive oportunidade de falar com 3 ou 4 mães que têm os filhos em Lisboa – apesar de eu não ser de cá, não posso falar... por exemplo não conheço a escola de Almagem, mas... - é assim, elas...		
Tem qualidade...	Valorização por atividades desenvolvidas pelos professores	5SA
E profissionalismo.		
Eu falei sobre este projeto que eles estão agora a iniciar e elas ficam a olhar para mim: “Ah, mas isso é muito bom! Isso é muito bom porque acho que é muito bem a criança, desde pequenina, começar logo a saber gerir, poupar, organizar, ...		
Aí a minha escola não é assim!” – é o comentário logo que eu ouço		
“Na escola da minha filha não há isso” ou “Na escola do meu filho não há isso”.		4E
E a explicação do professor também tem a ver porque eu tenho uma colega que também tem um menino que está na mesma idade da B, tem 8 anos e está a explicar...		
Na Matemática e eu expliquei como é que o professor Rui trabalha e ela disse assim: “Mas o meu não trabalha assim!”.		
Pois. “Eu assim percebia melhor a Matemática!”		
Então tens de trocar!		
Serem bons alunos também depende dos professores!	Valorização do papel do professor por ligação com a comunidade	2E
Um aluno não é só bom porque é um bom aluno, também tem de ter um bom professor, que o incentive.		
Mas o professor para ser um bom professor também tem de ter muito apoio, de tudo para que as coisas funcionem, apesar do esforço ser muito, não é?		1V
Então, é por isso que nós estamos aqui!		2C
Então não é?		
Também não tenho razão de queixa do professor, quando preciso também...		1M
Não tenho palavras para descrever o professor, por aquilo que o meu filho...		1L

2ª fase: construção das categorias e subcategorias

Tema	Categoria	Subcategoria	Indicadores	Freq. UR	
A educação, o currículo e o empreendedorismo	Perceção de fatores que influenciaram o percurso escolar	Perceção positiva da vivência escolar	Gosto pelo estudo depois de adulta	150 1V	
			Memórias positivas da escolaridade	1C 1M 2E	
		Representação positiva das consequências da escolaridade	Orgulho em ter sido boa aluna	2M 1L	
			Desejo de poder prosseguir de estudos	2L	
			Possibilidade de prosseguimento de estudos	15A	
		Importância da escola no percurso académico	Relevância para a vida adulta da conclusão do 9º ano	1M 1L	
			Encaminhamento pós-secundário pelos professores	25A 1V	
		Importância da escola na vida adulta	Importância da escola na vida adulta	Identificação de uma área vocacional durante o percurso académico	150 15A 1V
				Retoma do percurso escolar em idade adulta	1V 150
				Identificação de um ano de escolaridade como sendo de maior relevância para o futuro	25A 2L 150 2E 1M 1C 1V

	Reconhecimento de dificuldades que condicionaram o percurso escolar	Reconhecimento de fatores emocionais na tomada de decisões	Reconhecimento do 7.º ano de escolaridade como o ano de maior dificuldade no percurso académico	1L 1V
			Desistência antes do 9.º ano por motivos financeiros	1V
			Desistência após o 9.º ano por motivos financeiros	2C 1M 1E
			Desistência após o 9.º ano por cansaço da escolaridade	150
			Desistência após o 9.º ano por limitações cognitivas	1L
			Desistência após o 9.º ano pela vontade de ganhar dinheiro	1C
			Saturação da frequência da escolaridade através da via de ensino regular	150
			Retenções num mesmo ano de escolaridade	1L 250 1V
			Identificação de mudanças bruscas no percurso académico	150 1C
			Impossibilidade de entrar no curso desejado devido ao <i>numerus clausus</i>	15A
			Impossibilidade de prosseguimento de estudos em adulto	3L
			Desgosto por não ter feito o 12º ano	2M 2L
			Falta de confiança nas suas próprias capacidades	1V
			Identificação da via de ensino técnico-profissional como uma alternativa de interesse	1 SO
			Reconhecimento de maior proximidade relacional na escola profissional	3 SO
			Necessidade de dar autonomia aos filhos	2C

	Conceitos básicos ligados ao empreendedorismo	Identificação de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo	Identificação de autoconfiança/assunção de riscos como competência do empreendedorismo Identificação de iniciativa/avaliação/energia como competência do empreendedorismo Identificação de resiliência como competência do empreendedorismo Identificação de planejamento/organização como competência do empreendedorismo Identificação de criatividade/ inovação como competência do empreendedorismo Identificação de relacionamento interpessoal/comunicação como competência do empreendedorismo	1V 15A 1C 2V 2SA 15A 4E 1V 2SA 15O 15A 15O
		Desconhecimento de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo e consequentes necessidades de formação para a vida	Desconhecimento de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo Reconhecimento de necessidades de formação sobre empreendedorismo Reconhecimento da importância da educação transversal para a vida	10SA 1L 3C 1M
	Exclusão durante o percurso académico	Negação da existência Dúvidas sobre a existência Reconhecimento da existência	Negação de constatação de formas de exclusão em meio escolar Dúvidas relativas à origem de casos de exclusão de alunos identificados durante o percurso académico Reconhecimento de exclusão de alunos por parte de professores durante o percurso académico	2SA 35O 6SA 15O 2C 4V 3M 2SA 2L

		Formas de exclusão por parte dos professores	Exclusão por fatores económicos Exclusão por fatores cognitivos Exclusão por fatores físicos Exclusão por falta de ligação com a comunidade	2V 15O 5L 2C 1V 15O 2M 15O 1L 1C 2SA 1V 1M 3M
		Formas de amenização da exclusão	Identificação de formas de amenizar a exclusão de alunos Reconhecimento da compreensão dos conteúdos curriculares abordados no âmbito do Projeto ELF Reconhecimento da existência de ligações entre os conteúdos curriculares abordados e a vertente prática do Projeto ELF Valorização em termos individuais	15O 2E 15A 1C 2M 15A 1L 1C 15O 2E 1L
Expetativas sobre a aplicação do Projeto E.L.F. para os alunos	Promoção da inclusão através da aplicação do Projeto E.L.F.	Valorização da vertente prática do Projeto E.L.F.	Valorização em termos coletivos	2SA 1L

		Definição de expectativas em relação à aplicação do Projeto E.L.F.	Reconhecimento da importância do Projeto ELF para o desenvolvimento de hábitos de tomada de decisão informada Saber gerir o dinheiro Saber como conseguir lucros Saber como poupar	3SO 1E 1C 1E 1SO 1SA 1E 1SA 1E 1L
	Promoção da ligação escola-comunidade	Valorização das escolas inseridas no Projeto E.L.F.	Valorização pela inserção na comunidade Valorização por serviços diferenciados Valorização por atividades desenvolvidas pelos professores Valorização do papel do professor por ligação com a comunidade	1SO 2V 1C 2M 2SA 3C 1E 1M 1SA 5SA 4E 2E 1V 2C 1M 1L

ANEXO 30 - Análise da Transcrição da Entrevista Final aos EE

Análise da entrevista aos pais

1ª fase: definição de indicadores a partir do recorte em unidades de registo

Unidades de registo	Indicadores	Freq. UR
A coisa não se deu muito bem...	Desenvolvimento da capacidade de liderança no seu educando (autoconfiança/assunção de riscos)	150
E de ser o chefe – havia sempre um chefe diferente, não era –, isso também...		4V
Olhe, eu acho que a minha filha, para mandar, ficou excelente.		
Pronto e não estou a mentir, pronto, acho que mais valia ela gostar de ser só “empregada”, mandar nada! Acho que por aí...		
Não. É que ela gosta muito de dar ordens, mas pronto. Então...		2C
Sim...		
A minha também. O “mandar” não era o forte dela e ela alterou ali um bocadinho... Percebeu que às vezes é preciso se impor para e isso, para mim, foi uma mais-valia também.		
A E ficou igual... Ficou mais curiosa!		3F
Pronto, no aspeto dela, ficou mais curiosa.		
Qualquer coisa, está sempre a perguntar.		
O chefe, às vezes dava um bocadinho de chatices, mas isso...	Desenvolvimento da capacidade de resiliência no seu educando (resiliência)	150
A minha ficou um bocadinho mais teimosa... Em casa, mas...		1F
Porque ela tinha medo que, ao dizer não, os colegas ficassem chateados com ela ou que a colocassem de parte e ela percebeu, pelo menos até agora, que, às vezes, é preciso dizer não e é preciso levar os tais cartões vermelhos e o chamar a atenção... Quando se tem aquela posição tem de se assumir aquela posição!	1C	
Exato, cada um tem a sua tarefa, mas todos juntos...	Desenvolvimento de capacidades de planeamento e organização no seu educando (planeamento/organização)	3F
Sim.		
Sim, nesse aspeto sim.	4SA	
Eu acho que o sentido também da responsabilidade também foi mais sentido.		
A responsabilidade foi uma coisa muito...		
Porque é assim, infelizmente isto hoje também não está fácil, não é?		

E parece que não, se recorrermos a certas coisas mais antigas, a gente pode fazer e que consegue!	Desenvolvimento de capacidades criativas e de inovação no seu educando (criatividade/Inovação)	2C
Sim.		
Sim, sim, noto que a C ficou mais responsável, mais...		1C
Exatamente, exatamente!		15A
Há outras coisas.		
Pelo menos ela fala disso,		2V
Pois.		
ajudou muito esta situação porque eles se calhar aprenderam que têm de ser capazes de lidar com vários feitos, uns mais trabalhadores, outros menos trabalhadores, foi muito bom para a integração do grupo.		150
O terem de trabalhar todos para receberem o ordenado no final da semana. O terem de ser todos, isso...		1C
Mas eles perceberam que cada um tem a sua tarefa mas todos juntos conseguem chegar melhor ao objetivo.		1F
Olhem, eu vou falar de uma situação curiosa: a B como não para de falar, e ela é toda: “hoje fiz isto e aquilo”	4SA	
e depois quando está com os irmãos, eles por curiosidade falam no que é que consiste (pronto, eles já andam no 10.º ano – vão agora para o 11.º) e eles estudam isto em Lisboa, perto de Odivelas, numa escola (não sei o nome) ... Eles próprios, agora, com a idade deles, eles viraram-se para a B e ela a explicar tudo: o objetivo em que consiste este projeto.		
Ela explicou tudo melhor do que eu e os irmãos viraram-se para ela: “O que é isso?”	Desconhecimento sobre o desenvolvimento de competências do empreendedorismo no seu educando	2F
Mas como ela é mais calada... É difícil de... Ou puxa-se... Mesmo assim, não se percebe nada. É que a E não fala muito...		3V
Ah, a M não admite isso. Nem ia-me dizer nada disso.		
A atitude que mudou da M era quando... Aquele coiso do “mandar”, não. Ela... É para esquecer, professor!		
Eu acho que aquilo que eles fizeram chegar foi que o que eles trabalham para cultivar, conseguem obter os resultados de tirar, para utilizar, para comer.		

De outro empreendedimen... Eu não consigo! Já no início não dizia, eu não consigo dizer essa palavra não sei porquê!	15A
Acho que... Como é que isso se explica professor? Ajude-me, ajude-me.	Reconhecimento de necessidades de formação dos pais sobre empreendedorismo
Pronto, acho que... Não consigo explicar melhor.	
De pôr a mão em tudo, mas pronto, ao pensarem sobre o assunto, nem que você os dois deem formação a outros para poderem dar continuidade a esta história.	2V
Eu sei que a partida havia mães que achavam muita graça, mas outras não achavam graça nenhuma e se calhar o projeto acaba por ter um peso e outra medida ou...	15A
Sim, porque há mães que...	250
...Reagem, reagem.	15A
Qual é a criança que acha que... Não sei... Eu não...	2C
Acredito que hajam alguns que não achem muita piada a que andem lá no meio da terra e que...	1V
Acho que faz sentido.	
Porque os pais até podem não gostar e os miúdos gostarem, por exemplo.	3F
Sim... Exato, porque eles, hoje em dia, eles não sabem... Não têm o mesmo...	
Nós quando éramos pequenos era de uma maneira, eles agora: "Ah, eu quero um telemóvel!" – têm um telemóvel – "Quero um tablet!" – têm um tablet.	Reconhecimento da importância da educação transversal para a vida
Eu brincava na terra, eu andava de bicicleta, eu... Estava sempre ali, nas flores... E hoje em dia não.	
Não têm a noção do, do...	2V
E para ter...	15A
Está tudo muito facilitado.	150
Sim, mas lá está, depois a situação da saúde...	1C
Sim, foi uma mais-valia!	1V
Eu acho que no caso ajudou um bocadinho. Acho eu. Acho.	1F
Sim, eu acho que ficaram mais motivados.	15A
Mas em que é que consiste isso?" – e ela a explicar – "isto é assim, todos trabalhamos em equipa, depois temos de atingir os lucros, depois nós vendemos aos pais e às pessoas que lá	

vão uma alface, tudo, pronto, com o objetivo da responsabilidade, de angariar o dinheiro para ajuda da minha escola!"	Reconhecimento da existência de ligações entre os conteúdos curriculares abordados e a vertente prática do Projeto ELF
Preparados.	
A minha até as caixas dos ovos, que é papelão, ainda por cima, mas pronto...	15A 4V
Ela diz que aquilo dá resultado, pronto, está bem!	2F
Não, não, eu acho que sim.	
Ter a noção de...	350
Gosta de todos os dias lá ir que é para ver o tamanho dos morangos...	
"Já está maior". Já está...	Concretização de expectativas referentes ao Projeto ELF
Acho, acho que... Como é que eu hei-de dizer? Eu sou muito apologista do estudo profissional e então acho que consegue-se conciliar o... Porque não...	
O aluno estar sempre focado no mesmo sítio, às vezes não tem grandes valias e se conseguir-se "expandir" para a rua eles extraem e abstraem e depois quando entram, a cabeça está mais livre para "entrar" com o assunto.	250
É porque eles ficam a saber o que realmente custa! Ver plantar uma alface assim, depois tem de se regar, de... É a grande diferença entre ir ao supermercado, chegar lá e estar dentro do saco e...	2V
Sim.	2C
Eu acho que sim!	25A
Correspondeu.	1F
Sim.	5V
Sim, sim. Sem dúvida.	
Sim.	Valorização em termos individuais decorrente do Projeto ELF
Ai, eu acho que são boas! É gratificante...	
Correspondeu!	
ela é toda campónia. Portanto...	
Horta, animais...	
...Ela está nas sete quintas!	
e acho que foi positivo para eles.	

Se M a não perder aqui esta “mania”, acho que de certeza absoluta! Ela gosta disto! Eu sou muito suspeita nisso porque a minha... É...	2C
A minha filha também tudo o que tenha a ver com a horta ela gosta, portanto, tudo... Pelo menos...	4SA
E ela adora tudo o que seja com plantas, tudo o que esteja relacionado...	
E aquele sentido de... Eles não têm.	
Ai, eu acho que são boas! É gratificante...	
Eu vejo um futuro positivo...	150
Eu no caso do R , acho que foi uma grande mais valia	2V
O trabalhar de grupo, é o que você está a falar? Também.	
E eles preferem trabalhar de grupo do que estarem individuais.	250
Sim, mas o trabalhar em grupo também foi muito bom porque, para já – eu falo pela turma do professor Rui, que era uma turma mais... Se calhar para o 4.º ano [no próximo ano letivo]	
A E, só tinha a preocupação era de “tem de se provar, para ver se é bom”.	3F
Eu tenho de dizer se é bom.	
“Aquele já está bom para apanhar”. E depois come!	3C
Sim.	
Sim, sem dúvida, foi e é uma mais-valia para eles.	
Não podemos ser todos doutores e engenheiros e médicos e... Pronto.	25A
Com certeza.	
...Para eles.	2V
Sim.	
eu acho que sim,	
mas devia continuar.	
Expandirem o projeto!	
Acho que sim!	
Essa é a parte mais importante e mais difícil de pôr a cabeça deles a funcionar – do agrupamento.	4V
Reconhecimento da importância do Projeto ELF para o desenvolvimento de hábitos de tomada de decisão informada	
Valorização em termos coletivos	

Por isso é que era bom que este projeto vosso se expandisse, não é? Não sei se é o termo ideal... Porque acho que realmente é bastante... Era fantástico que aplicassem a várias escolas	255A
Exato! Exato! Pronto, eu estou a falar neste: eles também não tinham condições, vamos lá a ver, porque eu acredito perfeitamente que o projeto, não há campo, mas vai-se trabalhar...	
Exato. Pronto. Estamos a falar agora neste, pelo que se está a passar. Também temos de ver esse aspeto, mas mesmo assim – o sentido do projeto e isso tudo – eu falo por eles, eles nunca... Nunca sabem... Não conhecem... Não...	
Pronto, este projeto está a ser experimentado...	
...Nos 4 anos! Pronto, isso é que é pena!	
Isso é que é pena! Não sei se estão a chegar onde eu quero chegar, porque é assim: se está a correr tão bem até à 4.ª classe, e se isso vai... Temos perspetivas futuras positivas, eu tenho é pena que haja...	
Por exemplo, eu falo, agora a B , não é? Quando acabar o 4.º ano, ela está habituada a um certo “esquema” – não sei se é de um “esquema” que vamos falar...	
Agora, porque não... Não é? Porquê haver uma quebra? Agora, se vocês estão a experimentar até ao 4.º ano, acho que é uma estupidez – desculpe o termo – quebrar, não é?	
...Os mentores do projeto. Agora eu acho que deviam pensar no assunto, se isto está a ter tantos aspetos positivos, porque não...	
Se está a ter aspetos tão positivos, e se estamos a pensar no futuro dos nossos filhos, não é?	
E desenvolver e progredir, porque não...	
Porque não... Porque não experimentar agora nos próximos anos, já no secundário?	
Era isso o que eu queria tentar perceber!	
É que eu não estava a perceber se realmente o objetivo vosso era... Terminar agora na 4.ª classe.	
... Interessados. Mas isso cabe a vocês! Se o projeto está a correr bem...	
...E se está a ter...	
Pode achar que não é útil!	
Ah! Sim!	
Não... Mas está de acordo comigo quando eu falo assim?	

Porque é assim, porque se... Tudo bem que se isto tudo continuar, tem de haver força de vontade de outros professores, porque vocês os dois não são capazes de dar....	
Mas se continuarem, como estamos a falar numa classe etária já... [experimentada] Podiam agora pensar noutra, para explorarem até... 5.º, 6.º, 7.º... 8.º, não é?	
Até ao 9.º... Não, até ao 9.º!	
Não! Se estamos a falar de 4, então vamos pôr mais 4!	
Mas com outro projeto! Não é?	
Do tema!	
E então, eu acho que sim porque eles também já estão mais crescidos...	
Podem já ver outro tema com mais... Com outra diferença, mas sempre com o mesmo objetivo.	
mas são os professores que estão a usar. Eles não vão para o 5.º ano!	750
Eles são as cobaias.	
E não é tão...	
Não! O professor pode achar que...	
E a continuação!	
Sim, ajuda para a continuação.	
Até ao 6.º! Vai pedindo pouquinho!	
Pois, continuam a ser difíceis.	
Mas a ideia é levar isto mais à frente, não é...	
Isso aí num ciclo, aqui [2.º ciclo] já seria complicado desenvolver...	
Não, mas aí teria de haver professores de outros anos interessados em...	8C
Exatamente.	
É porque depois eles lá já têm...	
Tínhamos de conseguir enquadrar isso... Tinha de se conseguir enquadrar isso...	
...Numa disciplina que dê para isso.	
O que fazia sentido... O que fazia sentido era continuar...	
Pois... A continuação do projeto, é como eu digo – tinha de se enquadrar ou tinha de se tentar enquadrar numa disciplina – se calhar...	
Isso aí... Uma coisa é...	

Sim, hoje em dia o que está mais em voga é as novas tecnologias, não é?	Propostas de alargamento do projeto a temáticas de cariz tecnológico	4C
Computadores e por aí fora, mas acho que fazia sentido, até porque... Os miúdos e as consolas e os telemóveis e os tablets... Eles vivem isso, não é?		
Mas acho que sim...		
Exato.		
Eu não sei se é Educação Visual, se é a mesma coisa...		350
É isso que eu estou a dizer: Trabalhos Manuais ou Educação visual – Não sei o que é agora.		
É Educação Tecnológica.		
Têm de ser coisas mais...		1V
...Mais antigas, professor!	Propostas de alargamento do projeto a temáticas de cariz artesanal	3V
É isso, é. Acho que é isso, é.		
Era.		
Mais antigas.		75A
mais "caseiras", acho que sim!		
O latoeiro, é, não é? O latoeiro.		
Veio-me à cabeça agora o latoeiro....		
O latoeiro?		
É o das latas, trabalha com latas. Com [...] não é?		
Latoeiro. É aqueles que, sei lá, devem fazer aquelas cataplanas, os latoeiros, não é?		
Trabalhos Manuais, por exemplo.		
No caso do agrupamento do Sobral, é um agrupamento com várias histórias e como, lá está, estamos na região saloia, há aqui várias profissões que estão a ficar esquecidas!		750
E que fazem falta! O sapateiro, o costureiro, o alfaiate...		
O latoeiro...		
É o da lata.		
Por aí.		
Sim, mas é só por aí, porque padarias, a gente... Aqui no Sobral, padarias e pastelarias, estamos bem fornecidos nessa parte.		
Agora, as outras coisas em sim, acho... Quero dizer... Era um sítio que havia e está a sumir e isso faz falta!		

Esse aí...	1F
Essa, eu já não me lembrava dele...	Replicação de aprendizagens decorrentes do Projeto ELF em casa
Da minha parte, o vosso projeto, o que levou mais para minha casa, através da minha filha, é que eu tenho mais plantas em casa.	
Quer comprar sementes para fazer o que está a aprender na escola...	
Então já lá tem os vasilhos...	
Sim, isso é verdade.	
A E, está nos morangos e na salsa é...	
Agora plantou para lá umas maçãs, a semente das maçãs, pronto.	
Mas eu também tenho comido muitos assim!	
Pus 5 lá, têm dado bastante. Até no inverno deu morango!	
Eles não estão agradados! Estão no canteiro, mesmo à chuva e ao sol e em todo o lado! Só que têm dado sempre morango!	
Não sei! Sei que aquilo tem dado morango e é bastante doce e bem escurinho! Olha...	250
Pronto! E agora está carregadinho deles outra vez.	Valorização das escolas participantes no projeto pela inserção na comunidade
É conforme, se estiverem abrigados...	
Sim, mas eles têm que ter alguma proteção do vento, uma coisa qualquer...	
Sim, porque hoje em dia perdeu-se...	
As crianças perderam muito o trabalhar na terra e é só supermercado. E quando...	
Sim.	
Eu, por exemplo, – não tem nada a ver com este projeto, mas acaba por ter – tenho animais, não é? E no infatário comecei por levar uns porquinhos, uns pintainhos, uns bezerinhos, uns cabritinhos, uma burrinha, levei de tudo um pouco para os pequeninos poderem conhecer o contato.	
Também, também. Depois quando a B passou...	
Porque acho que se perdeu...	
Ou não fosse a gente da região saíam, não é?	
Porque precisamos é que eles continuem.	
Pelo menos assim...	2V
Na Seramena há. Na seramena também há.	

Eu acho que sim!	15A
E é assim, nós continuamos a precisar de tudo o que a terra dá! Nós não... Não sobrevivemos sem isso não é?	2C
Nós precisamos do que a terra dá – alguém tem de o fazer.	Valorização das escolas participantes no projeto diferenciados pela inovação pedagógica
E os próprios irmãos disseram: “Eu nunca tive isso...” Estamos a falar de uma escola de Lisboa. E os irmãos que agora vão para o 11.º disseram: “Isso é fantástico!”	
São já adolescentes, não é? E eles disseram: “Eu quando tinha a idade dela e na escola que eles frequentaram, nunca houve nada disso”.	
Não têm, não têm incutido neles.	
Porque é assim, vamos lá a ver, eu vou falar na minha escola da minha filha...	
É assim, eu falo da escola da minha filha.	
O feedback é bom para nós...	
Ficam admiradas, mas depois o feedback é com certeza positivo.	
Conheço algumas escolas – até por intermédio da Associação de Pais – e não conheço assim nenhuma que tenha um projeto idêntico, comparado...	
Acho que é excelente. É excelente.	
8C	Valorização das atividades desenvolvidas pelos professores fora da escola
Sim	
Não, sim, diferença... Falo com...	
Pronto, acho que sim.	
Até mesmo pessoas de Pero Negro.	
Portanto, acho que sim, que as pessoas começaram a ter uma noção diferente de algumas coisas.	
E mesmo as pessoas...	
Acho que é muito útil!	
Acham estranho.	
A visita de estudo.	
A visita de estudo.	
A outra.... Aquela que foi aqui...	250
Em Runa, também eles... Também vieram...	4F
É isso, eles gostaram imenso!	2V

A segunda!	250
A Hortotorres ou...	
Sim. Onde eles viram os leões e...	
E ficaram supersatisfeitos com o que vocês fizeram na escola.	
Acho que eles sabendo o trabalhar deles, nisto, sabem que vão obter frutos para conseguirem ganhar, se calhar, alguma coisa no futuro, se eles seguirem esta área	8V
Acho que eles já... Mais... Ou seja, esta parte, pronto, de eles plantarem, criarem, epá... Excelente! Saber o que é trabalhar na terra! Porque isto agora é tudo muito fácil!	
...Há muita máquina!	
É.	
Exatamente!	
Porque... O teclar! Ó professor...! Ó professor!	
Incutir a eles as coisas... do antigamente!	
..Como é que se faz? Pronto. Acho que...	350
porque o professor aí conseguiu ter alguma mão neles,	
porque os que tinham uma grande paixão pela horta, conseguia que eles trabalhassem mais na sala	
isto foi tudo uma grande "boa gerência".	
Eu já vi algumas mães que me questionaram se quem quisesse podia ir lá comprar. Se...	3C
Porque tudo o resto, eles têm! Não é?	
tudo isso eles têm!	
E a mim também já me desenrascou uma vez: eu precisava de uma alface e não tinha lá em casa...	8SA
Mas é verdade! Eu disse à B: "amanhã traz uma alface." E eu escusei ir comprar e ajudei a escola! A verdade é esta, então? São as coisas que acontecem!	
É como o Monopoly.	
É como no Monopoly!	
Eles lutam para terem as casas, não é? Vamos lá a ver...	
Porque hoje em dia...	

Eu, por exemplo, ainda me lembro de ter 18 anos e de brincar um bocadinho com as bonecas – é um exemplo, não é, isso já lá vai uns bons anos. Mas não tenho vergonha nenhuma de dizer isto.	2F
...Eu não tinha um telemóvel, nem tinha um tablet.	
Eu acho que já nascem com isso!	
O antigo...	
...Aliás, colegas de trabalho e: "Olha, a minha filha hoje trouxe uma alface." "Uma alface da escola?" "Sim.	3C
Olha, hoje trouxe um pepino, hoje trouxe..." "A sério?! Da escola?!" "Sim."	
Portanto, eles têm isso lá na escola. Acho que as pessoas...	
Mas o teu professor faz isso?!	
Por acaso estamos no campo, não é, temos muito campo e apesar de... Há um bocadinho de espaço que poderia... Fez aquilo, não é? Colocou lá a estufa, houve espaço. Agora vou comparar à dos manos. Eles, na escolinha deles – andaram em Lisboa – eu não estou a ver lá na escola em Lisboa, em Odivelas ou na Amadora...	5SA
Mas é assim: os professores são os...	
Apesar de serem vocês os primeiros, não é, a lançarem...	
Vamos lá a ver... Acho que se continuarem – não sei se estou a pensar bem – Acho que este projeto até ao 4.º ano está fantástico.	
São os mentores do projeto de literacia.	2C
Também acho que sim. Acho que o projeto...	
Vou... Continuem!	150
Continuem!	5V
Tentem batalhar para terem mais ajuda.	
"A-ju-da", percebeu aquilo que eu estou a dizer?	
Não é preciso dizer mais nada.	
Continuação!	
Valorização das atividades desenvolvidas pelos professores na escola com membros da comunidade	
Valorização do papel do professor por ligação com a comunidade	

2ª fase: construção das categorias e subcategorias

Tema	Categoria	Subcategoria	Indicadores	Freq. UR
Competências ligadas ao Projeto E.L.F.	O empreendedorismo	Identificação de competências ligadas ao empreendedorismo	Identificação de autoconfiança/assunção de riscos	1SO 4V 2C
			Identificação de iniciativa/avaliação/energia	3F 1SO
			Identificação de resiliência	1F 1C
			Identificação de planejamento/organização	3F 4SA 2C
			Identificação de criatividade/Inovação	1C 1SA
			Identificação de relacionamento interpessoal/comunicação	2V 1SO 1C 1F 4SA
		Desconhecimento de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo e consequentes necessidades de formação para a vida	Desconhecimento sobre o desenvolvimento de competências do empreendedorismo no seu educando	2F 3V 1SA
			Reconhecimento de necessidades de formação dos pais sobre empreendedorismo	2V 2SA
			Reconhecimento da importância da educação transversal para a vida	3F 2V 1SA 1SO

Resultados da aplicação do Projeto E.L.F.	Promoção da inclusão através da aplicação do Projeto E.L.F.	Valorização do percurso curricular	Reconhecimento da compreensão dos conteúdos curriculares abordados no âmbito do Projeto ELF	1C 1V 1F 1SA
			Reconhecimento da existência de ligações entre os conteúdos curriculares abordados e a vertente prática do Projeto ELF	1SA 4V 2F 3SO
		Valorização da vertente prática do Projeto E.L.F.	Valorização em termos individuais	5V 2C 4SA 1SO
			Valorização em termos coletivos	3V 2SO
			Replicação de aprendizagens decorrentes do Projeto E.L.F. em casa	3SA 2F 4V 2SO
			Reconhecimento da importância do Projeto E.L.F. para o desenvolvimento de hábitos de tomada de decisão informada	3F 3C 2SA 2V
		Concretização de expectativas em relação à aplicação do Projeto E.L.F.	Divergência de opiniões em relação à escolha da atividade económica à qual se aplicou o Projeto E.L.F.	2SO 1SA 2C 1V
			Reconhecimento da necessidade de alargamento do Projeto E.L.F.	4V 25SA 7SO 8C

Resultados do projeto ELF relativamente ao papel da escola/professor e a visão pela comunidade	Promoção da ligação escola-comunidade	Valorização das escolas inseridas no Projeto E.L.F.	Propostas de alargamento do projeto a temáticas de cariz tecnológico	4C 1V 3SO
			Propostas de alargamento do projeto a temáticas de cariz artesanal	75A 75O 3V 1F
			Concretização de expectativas em relação à aplicação do Projeto E.L.F.	25O 2V 2C 25A 1F
			Valorização pela inserção na comunidade	3F 45O 2V 15A 2C
			Valorização das escolas participantes no projeto diferenciados pela inovação pedagógica	7A 8C 25O
			Valorização por atividades desenvolvidas pelos professores fora da escola	4F 2V 25O
			Valorização por atividades desenvolvidas pelos professores na escola	8V 35O 3C 85A 2F
			Valorização por atividades desenvolvidas pelos professores na escola com membros da comunidade	3C

			Valorização do papel do professor por ligação com a comunidade	55A 2C 15O 5V
--	--	--	--	------------------------

ANEXO 31 - Levantamento de dados das Entrevistas aos EE



Projeto E.L.F. - 2014/15

Empreendedorismo e Literacia Financeira

Entrevistas aos Encarregados de Educação - Levantamento de dados

1.ª Entrevista - Total de entrevistados: 7 - Total de UR: 207

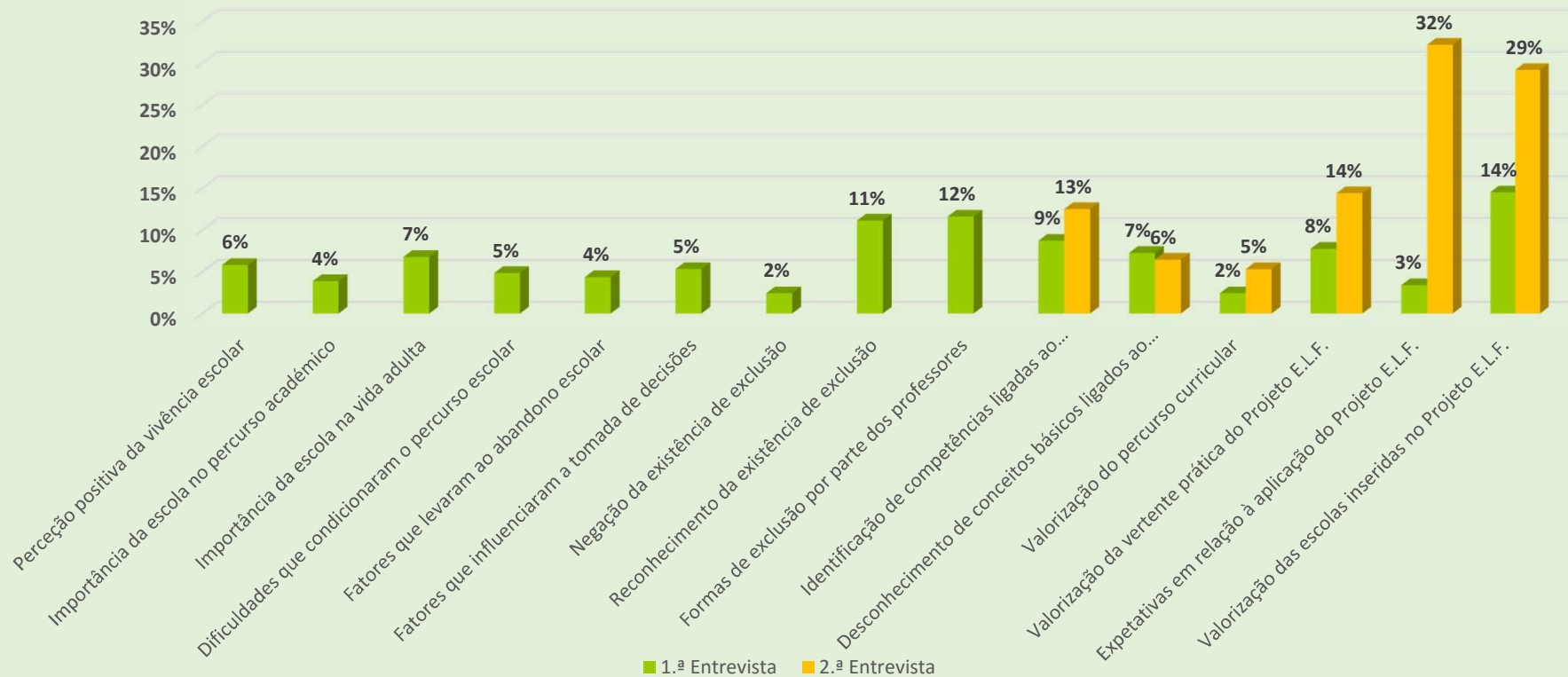
Perceção positiva da vivência escolar	Importância da escola no percurso académico	Importância da escola na vida adulta	Dificuldades que condicionaram o percurso escolar	Fatores que levaram ao abandono escolar	Fatores que influenciaram a tomada de decisões	Negação da existência de exclusão
N.º de UR: 12 FR: 6%	N.º de UR: 8 FR: 4%	N.º de UR: 14 FR: 7%	N.º de UR: 10 FR: 5%	N.º de UR: 9 FR: 4%	N.º de UR: 11 FR: 5%	N.º de UR: 5 FR: 2%
Reconhecimento da existência de exclusão	Formas de exclusão por parte dos professores	Identificação de competências ligadas ao empreendedorismo	Desconhecimento de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo e consequentes necessidades de formação para a vida	Valorização do percurso curricular	Valorização da vertente prática do Projeto E.L.F.	Expetativas em relação à aplicação do Projeto E.L.F.
N.º de UR: 23 FR: 11%	N.º de UR: 24 FR: 12%	N.º de UR: 18 FR: 9%	N.º de UR: 15 FR: 7%	N.º de UR: 5 FR: 2%	N.º de UR: 16 FR: 8%	N.º de UR: 7 FR: 3%
Valorização das escolas inseridas no Projeto E.L.F.						
N.º de UR: 30 FR: 14%						

Entrevistas aos Encarregados de Educação - Levantamento de dados

2.ª Entrevista - Total de entrevistados: 5 - Total de UR: 264

Identificação de competências ligadas ao empreendedorismo	Desconhecimento de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo e consequentes necessidades de formação para a vida	Valorização do percurso curricular	Valorização da vertente prática do Projeto E.L.F.	Concretização de expetativas em relação à aplicação do Projeto E.L.F.	Valorização das escolas inseridas no Projeto E.L.F.
N.º de UR: 33 FR: 13%	N.º de UR: 17 FR: 6%	N.º de UR: 14 FR: 5%	N.º de UR: 38 FR: 14%	N.º de UR: 85 FR: 32%	N.º de UR: 77 FR: 29%

Levantamento/Comparação de dados das entrevistas aos Encarregados de Educação



ANEXO 32 - Youtube - Estadística

Rui Ferreira >



Enxertia, veda e poda ^{LD}

Criado: 08/04/2015 • Duração: 6:47 • Definição de privacidade: Público

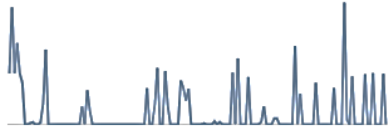
VÍDEO

08/04/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

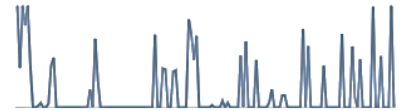
213 ▲



Duração média da visualização

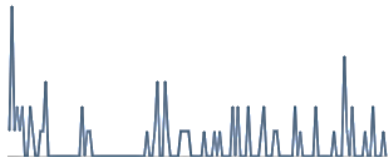
Minutos

3:05 ▲



Visualizações

69 ▲



Pessoas que gostaram

0

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

1

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Brasil (60%)
Portugal (36%)
França (3,2%)
Índia (0,4%)
Estados Unidos (0,1%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Pesquisa do YouTube (49%)
● Introduzido diretamente ou desconhecido (14%)
● Desconhecida – reprodutor integrado (12%)
● Outro (25%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (88%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (12%)



Rui Ferreira >



Visita de Estudo à EPAFBL ^{CC}

Criado: 21/05/2015 • Duração: 3:39 • Definição de privacidade: Público

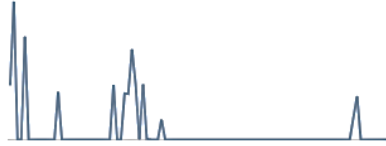
VÍDEO

21/05/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

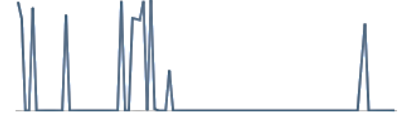
52 ▲



Duração média da visualização

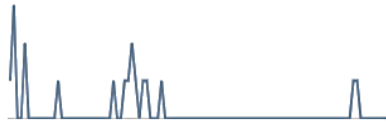
Minutos

2:52 ▲



Visualizações

18 ▲



Pessoas que gostaram

0 ●

Pessoas que não gostaram

0 ●

Comentários

1 ▲

Partilhas

1 ▲

Vídeos em listas de reprodução

0 ●

Subscritores

0 ●

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (92%)

Suíça (7,6%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)

● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Pesquisa do YouTube (27%)

● Externas (23%)

● Introduzido diretamente ou desconhecido (16%)

● Outro (33%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (84%)

● Incorporado em Websites e aplicações externas (16%)



Rui Ferreira >



A História das Coisas

Criado: 14/05/2015 • Duração: 8:59 • Definição de privacidade: Público

VÍDEO

14/05/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

19 ▲



Duração média da visualização

Minutos

3:46 ▲



Visualizações

5 ▲



Pessoas que gostaram

0 ●

Pessoas que não gostaram

0 ●

Comentários

1 ▲

Partilhas

1 ▲

Vídeos em listas de reprodução

0 ●

Subscritores

0 ●

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (90%)

Brasil (10%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)

● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Vídeos sugeridos (55%)

● Funcionalidades de navegação (19%)

● Desconhecida – reprodutor integrado (16%)

● Pesquisa do YouTube (10%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (84%)

● Incorporado em Websites e aplicações externas (16%)



Rui Ferreira >



Etapas de construção de estufas

Criado: 18/04/2015 • Duração: 3:18 • Definição de privacidade: Público

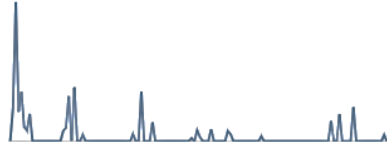
VÍDEO

18/04/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

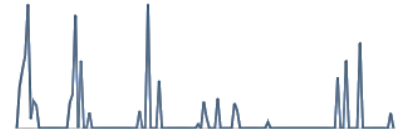
43 ▲



Duração média da visualização

Minutos

1:02 ▲



Visualizações

41 ▲



Pessoas que gostaram

1

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

1

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (60%)
Brasil (40%)
Suíça (0,0%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Desconhecida – reprodutor integrado (22%)
● Vídeos sugeridos (20%)
● Externas (18%)
● Outro (40%)



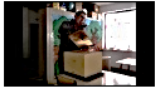
Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (69%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (31%)



Rui Ferreira >



A Apicultura e a Polinização

Criado: 16/04/2015 • Duração: 7:22 • Definição de privacidade: Público

VÍDEO

16/04/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

53 ▲



Duração média da visualização

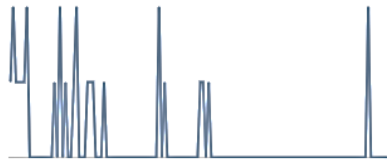
Minutos

1:54 ▲



Visualizações

28 ▲



Pessoas que gostaram

0

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

1

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Brasil (49%)
Portugal (47%)
Itália (2,3%)
Roménia (1,8%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Pesquisa do YouTube (39%)
● Vídeos sugeridos (25%)
● Externas (16%)
● Outro (20%)



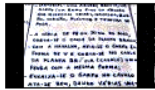
Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (94%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (6,3%)



Rui Ferreira >



Vedar, enxertar e podar - Cartaz expositivo

Criado: 12/04/2015 • Duração: 1:05 • Definição de privacidade: Público

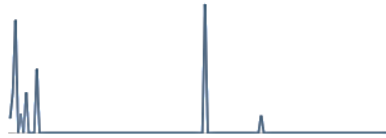
VÍDEO

12/04/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

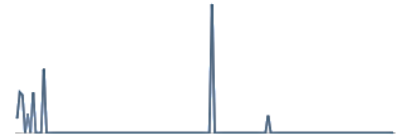
7 ▲



Duração média da visualização

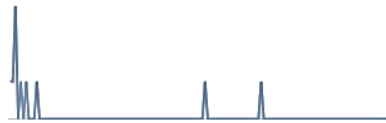
Minutos

0:43 ▲



Visualizações

10 ▲



Pessoas que gostaram

0

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

1

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (81%)
Brasil (19%)



Gênero

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Outras funcionalidades do YouTube (29%)
● Introduzido diretamente ou desconhecido (27%)
● Desconhecida – reprodutor integrado (16%)
● Outro (27%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (84%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (16%)



Rui Ferreira >



Dia a dia do Projeto ELF ^{CC BY}

Criado: 06/04/2015 • Duração: 4:09 • Definição de privacidade: Público

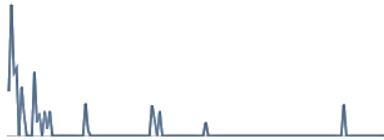
VÍDEO

06/04/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

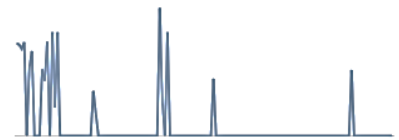
114 ▲



Duração média da visualização

Minutos

3:00 ▲



Visualizações

38 ▲



Pessoas que gostaram

0

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

0

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (96%)

Brasil (3,6%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)

● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Externas (39%)

● Pesquisa do YouTube (19%)

● Desconhecida – reprodutor integrado (15%)

● Outro (27%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (82%)

● Incorporado em Websites e aplicações externas (18%)



Rui Ferreira >



A Importância da Energia ^{CC}

Criado: 24/02/2015 • Duração: 10:43 • Definição de privacidade: Público

VÍDEO

24/02/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

59 ▲



Duração média da visualização

Minutos

2:48 ▲



Visualizações

21 ▲



Pessoas que gostaram

1

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

1

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (81%)
Brasil (19%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Vídeos sugeridos (40%)
● Desconhecida – reprodutor integrado (39%)
● Introduzido diretamente ou desconhecido (13%)
● Outro (7,9%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (61%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (39%)



Rui Ferreira >



Vamos fazer doce de morango?

Criado: 08/02/2015 • Duração: 2:23 • Definição de privacidade: Público

VÍDEO

08/02/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

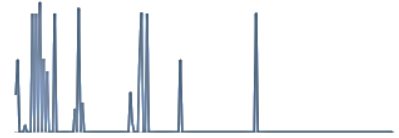
40 ▲



Duração média da visualização

Minutos

1:28 ▲



Visualizações

27 ▲



Pessoas que gostaram

0

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

1

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (90%)
Brasil (9,7%)



Gênero

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Desconhecida – reprodutor integrado (34%)
● Introduzido diretamente ou desconhecido (26%)
● Externas (18%)
● Outro (22%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (66%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (34%)



Rui Ferreira >



Réstias

Criado: 02/02/2015 • Duração: 3:44 • Definição de privacidade: Público

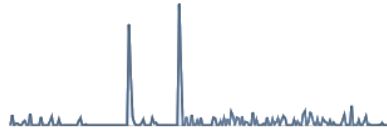
VÍDEO

02/02/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

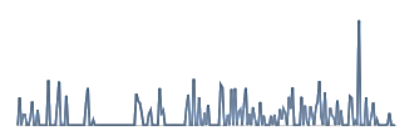
406 ▲



Duração média da visualização

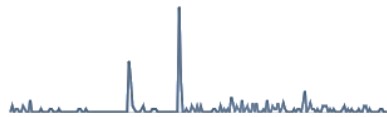
Minutos

2:04 ▲



Visualizações

196 ▲



Pessoas que gostaram

2



Pessoas que não gostaram

0



Comentários

1



Partilhas

0



Vídeos em listas de reprodução

1



Subscritores

0



Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (82%)
Brasil (12%)
França (1,4%)
Suíça (1,2%)
Chile (0,9%)



Género

Visualizações

Masculino (65%)
Feminino (36%)



Origens de tráfego

Tempo de visualização

Vídeos sugeridos (35%)
Desconhecida – reprodutor integrado (31%)
Externas (15%)
Outro (19%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

Página de visualização do YouTube (69%)
Incorporado em Websites e aplicações externas (31%)



Rui Ferreira >



Primeiras Atividades na Horta 🌱

Criado: 27/11/2014 • Duração: 2:21 • Definição de privacidade: Público

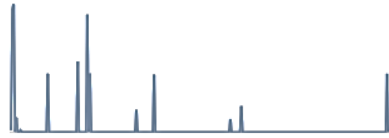
VÍDEO

27/11/2014 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

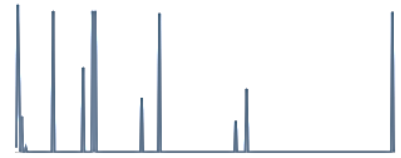
30 ▲



Duração média da visualização

Minutos

1:30 ▲



Visualizações

20 ▲



Pessoas que gostaram *

0

Pessoas que não gostaram *

0

Comentários *

1

Partilhas *

0

Vídeos em listas de reprodução *

0

Subscritores *

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (92%)
Brasil (7,7%)
Rússia (0,2%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Externas (57%)
● Aplicação externa (24%)
● Pesquisa do YouTube (11%)
● Outro (7,1%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (97%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (3,0%)



Rui Ferreira >



Visita à Hortorres

Criado: 21/11/2014 • Duração: 6:32 • Definição de privacidade: Público

VÍDEO

21/11/2014 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

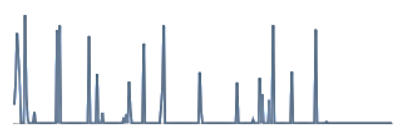
172



Duração média da visualização

Minutos

3:07



Visualizações

55



Pessoas que gostaram *

0

Pessoas que não gostaram *

1

Comentários *

1

Partilhas *

0

Vídeos em listas de reprodução *

0

Subscritores *

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (98%)
Espanha (2,3%)



Género

Visualizações

Masculino (n/d)
 Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

Desconhecida – reprodutor integrado (47%)
 Vídeos sugeridos (23%)
 Externas (10%)
 Outro (20%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

Página de visualização do YouTube (53%)
 Incorporado em Websites e aplicações externas (47%)



Rui Ferreira >



Visita de Estudo à Campoeste

Criado: 21/11/2014 • Duração: 3:33 • Definição de privacidade: Público

VÍDEO

21/11/2014 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

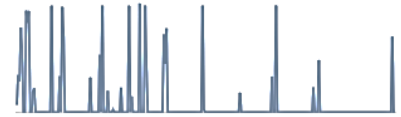
137 ▲



Duração média da visualização

Minutos

2:12 ▲



Visualizações

62 ▲



Pessoas que gostaram *

1



Pessoas que não gostaram *

0



Comentários *

1



Partilhas *

0



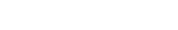
Vídeos em listas de reprodução *

0



Subscritores *

0



Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (99%)

França (0,6%)



Gênero

Visualizações

● Masculino (n/d)

● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Pesquisa do YouTube (25%)

● Vídeos sugeridos (25%)

● Desconhecida – reprodutor integrado (24%)

● Outro (25%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (76%)

● Incorporado em Websites e aplicações externas (24%)



Rui Ferreira >



Educação Financeira e Empreendedorismo Para os 1.ºs Ciclos de Aprendizagem

Criado: 21/11/2014 • Duração: 0:35 • Definição de privacidade: Público

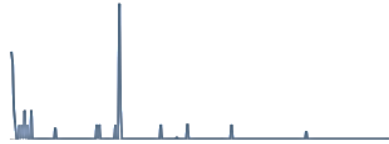
VÍDEO

21/11/2014 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

23 ▲



Duração média da visualização

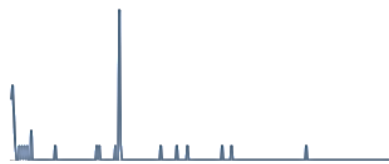
Minutos

0:34 ▲



Visualizações

40 ▲



Pessoas que gostaram *

0

Pessoas que não gostaram *

0

Comentários *

1

Partilhas *

0

Vídeos em listas de reprodução *

0

Subscritores *

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (96%)
França (2,5%)
Brasil (1,6%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Desconhecida – reprodutor integrado (54%)
● Externas (25%)
● Introduzido diretamente ou desconhecido (12%)
● Outro (9,0%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Incorporado em Websites e aplicações externas (54%)
● Página de visualização do YouTube (46%)





Projeto E.L.F. - Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Criado: 21/11/2014 • Duração: 1:39 • Definição de privacidade: Público

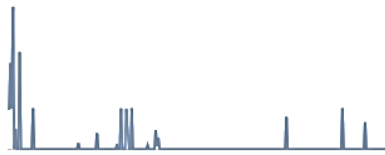
VÍDEO

21/11/2014 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

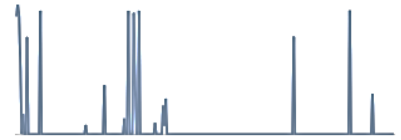
31 ▲



Duração média da visualização

Minutos

0:54 ▲



Visualizações

34 ▲



Pessoas que gostaram *

2



Pessoas que não gostaram *

0



Comentários *

1



Partilhas *

0



Videos em listas de reprodução *

0



Subscritores *

0



Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (98%)
Moçambique (2,5%)



Gênero

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Desconhecida – reprodutor integrado (33%)
● Pesquisa do YouTube (30%)
● Externas (21%)
● Outro (16%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (67%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (33%)



Rui Ferreira >



Literacia Financeira ^{CC BY}

Criado: 21/11/2014 • Duração: 22:46 • Definição de privacidade: Público

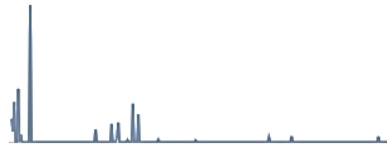
VÍDEO

21/11/2014 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

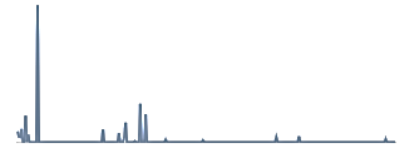
73 ▲



Duração média da visualização

Minutos

2:26 ▲



Visualizações

30 ▲



Pessoas que gostaram *

0

Pessoas que não gostaram *

0

Comentários *

1

Partilhas *

0

Vídeos em listas de reprodução *

0

Subscritores *

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (100%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)

● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Externas (34%)

● Vídeos sugeridos (25%)

● Desconhecida – reprodutor integrado (18%)

● Outro (23%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (82%)

● Incorporado em Websites e aplicações externas (18%)



ANEXO 33 - Youtube - Levantamento de dados

Youtube – Levantamento de dados

Priorização das temáticas por parte dos visualizadores	Designação	Temática	Data de colocação em linha	Distribuição geográfica das visualizações	N.º de visualizações
1.º	Réstias	Técnicas tradicionais	2/2/15	Portugal Brasil França Suíça Chile	196
2.º	Enxertia, veda e poda	Técnicas tradicionais	8/4/15	Brasil Portugal França Índia EUA	69
3.º	Visita de estudo à Campoeste	Técnicas modernas	21/11/14	Portugal França	62
4.º	Visita à Hortorres	Técnicas modernas	21/11/14	Portugal Espanha	55
5.º	Construção de estufas	Técnicas modernas	18/4/15	Portugal Brasil Suíça	41
6.º	Educação Financeira e Empreendedorismo para os primeiros ciclos de aprendizagem	Pedagogia	21/11/14	Portugal França Brasil	40
7.º	O Dia-a-dia do Projeto E.L.F.	Pedagogia	6/4/15	Portugal Brasil	38
8.º	Projeto E.L.F.	Pedagogia	21/11/14	Portugal Moçambique	34
9.º	Literacia Financeira	Pedagogia	21/11/14	Portugal	30
10.º	A apicultura e a polinização	Técnicas tradicionais	16/4/15	Brasil Portugal Itália Roménia	28
11.º	Vamos fazer doce de morango?	Técnicas tradicionais	5/2/15	Portugal Brasil	27
12.º	A importância da energia	Recursos naturais e ambiente	24/2/15	Portugal Brasil	21
13.º	Primeiras atividades na horta	Pedagogia	27/11/14	Portugal Brasil Rússia	20
14.º	Visita de estudo à EFPABL	Ensino profissionalizante	21/5/15	Portugal Suíça	18
15.º	A história das coisas	Recursos naturais e ambiente	14/5/15	Portugal Brasil	5
16.º	Cartaz expositivo	Pedagogia	12/4/15	Portugal Brasil	10

ANEXO 34 - Facebook - Estadística Global

Dia	Total de Gostos ao Longo do Tempo por Seguidores	Novos Gostos Diários por Seguidores	Novos Não Gostos Diários por Seguidores	Ligações e Divulgações Diárias da Página por Seguidores	Alcance Total Diário das Publicações do Projeto por Utilizadores	Número Total de Utilizadores a quem Chegou os Conteúdos do Projeto	Consultas Diárias dos Conteúdos do Projeto por Utilizadores	Visualizações Diárias das Publicações do Projeto por Seguidores	Divulgação Diária das Publicações do projeto por Utilizadores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Seguidores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Utilizadores	Feedbacks Negativos Diários	Total Diário de Seguidores a Comentar sobre o Projeto
11/14/14	0	1	0	1	15	31	0	0	0	0	0	0	1
11/15/14	30	0	0	0	9	10	0	0	0	0	0	0	0
11/16/14	30	0	0	0	4	5	0	0	0	0	0	0	0
11/17/14	30	0	0	0	5	5	1	0	0	0	0	0	0
11/18/14	30	0	0	2	3	16	7	0	0	2	2	0	0
11/19/14	30	0	0	0	2	3	0	0	0	0	0	0	0
11/20/14	30	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11/21/14	30	0	0	10	52	389	29	50	324	6	51	0	9
11/22/14	41	12	0	68	457	1553	41	430	1454	46	165	0	43
11/23/14	43	2	0	35	374	795	11	346	717	25	55	0	21
11/24/14	48	5	0	56	377	903	17	349	832	47	146	0	28
11/25/14	51	3	0	49	487	870	10	457	804	40	154	0	20
11/26/14	51	0	0	7	127	243	10	113	215	5	22	0	4
11/27/14	51	0	0	9	38	154	12	31	125	8	26	0	3
11/28/14	51	0	0	12	45	195	8	41	171	8	31	0	7
11/29/14	51	0	0	2	22	76	8	17	56	2	2	0	0
11/30/14	51	0	0	1	14	45	5	10	35	1	6	0	1
12/1/14	51	0	0	2	9	33	1	3	15	1	1	0	1
12/2/14	51	0	0	1	13	50	5	4	33	1	1	0	0
12/3/14	51	0	0	1	12	28	1	2	14	1	4	0	0
12/4/14	54	3	0	3	18	39	3	2	15	3	19	0	3
12/5/14	54	0	0	2	28	44	0	2	2	1	1	0	1
12/6/14	54	0	0	1	10	73	4	1	55	0	0	0	1
12/7/14	54	0	0	0	10	29	2	1	15	0	0	0	0
12/8/14	54	0	0	1	4	8	0	0	0	0	0	0	1
12/9/14	54	0	0	0	10	24	1	1	13	0	0	0	0
12/10/14	54	0	0	0	8	10	0	0	0	0	0	0	0
12/11/14	54	0	0	0	5	5	0	0	0	0	0	0	0
12/12/14	54	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12/13/14	54	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0
12/14/14	54	0	0	0	2	5	1	1	3	0	0	0	0
12/15/14	54	0	0	0	3	16	1	1	13	0	0	0	0
12/16/14	54	0	0	0	3	3	0	0	0	0	0	0	0
12/17/14	54	0	0	0	3	3	0	0	0	0	0	0	0
12/18/14	54	0	0	0	4	19	2	2	15	0	0	0	0
12/19/14	54	0	0	1	2	15	2	1	10	1	23	0	0
12/20/14	54	0	0	0	3	8	1	1	3	0	0	0	0
12/21/14	54	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
12/22/14	54	0	0	0	5	7	0	0	0	0	0	0	0
12/23/14	54	0	0	1	1	25	2	1	23	1	3	0	0
12/24/14	54	0	0	0	1	15	1	1	14	0	0	0	0
12/25/14	55	1	0	1	7	14	0	0	0	0	0	0	1
12/26/14	55	0	0	0	6	15	1	1	8	0	0	0	0
12/27/14	55	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
12/28/14	55	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12/29/14	56	1	0	1	3	19	1	1	14	0	0	0	1
12/30/14	56	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
12/31/14	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAIS	56	28	0	267	2206	5805	188	1870	4998	199	712	0	146

NOTA: Os seguidores contabilizados durante a implementação do Projeto ELF tiveram de ser aprovados pelos administradores da página e constituíram um universo de 123 seguidores. Os utilizadores são pessoas cujo acesso à página do Projeto ELF se deveu à partilha de informação por seguidores.

Dia	Total de Gostos ao Longo do Tempo por Seguidores	Novos Gostos Diários por Seguidores	Novos Não Gostos Diários por Seguidores	Ligações e Divulgações Diárias da Página por Seguidores	Alcance Total Diário das Publicações do Projeto por Utilizadores	Número Total de Utilizadores a quem Chegou os Conteúdos do Projeto	Consultas Diárias dos Conteúdos do Projeto por Utilizadores	Visualizações Diárias das Publicações do Projeto por Seguidores	Divulgação Diária das Publicações do projeto por Utilizadores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Seguidores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Utilizadores	Feedbacks Negativos Diários	Total Diário de Seguidores a Comentar sobre o Projeto
1/1/15	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1/2/15	56	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
1/3/15	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1/4/15	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1/5/15	56	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
1/6/15	57	1	0	1	5	9	0	0	0	0	0	0	1
1/7/15	57	0	0	0	1	6	0	0	0	0	0	0	0
1/8/15	58	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
1/9/15	60	2	0	2	3	10	2	1	6	0	0	0	2
1/10/15	60	0	0	1	3	34	4	2	28	1	27	0	0
1/11/15	60	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0
1/12/15	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1/13/15	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1/14/15	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1/15/15	60	0	0	10	20	158	9	19	147	9	59	0	4
1/16/15	65	5	0	33	145	653	10	130	611	27	352	0	19
1/17/15	68	3	0	19	113	249	1	93	214	17	109	0	10
1/18/15	68	0	0	2	33	66	2	20	42	2	11	0	0
1/19/15	68	0	0	0	7	13	0	5	9	0	0	0	0
1/20/15	68	0	0	0	4	6	0	3	5	0	0	0	0
1/21/15	68	0	0	1	4	5	0	2	3	1	4	1	0
1/22/15	68	0	0	19	54	212	4	52	204	15	118	0	11
1/23/15	68	0	0	2	12	43	2	12	40	2	28	0	1
1/24/15	68	0	0	4	12	32	1	8	25	3	9	0	1
1/25/15	68	0	0	1	9	20	1	9	18	1	1	0	1
1/26/15	68	0	0	3	5	6	0	2	2	2	3	0	2
1/27/15	68	0	0	3	8	28	1	6	24	3	4	0	1
1/28/15	68	0	0	4	9	41	2	7	37	3	4	0	1
1/29/15	68	0	0	0	6	7	0	4	5	0	0	0	0
1/30/15	68	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0
1/31/15	70	2	0	2	26	46	1	1	3	1	1	0	2
2/1/15	70	0	0	0	23	33	1	1	2	0	0	0	0
2/2/15	70	0	0	3	9	18	3	6	11	1	4	0	2
2/3/15	70	0	0	4	22	54	1	22	52	4	10	0	2
2/4/15	70	0	0	0	7	31	4	3	23	0	0	0	0
2/5/15	70	0	0	1	4	7	0	2	4	0	0	0	1
2/6/15	70	0	0	1	4	14	1	2	9	1	3	0	0
2/7/15	70	0	0	0	4	15	2	1	10	0	0	0	0
2/8/15	70	0	0	6	15	50	3	15	44	5	9	0	2
2/9/15	70	0	0	6	38	58	0	37	53	6	8	0	3
2/10/15	70	0	0	1	37	103	2	33	94	1	1	0	0
2/11/15	70	0	0	1	11	37	3	6	28	1	1	0	0
2/12/15	70	0	0	0	3	3	0	1	1	0	0	0	0
2/13/15	70	0	0	1	2	21	2	1	17	1	1	0	0
2/14/15	70	0	0	1	4	27	1	2	24	1	27	0	1
2/15/15	70	0	0	0	4	4	0	0	0	0	0	0	0
2/16/15	70	0	0	0	3	12	1	1	9	0	0	0	0
2/17/15	70	0	0	2	6	34	1	4	29	1	2	0	1
2/18/15	70	0	0	0	3	17	1	1	13	0	0	0	0
2/19/15	70	0	0	0	4	7	1	1	2	0	0	0	0
2/20/15	70	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
2/21/15	70	0	0	1	3	12	1	1	9	1	9	0	0

2/22/15	70	0	0	0	1	3	1	1	2	0	0	0	0
2/23/15	70	0	0	2	3	30	3	2	25	2	80	0	0
2/24/15	71	1	0	2	7	32	2	6	29	0	0	0	2
2/25/15	72	1	0	3	21	69	1	19	64	2	3	0	3
2/26/15	72	0	0	4	14	252	2	11	240	4	5	0	3
2/27/15	72	0	0	3	14	33	0	12	31	1	1	0	3
2/28/15	72	0	0	1	4	29	0	2	25	0	0	0	1
3/1/15	72	0	0	4	43	85	1	42	83	3	3	0	2
3/2/15	72	0	0	1	10	13	0	8	11	0	0	0	1
3/3/15	72	0	0	0	4	4	0	1	1	0	0	0	0
3/4/15	72	0	0	3	9	77	2	7	71	2	3	0	3
3/5/15	72	0	0	22	108	420	4	107	405	13	68	0	13
3/6/15	72	0	0	2	18	31	0	16	28	1	1	0	1
3/7/15	73	1	0	1	6	11	0	4	7	0	0	0	1
3/8/15	73	0	0	1	9	52	0	3	39	1	2	0	1
3/9/15	73	0	0	0	6	17	0	1	9	0	0	0	0
3/10/15	73	0	0	0	3	6	1	1	3	0	0	0	0
3/11/15	73	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0
3/12/15	73	0	0	1	7	55	0	3	47	0	0	0	1
3/13/15	73	0	0	2	4	96	3	3	86	1	11	0	1
3/14/15	73	0	0	4	6	126	0	6	116	2	7	0	3
3/15/15	73	0	0	2	3	19	0	2	7	1	1	0	1
3/16/15	75	2	0	3	13	122	7	7	103	2	7	0	2
3/17/15	76	1	0	2	23	79	2	3	43	1	22	0	1
3/18/15	76	0	0	0	3	11	1	1	3	0	0	0	0
3/19/15	76	0	0	4	5	57	1	4	53	1	1	0	3
3/20/15	76	0	0	0	3	46	2	3	41	0	0	0	0
3/21/15	76	0	0	0	3	10	2	1	6	0	0	0	0
3/22/15	76	0	0	1	2	29	2	2	26	1	2	0	0
3/23/15	76	0	0	1	2	18	0	1	16	1	1	0	0
3/24/15	76	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0
3/25/15	76	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3/26/15	76	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3/27/15	76	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
3/28/15	76	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3/29/15	77	1	0	1	3	20	0	1	16	1	1	0	1
3/30/15	77	0	0	0	2	4	0	0	0	0	0	0	0
TOTAIS	77	21	0	206	1055	4069	105	796	3493	150	1024	1	116

NOTA: Os seguidores contabilizados durante a implementação do Projeto ELF tiveram de ser aprovados pelos administradores da página e constituíram um universo de 123 seguidores. Os utilizadores são pessoas cujo acesso à página do Projeto ELF se deveu à partilha de informação por seguidores.

Dia	Total de Gostos ao Longo do Tempo por Seguidores	Novos Gostos Diários por Seguidores	Novos Não Gostos Diários por Seguidores	Ligações e Divulgações Diárias da Página por Seguidores	Alcance Total Diário das Publicações do Projeto por Utilizadores	Número Total de Utilizadores a quem Chegou os Conteúdos do Projeto	Consultas Diárias dos Conteúdos do Projeto por Utilizadores	Visualizações Diárias das Publicações do Projeto por Seguidores	Divulgação Diária das Publicações do projeto por Utilizadores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Seguidores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Utilizadores	Feedbacks Negativos Diários	Total Diário de Seguidores a Comentar sobre o Projeto
3/31/15	78	1	0	1	12	17	2	4	5	1	8	0	1
4/1/15	78	0	0	0	6	25	0	1	16	0	0	0	0
4/2/15	78	0	0	1	1	35	3	1	32	1	82	0	0
4/3/15	78	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0
4/4/15	78	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
4/5/15	78	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
4/6/15	78	0	0	7	29	117	4	29	113	6	11	0	5
4/7/15	78	0	0	9	73	249	1	73	248	8	13	0	6
4/8/15	78	0	0	5	19	94	1	18	86	4	4	0	2
4/9/15	78	1	0	11	108	318	2	105	307	8	8	0	6
4/10/15	78	0	0	2	21	65	4	19	57	1	1	0	1
4/11/15	78	0	0	0	4	36	0	3	33	0	0	0	0
4/12/15	78	0	0	6	20	171	8	20	161	5	23	0	3
4/13/15	78	0	0	13	87	287	1	87	286	7	40	0	11
4/14/15	78	0	0	4	55	184	3	53	179	3	4	0	2
4/15/15	78	0	0	2	11	60	0	10	56	1	1	0	1
4/16/15	78	0	0	8	43	169	7	42	160	4	5	0	6
4/17/15	79	1	0	5	54	180	5	54	175	4	4	0	2
4/18/15	80	1	0	5	27	276	12	23	253	2	8	0	5
4/19/15	82	2	0	7	40	131	5	35	108	2	2	0	7
4/20/15	85	3	0	18	127	355	7	99	298	10	39	0	15
4/21/15	86	1	0	3	48	217	8	20	158	3	17	0	1
4/22/15	86	0	0	69	289	1017	10	283	990	52	459	0	40
4/23/15	88	2	0	27	237	631	5	229	607	20	60	0	14
4/24/15	88	0	0	8	59	171	3	52	159	6	42	0	2
4/25/15	88	0	0	9	48	139	5	47	128	6	7	0	3
4/26/15	88	0	0	2	18	41	4	17	36	1	1	0	2
4/27/15	89	1	0	29	169	366	8	168	356	19	27	0	21
4/28/15	89	0	0	9	87	158	3	87	154	4	6	0	6
4/29/15	89	0	0	1	15	47	1	14	44	1	2	0	0
4/30/15	89	0	0	1	3	3	0	3	3	0	0	0	1
5/1/15	89	0	0	1	7	7	0	5	5	1	4	0	1
5/2/15	89	0	0	0	2	2	0	2	2	0	0	0	0
5/3/15	89	0	0	17	59	137	7	58	128	10	41	0	12
5/4/15	92	3	0	50	651	1437	16	643	1409	39	349	0	34
5/5/15	95	3	0	106	986	2026	26	968	1960	73	974	0	51
5/6/15	98	3	0	68	742	1560	19	711	1476	51	804	0	34
5/7/15	98	0	0	7	166	288	1	156	269	4	195	0	3
5/8/15	99	1	0	34	411	745	3	398	726	17	111	0	20
5/9/15	99	0	0	9	105	190	1	104	188	5	67	0	4
5/10/15	99	0	0	7	120	222	6	118	212	3	19	0	5
5/11/15	99	0	0	2	38	64	0	34	60	0	0	0	2
5/12/15	99	0	0	3	26	64	0	26	62	1	1	0	2
5/13/15	99	0	0	10	56	133	5	56	128	4	12	0	9
5/14/15	99	0	0	24	126	419	10	126	405	14	51	0	18
5/15/15	100	1	0	15	135	370	9	132	357	6	37	0	12
5/16/15	100	0	0	3	66	171	5	63	160	2	2	0	2
5/17/15	100	0	0	1	27	47	0	26	46	1	1	0	1
5/18/15	100	0	0	0	27	66	7	27	59	0	0	0	0
5/19/15	100	0	0	1	20	62	4	19	57	0	0	0	1
5/20/15	100	0	0	3	17	142	7	15	133	3	34	0	2
5/21/15	100	0	0	4	27	91	4	27	85	1	1	0	4

5/22/15	100	0	0	11	74	142	3	74	137	6	7	0	7
5/23/15	100	0	0	1	11	40	5	11	35	0	0	0	1
5/24/15	100	0	0	0	9	46	8	8	37	0	0	0	0
5/25/15	100	0	0	1	9	34	2	9	30	0	0	0	1
5/26/15	100	0	0	0	7	23	1	7	21	0	0	0	0
5/27/15	100	0	0	0	3	11	2	3	9	0	0	0	0
5/28/15	100	0	0	0	3	6	1	3	5	0	0	0	0
5/29/15	100	0	0	0	8	8	0	6	6	0	0	0	0
5/30/15	100	0	0	1	2	5	1	1	3	1	10	0	0
5/31/15	100	0	0	0	5	19	2	5	17	0	0	0	0
6/1/15	100	0	0	1	9	34	2	9	30	1	12	0	0
6/2/15	100	0	0	1	7	28	4	6	23	1	6	0	0
6/3/15	100	0	0	27	108	423	7	108	411	24	68	0	15
6/4/15	102	2	0	36	232	606	5	230	593	26	193	0	19
6/5/15	102	0	0	6	49	208	1	46	197	5	6	0	2
6/6/15	102	0	0	3	16	41	3	16	38	3	3	0	0
6/7/15	102	0	0	1	6	34	7	6	27	1	24	0	0
6/8/15	102	0	0	0	4	16	3	4	13	0	0	0	0
6/9/15	102	0	0	1	5	9	1	5	8	1	2	0	0
6/10/15	102	0	0	1	5	13	2	5	11	0	0	0	1
6/11/15	102	0	0	0	3	23	1	3	20	0	0	0	0
6/12/15	102	0	0	0	3	3	0	2	2	0	0	0	0
6/13/15	102	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
6/14/15	102	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
6/15/15	102	0	0	0	3	19	0	3	18	0	0	0	0
6/16/15	103	1	0	1	19	27	0	2	2	0	0	0	1
6/17/15	103	0	0	1	14	20	0	0	0	1	1	0	0
6/18/15	103	0	0	1	1	2	2	0	0	1	186	0	0
6/19/15	103	0	0	0	4	16	1	4	13	0	0	0	0
6/20/15	103	0	0	0	2	5	2	1	3	0	0	0	0
6/21/15	104	1	0	1	6	31	1	1	20	1	85	0	1
6/22/15	104	0	0	1	2	40	0	1	36	1	1	0	0
6/23/15	104	0	0	13	58	183	8	57	173	10	30	0	9
6/24/15	104	0	0	15	78	224	6	78	216	9	28	0	9
6/25/15	104	0	0	1	10	38	2	9	34	0	0	0	1
6/26/15	104	0	0	0	5	11	0	4	10	0	0	0	0
6/27/15	104	0	0	0	2	2	0	1	1	0	0	0	0
6/28/15	104	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6/29/15	104	0	0	2	4	22	3	4	19	1	1	0	1
6/30/15	104	0	0	0	1	14	2	1	12	0	0	0	0
7/1/15	104	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/2/15	104	0	0	0	1	13	0	1	12	0	0	0	0
7/3/15	104	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/4/15	104	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
7/5/15	104	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
7/6/15	105	1	0	2	9	26	2	2	12	1	4	0	1
7/7/15	106	1	0	2	8	23	2	1	12	1	1	0	1
7/8/15	106	0	0	0	3	3	0	1	1	0	0	0	0
7/9/15	106	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
7/10/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/11/15	106	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
7/12/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/13/15	106	0	0	0	2	9	2	1	6	0	0	0	0
7/14/15	106	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
7/15/15	106	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0

7/16/15	106	0	0	0	1	11	0	1	10	0	0	0	0
7/17/15	106	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
7/18/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/19/15	106	0	0	0	1	1	0	1	1	0	0	0	0
7/20/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/21/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/22/15	106	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
7/23/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/24/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/25/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/26/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/27/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/28/15	106	0	0	0	1	4		1	3	0	0	0	0
TOTAIS	106	30	0	758	6350	16359	345	6061	15449	509	4245	1	450

NOTA: Os seguidores contabilizados durante a implementação do Projeto ELF tiveram de ser aprovados pelos administradores da página e constituíram um universo de 123 seguidores. Os utilizadores são pessoas cujo acesso à página do Projeto ELF se deveu à partilha de informação por seguidores.

Etapa	Total de Gostos ao Longo do Tempo por Seguidores	Novos Gostos Diários por Seguidores	Novos Não Gostos Diários por Seguidores	Ligações e Divulgações Diárias da Página por Seguidores	Alcance Total Diário das Publicações do Projeto por Utilizadores	Número Total de Utilizadores a quem Chegou os Conteúdos do Projeto	Consultas Diárias dos Conteúdos do Projeto por Utilizadores	Visualizações Diárias das Publicações do Projeto por Seguidores	Divulgação Diária das Publicações do projeto por Utilizadores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Seguidores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Utilizadores	Feedbacks Negativos Diários	Total Diário de Seguidores a Comentar sobre o Projeto
1.º Período	56	28	0	267	2206	5805	188	1870	4998	199	712	0	146
2.º Período	77	21	0	206	1055	4069	105	796	3493	150	1024	1	116
3.º Período	106	30	0	758	6350	16359	345	6061	15449	509	4245	1	450
TOTAIS	106	79	0	1231	9611	26233	638	8727	23940	858	5981	2	712

NOTA: Os seguidores contabilizados durante a implementação do Projeto ELF tiveram de ser aprovados pelos administradores da página e constituíram um universo de 123 seguidores.

Os utilizadores são pessoas cujo acesso à página do Projeto ELF se deveu à partilha de informação por seguidores.

ANEXO 35 - Relatório da Atividade Inspetiva

AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS

Relatório

Agrupamento de Escolas

Joaquim Inácio da Cruz Sobral

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

2014
2015

Área Territorial de Inspeção
do Sul

CONSTITUIÇÃO DO AGRUPAMENTO

Jardins de Infância e Escolas	EPE	1.º CEB	2.º CEB	3.º CEB	ES
Escola Básica e Secundária Joaquim Inácio da Cruz Sobral, Sobral de Monte Agraço			•	•	•
Jardim de Infância de Pontes de Monfalim, Sobral de Monte Agraço	•				
Jardim de Infância de Almargem, Sobral de Monte Agraço	•				
Jardim de Infância de Pero Negro, Sobral de Monte Agraço	•				
Escola Básica da Sapataria, Sobral de Monte Agraço	•	•			
Escola Básica de Sobral de Monte Agraço e Santo Quintino, Sobral de Monte Agraço	•	•			
Escola Básica de Pero Negro, Sobral de Monte Agraço		•			

1 – INTRODUÇÃO

A [Lei n.º 31/2002](#), de 20 de dezembro, aprovou o sistema de avaliação dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, definindo orientações gerais para a autoavaliação e para a avaliação externa. Neste âmbito, foi desenvolvido, desde 2006, um programa nacional de avaliação dos jardins de infância e das escolas básicas e secundárias públicas, tendo-se cumprido o primeiro ciclo de avaliação em junho de 2011.

A então Inspeção-Geral da Educação foi incumbida de dar continuidade ao programa de avaliação externa das escolas, na sequência da proposta de modelo para um novo ciclo de avaliação externa, apresentada pelo Grupo de Trabalho ([Despacho n.º 4150/2011](#), de 4 de março). Assim, apoiando-se no modelo construído e na experimentação realizada em doze escolas e agrupamentos de escolas, a Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC) está a desenvolver esta atividade consagrada como sua competência no [Decreto Regulamentar n.º 15/2012](#), de 27 de janeiro.

O presente relatório expressa os resultados da avaliação externa do [Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral – Sobral de Monte Agraço](#), realizada pela equipa de avaliação, na sequência da visita efetuada entre 9 e 12 de fevereiro de 2015. As conclusões decorrem da análise dos documentos fundamentais do Agrupamento, em especial da sua autoavaliação, dos indicadores de sucesso académico dos alunos, das respostas aos questionários de satisfação da comunidade e da realização de entrevistas.

Espera-se que o processo de avaliação externa fomente e consolide a autoavaliação e resulte numa oportunidade de melhoria para o Agrupamento, constituindo este documento um instrumento de reflexão e de debate. De facto, ao identificar pontos fortes e áreas de melhoria, este relatório oferece elementos para a construção ou o aperfeiçoamento de planos de ação para a melhoria e de desenvolvimento de cada escola, em articulação com a administração educativa e com a comunidade em que se insere.

A equipa de avaliação externa visitou a escola-sede do Agrupamento, o Jardim de Infância de Pero Negro e as escolas básicas de Pero Negro, da Sapataria e de Sobral de Monte Agraço e Santo Quintino, estas duas também com jardim de infância.

A equipa regista a atitude de empenhamento e de mobilização do Agrupamento, bem como a colaboração demonstrada pelas pessoas com quem interagiu na preparação e no decurso da avaliação.

ESCALA DE AVALIAÇÃO

Níveis de classificação dos três domínios

EXCELENTE – A ação da escola tem produzido um impacto consistente e muito acima dos valores esperados na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. Os pontos fortes predominam na totalidade dos campos em análise, em resultado de práticas organizacionais consolidadas, generalizadas e eficazes. A escola distingue-se pelas práticas exemplares em campos relevantes.

MUITO BOM – A ação da escola tem produzido um impacto consistente e acima dos valores esperados na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. Os pontos fortes predominam na totalidade dos campos em análise, em resultado de práticas organizacionais generalizadas e eficazes.

BOM – A ação da escola tem produzido um impacto em linha com os valores esperados na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. A escola apresenta uma maioria de pontos fortes nos campos em análise, em resultado de práticas organizacionais eficazes.

SUFICIENTE – A ação da escola tem produzido um impacto aquém dos valores esperados na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. As ações de aperfeiçoamento são pouco consistentes ao longo do tempo e envolvem áreas limitadas da escola.

INSUFICIENTE – A ação da escola tem produzido um impacto muito aquém dos valores esperados na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. Os pontos fracos sobrepõem-se aos pontos fortes na generalidade dos campos em análise. A escola não revela uma prática coerente, positiva e coesa.

O relatório do Agrupamento e o eventual contraditório apresentado(s) no âmbito da [Avaliação Externa das Escolas 2014-2015](#) serão disponibilizados na [página da IGEC](#).

2 – CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO

O Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral, constituído em 2008, integra sete estabelecimentos de educação e ensino, localiza-se no concelho de Sobral de Monte Agraço, distrito de Lisboa e oferece a educação pré-escolar, os três ciclos do ensino básico e o ensino secundário. Dispõe de duas unidades de ensino estruturado para a educação de alunos com perturbações do espectro do autismo, uma a funcionar na Escola Básica de Sobral de Monte Agraço e Santo Quintino e a outra na escola-sede. O Agrupamento foi avaliado em 2010, no âmbito do primeiro ciclo da avaliação externa das escolas.

Em 2014-2015, a população escolar totaliza 1374 crianças e alunos: 185 na educação pré-escolar (oito grupos), 388 no 1.º ciclo (20 turmas), 225 no 2.º ciclo (11 turmas), 405 no 3.º ciclo (19 turmas, incluindo três com percursos curriculares alternativos), 141 nos cursos científico-humanísticos do ensino secundário (sete turmas) e 30 nos cursos profissionais (três turmas).

Da totalidade dos alunos, 4% são de nacionalidade estrangeira provenientes de 11 países, com predomínio do Brasil. No que respeita à ação social escolar, 75% não beneficiam de auxílios económicos. Quanto às tecnologias de informação e comunicação, 71% possuem computador e internet.

Relativamente à formação académica, 32% dos pais e encarregados de educação têm habilitações de nível secundário e superior. No que respeita à sua ocupação profissional, 19% exercem atividades de nível superior e intermédio.

O pessoal docente é composto por 133 docentes, 79% dos quais pertencentes aos quadros, sendo que 95% têm 10 ou mais anos de serviço. O pessoal não docente é constituído por oito assistentes técnicos, uma chefe de serviços de administração escolar e 36 assistentes operacionais, a que acrescem 10 trabalhadores com contrato de emprego e inserção. Exerce também funções no Agrupamento uma psicóloga, a tempo parcial.

No ano letivo de 2012-2013, ano para o qual existem referentes disponibilizados pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, os valores das variáveis de contexto do Agrupamento (idade média dos alunos, número de alunos por turma, percentagem de raparigas, de alunos que não beneficiam da ação social escolar e de docentes do quadro e média do número de anos de habilitação das mães e dos pais) são globalmente favoráveis quando comparados com os das restantes escolas públicas, embora não sejam dos mais favorecidos.

3 – AVALIAÇÃO POR DOMÍNIO

Considerando os campos de análise dos três domínios do quadro de referência da avaliação externa e tendo por base as entrevistas e a análise documental e estatística realizada, a equipa de avaliação formula as seguintes apreciações:

3.1 – RESULTADOS

RESULTADOS ACADÉMICOS

Os resultados académicos oscilaram bastante no triénio 2010-2011 a 2012-2013, sendo escassos os indicadores para os quais é possível identificar uma tendência consistente. Com efeito, após terem evoluído de forma muito significativa de 2010-2011 para 2011-2012, no ano seguinte, comparados com os dos agrupamentos que apresentavam valores análogos nas variáveis de contexto, foram já menos positivos, na maioria dos indicadores em análise.

Em 2012-2013, as taxas de conclusão do 6.º e do 9.º ano situaram-se em linha com os valores esperados. No 4.º e no 12.º ano ficaram aquém e acima do esperado, respetivamente. Ao longo do triénio, constata-se que apenas no 12.º ano as taxas se mantiveram estáveis, com valores sempre acima do esperado. No ensino básico, apesar da oscilação, é evidente uma descida relativamente ao ano letivo de 2011-2012, ano em que se tinham registado valores significativamente acima do esperado nos três ciclos.

Quanto às provas de avaliação externa, no 4.º ano, assinala-se uma melhoria em matemática, com resultados acima do esperado nos dois últimos anos em análise. Em português, os resultados ficaram em linha com o esperado em 2012-2013, ainda que se tivessem posicionado acima nos dois anos letivos anteriores.

No que respeita ao 6.º ano, os resultados apresentam, igualmente, oscilações, ainda que seja evidente uma ligeira melhoria em português, atingindo valores em linha com o esperado em 2012-2013. Pelo contrário, em matemática regista-se uma descida, com resultados aquém do esperado em 2012-2013, o que não tinha acontecido nos dois anos letivos anteriores.

O 9.º ano foi aquele que evidenciou resultados mais favoráveis nas provas finais de ciclo, com taxas de sucesso que, em 2012-2013, ficaram muito acima dos valores esperados, tanto em português como em matemática. Além disso, revelaram uma tendência de evolução muito positiva, uma vez que foi crescente a diferença entre os valores observados e os esperados, ao longo do triénio.

Nos exames nacionais do ensino secundário, embora seja muito reduzido o número de alunos que realizaram as provas do 12.º ano, em português, depois de terem chegado a estar acima do valor esperado em 2011-2012, os resultados voltaram a situar-se aquém daquele valor em 2012-2013. Pelo contrário, em matemática ficaram acima dos valores esperados nos dois últimos anos do triénio, revelando uma tendência de melhoria. Já no exame de história, posicionaram-se sempre muito aquém daqueles valores, tendência que se agravou, evidenciando um distanciamento cada vez maior em relação ao esperado.

Em síntese, o Agrupamento apresenta variáveis de contexto favoráveis e os resultados situam-se, genericamente, em linha com os valores esperados. Todavia, as diferenças evidenciadas entre ciclos, níveis de ensino e disciplinas revelam a necessidade de um maior acompanhamento dos processos de ensino e de aprendizagem, a par da partilha, da consolidação e da generalização das boas práticas existentes.

Na educação pré-escolar, é feita a análise dos progressos das crianças, sendo essa informação dada a conhecer aos respetivos pais e encarregados de educação. O registo sistemático e a reflexão sobre a evolução das aprendizagens realizadas, efetuados por algumas docentes, potenciam a adequação regular das estratégias de intervenção, pelo que a sua generalização é uma área a investir.

As estruturas de orientação educativa e supervisão pedagógica têm, também, dedicado atenção à análise dos resultados das crianças e dos alunos e proposto a alteração de estratégias com vista à melhoria do sucesso. Apesar disso, a reflexão sobre as causas do insucesso tende a incidir sobre as que são de ordem externa, pelo que a identificação dos fatores de sucesso e de insucesso inerentes ao processo de ensino e de aprendizagem configura uma área de aperfeiçoamento, para a implementação de ações mais eficazes na melhoria das aprendizagens e dos resultados.

De acordo com os dados fornecidos pelo Agrupamento, as taxas de abandono escolar têm sido residuais (um aluno no último ano letivo).

RESULTADOS SOCIAIS

A participação dos alunos na vida do Agrupamento e a sua corresponsabilização nas decisões que lhes dizem respeito são bastante fomentadas, nomeadamente, através das assembleias de turma e de

delegados, das caixas de sugestões e de pensamentos e ideias. A associação de estudantes revela grande dinamismo e uma participação muito ativa, quer ao nível das várias atividades para as quais os alunos são convocados quer nas que são da sua própria iniciativa, frequentemente em articulação com projetos, por exemplo com a biblioteca escolar. Também é de salientar a auscultação dos alunos e o acolhimento dos seus contributos para ações de melhoria, decorrentes das respostas a questionários, aplicados no âmbito do processo de autoavaliação.

Tal como já havia sido identificado na anterior avaliação externa, as crianças e os alunos são envolvidos em projetos e iniciativas que estimulam o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, distinguindo-se, de um modo transversal a todo o Agrupamento, a promoção da consciência para as questões ambientais. A este nível, destacam-se o programa Eco-Escolas e o projeto *Brigada Escola Limpa Organizada e Segura (BELOS)*. Este último tem vindo a contribuir não só para o embelezamento e manutenção dos espaços exteriores, na escola-sede, como para fomentar o sentido de identidade e de pertença. De referir também a relevância do projeto de Educação para a Saúde na promoção de práticas indutoras de comportamentos saudáveis.

A responsabilização dos alunos e das famílias, através da divulgação do regulamento interno e das *Medidas de Conduta*, a par do trabalho desenvolvido pela *equipa de apoio multidisciplinar* no sentido de minimizar problemas dos alunos que podem influenciar negativamente os respetivos comportamentos, têm contribuído para a prevenção e redução da indisciplina e para a criação de um bom ambiente educativo. Para tal, concorrem também as tutorias, as coadjuvações e o acompanhamento dos alunos por parte da psicóloga.

A vertente solidária da formação é alvo de atenção em todos os níveis de educação e ensino, através de atividades promotoras da partilha das quais se destacam as campanhas de recolha de tampinhas destinadas à Associação Para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Mafra – APERCIM, de roupa e de alimentos para a distribuição de cabazes de Natal a alunos carenciados.

O Agrupamento ainda não implementou mecanismos de acompanhamento do percurso escolar e profissional dos alunos, após a conclusão dos seus estudos, que permitam conhecer com rigor o impacto das aprendizagens.

RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE

Os dados resultantes da aplicação de questionários, no âmbito da presente avaliação externa, destacam a satisfação dos alunos do 1.º ciclo em relação à escola e dos pais e encarregados de educação relativamente à ação desenvolvida na educação pré-escolar e à disponibilidade dos diretores de turma. Sobressai de modo particular, entre os trabalhadores, o reconhecimento da disponibilidade por parte da direção, bem como o clima de segurança existente e o gosto de trabalharem no Agrupamento. Como aspetos menos positivos, são realçados o desconforto das salas de aula e a inadequação dos espaços de desporto e recreio, especialmente na escola-sede.

A comunidade reconhece na ação do Agrupamento a sua abertura ao exterior, bem como a promoção de princípios e valores que concorrem para a formação integral das crianças e dos alunos e para a sua inserção na sociedade. A facilidade com que estes têm sido integrados nas empresas e entidades locais, quer ao nível da formação em contexto de trabalho quer no âmbito dos planos individuais de transição dos alunos com necessidades educativas especiais, reflete o reconhecimento da comunidade para com o trabalho realizado pelo Agrupamento.

A valorização dos sucessos dos alunos é evidente, por exemplo, através da implementação dos *quadros de honra e de mérito*, que são afixados no átrio de entrada da escola-sede. A visibilidade dada aos seus trabalhos, pela exposição nos espaços comuns ou na página da internet, bem como a distinção dos

alunos que se evidenciam pela sua participação nos diversos concursos e de turmas no âmbito do projeto *A escolha é nossa*, contribuem, também, para reconhecer e estimular o sucesso.

Os alunos dos cursos profissionais participam no apoio à realização de eventos, o que, além de lhes permitir pôr em prática algumas das aprendizagens e competências desenvolvidas, concorre para a valorização dos seus saberes e para aumentar as suas expectativas face à escola e às respetivas capacidades.

O Agrupamento promove um vasto conjunto de iniciativas que, desenvolvidas em espaços da vila, não só envolvem como contribuem para dinamizar a comunidade local. Distinguem-se, entre outras, a *Tertúlia Literária*, o espetáculo anual no âmbito do clube *Artes de Palco* e a festa de encerramento do ano letivo, esta última, em parceria com a Câmara Municipal de Sobral do Monte Agraço.

A promoção de palestras, colóquios e sessões de sensibilização para pais, por exemplo as que são dinamizadas pela biblioteca escolar ou pelos docentes de educação especial, tem vindo a revelar-se um contributo para o desenvolvimento da comunidade envolvente. Por outro lado, a diversificação da oferta formativa e as duas unidades de ensino estruturado constituem respostas positivas para os alunos e para as famílias.

Em síntese, a ação do Agrupamento tem produzido um impacto em linha com os valores esperados na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. Apresenta uma maioria de pontos fortes nos campos em análise, em resultado de práticas organizacionais eficazes. Tais fundamentos justificam a atribuição da classificação de **BOM** no domínio **Resultados**.

3.2 – PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO

PLANEAMENTO E ARTICULAÇÃO

O projeto educativo concede particular atenção à articulação vertical como medida de combate ao insucesso, o que se assinala como positivo. Nesse sentido, têm sido promovidas dinâmicas de cooperação entre docentes dos vários níveis de educação e ensino, daí resultando o desenvolvimento de múltiplas iniciativas comuns, patentes no plano anual de atividades.

O ingresso no ensino básico e a transição do 4.º para o 5.º ano de escolaridade são cuidadosamente promovidos através do projeto *O presente e o futuro juntos*, o que também já havia sido identificado na anterior avaliação externa do Agrupamento. Assume igualmente relevância a ligação entre os docentes titulares e os diretores de turma, com a passagem dos planos de grupo/turma que reúnem informação pertinente sobre os percursos escolares. Entre os docentes do 3.º ciclo e os do ensino secundário promovem-se também algumas estratégias articuladas para desenvolvimento do currículo, ainda que pontuais.

No que respeita à articulação horizontal, no 1.º ciclo, é potenciada pela existência de conselhos de coordenação de ano, embora essa prática se concretize mais em função da proximidade e da afinidade entre os docentes do que como resultado do trabalho realizado naquelas estruturas. Nos restantes ciclos, identificam-se exemplos de interdisciplinaridade no âmbito dos projetos de educação sexual e, mais informalmente, através da abordagem de conteúdos programáticos que se cruzam entre disciplinas. É ainda de referir o papel das bibliotecas escolares na promoção de atividades que envolvem temáticas multidisciplinares.

Apesar das estratégias existentes, carecem de continuidade, e/ou generalização, algumas das dinâmicas que haviam sido identificadas na anterior avaliação externa como facilitadoras da gestão articulada do currículo, pelo que a respetiva promoção, vertical e horizontal, perspetivada ao nível do planeamento, da realização e da avaliação do processo de ensino e de aprendizagem, configura uma área de melhoria, no

sentido de facilitar a sequencialidade das aprendizagens e a complementaridade dos saberes das diversas áreas/disciplinas.

O envolvimento das crianças e dos alunos em atividades que consideram as especificidades e os recursos do meio e valorizam o conhecimento das raízes culturais locais é uma boa prática. Para além das iniciativas do plano anual de atividades relacionadas com o contexto, muitas delas em articulação com entidades locais, é de distinguir o *Projeto de literacia financeira*, desenvolvido em duas turmas do 1.º ciclo que, de forma sistemática, contribui para aproximar as aprendizagens às vivências dos alunos.

Constata-se trabalho colaborativo entre os docentes, essencialmente entre aqueles que lecionam o mesmo ano e/ou disciplina, ao nível das planificações e da elaboração de matrizes e instrumentos de avaliação, ainda que esta última seja uma prática menos generalizada.

Nalguns casos, a agenda das reuniões entre os docentes inclui a partilha de boas práticas, o que evidencia a promoção intencional da reflexão sobre o trabalho docente e, por essa via, do desenvolvimento profissional. Ainda assim, não estão a ser conseguidas a divulgação e a disseminação de dinâmicas inovadoras e muito positivas, levadas a cabo por alguns docentes, designadamente no 1.º ciclo.

PRÁTICAS DE ENSINO

A constituição de turmas com percursos curriculares alternativos e a criação de grupos de homogeneidade relativa nalgumas das do 2.º e do 3.º ciclo são estratégias que o Agrupamento encontrou como forma de adequar as atividades educativas e o ensino aos ritmos e às capacidades dos alunos. Porém, no segundo caso, as taxas de sucesso evidenciam a necessidade de proceder à monitorização e reflexão regular da eficácia da sua aplicação, de modo a possibilitar a redefinição atempada das estratégias.

A informação relativa à caracterização individual e a avaliação diagnóstica, expressas nos planos de grupo/turma, contribuem para um melhor conhecimento das especificidades de cada criança/aluno, permitindo ajustar a ação educativa às respetivas capacidades e ritmos de aprendizagem. Na sua estrutura, aqueles documentos preveem alguma diversidade de estratégias de diferenciação pedagógica em sala de atividades/aula, embora a implementação dessa diversidade assuma uma expressão pouco alargada.

Pelo contrário, fora daquele contexto, são múltiplas as respostas às diferentes necessidades, desde o apoio educativo e apoio pedagógico acrescido, às tutorias, às salas de estudo por ano de escolaridade, ou ao reforço dos conteúdos em algumas disciplinas sujeitas a avaliação externa.

O Agrupamento tem vindo a investir no aperfeiçoamento das condições de aprendizagem das crianças e dos alunos com necessidades educativas especiais, designadamente com o alargamento das parcerias estabelecidas e com a criação das unidades de ensino estruturado, que vieram permitir o desenvolvimento das terapias específicas nas suas instalações e uma resposta substancialmente mais adequada às respetivas necessidades.

A melhoria das taxas de sucesso destes alunos, identificadas como um ponto fraco na anterior avaliação externa, reflete o trabalho desenvolvido na educação especial, em articulação com os docentes titulares de grupo/turma ou os diretores de turma e os vários técnicos envolvidos, no sentido de dar resposta às especificidades de cada um. É de destacar a construção e a divulgação do *Manual de Procedimentos de Educação Especial*, que concorrem para a adequação dos processos de ensino e de aprendizagem das crianças e dos alunos com necessidades educativas especiais.

O incentivo à melhoria permanente dos desempenhos tem merecido particular atenção, nomeadamente através do envolvimento dos alunos em projetos e concursos que estimulam as aprendizagens em

diferentes áreas, com destaque para a leitura e escrita e para a matemática, englobando, nalguns casos, os pais e encarregados de educação. É de referir também a sua participação em competições, como as Olimpíadas, e em diversos campeonatos desportivos que valorizam as suas capacidades. O projeto europeu *Da singularidade à universalidade dos sabores e dos ritmos das nossas regiões*, integrado no programa Comenius, constitui igualmente um desafio muito motivador para os alunos que nele participam.

As metodologias ativas com recurso a trabalhos de pesquisa, resolução de problemas e atividades experimentais integram, ainda que de forma não generalizada, as práticas letivas. Salientam-se iniciativas motivadoras como as hortas pedagógicas e as atividades no âmbito do *Laboratório aberto* e do *Dia da biologia e geologia* que mobilizam os alunos do ensino secundário para a sua dinamização. No âmbito do plano anual de atividades são também exemplos o *Presépio químico* e o concurso *Ciência em cena*, concorrendo para despertar a curiosidade científica.

A dimensão artística é um domínio relevante no Agrupamento, desde a educação pré-escolar, fomentando a criatividade e o sentido estético. Os projetos *Um livro um amigo* e *Manta de histórias*, no jardim de infância, *Dar continuidade às histórias*, entre a educação pré-escolar e o 1.º ciclo, os clubes *Artes de palco*, *Artes e azulejaria* e o *Ateliê de fotografia e vídeo*, na escola-sede, são alguns dos exemplos que evidenciam o fomento do gosto pela arte.

As bibliotecas escolares desempenham também um importante papel no estímulo ao desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e do conhecimento literário. São recursos muito valorizados e aproveitados para atividades transversais a todos os níveis de educação e de ensino, fomentando a dinamização educativa e cultural.

A coadjuvação, implementada como recurso para melhorar o comportamento e/ou os resultados académicos nalgumas turmas, ainda que pontual, constitui um bom ponto de partida para a reflexão sobre as práticas pedagógicas. No entanto, o acompanhamento da atividade letiva concretiza-se essencialmente nas reuniões, o que condiciona o efetivo conhecimento do trabalho realizado por cada docente em sala de aula e a reflexão sobre a respetiva eficácia, quer no que respeita aos aspetos a aperfeiçoar quer na disseminação de dinâmicas positivas na melhoria das aprendizagens. A supervisão da prática letiva em contexto de sala de aula como estratégia de aperfeiçoamento e de desenvolvimento profissional constitui, pois, uma área de melhoria.

MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DO ENSINO E DAS APRENDIZAGENS

O processo de avaliação das aprendizagens compreende as diferentes modalidades e a utilização de modos e instrumentos diversificados, valorizando e promovendo a sua vertente formativa, embora de uma forma não totalmente consolidada e generalizada.

A transparência do processo é garantida pela boa divulgação que é feita dos critérios gerais e específicos de avaliação, bem conhecidos pelos alunos e pelos pais e encarregados de educação. Por outro lado, a sua conceção, em articulação com as aprendizagens estruturantes a desenvolver e fornecendo indicadores relativos aos vários níveis de desempenho, permite a autorregulação das aprendizagens por parte dos alunos, o que constitui uma boa prática.

Apesar de, nalguns casos, serem elaboradas matrizes e testes comuns para algumas turmas do mesmo ano de escolaridade, prevalecem dinâmicas informais de partilha de instrumentos de avaliação pelo que a aferição das práticas avaliativas, que havia sido identificada como um ponto forte na anterior avaliação externa constitui, atualmente, um aspeto a merecer investimento.

A monitorização do desenvolvimento do currículo concretiza-se através da verificação do cumprimento dos programas e com a avaliação dos planos de grupo/turma, em sede de departamento curricular e de

conselho de docentes/turma. Ainda que, no 1.º ciclo, existam documentos facilitadores da monitorização do ensino e das aprendizagens, a sua utilização encontra-se limitada a um número muito restrito de docentes, o que evidencia a dificuldade, anteriormente referida, na disseminação das boas práticas.

A suspensão da monitorização da eficácia das medidas de promoção de sucesso escolar, desde a anterior avaliação externa, não permite decisões fundamentadas sobre a alteração das estratégias ou sobre a otimização dos recursos alocados a essas medidas.

O constrangimento relativo à inexistência de um serviço de psicologia e orientação, constatado na anterior avaliação externa, encontra-se, atualmente, ultrapassado, o que concorre para o trabalho eficaz que é realizado em torno da prevenção do abandono escolar. Destaca-se também o papel do *Núcleo de Orientação Escolar* e dos diretores de turma, no acompanhamento dos alunos em risco e na ligação às famílias.

Em suma, a ação do Agrupamento tem produzido um impacto em linha com os valores esperados na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. Apresenta uma maioria de pontos fortes nos campos em análise, em resultado de práticas organizacionais eficazes, o que justifica a atribuição da classificação de **BOM** no domínio **Prestação do Serviço Educativo**.

3.3 – LIDERANÇA E GESTÃO

LIDERANÇA

O projeto educativo expressa inequivocamente uma visão de Agrupamento, sublinhando o seu caráter integrador ao assumir-se como *uma escola de todos e para todos*. Enquanto documento estruturante, indica de forma clara as metas, os objetivos e as estratégias para as finalidades definidas.

O plano anual de atividades evidencia articulação com aquele documento, fazendo convergir cada uma das iniciativas propostas com as metas definidas. A hierarquização e calendarização dos objetivos bem como a definição de metas avaliáveis para todas as ações previstas no projeto educativo são, porém, áreas de aperfeiçoamento a fim de facilitar a sua avaliação.

São promovidas várias atividades que mobilizam a comunidade educativa e promovem o sentido de identificação com o Agrupamento. A este nível, para além das anteriormente referidas, desenvolvidas em espaços da vila, merecem também referência os momentos informais de convívio e as iniciativas que ocorrem em ligação com antigos alunos, que fomentam o estreitamento de laços e o sentido de pertença.

A direção, embora recente, funciona como uma equipa coesa e dinâmica cuja ação revela também uma visão estratégica, o que potencia a motivação e o compromisso das pessoas, ao reforço da identidade e à melhoria do serviço educativo e do sucesso de todas as crianças e alunos. Esta visão evidencia-se muito claramente na relação próxima e aberta que a diretora mantém com todos os atores ou na seleção dos responsáveis pelas várias lideranças, fomentando a respetiva responsabilização e participação.

O empenho e a dedicação de docentes e não docentes são fatores merecedores de destaque, bem como o incentivo à participação da associação de pais e encarregados de educação, que tem conduzido a um papel muito ativo dos pais no desenvolvimento de projetos e atividades. Todavia, apesar do empenho revelado pelas lideranças intermédias, assume-se como um desafio o reforço da ação de algumas delas, na orientação educativa e nos processos de desenvolvimento pedagógico dos docentes que lideram.

A visão estratégica é também evidente na capacidade de concretização de parcerias com diversas instituições da comunidade, com repercussões positivas na prestação do serviço educativo, sendo de destacar, neste âmbito, as autarquias, a associação de pais e encarregados de educação, a APERCIM e

diversas empresas que apoiam os processos de formação em contexto de trabalho dos cursos profissionais ou os planos individuais de transição dos alunos com necessidades educativas especiais.

GESTÃO

A gestão dos trabalhadores considera os perfis de docentes e não docentes e as prioridades da ação educativa. O conhecimento das competências e desempenhos permite à diretora levar a cabo uma eficaz gestão de recursos, recorrendo, sempre que necessário, a estratégias de partilha, para fazer face às necessidades de resposta nas várias áreas, como acontece, por vezes, com a deslocação de assistentes operacionais entre estabelecimentos de educação e ensino.

A distribuição do serviço docente valoriza a manutenção das equipas com o intuito de garantir a estabilidade da relação pedagógica e fomentar o trabalho cooperativo. Tal critério é também aplicado ao cargo de diretor de turma, o que facilita a integração dos alunos e a ligação com as famílias.

O Agrupamento dispõe de um plano de formação e a direção privilegia o desenvolvimento profissional, valorizando e facilitando o acesso a momentos formativos. Constata-se a dinamização de ações de formação e sessões de sensibilização desenvolvidas internamente, com base nas necessidades diagnosticadas e, nalguns casos, dirigidas também aos pais e encarregados de educação.

Os processos de comunicação são eficazes e relevantes nas dinâmicas de trabalho entre os docentes. Foram criados circuitos informáticos de comunicação interna e externa, utilizados também com os pais e encarregados de educação. Destaca-se a disponibilização de informação útil e atualizada na página eletrónica.

AUTOAVALIAÇÃO E MELHORIA

O Agrupamento constituiu, em 2009, uma equipa de autoavaliação que, embora tenha começado por ser representativa da comunidade, se encontra atualmente reduzida a um grupo restrito de docentes da escola-sede, ainda que mantendo a anterior coordenação. Sem formação nesta área, a sua atividade tem, no entanto, permitido a recolha sistemática de informação e alimentado a reflexão sobre os resultados escolares nas diferentes estruturas, possibilitando o conhecimento de pontos fortes e fracos relativos aos aspetos sobre os quais tem direcionado a sua análise.

As formas de recolha de informação têm variado ao longo do tempo e, embora tenham chegado a integrar a análise documental (relatórios das diferentes estruturas, atas e outros), centram-se atualmente no estudo das estatísticas sobre os resultados escolares e na aplicação anual de questionários de satisfação, por amostragem.

Nos últimos anos, a equipa priorizou, no seu plano de ação, o clima de escola e a prestação do serviço educativo. Os relatórios produzidos têm evidenciado propostas de melhoria relativas à primeira área, globalmente tidas em conta no Agrupamento. Contudo, a abordagem efetuada relativamente à prestação do serviço educativo, focalizada nos efeitos da implementação de medidas de promoção do sucesso escolar e na análise dos resultados, deixa por avaliar áreas essenciais deste domínio. Acresce a circunstância do tratamento desta área ter vindo a ser adiado, pelo que este trabalho tem tido um impacto reduzido enquanto instrumento de apoio à tomada de decisões e às ações de aperfeiçoamento.

Por outro lado, embora os resultados da autoavaliação sejam divulgados no conselho pedagógico, o conhecimento que a comunidade revela sobre o processo é muito limitado, condicionando a respetiva mobilização para as estratégias de melhoria. Constitui-se, pois, como um desafio o aperfeiçoamento e a consolidação do projeto de autoavaliação, de modo a possibilitar a construção e implementação de planos de ação e contribuir para instituir dinâmicas de autorregulação e de melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem.

Em conclusão, a ação do Agrupamento tem produzido um impacto em linha com os valores esperados na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos e nos respetivos percursos escolares. Apresenta uma maioria de pontos fortes nos campos em análise, em resultado de práticas organizacionais eficazes. Tais fundamentos justificam a atribuição da classificação de **BOM** no domínio **Liderança e Gestão**.

4 – PONTOS FORTES E ÁREAS DE MELHORIA

A equipa de avaliação realça os seguintes pontos fortes no desempenho do Agrupamento:

- A promoção da participação das crianças e dos alunos na vida do Agrupamento e o seu envolvimento em iniciativas e projetos promotores do desenvolvimento de competências pessoais e sociais;
- A abertura à comunidade e o contributo do Agrupamento na dinamização sociocultural do concelho;
- A valorização e o incentivo à melhoria dos desempenhos através da participação dos alunos em projetos e concursos que estimulam as aprendizagens em áreas distintas do conhecimento;
- O papel das bibliotecas escolares promovendo o conhecimento literário e a dinamização cultural da comunidade educativa;
- A conceção dos critérios de avaliação, facilitadora da autorregulação das aprendizagens por parte dos alunos;
- A ação da direção na motivação e no compromisso das pessoas, o que potencia o reforço da identidade e a melhoria do serviço educativo e do sucesso de todas as crianças e alunos.
- O empenho e a dedicação de docentes e não docentes e o incentivo à participação da associação de pais e encarregados de educação no desenvolvimento de projetos e atividades.

A equipa de avaliação entende que as áreas onde o Agrupamento deve incidir prioritariamente os seus esforços para a melhoria são as seguintes:

- A identificação dos fatores de sucesso e de insucesso inerentes ao processo de ensino para a implementação de ações mais eficazes na melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos;
- A promoção da articulação horizontal e vertical do currículo, no sentido de facilitar a sequencialidade das aprendizagens e a complementaridade dos saberes das diversas disciplinas;
- A supervisão da atividade letiva em sala de aula e a disseminação das boas práticas existentes, como estratégias de aperfeiçoamento da ação educativa e de enriquecimento profissional dos docentes;
- O reforço da ação das lideranças intermédias na orientação educativa e nos processos de desenvolvimento pedagógico dos docentes que lideram;
- O aperfeiçoamento e a consolidação do projeto de autoavaliação como suporte da tomada de decisões na gestão e na organização escolar e como contributo para a melhoria sustentável do sucesso dos alunos.



14-05-2015

A Equipa de Avaliação Externa: Antónia Barreto, Isabel Barata e Manuel Faria

ANEXO 36 - Registo de Avaliação



Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral

Escola:

EB Almargem

Período:

1.º

Ano Letivo:

2014-2015

Turma:

1.º/2.º/3.º/4.º A

Classificações individuais

N.º	Nome	Ano	Aproveitamento do aluno por área (Dom. Cog.)												Aproveitamento global do aluno (Dom. Cog. + S. Afetivo)		
			Sem planos				PAP				REE						
			P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp			
1	A1	2.º	S	S	Sp	SB											S
2	D	2.º	SB	SB	SB	SB											B
3	L	2.º	SB	SB	S	SB											B
4	M1	2.º	SPL	SPL	SPL	SPL											MB
5	M2	2.º	SB	SB	SB	SPL											B
6	M3	3.º	Sp	S	NS	SB											S
7	P	3.º	NS	Sp	NS	S											I
8	R1	3.º	SB	SPL	SB	SB											B
9	R2	3.º										NS	NS	NS	S		I
10	R3	3.º	S	SB	S	S											B
11	V1	3.º	S	S	Sp	SB											S
12	A2	4.º	S	SB	NS	S											S
13	A3	4.º	S	SB	S	SB											B
14	A4	4.º	S	S	Sp	SB											S
15	E	4.º	SB	SB	SB	SPL											B
16	I	4.º	Sp	S	Sp	SB											S
17	N	4.º	SB	SB	SB	SB											B
18	V2	1.º										NS	F	F	SPL		I
19																	
20																	
21																	
22																	
23																	
24																	
25																	
26																	
27																	
28																	
29																	
30																	

Classificações da turma

		Sem planos				PAP				REE				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)										
		P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp							
1.º Ano	F											1	1					I	I	I	MB			
	NS										1													
	Sp																							
	S																							
	SB																							
	SPL																					1		
2.º Ano	F																							
	NS																							
	Sp				1																			
	S	1	1	1																				
	SB	3	3	2	3																			
	SPL	1	1	1	2																			
3.º Ano	F																							
	NS	1		2								1	1	1										
	Sp	1	1	1																				
	S	2	2	1	2																1			
	SB	1	1	1	3																			
	SPL		1																					
4.º Ano	F																							
	NS			1																				
	Sp	1		2																				
	S	3	2	1	1																			
	SB	2	4	2	4																			
	SPL				1																			
Aproveitamento global da turma (Dom. Cog. + S. Afetivo)																					Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)			
S																					P	EM	M	Exp
																					s	s	S	B

Data: 27/04/2016

Professor: José Pina



Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral

Escola:

EB Almargem

Período:

2.º

Ano Letivo:

2014-2015

Turma:

1.º/2.º/3.º/4.º A

Classificações individuais

N.º	Nome	Ano	Aproveitamento do aluno por área (Dom. Cog.)												Aproveitamento global do aluno (Dom. Cog. + S. Afetivo)		
			Sem planos				PAP				REE						
			P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp			
1	A1	2.º	Sp	SB	Sp	SB											S
2	D	2.º															
3	L	2.º	SB	S	S	SB											B
4	M1	2.º	SB	SB	SB	SPL											B
5	M2	2.º	SB	SB	S	SPL											B
6	M3	3.º					Sp	NS	Sp	SB							S
7	P	3.º					SB	S	SB	S							B
8	R1	3.º	SB	SB	SB	SB											B
9	R2	3.º									NS	Sp	NS	S			I
10	R3	3.º	SB	SB	SB	SB											B
11	V1	3.º	S	S	S	SB											B
12	A2	4.º					Sp	S	Sp	S							S
13	A3	4.º	SB	S	S	SB											B
14	A4	4.º	SB	S	S	SB											B
15	E	4.º	SB	S	S	SB											B
16	I	4.º	S	Sp	Sp	SB											S
17	N	4.º	SB	SB	SB	SB											B
18	V2	1.º										F	F	F	S		I
19																	
20																	
21																	
22																	
23																	
24																	
25																	
26																	
27																	
28																	
29																	
30																	

Classificações da turma

		Sem planos				PAP				REE				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)						
		P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp			
1.º Ano	F									1	1	1					I	I	I	S
	NS																			
	Sp																			
	S																			1
	SB																			
	SPL																			
2.º Ano	F																			
	NS																			
	Sp	1			1															
	S		1		2															
	SB	3	3	1	2															
	SPL				2															
3.º Ano	F																			
	NS						1				1			1						
	Sp						1		1				1							
	S	1	1	1			1		1		1									1
	SB	2	2	2	3	1			1		1									
	SPL																			
4.º Ano	F																			
	NS																			
	Sp		1	1			1		1											
	S	1	3	3			1		1											
	SB	4	1	1	5															
	SPL																			
Aproveitamento global da turma (Dom. Cog. + S. Afetivo)												Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)								
S												P	EM	M	Exp					
												s	s	S	B					

Data: 27/04/2016

Professor: José Pina



Agrupamento de Escolas Inácio da Cruz Sobral

Escola: EB Almargem

Período: 3.º

Ano Letivo: 2014-2015

Turma: 1.º/2.º/3.º/4.º A

Classificações individuais


N.º	Nome	Ano	Aproveitamento do aluno por área (Dom. Cog.)												Aproveitamento global do aluno (Dom. Cog. + S. Afetivo)			
			Sem planos				PAP				REE							
			P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp				
1	A1	2.º	Sp	SB	Sp	SB												S
2	D	2.º																
3	L	2.º	SB	SB	S	SB												B
4	M1	2.º	SB	SB	SB	SPL												B
5	M2	2.º	SB	SB	S	SPL												B
6	M3	3.º					Sp	Sp	Sp	SB								S
7	P	3.º					SB	S	SB	S								B
8	R1	3.º	SB	SB	SB	SB												B
9	R2	3.º									NS	Sp	NS	S				I
10	R3	3.º	SB	SB	SB	SB												B
11	V1	3.º	S	SB	S	SB												B
12	A2	4.º					Sp	SB	NS	S								S
13	A3	4.º	SB	S	S	SB												B
14	A4	4.º	S	S	S	SB												B
15	E	4.º	SB	SB	SB	SB												B
16	I	4.º	Sp	Sp	Sp	SB												S
17	N	4.º	SB	SB	SB	SB												B
18	V2	1.º									F	F	F	S				I
19																		
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		

Classificações da turma

		Sem planos				PAP				REE				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)							
		P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp				
1.º Ano	F									1	1	1						I	I	I	S
	NS																				
	Sp																				
	S												1								
	SB																				
	SPL																				
2.º Ano	F																				
	NS																				
	Sp	1			1																
	S				2																
	SB	3	4	1	2													B	B	S	MB
	SPL				2																
3.º Ano	F																				
	NS									1			1								
	Sp					1	1	1					1								
	S	1			1				1								1				
	SB	2	3	2	3	1			1									S	S	S	B
	SPL																				
4.º Ano	F																				
	NS								1												
	Sp	1	1	1		1															
	S	1	2	2					1												
	SB	3	2	2	5	1															
	SPL																				
Outras áreas		Aproveitamento global da turma (Dom. Cog. + S. Afetivo)												Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)							
AE		S												P EM M Exp							
S														S S S B							
EC																					
S																					
		Data:	27/04/2016			Professor:	José Pina														

Alunos passíveis de integrar o Quadro de Honra do ano letivo:

--

Ano letivo 2014-2015	172364 - Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral Escola: EB Almargem Avaliação Global de Turma	 Turma: 1.º/2.º/3.º/4.º A
-------------------------	---	---

Ano	N.º Turma	Nome	Data Nascimento	Idade	1.ª Int.	1.º P.	2.ª Int.	2.º P.	3.º P.	Obs.	Retenções no Ciclo	Acomp. Ano?
2.º	1	A1	13/02/06	10	S	S	S	S	S		1 Ret.	Sim
2.º	2	D	24/08/07	8	B	B					S/Ret.	Sim
2.º	3	L	16/01/07	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
2.º	4	M1	12/03/07	9	MB	MB	MB	B	B		S/Ret.	Sim
2.º	5	M2	16/11/07	8	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	6	M3	30/09/05	10	S	S	S	S	S	PAP	1 Ret.	Sim
3.º	7	P	05/06/06	9	I	I	S	B	B	PAP	S/Ret.	Sim
3.º	8	R1	03/02/06	10	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	9	R2	26/11/04	11	I	I	I	I	I	REE	2 Ret.	Não
3.º	10	R3	04/11/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	11	V1	03/05/06	9	B	S	B	B	B		S/Ret.	Sim
4.º	12	A2	16/11/04	11	S	S	S	S	S	PAP	1 Ret.	Sim
4.º	13	A3	27/12/04	11	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
4.º	14	A4	12/04/05	11	S	S	B	B	B		S/Ret.	Sim
4.º	15	E	26/06/05	10	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
4.º	16	I	10/06/04	11	S	S	S	S	S		1 Ret.	Sim
4.º	17	N	24/02/04	12	B	B	B	B	B		1 Ret.	Sim
1.º	18	V2	16/09/08	7	I	I	I	I	I	REE/Outras	S/Ret.	Não
	19											
	20											
	21											
	22											
	23											
	24											
	25											
	26											
	27											
	28											
	29											
	30											



Agrupamento de Escolas Joaão Inácio da Cruz Sobral

Escola:

EB Pero Negro

Período:

1.º

Ano Letivo:

2014/2015

Turma:

2.º/3.º B

Classificações individuais

N.º	Nome	Ano	Aproveitamento do aluno por área (Dom. Cog.)												Aproveitamento global do aluno (Dom. Cog. + S. Afetivo)		
			Sem planos				PAP				REE						
			P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp			
1	A	2.º	S	S	S	S											S
2	D1	2.º					NS	NS	NS	SB							I
3	F	2.º	S	SB	NS	SB											S
4	M1	2.º					NS	S	NS	SB							S
5	M2	2.º	SB	SB	SB	SB											B
6	R1	2.º										Sp	S	Sp	SB		S
7	R2	2.º	S	SB	Sp	SB											S
8	R3	2.º	S	SB	S	SB											S
9	S	2.º					NS	S	S	S							S
10	B1	3.º	SB	SB	S	SB											B
11	B2	3.º	S	S	S	SB											B
12	C1	3.º	SB	S	SB	SPL											B
13	C2	3.º	SB	SB	S	SB											B
14	D2	3.º	S	SB	S	SB											B
15	J1	3.º	SB	S	S	SB											B
16	J2	3.º										S	Sp	S	SB		S
17	L	3.º	S	SB	SB	SB											B
18	M3	3.º										S	S	NS	SB		S
19	M4	3.º										S	S	S	SB		B
20	R4	3.º	SB	SB	SB	SB											B
21																	
22																	
23																	
24																	
25																	
26																	
27																	
28																	
29																	
30																	

Classificações da turma

		Sem planos				PAP				REE				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)					
		P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp		
1.º Ano	F																		
	NS																		
	Sp																		
	S																		
	SB																		
	SPL																		
2.º Ano	F																		
	NS			1		3	1	2											
	Sp			1						1		1							
	S	4	1	2	1		2	1	1		1								
	SB	1	4	1	4				2								1		
	SPL																		
3.º Ano	F																		
	NS																1		
	Sp										1								
	S	3	3	5						3	2	2							
	SB	5	5	3	7												3		
	SPL				1														
4.º Ano	F																		
	NS																		
	Sp																		
	S																		
	SB																		
	SPL																		
Aproveitamento global da turma (Dom. Cog. + S. Afetivo)																			
S																			
Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)			
P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp
S	S	S	B	S	S	S	B	S	S	S	B	S	S	S	B	S	S	S	B

Data: 27/04/2016

Professor: Rui Ferreira



Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral

Escola: EB Pero Negro

Período: 2.º Ano Letivo: 2014/2015 Turma: 2.º/3.º B

Classificações individuais															
N.º	Nome	Ano	Aproveitamento do aluno por área (Dom. Cog.)												Aproveitamento global do aluno (Dom. Cog. + S. Afetivo)
			Sem planos				PAP				REE				
			P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	
1	A	2.º	S	SB	SB	SB									B
2	D1	2.º					S	Sp	NS	SB					S
3	F	2.º					S	SB	S	SB					B
4	M1	2.º					S	S	S	SB					S
5	M2	2.º	SB	S	SB	SB									B
6	R1	2.º									S	S	S	SB	S
7	R2	2.º	S	S	S	SB									S
8	R3	2.º	SB	SB	SB	SB									B
9	S	2.º					S	S	S	SB					S
10	B1	3.º	SB	SB	SB	SB									B
11	B2	3.º	SB	SB	S	SB									B
12	C1	3.º	SB	SB	SB	SPL									B
13	C2	3.º	SB	SB	SB	SB									B
14	D2	3.º	SB	SB	SB	SB									B
15	J1	3.º	SB	SB	SB	SB									B
16	J2	3.º									S	Sp	S	SB	S
17	L	3.º	SB	SB	SB	SB									B
18	M3	3.º									S	S	S	SB	B
19	M4	3.º									S	S	S	SB	B
20	R4	3.º	SB	SB	SB	SB									B
21															
22															
23															
24															
25															
26															
27															
28															
29															
30															

Classificações da turma

Ano	Nome	Sem planos				PAP				REE				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)			
		P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp
1.º Ano	F																
	NS																
	Sp																
	S																
	SB																
	SPL																
2.º Ano	F																
	NS						1										
	Sp					1											
	S	2	2	1		4	2	3		1	1	1					
	SB	2	2	3	4	1		4								1	
	SPL																
3.º Ano	F																
	NS																
	Sp									1							
	S			1						3	2	3					
	SB	8	8	7	7											3	
	SPL				1												
4.º Ano	F																
	NS																
	Sp																
	S																
	SB																
	SPL																

Aproveitamento global da turma (Dom. Cog. + S. Afetivo)			
P	EM	M	Exp
B	S	S	B

Data: 27/04/2016 Professor: Rui Ferreira



Agrupamento de Escolas Inácio da Cruz Sobral

Escola: EB Pero Negro


Período: 3.º Ano Letivo: 2014/2015 Turma: 2.º/3.º B

Classificações individuais															
N.º	Nome	Ano	Aproveitamento do aluno por área (Dom. Cog.)												Aproveitamento global do aluno (Dom. Cog. + S. Afetivo)
			Sem planos				PAP				REE				
			P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	
1	A	2.º	SB	SB	SB	SB									B
2	D1	2.º					S	S	Sp	SB					S
3	F	2.º					SB	SB	S	SB					B
4	M1	2.º					S	S	S	SB					S
5	M2	2.º	SB	SB	S	SB									B
6	R1	2.º									S	Sp	S	SB	S
7	R2	2.º	S	S	S	SB									S
8	R3	2.º	SB	SB	SB	SPL									B
9	S	2.º					S	S	SB	SB					B
10	B1	3.º	SB	SB	SB	SB									B
11	B2	3.º	S	SB	S	SB									B
12	C1	3.º	SB	SB	SB	SPL									B
13	C2	3.º	SB	SB	SB	SB									B
14	D2	3.º	S	SB	SB	SB									B
15	J1	3.º	SB	SB	SB	SB									B
16	J2	3.º									S	Sp	SB	SB	B
17	L	3.º	SB	SB	SPL	SB									B
18	M3	3.º									S	S	S	SB	B
19	M4	3.º									S	S	S	SB	B
20	R4	3.º	SB	SB	SB	SB									B
21															
22															
23															
24															
25															
26															
27															
28															
29															
30															

Classificações da turma

		Sem planos				PAP				REE				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)				
		P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	
1.º Ano	F																	
	NS																	
	Sp																	
	S																	
	SB																	
	SPL																	
2.º Ano	F																	
	NS																	
	Sp							1			1							
	S	1	1	2		3	3	2		1		1						
	SB	3	3	2	3	1	1	1	4							1		
	SPL				1													
3.º Ano	F																	
	NS																	
	Sp										1							
	S	2		1						3	2	2						
	SB	6	8	6	7							1	3					
	SPL			1	1													
4.º Ano	F																	
	NS																	
	Sp																	
	S																	
	SB																	
	SPL																	
Outras áreas	AE	Aproveitamento global da turma (Dom. Cog. + S. Afetivo)																
B	B																	
EC																		
B																		
Data:	27/04/2016				Professor:	Rui Ferreira												

Alunos passíveis de integrar o Quadro de Honra do ano letivo:

Ano letivo 2014/2015	172364 - Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral Escola: EB Pero Negro Avaliação Global de Turma	 Turma: 2.º/3.º B
-------------------------	---	---

Ano	N.º Turma	Nome	Data Nascimento	Idade	1.ª Int.	1.º P.	2.ª Int.	2.º P.	3.º P.	Obs.	Retenções no Ciclo	Acomp. Ano?
2.º	1	A	23/04/07	9	B	S	B	B	B		S/Ret.	Sim
2.º	2	D1	04/12/07	8	I	I	I	S	S	PAP/TF	S/Ret.	Sim
2.º	3	F	13/05/06	9	S	S	S	B	B	PAP/TF	1 Ret.	Sim
2.º	4	M1	22/01/07	9	I	S	S	S	S	PAP/Outras	S/Ret.	Sim
2.º	5	M2	04/01/07	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
2.º	6	R1	13/07/06	9	I	S	S	S	S	REE/TF	1 Ret.	Sim
2.º	7	R2	11/02/07	9	S	S	S	S	S		S/Ret.	Sim
2.º	8	R3	23/11/07	8	S	S	B	B	B	Outras	S/Ret.	Sim
2.º	9	S	13/05/07	8	S	S	S	S	B	PAP	S/Ret.	Sim
3.º	10	B1	28/06/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	11	B2	21/07/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	12	C1	19/10/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	13	C2	02/09/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	14	D2	03/01/06	10	S	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	15	J1	23/10/06	9	S	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	16	J2	25/07/06	9	I	S	S	S	B	REE/TF	S/Ret.	Sim
3.º	17	L	26/10/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	18	M3	07/03/05	11	S	S	S	B	B	REE/TF	1 Ret.	Sim
3.º	19	M4	02/03/04	12	S	B	B	B	B	REE/TF	2 Ret.	Sim
3.º	20	R4	27/12/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
	21											
	22											
	23											
	24											
	25											
	26											
	27											
	28											
	29											
	30											

ANEXO 37 - Estatística da Avaliação Global

2014 / 2015 EB Almagem

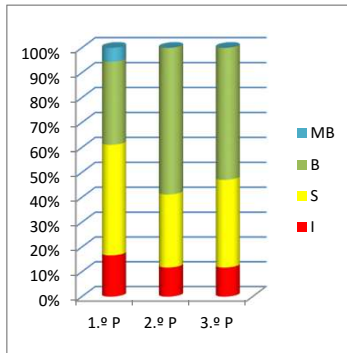
Clas	1.º periodo									
	P	P%	EM	EM%	M	M%	EX	EX%	TT	TT%
I	3	16,7	2	11,1	5	27,8	0	0,0	10	13,9
S	8	44,4	6	33,3	7	38,9	4	22,2	25	34,7
B	6	33,3	8	44,4	5	27,8	10	55,6	29	40,3
MB	1	5,6	2	11,1	1	5,6	4	22,2	8	11,1
Total	18	100,0	18	100,0	18	100,0	18	100,0	72	100,0

I	F + NS
S	Sp + S
B	SB
MB	SPL

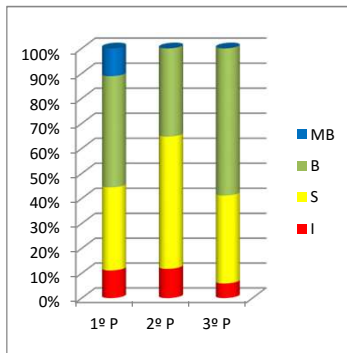
Clas	2.º periodo									
	P	P%	EM	EM%	M	M%	EX	EX%	TT	TT%
I	2	11,8	2	11,8	2	11,8	0	0,0	6	8,8
S	5	29,4	9	52,9	10	58,8	4	23,5	28	41,2
B	10	58,8	6	35,3	5	29,4	11	64,7	32	47,1
MB	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	11,8	2	2,9
Total	17	100,0	17	100,0	17	100,0	17	100,0	68	100,0

Clas	3.º periodo									
	P	P%	EM	EM%	M	M%	EX	EX%	TT	TT%
I	2	11,8	1	5,9	3	17,6	0	0,0	6	8,8
S	6	35,3	6	35,3	8	47,1	4	23,5	24	35,3
B	9	52,9	10	58,8	6	35,3	11	64,7	36	52,9
MB	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	11,8	2	2,9
Total	17	100,0	17	100,0	17	100,0	17	100,0	68	100,0

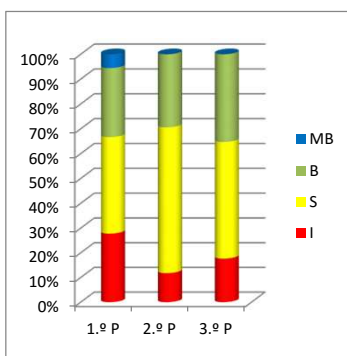
PT	1.º P	2.º P	3.º P
I	16,7	11,8	11,8
S	44,4	29,4	35,3
B	33,3	58,8	52,9
MB	5,6	0,0	0,0



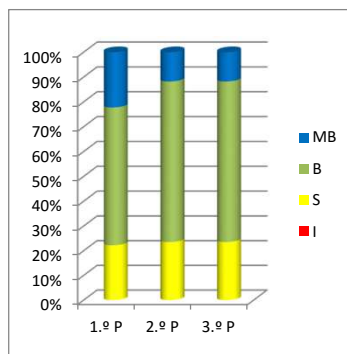
EM	1.º P	2.º P	3.º P
I	11,1	11,8	5,9
S	33,3	52,9	35,3
B	44,4	35,3	58,8
MB	11,1	0,0	0,0



M	1.º P	2.º P	3.º P
I	27,8	11,8	17,6
S	38,9	58,8	47,1
B	27,8	29,4	35,3
MB	5,6	0,0	0,0

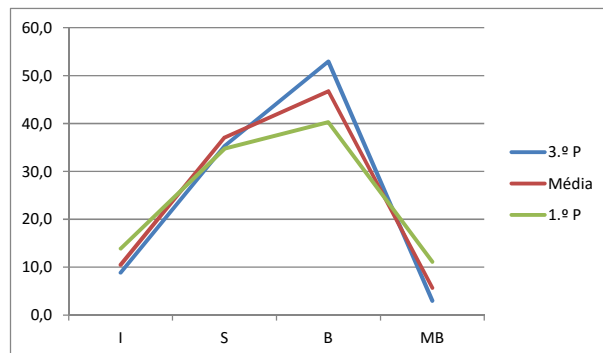
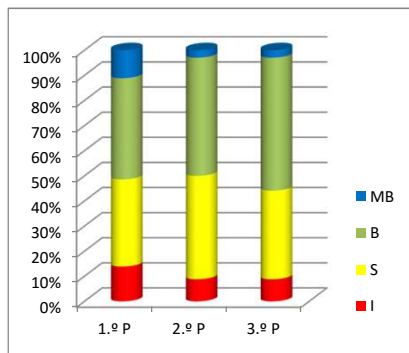


EX	1.º P	2.º P	3.º P
I	0,0	0,0	0,0
S	22,2	23,5	23,5
B	55,6	64,7	64,7
MB	22,2	11,8	11,8



POR ESTES GRÁFICOS PERCEBE-SE QUE HOUE UMA PROGRESSÃO POSITIVA NO PORTUGUÊS E NO ESTUDO DO MEIO, MAS REGISTA-SE UMA ESTAGNAÇÃO NA MATEMÁTICA E NAS EXPRESSÕES. CONVÉM NOTAR QUE OS PONTOS DE PARTIDA DAQUELAS DUAS PRIMEIRAS DISCIPLINAS É DIFERENTE DAS SEGUINTE.

TT	1.º P	2.º P	3.º P	Média
I	13,9	8,8	8,8	10,5
S	34,7	41,2	35,3	37,1
B	40,3	47,1	52,9	46,8
MB	11,1	2,9	2,9	5,7



PELA LEITURA DO PRIMEIRO GRÁFICO FICAMOS COM A IDEIA DE QUE A MÉDIA DE APROVEITAMENTO GLOBAL DAS 4 DISCIPLINAS SUBIU LIGEIRAMENTE. COM O GRÁFICO DA DIREITA FICAMOS COM UMA IDEIA DO APROVEITAMENTO MÉDIO GLOBAL DOS ALUNOS, COM AS PERCENTAGENS MAIS ELEVADAS SITUADAS NO "S" E, PRINCIPALMENTE, NO "B". ESTE APROVEITAMENTO MÉDIO COINCIDE, QUASE DE FORMA PERFEITA COM OS RESULTADOS DO 3º PERÍODO, IS O É NO FINAL DO ANO, O QUE VEM CONFIRMAR QUE A EVOLUÇÃO, EM TERMO DE APRENDIZAGEM NÃO FOI SIGNIFICATIVA.

2014 / 2015 EB Pero Negro

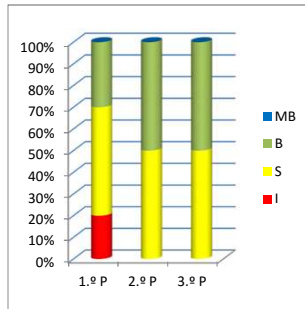
Clas	1.º periodo									
	P	P%	EM	EM%	M	M%	EX	EX%	TT	TT%
I	4	20,0	2	10,0	6	30,0	0	0,0	12	15,0
S	10	50,0	9	45,0	10	50,0	2	10,0	31	38,8
B	6	30,0	9	45,0	4	20,0	17	85,0	36	45,0
MB	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	1,3
Total	20	100,0	20	100,0	20	100,0	20	100,0	80	100,0

I	F + NS
S	Sp + S
B	SB
MB	SPL

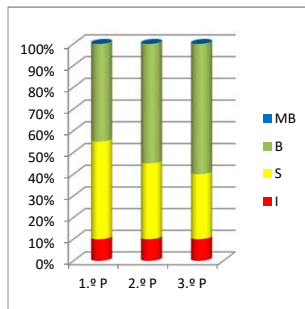
Clas	2.º periodo									
	P	P%	EM	EM%	M	M%	EX	EX%	TT	TT%
I	0	0,0	2	10,0	1	5,0	0	0,0	3	3,8
S	10	50,0	7	35,0	9	45,0	0	0,0	26	32,5
B	10	50,0	11	55,0	10	50,0	19	95,0	50	62,5
MB	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	1,3
Total	20	100,0	20	100,0	20	100,0	20	100,0	80	100,0

Clas	3.º periodo									
	P	P%	EM	EM%	M	M%	EX	EX%	TT	TT%
I	0	0,0	2	10,0	1	5,0	0	0,0	3	3,8
S	10	50,0	6	30,0	8	40,0	0	0,0	24	30,0
B	10	50,0	12	60,0	10	50,0	18	90,0	50	62,5
MB	0	0,0	0	0,0	1	5,0	2	10,0	3	3,8
Total	20	100,0	20	100,0	20	100,0	20	100,0	80	100,0

PT	1.º P	2.º P	3.º P
I	20,0	0,0	0,0
S	50,0	50,0	50,0
B	30,0	50,0	50,0
MB	0,0	0,0	0,0



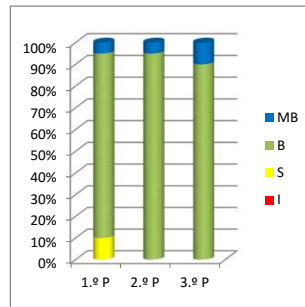
EM	1.º P	2.º P	3.º P
I	10,0	10,0	10,0
S	45,0	35,0	30,0
B	45,0	55,0	60,0
MB	0,0	0,0	0,0



M	1.º P	2.º P	3.º P
I	30,0	5,0	0,0
S	50,0	45,0	0,0
B	20,0	50,0	95,0
MB	0,0	0,0	5,0

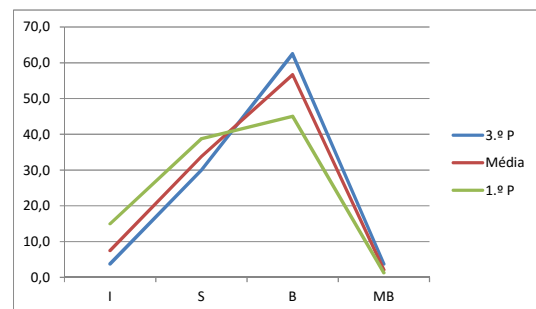
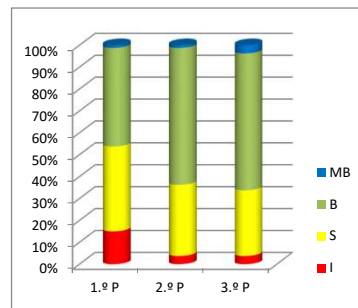


EX	1.º P	2.º P	3.º P
I	0,0	0,0	0,0
S	10,0	0,0	0,0
B	85,0	95,0	90,0
MB	5,0	5,0	10,0



POR ESTES GRÁFICOS PERCEBE-SE QUE HOUVE UMA PROGRESSÃO POSITIVA NO PORTUGUÊS, NO ESTUDO DO MEIO E NAS EXPRESSÕES, MAS, PRINCIPALMENTE, UMA MELHORIA MUITO SIGNIFICATIVA NA MATEMÁTICA.

TT	1.º P	2.º P	3.º P	Média
I	15,0	3,8	3,8	7,5
S	38,8	32,5	30,0	33,8
B	45,0	62,5	62,5	56,7
MB	1,3	1,3	3,8	2,1



PELA LEITURA DO PRIMEIRO GRÁFICO FICAMOS COM A IDEIA DE QUE A MÉDIA DE APROVEITAMENTO GLOBAL DAS 4 DISCIPLINAS SUBIU SIGNIFICATIVAMENTE, NA ORDEM DOS 20% (MB+B PASSOU DE 50% PARA 70%). COM O GRÁFICO DA DIREITA FICAMOS COM UMA IDEIA DO APROVEITAMENTO MÉDIO GLOBAL DOS ALUNOS, COM AS PERCENTAGENS MAIS ELEVADAS SITUADAS NO "S" E, PRINCIPALMENTE, NO "B". ESTE APROVEITAMENTO MÉDIO COINCIDE, QUASE DE FORMA PERFEITA COM OS RESULTADOS DO 3º PERÍODO, ISTO É NO FINAL DO ANO, O QUE VEM CONFIRMAR QUE A EVOLUÇÃO, EM TERMO DE APRENDIZAGEM FOI SIGNIFICATIVA, QUANDO COMPARAMOS O 1º E O 3º PERÍODO.

ANEXO 38 - Planificação Mensal do Projeto E.L.F.

Plantação de amores-perfeitos, cravos, crisântemos, dalias e bocas-de-lobo no jardim.										
Os transportes e a sua importância para as empresas (2.º/3.º/4.º)										
Os meios de comunicação e a sua importância para as empresas (2.º/3.º/4.º)										
As unidades de capacidade e o volume (aproveitando a utilização da rega com a chegada da Primavera) (3.º/4.º)										

3.º Período

Fase do projeto	Abril			Maio					Junho	
	2.ª Semana	3.ª Semana	4.ª Semana	1.ª Semana	2.ª Semana	3.ª Semana	4.ª Semana	5.ª Semana	1.ª Semana	2.ª Semana
Recolha de provérbios alusivos a Abril (1.º/2.º/3.º/4.º)										
Sementeira de milho, cenouras e feijão.										
Plantação de girassóis, malmequeres, , dalias e gladiolos no jardim.										
Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º)										
Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º)										
Visita ao Mercado municipal, Auto-agrícola Sobralense, Acrigado, Tertúlia tauromáquica Juntas de Freguesia e Ciprestes Soc. Unipessoal (Sobral de Monte Agraço)										
Texto narrativo/descritivo sobre a visita de estudo (2.º/3.º/4.º)										
Estudo da variedade de empresas de comércio e serviços que interagem com a agricultura ou pecuária (2.º/3.º/4.º)										
Continuação das unidades de capacidade e o volume (aproveitando a utilização da rega com a chegada da Primavera) (3.º/4.º)										
Recolha de provérbios alusivos a Maio (1.º/2.º/3.º/4.º)										
Colheitas na horta.										
Recolha de provérbios alusivos a Junho (1.º/2.º/3.º/4.º)										
Venda de produtos hortícolas, de plantas de jardim, sementes e alimentos confeccionados com produtos provenientes da horta, na Festa de Encerramento do ano lectivo.										

Nota: Esta planificação encontra-se em ajuste, sendo plausível de ser alterada em relação à planificação anual, atendendo ao percurso a realizar de forma ponderada e acordada com os parceiros.

ANEXO 39 - Articulação Mensal do Projeto E.L.F.

Empreendedorismo

.	.	.	• Explicitação do projeto às famílias dos alunos Sessão sobre literacia financeira, empreendedorismo e criação de empresas (César Lourenço) • Seleção da área de exploração da empresa • Construção dos espaços escolares agrícolas e de jardinagem
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

setembro/outubro

Estudo do Meio

.	.	• As profissões (1.ª/2.ª Ano) • As atividades económicas (3.ª/4.ª)	• As profissões (1.ª/2.ª Ano) • As atividades económicas (3.ª/4.ª)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

setembro/outubro

Português

.	.	.	.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

setembro/outubro

Matemática

.	.	.	.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

setembro/outubro

Expressões

.	.	.	.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

setembro/outubro

Registos

.	.	• Inquérito sobre a interiorização dos currículos escolares aplicados à vida prática	.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

setembro/outubro

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> Sessão sobre literacia financeira, empreendedorismo e criação de empresas Seleção dos espaços e das estruturas 	<ul style="list-style-type: none"> Seleção dos espaços e das estruturas Construção de um startup plan 	<ul style="list-style-type: none"> Visita de estudo: Armazém de exportação e transformação de produtos (dia 17 – Campoeste e Hortorres – Catarina Santos, Carla Miranda e José Costa) Construção dos espaços escolares agrícolas e de jardinagem Sementeira de alho, tremçoço, fava e ervilha. Exploração do livro: O pequeno inventor (2.º/3.º/4.º) Construção de um startup plan 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de alho, tremçoço, fava e ervilha. Criação do logotipo da empresa
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

novembro

Estudo do Meio

<ul style="list-style-type: none"> As atividades económicas (3.º/4.º) Sementeira de alfaces, cenouras, couves e brócolos na horta. Plantação de bolbos e estacas de roseiras. As plantas (1.º/2.º/3.º) As plantas (1.º/2.º/3.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de alfaces, cenouras, couves e brócolos na horta. Plantação de bolbos e estacas de roseiras. As plantas (1.º/2.º/3.º) A reprodução das plantas (2.º/3.º Ano) Plantas cultivadas e espontâneas (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> As plantas (1.º/2.º/3.º) A reprodução das plantas (2.º/3.º Ano) Plantas cultivadas e espontâneas (2.º/3.º/4.º) 	
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

novembro

Português

	<ul style="list-style-type: none"> O texto poético (1.º/2.º/3.º/4.º) Recolha de provérbios alusivos a novembro (1.º/2.º/3.º/4.º) Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> O texto poético (1.º/2.º/3.º/4.º) Recolha de provérbios alusivos a novembro (1.º/2.º/3.º/4.º) Texto narrativo/descritivo sobre a visita de estudo (2.º/3.º/4.º) Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Exploração da obra "Os heróis da horta" – Atividade de didáticas integradas (2.º/3.º/4.º) Recolha de provérbios alusivos a Dezembro (1.º/2.º/3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

novembro

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> Os números decimais (2.º/3.º/4.º) O dinheiro (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> As unidades de medida de comprimento (2.º/3.º/4.º) Medições (1.º/2.º/3.º/4.º) As figuras bidimensionais (1.º/2.º/3.º/4.º) Os ângulos (2.º/3.º/4.º Ano) 	<ul style="list-style-type: none"> As unidades de medida de comprimento (2.º/3.º/4.º) Medições (1.º/2.º/3.º/4.º) As figuras bidimensionais (1.º/2.º/3.º/4.º) Os ângulos (2.º/3.º/4.º Ano) Revisão da metade, terça-parte, quarta-parte, ... a partir dos canteiros da horta (2.º/3.º/4.º) Revisão do dobro, triplo, quádruplo, ... a partir dos canteiros da horta (2.º/3.º/4.º) Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> As unidades de medida de comprimento (2.º/3.º/4.º) Medições (1.º/2.º/3.º/4.º) As figuras bidimensionais (1.º/2.º/3.º/4.º) Os ângulos (2.º/3.º/4.º Ano) Revisão da metade, terça-parte, quarta-parte, ... a partir dos canteiros da horta (2.º/3.º/4.º) Revisão do dobro, triplo, quádruplo, ... a partir dos canteiros da horta (2.º/3.º/4.º) Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

novembro

Expressões

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana
------------	------------	------------	------------

novembro

Registos

<ul style="list-style-type: none"> Guião de trabalho sequencial de construção do plano de negócios (pontos-chave para trabalhos de grupo) Guião para as visitas de estudo 	<ul style="list-style-type: none"> Fichas de sistematização de interiorização de conceitos presentes no startup plan 		<ul style="list-style-type: none"> Mapa de integração curricular (ao longo do ano) Cartaz das dicas de poupança (ao longo do ano)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

novembro

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> Criação do logotipo da empresa Ida de um agricultor mostrar o processo de criação de réstias de cebolas e alhos (Mário Domingos) Preenchimento do startup plan. 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de salsa. Construir abrigos contra o gelo. Preenchimento do startup plan. 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de salsa. Construir abrigos contra o gelo. Plantar jarros. Atividade experimental: aquecimento sem energia elétrica – atividade de didáticas integradas Energias renováveis. 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

dezembro

Estudo do Meio

<ul style="list-style-type: none"> Os animais (2.º/3.º) As cadeias alimentares (2.º/3.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Os animais (2.º/3.º) Relação dos estados do tempo com a estação do ano, o desenvolvimento das plantas e os hábitos dos animais (2.º/3.º) As estações do ano (2.º/3.º) 	<ul style="list-style-type: none"> As funções que fazem dos animais e plantas seres vivos As estações do ano (2.º/3.º) 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

dezembro

Português

<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Variação dos nomes (2.º/3.º/4.º) Nomes coletivos (2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Variação dos nomes (2.º/3.º/4.º) Nomes coletivos (2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Texto narrativo/descritivo sobre a visita de estudo (2.º/3.º/4.º) Variação dos nomes (2.º/3.º/4.º) Nomes coletivos (2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

dezembro

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> Revisão da metade, terça-parte, quarta-parte, ... a partir dos canteiros da horta (2.º/3.º/4.º) Revisão do dobro, triplo, quádruplo, ... a partir dos canteiros da horta (2.º/3.º/4.º) Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

dezembro

Expressões

<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none"> Construção de mealheiros com material reciclado (TPF, em grupo, com família) 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

dezembro

Registos

<ul style="list-style-type: none"> Guião de Literacia Financeira 	<ul style="list-style-type: none"> Startup plan (afecção ao longo do ano) 	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

dezembro

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de batata, ervilha, fava, cebola, salsa, tomate na horta. Plantar morangueiros. Plantação de ervilhas-de-cheiro, lírios, goivos e miosótis no jardim. 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de batata, ervilha, fava, cebola, salsa, tomate na horta. Plantar morangueiros. Plantação de ervilhas-de-cheiro, lírios, goivos e miosótis no jardim. Sessão sobre recursos hídricos e energéticos e o seu impacto na vida das empresas e das famílias (José Martins) 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de alface, couve, nabo e nabica na horta. Plantação de gipsófilas, sécias e zínias no jardim. Sessão sobre recursos hídricos e energéticos e o seu impacto na vida das empresas e das famílias (José Martins) 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de alface, couve, nabo e nabica na horta. Plantação de gipsófilas, sécias e zínias no jardim.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

janeiro

Estudo do Meio

<ul style="list-style-type: none"> O corpo humano (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> O corpo humano (2.º/3.º/4.º) A higiene do corpo (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> O ciclo da água (2.º/3.º/4.º) Relação dos estados do tempo com a estação do ano, o desenvolvimento das plantas e os hábitos dos animais (2.º/3.º) Substâncias perigosas – em particular os pesticidas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Os astros e os pontos cardeais e a relação com as culturas e estações do ano (3.º/4.º) A evolução dos trajes e costumes no meio agrícola e pecuário – (2.º/3.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

janeiro

Português

<ul style="list-style-type: none"> Recolha de provérbios alusivos a Janeiro (1.º/2.º/3.º/4.º) Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Recolha de provérbios alusivos a Janeiro (1.º/2.º/3.º/4.º) Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Texto narrativo/descritivo sobre a visita de estudo (2.º/3.º/4.º) Recolha de provérbios alusivos a Fevereiro (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

janeiro

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) O perímetro (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) O perímetro (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) O perímetro - Cálculo informal (2.º/3.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) O perímetro - Cálculo informal (2.º/3.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

janeiro

Expressões

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana
------------	------------	------------	------------

janeiro

Registos

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana
------------	------------	------------	------------

janeiro

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> • Plantação de gipsófilas, sécias e zínias no jardim. • Sementeira de alface, couves, nabiça, pimento, repolho, feijão e tomate na horta. Transplantar cebolas e couves semeadas em Dezembro. Plantar batata para colher em Junho. Plantar morangueiros. • Plantação de gipsófilas, ciclames, cóleos e sécias. • Ida à escola de um vedor para ensinar a localizar lençóis de água (Mário Domingos) • Ida de um agricultor à escola mostrar os processos de poda e enxertia (Mário Domingos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Articulação com a BE: D. Dinis e o desenvolvimento da agricultura (4.º) • Sementeira de alface, couves, nabiça, pimento, repolho, feijão e tomate na horta. Transplantar cebolas e couves semeadas em Dezembro. Plantar batata para colher em Junho. Plantar morangueiros. • Plantação de gipsófilas, ciclames, cóleos e sécias. • Ida de um apicultor para mostrar uma colmeia e falar da polinização (Mário Domingos) • Construção dos espaços escolares agrícolas e de jardinagem (Escola Profissional Agrícola Fernando Barros Leal) 	<ul style="list-style-type: none"> • Plantação de manjericos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Plantação de manjericos.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

fevereiro

Estudo do Meio

<ul style="list-style-type: none"> • Articulação com a BE: D. Dinis e o desenvolvimento da agricultura (4.º) • As rochas e os solos (3.º Ano) 	<ul style="list-style-type: none"> • As rochas e os solos (3.º Ano) • Simbologia de perigo (1.º/2.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Articulação com a BE: A importância da produção agrícola para a Capital até aos dias de hoje (3.º/4.º) • Simbologia de perigo (1.º/2.º) • 1.ºs Socorros a ter em locais como empresas, escolas, ... (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • 1.ºs Socorros a ter em locais como empresas, escolas, ... (3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

fevereiro

Português

<ul style="list-style-type: none"> • Recolha de provérbios alusivos a Fevereiro (1.º/2.º/3.º/4.º) • Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Recolha de provérbios alusivos a Março (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Recolha de provérbios alusivos a Março (1.º/2.º/3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

fevereiro

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> • Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) • O dinheiro – abordagem interligada à importância do mesmo na articulação entre sectores primário, secundário e terciário • O dinheiro e a importância na sequência entre os sectores laborais (2.º/3.º/4.º) • A área – cálculo informal (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) • O dinheiro – abordagem interligada à importância do mesmo na articulação entre sectores primário, secundário e terciário • O perímetro - Cálculo informal (2.º/3.º) • O perímetro (3.º/4.º) • A área – cálculo informal (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) • O dinheiro – abordagem interligada à importância do mesmo na articulação entre sectores primário, secundário e terciário • O perímetro (3.º/4.º) • Cálculo das áreas a partir da horta (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) • As unidades de capacidade e o volume (aproveitando a utilização da rega com a chegada da Primavera) (3.º/4.º) • O perímetro (3.º/4.º) • Cálculo das áreas a partir da horta (3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

fevereiro

Expressões

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana
------------	------------	------------	------------

fevereiro

Registos

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana
------------	------------	------------	------------

fevereiro

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de alface, ervilha, couves, nabiça, espinafre, feijão, pepino e salsa na horta. Plantação de amores-perfeitos, cravos, crisântemos, dâlias e bocas-de-lobo no jardim. Construção dos espaços escolares agrícolas e de jardinagem (Escola Profissional Agrícola Fernando Barros Leal) 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de alface, ervilha, couves, nabiça, espinafre, feijão, pepino e salsa na horta. Plantação de amores-perfeitos, cravos, crisântemos, dâlias e bocas-de-lobo no jardim. 	<ul style="list-style-type: none"> Visita de estudo à Escola Agrícola de Runa (dia 16 – Patrícia Monteiro) 	
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

março

Estudo do Meio

<ul style="list-style-type: none"> Articulação com a BE: O desenvolvimento da Agricultura na República (3.º/4.º) 		<ul style="list-style-type: none"> Ciclo de produção de verde – Atividade CTS de didáticas integradas A poluição (1.º/2.º/3.º/4.º) 	
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

março

Português

<ul style="list-style-type: none"> Recolha de provérbios alusivos a Março (1.º/2.º/3.º/4.º) Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

março

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) O perímetro (3.º/4.º) Cálculo das áreas a partir da horta (3.º/4.º) As unidades de capacidade e o volume (aproveitando a utilização da rega com a chegada da Primavera) (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

março

Expressões

		<ul style="list-style-type: none"> Ensaio para o teatro – a Cigarra e a Formiga – Parceria com a Sobral Sénior 	
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

março

Registos

	<ul style="list-style-type: none"> Guião para as visitas de estudo 		
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

março

Empreendedorismo

.	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de milho, cenouras e feijão. Plantação de girassóis, malmequeres, , dalias e gladiolos no jardim. Colheitas na horta. 	<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Visita ao museu de Pero Negro (dia 19? – Sr. Belarmino). 	<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Visita ao museu de Pero Negro (dia 26? – Sr. Belarmino).
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

abril

Estudo do Meio

.	<ul style="list-style-type: none"> Ciclo de produção de verde – Atividade CTS de didáticas integradas A poluição (1.º/2.º/3.º/4.º) Os transportes e a sua importância para as empresas (2.º/3.º/4.º) Os meios de comunicação e a sua importância para as empresas (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Os transportes e a sua importância para as empresas (2.º/3.º/4.º) Os meios de comunicação e a sua importância para as empresas (2.º/3.º/4.º) 	.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

abril

Português

.	<ul style="list-style-type: none"> Recolha de provérbios alusivos a Abril (1.º/2.º/3.º/4.º) Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Recolha de provérbios alusivos a Maio (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

abril

Matemática

.	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) Continuação das unidades de capacidade e o volume (aproveitando a utilização da rega com a chegada da Primavera) (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) Continuação das unidades de capacidade e o volume (aproveitando a utilização da rega com a chegada da Primavera) (3.º/4.º) Exploração da obra "O pequeno inventor" – atividade de didáticas integradas 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

abril

Expressões

.	<ul style="list-style-type: none"> Ensaio para o teatro – a Cigarra e a Formiga – Parceria com a Sobral Sénior (Manuel Augusto) 	<ul style="list-style-type: none"> Ensaio para o teatro – a Cigarra e a Formiga – Parceria com a Sobral Sénior (Manuel Augusto) 	<ul style="list-style-type: none"> Teatro – a Cigarra e a Formiga – Parceria com a Sobral Sénior (24 – Almargem – Comemorações de abril e 30 – Pero negro – comemorações do 1.º de maio)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

abril

Registos

.	.	.	.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

abril

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Concurso de literacia financeira/consciência cívica com a parceria da CPCJ (Patrícia Freitas) 	<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Concurso de literacia financeira/consciência cívica com a parceria da CPCJ (Patrícia Freitas) 	<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Concurso de literacia financeira/consciência cívica 	<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Concurso de literacia financeira/consciência cívica
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

maio

Estudo do Meio

<ul style="list-style-type: none"> Exploração do documentário "Supersize me" – atividade de didáticas integradas Importância de hábitos alimentares saudáveis 	<ul style="list-style-type: none"> Exploração do documentário "Supersize me" – atividade de didáticas integradas Importância de hábitos alimentares saudáveis 	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

maio

Português

<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Recolha de provérbios alusivos a Maio (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Recolha de provérbios alusivos a Junho (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.ª/3.ª/4.ª)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

maio

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

maio

Expressões

<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

maio

Registos

<ul style="list-style-type: none"> Folheto para concurso de literacia financeira 	<ul style="list-style-type: none"> Folheto para concurso de literacia financeira 	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

maio

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Balanço das atividades e produção das empresas fictícias 	<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Venda de produtos hortícolas, de plantas de jardim, sementes e alimentos confeccionados com produtos provenientes da horta, na Festa de Encerramento do ano letivo. 		
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

junho

Estudo do Meio

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

junho

Português

<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Recolha de provérbios alusivos a Junho (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 		
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

junho

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 		
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

junho

Expressões

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

junho

Registos

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

junho

